

768

# REVISTA

DA

# SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

DO

## RIO DE JANEIRO

TOMOS XXII-XXIII-XXIV

ANNOS DE 1909-1910-1911

PUENE.



\* \* \* RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL \* 1919



REVISTA

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

DO

RIO DE JANEIRO

TOMOS XXII-XXIII-XXIV

ANNOS DE 1909-1910-1911



UNIVERSIDAD DE LA HABANA

Biblioteca Central

+ Rubén Martínez Villena

**CANJE**

\* \* \* RIO DE JANEIRO

IMPRESA NACIONAL \* 1919

4638-919

REVISTA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

RIO DE JANEIRO

TOMOS XXII-XXIII-XXIV

ANOS DE 1903-1904-1905



UNIVERSIDAD DE LA HABANA  
Biblioteca Central  
Rubén Martínez Villena

CALLE

INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA  
RIO DE JANEIRO

# REVISTA

DA

## SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO

TOMOS XXII-XXIII-XXIV

ANNOS 1909-1910-1911

### COMMISSÃO DE REDACÇÃO :

Francisco Agenor de Noronha Santos, *presidente*; Lindolpho Octavio Xavier, *secretario*; Dr. Alvaro Bittencourt Berford, Dr. José Arthur Boiteux e Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.

### SUMMARIO

	Pags.
Revista Geographica — por Lindolpho Xavier . . . . .	5
A's fronteiras do Sul — pelo Dr. Eugenio Augusto Wandeck. . . . .	32
Memoria ácerca dos limites do Districto Federal com o Estado do Rio de Janeiro — por Noronha Santos . . . . .	45
Os indios Dachararys — por João Alberto Masô. . . . .	98
A Costa Catharinense — pelo Dr. José Arthur Boiteux. . . . .	101
Cipango . . . . .	116
O Rio Grande do Sul — por J. Gomes de Campos Junior. . . . .	122
Marrocos — Conferencia realizada pelo Sr. A. S. Forrest, sob os auspicios da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, no salão do <i>Jornal do Com- mercio</i> , a 7 de setembro de 1911. . . . .	125
A Amazonia — pelo Dr. Alvaro Berford . . . . .	147
Viagem ethnographica da Republica Argentina á Bolivia — Primeira conferencia publica da série organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo socio Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, a 5 de janeiro de 1911, no salão do Museu Commercial . . . . .	160
Ethnogeographia da Bolivia — Segunda conferencia publica da série organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, pelo socio Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, a 4 de março de 1911, no salão de honra da Academia do Commercio . . . . .	188
Viagem lacustre ethnographica na Bolivia — Terceira conferencia publica da série organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo socio Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, a 5 de março de 1911, no Palacio Monröe	215
Poços de Caldas em 1911 — por Noronha Santos. . . . .	242
Industria Pastoral — por Lindolpho Xavier . . . . .	251
Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia — Sessão solemne em 7 de setem- bro de 1909, realizada no Palacio Monröe. . . . .	263
Indice das materias publicadas nos boletins da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro até o anno de 1893, organizado por J. Arthur Montenegro — 1885-1893 . . . . .	272

# REVISTA

52

## SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO

ANNOS 1908-1910-1911

TOMOS XXII-XXIII-XXIV

### COMISSÃO DE REDAÇÃO:

Francisco Aguiar da Matta, Diretor; Lindolfo Xavier, Secretário; Dr. Álvaro Bittencourt Bastard, Dr. José Arthur Moreira e Dr. Manoel Guerra Perceira da Silva.

### SUMMARIO

1	Revista Geographica — por Lindolfo Xavier
2	As Terras do Sul — pelo Dr. Francisco Augusto Wanderley
3	Monografia sobre as terras do Estado do Rio de Janeiro — por Zoraida Bastard
4	Os rios do Estado — por José Alberto Bastard
5	A costa do Estado — pelo Dr. José Arthur Moreira
6	O Rio Grande do Sul — por J. Gomes de Campos Junior
7	Monografia — (continuação realizada pelo Sr. A. B. Bastard, sob os auspícios da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, no salão de festas da Sociedade, em 7 de setembro de 1911)
8	Monografia — pelo Dr. Álvaro Bittencourt Bastard
9	As monografias da Republica Argentina e Bolivia — Primeira conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 5 de janeiro de 1911, no salão de festas da Sociedade
10	Monografia da Bolivia — segunda conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 1 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
11	Monografia da Bolivia — terceira conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 3 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
12	Monografia da Bolivia — quarta conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 5 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
13	Monografia da Bolivia — quinta conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 7 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
14	Monografia da Bolivia — sexta conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 9 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
15	Monografia da Bolivia — sétima conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 11 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
16	Monografia da Bolivia — oitava conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 13 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
17	Monografia da Bolivia — nona conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 15 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
18	Monografia da Bolivia — decima conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 17 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
19	Monografia da Bolivia — undecima conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 19 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
20	Monografia da Bolivia — duodecima conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 21 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
21	Monografia da Bolivia — treze conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 23 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
22	Monografia da Bolivia — quatorze conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 25 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
23	Monografia da Bolivia — quinze conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 27 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
24	Monografia da Bolivia — dezesseis conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 29 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade
25	Monografia da Bolivia — dezessete conferencia publica da serie organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo Sr. Antonio Carlos Simons da Silva, a 31 de março de 1911, no salão de festas da Sociedade

---

---

## REVISTA GEOGRAPHICA

Por Lindolpho Xavier

Nos annos de 1909, 1910 e 1911, cujo cyclo abrange este volume da *Revista*, varios foram os factos de interesse geographico que occorreram no nosso paiz e no mundo, cuja summula não se poderá fazer em duas linhas.

O Brasil foi agitado por uma longa campanha politica, em torno da successão presidencial. Desde a morte do presidente Penna, em maio de 1909, até o final desse triduo, foi de agitação a vida social do Brasil.

Sucedeu-o o Dr. Nilo Peçanha na presidencia, até que o povo elegeisse definitivamente o detentor do poder para o quadriennio seguinte, o que se fez dentro de um estrepitoso movimento politico. O Senador Ruy Barbosa, que disputava a presidencia com o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca desenvolveu uma agiantada campanha, percorrendo os Estados em conferencias, expendendo por essa occasião vasto programma politico e adiministrativo, que constitue em si, sob o ponto de vista geographico, uma contribuição importante, no sentido dos problemas sociaes e economicos. Forma essa campanha uma copiosa literatura, que enriquece o estudo da economia politica, do *folk-lore*, da sciencia da administração e da critica social brasileira.

Como norma politica, ficou implantado o systema do pleito aberto, á semelhança do que se pratica com exito na America do Norte e na Republica Argentina, onde os candidatos apresentam programmas definidos, expõem-n'os em *meetings* e conferencias, percorrendo os Estados e Provincias e abalando em torno de si a opinião publica.

No Brasil, onde essa opinião não é ainda consistente, carecendo por vezes de expressão e continuidade; essa campanha teve

a rara significação de interessar directamente o povo, fazendo-o agir e tomar parte directa na escolha do primeiro magistrado da Nação. Com a poderosa verbosidade do Sr. Ruy Barbosa, esta propaganda assumiu a feição de um acontecimento excepcional, fazendo definir-se a opinião nacional por dois grupos, que pleiteavam idéas differentes. Um candidato, o Sr. Hermes, representava a corrente do militarismo em acção na politica ; outro, o Sr. Ruy, representava o protesto a essa corrente.

Venceu aquelle. As forças dissidentes mantiveram-se dentro da lei. O partido opposto, que era poderoso, submetteu-se á derrota. Sustentou a opposição. O chefe opposicionista sustentou-se com galhardia numa disidencia energica, protestando contra actos do governo, enfrentando-o de face, verberando, doutrinando. Os defensores do governo vinham á carga com documentos.

Toda esta luta trouxe para o Brasil uma inesgotavel cópia de literatura parlamentar, dentro da qual se extrahe um vasto programma social e administrativo. Eis porque entendemos de frizar este periodo historico, porque elle assignala varios factos que a geographia abrange em sua rede de estudos humanos : evolução de uma nação nova para o periodo da responsabilidade ; resurgimento de opinião collectiva, que já por vezes esteve a postos de 1624, a 1654, em 1790-93, em 1817, 1822, 1831, 1835, 1842, 1865 a 1870, 1889, 1892-93, com immensas intermitencias, resurgindo finalmente nestes annos que assignalamos.

Deixando de parte o lado politico, que não se enquadra nesta *Revista*, de ordem puramente scientifica, vamos assignalar quaes foram as conquistas do Brasil nesses tres annos, no dominio da geographia.

As obras de construcção, que vinham iniciadas desde o quadriennio Rodrigues Alves, continuadas no de Affonso Penna — Nilo Peçanha, tiveram inevitavelmente o seu seguimento neste periodo governamental. O Brasil havia atravessado com os primeiros annos de sua entrada no regimen democratico, o periodo da aprendizagem, dos desperdicios, das crises, das incertezas : periodo de dominação politica, com Deodoro e Floriano ; de apaziguamento e reconstrucção moral, com Prudente de Moraes ; de reconstrucção financeira, com Campos Salles ; de reconstrucção material, com Rodrigues Alves, já com a politica e as finanças



organizadas e o paiz em condições de prover ao seu aparelhamento economico-industrial.

Esse periodo, que foi de saneamento moral, abertura de portos e estradas, teve a sua continuação, que só em 1914 foi sustada, em virtude da nova crise, que esse proprio excesso de construcção trouxe, em cortejo de esbanjamento e erros.

Mas o que ficou foi o seguinte : a Nação em crise financeira, esgotada e individada, mas fartamente enriquecida de estradas, portos, colonias agricolas, rede telegraphica, escolas profissionaes, linhas de navegação fluvial e maritima, campos de demonstração agricola, institutos scientificos, saneamento urbano, expansão commercial, tratados de commercio, accôrdos de amizade, diffusão do ensino publico, augmento da defesa nacional, congressos scientificos e industriaes, desenvolvimento da industria e dominio do sertão. Vejamos rapidamente alguns destes factos de alcance geographico :

\*

\* \*

### O TRATADO DA LAGOA MIRIM

Pelos tratados anteriores, o limite do Brasil com o Uruguay era o seguinte : Arroyo Chuy, Arroyo São Miguel, Lagoa Mirim, rios Jaguarão, Jaguarão-Chico, Morro do Cemiterio, arroyos São Luiz e da Mina, Coxilhas de Sant'Anna, Aedo e Serrilhada, arroyo da Invernada e o rio Quarahim, até a sua foz no Uruguay.

Toda a superficie das aguas da lagôa Mirim e dos rios acima era de absoluto dominio do Brasil. A sua navegação, o seu uso, eram de exclusiva utilidade da nossa patria. O Uruguay sentia-se privado de um vehiculo de transporte e de um recurso hydrographico poderoso, tal era a vasta bacia que vae do Jaguarão-Chico á foz do S. Miguel. Quem conhece o que é essa rede hydrographica e a situação de propinquidade absoluta em que o Uruguay está dessa via magestosa, com os seus campos ferteis margeando essas aguas, sem poder dar sahida aos seus productos por ahi, sem a venia do Brasil, terá a impressão exacta do Tantalos, condemnado pelos deuses ao supplicio da sede, com os labios tocando nas correntes magestosas, sem poder se dessedentar.

Mas o Brasil tem uma politica muito liberal e é isto que nos dá a maior autoridade no concerto das nações.

Já na guerra cysplatina deixamos de incorporar o Uruguay a nós, quando tudo estava em nossas mãos. Fossemos outro povo, tivéssemos um resquicio só de sangue imperialista e o Uruguay seria hoje um Estado brasileiro.

Mas nós preferimos deixal-o crescer independente, formar-se nação livre, ao nosso lado, prosperar, supplantar-nos em progresso agricola e na instrucção publica, vivendo na maior amizade e sempre prestigiado por nós.

O Uruguay, que tem apenas uma superficie de 187.000 kilometros quadrados, com uma população de 1.400.000 habitantes, é hoje um paiz na vanguarda da cultura sul-americana, aquelle onde o ensino popular está mais diffundido, vendo o seu analphabetismo reduzido a 40 % da sua população, ao passo que a Argentina o tem ainda em mais de 50 %, o Brasil em 80 % e a Venezuela em 90 %.

No que diz respeito a *ganaderia*, a pequena Republica do Prata chegou ao apogêo da perfeição, com o seu rebanho seleccionado, os seus carneiros, os seus bois e as suas vaccas do melhor sangue, optimos cavallos, criação de suinos opulentissima, verdadeira maravilha de rendimento economico, com estancias nababescas, estradas de ferro e de rodagem apparelhadas para um prompto transporte, automoveis trafegando a campanha em vôos rapidos, com os seus campos de trigo, alfafa, milho, arroz e feijão, aveia e cevada em pleno desdobramento, a vinha desenvolvida e fructicultura em franca exportação.

Os productos da pecuaria não encontram rival, o xarque, o cebo, a banha, os couros, as pelles, a lã, a colla, a graxa, tudo prospera e faz o paiz rico, farto, sadio e contente. As artes, a elegancia, a vida de familia e a vida social, a imprensa, as construcções urbanas e ruraes, tudo reflecte esse bem estar geral.

Mas nós quizemos completar esse quadro, indo ao encontro da nação amiga, proporcionando-lhe mais escoadouro para essa riqueza, abrindo-lhe os portos do norte, que lhe estavam fechados, creando-lhe uma vida nova para os lados de cá, onde a nossa terra se lhe abre em acenos generosos.

Sem appello, sem imposição alguma, mas de um gesto fraternal, o Brasil, pela mão de Rio Branco, concedeu-lhe o condominio

da Lagôa Mirim e do rio Jaguarão, firmando um tratado que o ministro Lauro Müller sellou em uma festa memoravel, com a presença do mundo official uruguayo. Hoje o marco divisorio passa pelo meio da lagôa e pelo *thalwey* do rio, de modo a ficar a margem sul desses dois cursos inteiramente de propriedade e uso dos nossos visinhos.

Elles não se esquecem de repetir a sua gratidão e o seu contentamento por esse facto e nós creámo-nos assim um padrão de gloria para a nossa nacionalidade, que jámais nos disputarão as potencias da terra. Isto succedia no Brasil, justamente quando na Europa explodia o trovão de Agadir, que veio atear a centelha ao paiol das odiosidades antigas entre as velhas nações conquistadoras.

\*  
\* \*

### MELHORAMENTOS DO BRASIL

Nesses tres annos, ainda aqui lembrado, foi o Brasil beneficiado com varias obras de vulto. A captação das aguas do Xerém, para reabastecimento da população da Capital, foi um dos maiores serviços registrados na engenharia. O Rio cresce de anno para anno, de modo a exigir mais abastecimento do precioso liquido, que ainda não é sufficiente para tão vasta população, de mais de um milhão. Mas essa grandiosa obra a que ficaram ligados os nomes do estadista Miguel Calmon e do engenheiro Sampaio Correia, ha de ficar como um dos beneficios nacionaes prestados á futura metropole brasileira.

O presidente Nilo Peçanha e o seu ministro Francisco Sá realizaram a grandiosa obra do saneamento da baixada fluminense, installando os serviços de dragagem, dessecamento dos terrenos pantanosos, zona imprestavel para a agricultura e onde se poderá vir a formar um centro cerealifero de primeira ordem. Esses trabalhos, iniciados com tão bons agoiros, foram executados até 1913, sendo depois suspensos, por motivo da crise financeira. E' de lamentar esse facto, pois que os capitaes dispendidos não chegaram a dar os fructos desejados. Os rios estão de novo se obstruindo e maior será o damno, si brevemente não voltar o

Governo a proseguir no dessecamento da região, conquistando ás aguas tão ferteis glebas agricolas, á maneira do que fizeram os hollandezes com as baixadas do littoral do Mar do Norte, hoje agricultadas e povoadas.

Outra nota auspiciosa foi a expansão da viação ferrea, que attingiu a 23.400 kilometros em trafego até 1911, estando então em construcção 5.700 kilometros, hoje quasi concluidos.

\*

\* \*

### ESTUDOS DO BRASIL

Continuaram nestes tres annos a apparecer obras de verdadeiro valor para o estudo da nossa vida de nação livre e em pleno dominio de suas riquezas.

Um paiz como este, que se perde pelo infinito, onde nem as posições geographicas estão devidamente tomadas, onde os geographos ignoram superficie e população e os legisladores as necessidades do povo e os governos os recursos da terra, onde tudo é ensaio e tacteação ; conforta certamente ver apparecer obras de inquerito nacional de estatistica e estudo social, feitos á luz de um criterio scientifico. As nossas bibliothecas se enriquecem, sempre que podemos compulsar obras assim uteis. Os brasileiros, pouco dados ao trabalho da investigação da propria terra, amam mais conhecer o seu paiz através dos geographos e scientists estrangeiros.

Certamente, Branner, Lund, Denis, Agassis e Martins, Saint Hilaire e Eschweg ensinaram muito mais aos nossos patricios os segredos da nossa terra, do que os seus recursos visuaes e tacteis puderam descobrir e vislumbrar aqui.

São ainda os estrangeiros que continuaram a fornecer copiosos estudos sobre o Brasil.

Guilherme Ferrero, Doumer, Mme. Gina Ferrero, Thurot, Ferri, Bryce, Anthouard, Paul Adam, Corradini, Carrilho, Roosevelt, Huret, Manoel Bernardez, Oakenfull, Dettmann e tantos outros foram os contribuintes mais recentes para o estudo do Brasil. Todos estes frequentaram o nosso paiz, conviveram aqui e colligiram dados para inqueritos mais ou menos literarios, ou

scientificos ou economicos. Alguns, como Manoel Bernardez, não se podem já bem qualificar de estrangeiros. Este se radicou tanto a nós, fixando aqui residencia definitiva e passando de consul a ministro de seu paiz, que melhor deviamos hoje contal-o como verdadeiro brasileiro. A obra que este escriptor levou a bom cabo foi um rapido inquerito, em artigos para *El Diario*, de Buenos Ayres, onde fez passar em revista os factos e aspectos mais palpitantes da vida brasileira. Tendo despertado grande curiosidade entre nós, foram taes *enquettes* reunidas em um livro sob o titulo *El Brasil*, que teve longa repercussão. Como critica social é um dos melhores trabalhos que se tem escripto em terras da America. O Sr. Manoel Bernardez tem o dom de ver e apprehender de prompto, tirando de cada facto a synthese exacta e ligando os phenomenos em ordem a concluir como sociologo. O seu ponto de vista é sempre indiscutivel. A um bom senso adoravel allia solida e profusa cultura classica e moderna e cõa as suas idéas atravez de um estylo rapido e crystalino. Este homem não encontra no nosso paiz um *simile* no processo de escrever. Elle disse de Rio Branco, que o grande estadista era como certa machina moderna, que recebe de um lado as medas de cereaes e transforma os sabugos, folhas, estyppes e grãos em farinha fina, em um segundo. Assim é tambem o Sr. Bernardez. A sua moega intellectual, como aquella do Barão, fabrica tambem farinha muito fina, de quanta palha e sabugo encontra nos assumptos agrarios e economicos. Quereriamos dizer que aqui temos um homem para seu emulo de estylo : Tobias Monteiro ; mas não são iguaes. Si os processos são iguaes, as predilecções são outras. O Sr. Bernardez discute agricultura num estylo que poderia figurar no mais fino salão daqui e Montevidéo. E é um laborioso. approximador dos povos sul-americanos, fomentador de iniciativas economicas, muitas das quaes temos adoptado com proveito. Os seus inqueritos sobre pecuaria revelam um conhecimento profundo. E merecem pensados. Nós temos o problema do zebú a resolver. O oeste de Minas e o Triangulo Mineiro teimam em desattender ás advertencias deste escriptor, que reputa perdidos todos os capitaes alli empregados no gado indiano. O tempo nos vae mostrar quem tem razão. O Sr. Bernardez diz-lhes d'aqui : — Na terceira ou quarta geração o vosso rebanho será peor do que o dos bufalos do Sudão africano, sem capacidade leiteira e de córte.

Mas os homens de Uberaba lhe respondem :— Nós compramos um casal reproductor indiano por vinte contos e dentro de um anno estamos vendendo cada cria a dez contos e o nosso capital está decuplicando.

Só o tempo poderá trazer a certeza da razão.

Não podemos deixar de lamentar aqui a perda de um amigo, de um estudioso profundo, de um sabio : o Dr. Orville Derby.

Este americano do norte se fez brasileiro pelo coração, pelo cargo, pelos estudos scientificos que viveu fazendo no nosso meio. A terra brasileira, a geologia, a agronomia devem-lhe tantos serviços, que não ha estatuas que paguem. A sua acção na direcção do Serviço Geologico foi uma das maiores contribuições de sabios no Brasil. As vastas monographias que divulgou sobre o nosso solo e subsolo são estudos definitivos para a sciencia. Ainda no nosso ultimo numero publicámos um trabalho que elle nos deixou, sobre o Nordeste brasileiro, onde se lê o conselho sabio de evitar plantações na zona assolada pela secca, que deve ser reservada só á criação. Os rebanhos movem-se, diz elle, vão procurar a agua em outros pontos, e as roças não se movem, estorricam-se.

D'ahi a advertencia salutar de se disseminarem os postos de pequenas observações meteorologicas no interior do Brasil. A perda deste collaborador proficuo e avisado do nosso progresso economico é digna de ser lastimada por todos. E a Sociedade de Geographia, de que elle era socio, rende-lhe aqui a homenagem profunda de saudade e reconhecimento, pelo concurso efficaz na descoberta de soluções sabias para os vitaes assumptos scientificos brasileiros.

\*

\* \*

### OBRAS DE BRASILEIROS

Tambem tivemos obras solidas de brasileiros, no terreno da pesquisa scientifica e economica.

Estes tres annos que abrange este volume da *Revista* foram dos mais fecundos em trabalhos duradouros, na ordem das investigações brasileiras. A *Historia do Brasil*, de Rocha Pombo, foi um dos factos mais notaveis na ordem literaria. Esse beneditino

laborou em silencio durante annos e surgiu com uma formidavel obra em dez volumes, rebuscando os primordios da descoberta, as entradas, as bandeiras, o indigena, a terra, o povoamento, a formação da nacionalidade, o evento final da grande patria do Brasil. E' um acontecimento este livro dum patricio, modesto e denodado, affrontando a indifferença do meio e mergulhando pelo passado e pelos factos sociaes, para nos dar um resumo chronologico do que é o nosso paiz e do que elle vale. Não é aqui que cabe a critica dessa obra, mas o seu registo.

A Sociedade de Geographia, que tem por escopo estudar o Brasil, não póde ver com descaso uma realização destas, que faz luz sobre a sciencia historica e geographica da grande terra, que nós todo procuramos estudar. E' uma affirmação de trabalho, de estudo paciente, que merecem encomios desmedidos, encorajamento e estimulo, que com prazer prodigalizamos ao erudito pesquisador brasileiro. E aconselhamos aos estudiosos que não deixem de ter em suas bibliothecas essa serie volumosa de dados e factos, que tamanho auxilio vae nos prestar na indagação dos grandes acontecimentos sociaes e dos problemas economicos e geographicos da nossa terra.

Veamos agora outras obras editadas nesse tempo. *O Brasil, suas industrias, suas riquezas*, pelo Centro Industrial do Brasil. Esta obra em tres volumes, feita sob a direcção do Sr. Tobias Monteiro e sob os auspicios do então ministro da Viação e Industria, Dr. Miguel Calmon, e com a collaboração de grandes especialistas em materia economica, é um repositorio hoje classico de informações seguras sobre as riquezas do Brasil. São tres grandes volumes, de 500 e mais paginas, com rigorosos inqueritos sobre as fontes de producção brasileira, estatisticas e commentarios de profunda orientação economica, que dão do Brasil uma idéa grandiosa, quanto aos seus innumerados recursos.

A agricultura, a criação, a industria extrativa e fabril, o commercio, tudo está estudado largamente, sob pontos de vistas varios, por economistas, historiadores, naturalistas e geographos como Capistrano de Abreu, Homem de Mello, Henrique Morize, Xavier da Silveira, Vieira Souto, Wenceslau Bello, Monteiro da Silva, Benedicto Raymundo da Silva, Costa Sena, Antonio Olyntho, Pires de Almeida, Pedro Sanches de Lemos, Antonio de Me-

deiros, Domingos Sergio de Carvalho, Paulino Cavalcante, Antonio Gomes Carmo, Henrique Silva e Tobias Monteiro.

Como esta, appareceram outras obras de interesse nacional, que mereceram destaque especial.

*Os Archivos do Museu Nacional*, essa preciosa collectanea do nosso respeitavel centro scientifico, onde tantas capacidades se entestam em honrosa galeria viva, são certamente uma das publicações mais uteis que se vêm fazer do nosso paiz. Muito poucos são os homens no Brasil, que conhecem essa preciosa collecção. Muitos homens de responsabilidade não a folhearam ainda. Dos nossos literatos, poucos terão desfolhado as primeiras paginas.

Obra de sabios e doutos, só será compulsada por naturalistas e estudiosos pacientes.

A rapidez da vida moderna, a elegancia da Avenida, a futilidade dos estudos *au jour le jour*, não deixam os nossos proceres mergulhar nessas paginas substanciosas da sciencia brasileira, onde a cada passo se deparam thesouros surprehendedentes.

A nossa bibliotheca se enriquece com essa collecção, si bem que incompleta, onde os socios poderão vir consultar essas paginas sadias, de insondaveis mananciaes scientificos.

A obra de D. João VI, que só por esse titulo se recomendaria á gratidão dos posteros, vae sendo honrada com professores e pesquisadores capazes de hobrear com os mais apurados naturalistas do mundo.

E nessa revista estão comprehendidos os mais profundos estudos desses sabios brasileiros, que enaltecem a nossa nacionalidade no trabalho surdo dos gabinetes, sondando e investigando a natureza. Duas outras obras que se estavam editando tambem, e que a crise economica obrigou a suspender com grande perda para a bibliotheca brasileira, são os dois *Boletins* dos ministerios da Agricultura e Viação. Os volumes que temos á vista são sufficientes para mostrar o gráo de utilidade dessas publicações, que durante algum tempo enfeixaram monographias varias. Atravez dessas paginas se colhem para a geographia do Brasil dados preciosos, originados dos especialistas em sciencias praticas. Vamos, assim, produzindo um emprehendimento semelhante á *Geological and Geographical Survey*, dos Americanos do Norte, cuja collecção, só por si, enriquece uma bibliotheca scientifica. Nesta ordem de emprehendimentos, cabe logar de destaque ao Instituto Historico,



com a sua substanciosa *Revista*, onde estudos os mais preciosos se deparam a todo momento, com ordem e pontualidade.

Essa tarefa gloriosa do Instituto, divulgando estudos brasileiros de alto merito scientifico, é um dos caracteristicos da nossa negada assiduidade e continuidade de esforços. Desejavamos muito que a nosa *Revista* pudesse d'aqui por diante imitar a pontualidade daquella, cuja contribuição é notavel ao estudo dos grandes assumptos brasileiros. Tambem dos Estados nos vêm as *Revistas* geographicas e historicas de Pernambuco e Bahia, do Paraná e Rio Grande, de S. Paulo e de Minas. Não está parado o cerebro brasileiro. Ha homens de cultura agindo e produzindo, em desmentido formal aos calumniadores do nosso esforço.

A *Chorographia do Brasil*, de Homem de Mello, a *Geographia* de Carlos Novaes, a *Chorographia do Districto Federal*, de Noronha Santos, obras philosophicas de Farias Brito, de Sylvio Romero, os estudos de Oswaldo Cruz sobre a Capital Federal e a Amazonia, os relatorios da commissão Rondon, os das commissões de limites das fronteiras brasileiras, as obras de Euclides da Cunha e outros, são attestados de alto labor e tenacidade patriotica, digna de um grande povo. Por ultimo, não podemos esquecer a contribuição do Dr. Miguel Calmon, com os seus *Factos Economicos*, onde compendiou observações seguras sobre problemas vitâes do Brasil, atravez de linguagem polida e castiça, advertindo os brasileiros sobre a proxima ruina da nossa borracha, cujo concorrente viu de perto na Malasia ; trazendo ensinios aos governos e aos agricultores, sobre factos observados na India e na Oceania, sobre a cultura da canna, do fumo, do cacáo e da borracha, dissertando primorosamente sobre o problema do ensino, cujo traçado esboçou num projecto á Camara dos Deputados, até hoje sem solução ; finalmente, sobre o grande problema do alcool, cujas soluções indica com criterio pratico. Essa obra do Dr. Miguel Calmon ficou como uma das fontes de consulta, de character classico, de interesse geographico e administrativo, que deve ser por todos lida e meditada.

O *Annuario de Minas Geraes*, do Dr. Nelson de Senna, que se publicou de 1906 a 1909, é uma contribuição excellente para a chorographia e a historia do grande Estado central. Fertil, abundante em notas e factos, seguro nas informações, tornou-se essa valiosissima obra uma fonte classica de consultas sobre o opulento

Estado, a que esse escriptor serve com incomparavel zelo filial, aprimorando estudos chorographicos e historicos com notavel talento regional. Tambem foi esse grande Estado servido por duas outras pennas autorizadas : o Dr. Alvaro da Silveira, com os seus estudos sobre *Serras e Flora* e o Dr. Rodolpho Jacob, com um grosso volume: *Minas Geraes no Seculo XX*. Aquelle, geologo e botanico, classificou cerca de cem especies vegetaes novas em Minas e executou reconhecimentos em Lagoa Santa, serra do Curral, do Caparaó, do Itatiayussú, da Piedade e outras. Este, pesquisador paciente e arguto, organizou uma vasta compilação dos factos de Minas Geraes.

O Rio Grande do Sul teve o seu estudioso no Dr. Lassance Cunha, que publicou um volume interessante. Santa Catharina encontrou em José A. Boiteux o homem talhado para a sua chorographia.

O *Diccionario Geographico* e a *Costa Catharinense*, que nos deu, são dois trabalhos pacientes, methodicos, de utilidade patentê, que nos serve de prompta consulta a todo momento.

Henrique Silva estudou Goyaz, Rondon, Matto Grosso ; José Pedro Cardoso, S. Paulo.

Mas nos falta falar de uma obra notavel apparecida em 1911, a *Chorographia do Rio Grande do Norte*, pelo Dr. Augusto Tavares de Lyra, que é uma das monographias geographicas mais completas que possuímos. Historiador e geographo, parlamentar e economista, homem de Estado e cientista, o Dr. Tavares de Lyra realizou um trabalho de pesquisa historica *A Dominação Hollandeza no Brasil* e aquella de caracter geographico, a que acima nos referimos.

E' um livro de 430 paginas, dividido em capitulos sobre todos os assumptos do Estado, contendo dados precisos e minuciosos sobre tudo, o qual como fonte de consulta, fica sendo obra classica, pela exactidão e minucia com que é feito.

O Dr. Le Cocq d'Oliveira escreveu um profundo tratado sobre as marés e correntes no Brasil, com base mathematica, observações seguras e dados precisos, que fica tambem como obra classica no assumpto.

Afranio Peixoto tratou do clima no Brasil, com uma forma brilhante, com solido conhecimento do assumpto, realizando um verdadeiro tratado de climatologia. O Dr. Oliveira Lima, en-

carregado de representar a nossa sociedade no 9º Congresso Internacional de Geographia, reunido em Genebra, em 1909, escreveu duas notaveis monographias, lidas alli em francez : *Os limites actuaes do Brasil* e *Viação Ferrea do Brasil*. Essas duas obras foram recebidas com applausos pelos doutos membros daquela assembléa.

\*

\* \*

### OS CONGRESSOS GEOGRAPHICOS

O nosso paiz deu nos ultimos annos o exemplo maravilhoso de cohesão no estudo dos problemas geraes, realizando varios congressos, onde os especialistas trocaram idéas, trouxeram contribuições elaboradas no silencio dos gabinetes, fazendo-se a effusão de esforços que se crystalizaram nas grandes reuniões em deliberações e actos uteis. A permuta de idéas nesses congressos é a melhor força para a realização de obras duradouras. O homem do norte vem trazendo estudos sobre a Amazonia e o Nordeste.

O do sul traz observações e dados sobre os pampas e as coxilhas ; o do oeste estuda as florestas de Matto Grosso e Goyaz ; o do centro esmerilha os thesouros do *hinterland*, e os do littoral tratam da costa ubertosa e extensa. Reunindo-se em congresso, esses homens trocam idéas e formam um conceito unico do Brasil.

A dispersão da terra se corrige aqui nas reuniões de sabios, numa synthese nacional.

Tal o poder do congresso legislativo, onde os representantes do povo se reúnem, vindos dos quatro quadrantes do paiz, para harmonizar as leis geraes, convinhaveis a toaos.

Os congressos scientificos não são corporações legislativas, não impõem decretos.

Mas a sua acção é preparar o espirito dos legisladores e do executivo, abrindo-lhes os olhos para os problemas geraes. O que os doutos pensam, pensará tambem o legislador, que é o sancionador do bom senso commum.

Sobre todos os congressos, têm os de geographia a vantagem da sua amplitude.

Sendo uma sciencia complexa por si mesma, abrangendo a vida quasi inteira do universo, a geographia póde formar elementos decisivos para todos os estudos humanos.

Aqui se aborda o conjuncto dos factos, a ordem natural e social. Nos annaes de um congresso geographico, o paiz se revê a si mesmo, em quasi todas as suas faces.

Eis porque merece encomiada a reunião dessas corporações scientificas, numa terra ainda nova, naturalmente infante em materia de cabedaes intellectuaes.

O Brasil mostra ás nações cultas que já se move, se estuda e pensa. Louvores devem ser tecidos aos organizadores dos seis congressos geographicos que até hoje se realizaram, a partir de 1909. Volumosos relatorios, optimas monographias, preciosas investigações se encontram nesses annaes, que já hoje honram as estantes dos mais conspicuos e estudiosos e dos mais respeitaveis homens da sciencia.

Vamos hoje relatar apenas os tres que se realizaram em 1909. 1910 e 1911. época a que este numero da *Revista* se reporta.

O primeiro foi nesta Capital. A sua abertura effectuou-se em uma sessão solemne, no palacio Monroe, no dia 7 de setembro de 1909.

Assistiram-na o Chefe da Nação, Dr. Nilo Peçanha, com seus secretarios e ajudantes de ordens, o ministro da Guerra e representantes das nações amigas.

Já a nossa Sociedade editou caprichosamente em varios volumes os *Annaes* desse Congresso, que constituem uma bibliotheca valiosissima para consulta.

Cento e oito trabalhos foram apresentados ao estudo dessa assembléa, que trabalhou durante 10 dias, subdividida em commissões varias, que todas elaboraram pareceres sobre as obras offerecidas pelos adherentes. O numero de congressistas foi superior a quinhentos, tendo-se tambem feito representar todos os presidentes e governadores de Estados e as principaes associações scientificas do Brasil. Todas as commissões assignaram conclusões sobre os mais palpitantes assumptos, que foram encami-

nhados aos poderes federaes para tomal-os em consideração, notando-se entre ellas a que condemna a substituição de nomes geographicos por nomes proprios das localidades brasileiras, tornando-as uma nomenclatura incolor de homens em fóco na politica.

Esta proposição foi tomada em consideração pelo Governo, que por um decreto prohibiu que se dessem mais os nomes de pessoas vivas ás localidades da Republica. Uma outra conclusão, muito importante, foi a que suggeria ao Governo a posse immediata do territorio demarcado para a futura Capital Federal no planalto central, já desapropriada pelo art. 3 da Constituição Federal, e que, entretanto, continúa sob a administração do governo de Goyaz, que alli mantem autoridade estadoaes.

Até hoje o Governo Federal não cogitou disto e é para lamentar. A area de 14.400 kilometros quadrados, já desapropriada e demarcada, pertence de direito e de facto á União. Alli esteve uma commissão scientifica, chefiada pelo engenheiro Cruls que consumiu 600 contos do Thesouro para esse fim. Todo o estudo orographico e hydrographico está feito. A flora e a fauna foram estudadas criteriosamente. A climatologia está fixada rigorosamente. Os estudos da viação estão mathematicamente realizados. A ligação da futura com a actual Capital se fará por caminhos de ferro conjugados, que permittirão a viagem em 24 horas.

Pouco mais do que o que se gasta d'aqui a Bello Horizonte ou a S. Paulo.

O Dr. Nogueira Paranaguá, quando Senador da Republica, propoz um projecto de mudança immediata da Capital.

O Senado regeitou a medida.

A bancada carioca em 1906 levantou tambem a questão, exigindo o cumprimento immediato do art. 3 da Constituição.

Cahiu a medida.

Camara e Senado não acharam e não acham ainda opportuna a mudança.

Pois aposse-se a União do seu terreno. Porque não fazer alli uma prefeitura federal, á maneira do Acre?

E' tempo já de se cuidar nisso, antes que surjam interesses de tal ordem com o Estado de Goyaz, que futuramente venham a ser pretexto de questões judiarias complicadas.

Vejam os outras conclusões interessantes desse Congresso : suggerindo ao Governo :— o fechamento do canal da Ribeira do Iguape, para impedir que o rio continue a desbarrancar as ruas da cidade, que tende a desapparecer ;— o estudo das jazidas mineraes dos valles desse rio, onde ha profundos reservatorios de manganez, ferro, ouro, graphite, chumbo, etc ;— pedindo a nomeação de uma commissão mixta de engenheiros e medicos brasileiros, uruguayos, bolivianos, argentinos e paraguayos, para estudarem de commum accôrdo os meios de dar combate ao gafanhoto e extinguir os geradouros das larvas, que occasionam as nuvens devastadoras dos campos do oeste e do sul. Esta suggestão foi attendida pelos governos interessados, que agiram desde logo em accôrdo, não tendo ainda sido tomada medida definitiva para enfrentar o grande problema.

Segundo a descoberta de um grande biologista argentino, de origem italiana, as larvas da *langosta* geram-se nos pantanos do Chaco. Para extinguil-as é preciso drenar o Chaco. O general Rocca nomeou um exercito de engenheiros para fazer o estudo dessa drenagem. Não chegaram a resultado algum. O nivel é quasi o mesmo do mar e do rio da Prata.

Como remediar ?

Tal qual o nosso problema do impaludismo amazonico. O grande sabio Oswaldo Cruz indicou desde logo a solução : extinguir os focos contaminados. O transmissor é o mosquito. E' preciso uma batalha geral, onde não se deixe com vida um desses insectos. Extincta que seja a geração, está libertada a Amazonia do morbus. Depois disto, podem nascer outras legiões de voadores, que não causarão mais damno. Mas para isto são precisos centenas de mil contos de réis. E o Thesouro não resiste. Esperemos.

Cá e lá más fadas ha.

\*

\* \*

## OS OUTROS CONGRESSOS

Segundo uma das conclusões unanimemente approvadas e subscripta pelo presidente do 1º Congresso, general Dr. Thaumaturgo de Azevedo, deviam se reunir dahi por diante, todos os

annos, no dia 7 de setembro, novos congressos geographicos, nas capitães dos Estados, commemorando-se assim successivamente a data da Independencia do Brasil. Fixada ficou desde logo a abertura do 2º Congresso em S. Paulo, a qual não teve o brilho que se desejava por motivos independentes da vontade dos directores da Sociedade de Geographia. Realizou-se, porém, com todo exito o 3º Congresso, em Curityba, a 7 de setembro de 1911, que funcionou varios dias, com concurrencia selecta e estudando vultuosos problemas. O 4º teve logar em Recife, o 5º na Bahia, ambos com surprehendente exito. Destes ultimos trataremos no proximo numero da *Revista*, por serem factos occorridos depois de 1911, limite este marcado para os tres tomos de que se compõe este numero, que corresponde a 1909, 1910 e 1911.

Devemos, porém, annunciar que o 6º Congresso se reunirá no dia 7 de setembro do corrente anno, em Bello horizonte, por proposta do autor destas linhas, tendo sido a data transferida por motivos imperiosos do governo do Estado. Desse Congresso é presidente o Dr. Arthur Bernardes, Presidente do Estado de Minas, e secretario o Dr. Rodolpho Jacob. Reina a maior animação nos seus preparativos, estando esta Sociedade em contacto directo e amistoso com os organizadores desse certamen, que se assignalará pela solução das questões de limites interestadaes.

\*

\* \*

## O BI-CENTENARIO DE OURO PRETO

No dia 8 de julho de 1911, a vetusta cidade de Ouro Preto se empavesou com as galas festivas da commemoração do seu 2º centenario.

Vamos reproduzir aqui um artigo com que celebrámos então essa data, inserto no *Jornal do Commercio*, desse dia, na sua columna de honra :

« Numa carinhosa romaria, partindo de diversos pontos do Estado, galgando serras, vencendo chapadões, transpondo outeiros e veigas, outros cortando distancias nas azas voadoras da locomotiva, na ancia febril de um impulso civico, o povo mineiro se dirige hoje para Villa Rica, a Ouro Preto de hoje, a cidade colonial de outros tempos, a terra do ouro e da conquista, onde cada seixo, cada aresta de serra,

cada rua enviezada, nos falla de um passado luminoso, heroico, cheio das mais vivas tradições.

E' hoje que se commemora o bi-centenario de Ouro Preto, a data que nos vem lembrar uma historia inteira de fausto, de grandeza, de ambições, e ao mesmo tempo de martyrio, de luta e oppressão.

Grandeza no exuberar do ouro, no luxo, na ostentação senhorial, dos tempos coloniaes; martyrio do povo opprimido e soffredor, vexado pelo imposto e pela derrama, martyrio do povo condemnado ao captiveiro e á ignorancia, ardendo num aneiar continuo pela liberdade e pela luz; martyrio, emfim, gigantesco, inapagavel, dos Inconfidentes heroicos, representados no symbolo eterno do Tiradentes.

Hoje os bairros quietos de Ouro Preto se despertam, as velhas ruas se movimentam, as janellas dos vetustos edificios se afeitam de presenças risonhas, e a estação da estrada de ferro ha de despejar gente de todas as localidades, que alli encontrarão as praças e ruas empavezadas de arcós, bandeiras e flores, entre o espoucar de foguetes e o estrugir festivo de hymnos.

Está encarregado do discurso official o Sr. Conde de Affonso Celso, e de antemão se calcula o que não dirá o eximio manejador da palavra, esse evocador das nossas cousas historicas, com o seu vivo ardor pelas legendas de Minas, que é a terra de seu berço. Uma polyanthéa, escripta por escolhidos cultores de letras mineiras, enfeixará os assumptos da commemoração; discursos patrioticos, da mais ardente fé civica, lembrarão os nossos feitos e as nossas datas. Do Rio, em luzido grupo, parte uma romaria á terra historica, juntando suas vozes ao côro das ovações a Villa Rica.

E' evidentemente uma evocação commovedora esta que se faz hoje na altura das serranias mineiras. Ha nesta festa singela um preito de saudade e amor, que ha de reconfortar os manes dos nossos avós. Dormem naquellas montanhas mineiras as vozes amortecidas pelo tempo, de uma legião de heróes, conquistadores da selva, desbravadores do sertão, descobridores de minas subjugadores de indios, ricos fazendeiros, fidalgos de grandes sequitos, ouvidores, fiscaes regios, ordenanças, governadores e potentados; e ainda parece pairar no ar o gemido surdo dos queixosos, victimas da tyrannia daquelles tempos, sonhando uma liberdade impossivel, rangendo de colera ante a desigualdade social que se lhes antolhava odiosa e deshumana.

Nas paginas da historia de Ouro Preto vamos aprender como as cidades vivem e morrem, como nascem e se fazem respeitadas, florescem, pompeiam e entram depois no periodo de decadencia, peculiar a tudo que é attinente á humanidade.

Assim Carthago floresceu e decahiu; Ninive, a cidade de Nabucodonozor, Memphis, a saudosa das margens do Nilo, Constantinopla, a tradicional, Epheso, Athenas, as cidades sagradas do culto e da arte, e em nosso continente essas soberbas *urbs* do Mexico, cujos porticos e columnas se ostentam ainda impassiveis, diante do deserto.



A onda do ouro avassalava o continente ; as noticias das descobertas de novas minas assanhavam a cobiça dos potentados, e ambiciosos de toda a casta urgiam, querendo dominar os mattos, desbravar brechas hirsutas, captivar o indio e arrancar o precioso metal das entranhas mudas da terra.

As bandeiras penetravam o sertão, davam grandes incursões pelo emmaranhado dos desertos, e as minas surgiam, rompendo em filões amarellos, que a cobiça mais acendiam. Fernão Dias Paes Leme, penetrava em busca das esmeraldas ; Manoel de Borba Gatto, dominava os sertões de Sabará-bussú ; Manoel Nunes Vianna, cabaceava os ambiciosos do Caeté ; Raposo, Garcia, Arzão, Bartholomeu Bueno, Salvador Furtado, Miguel de Almeida, Pedroso, Azeredo e tantos outros, assignalavam-se por novas descobertas e tentativas arrojadas, que os celebravam como desbastadores do sertão.

Segundo a melhor tradição, foram os paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira os primeiros que apresentaram as mostras do ouro das Minas Geraes ao Governador do Rio de Janeiro Antonio Paes de Sande, pelos annos de 1695. Tendo depois fallecido este, ficou com o Governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetteu a El-Rei D. Pedro as mostras do dito ouro em carta de 16 de junho do mesmo anno.

Vindo depois como Governador Arthur de Sá e Menezes, teve este ordem de seguir para as minas, em descobrimentos, afim de levar por diante as tentativas dos Paulistas.

Desde o estabelecimento da povoação de S. Paulo, em 25 de janeiro de 1554, a attenção dos conquistadores paulistas se voltou directamente para Minas.

O primeiro objecto dos conquistadores foi sem duvida o captiveiro dos indios, porque elles substituiam a falta dos escravos, que ao depois entraram em grandes levas, das Costas da Africa.

Dos sertões penetrados, o mais notavel era o da Casa da Casca, nome que se deu a uma aldeia sobre as costas do Rio Doce, que vai fazer barra no Espirito Santo e principia a formar-se desde o corrego de Ouro Preto, recebendo em si os immensos ribeiros e rios caudalosos que correm naquelle sentido.

Destes sertões se recolhia em 1693 Antonio Rodrigues Arzão, natural de Taubaté, com mais 50 homens, quando chegado ao Espirito Santo apresentou ao capitão-mór regente daquella villa tres oitavas de ouro, que foi recebido com grande jubilo.

Deste ouro se mandaram fazer duas memorias : uma, que ficou com Arzão, e outra, que tomou para si o capitão-mór. A denunciação desta pequena porção de ouro foi, affirma o Dr. Claudio Manoel da Costa, a primeira que se fez do ouro que se descobria nas Minas Geraes. Antonio Rodrigues Arzão, não podendo juntar no Espirito Santo a gente de que precisava para segunda vez penetrar nos sertões,

passou-se ao Rio de Janeiro, e daqui para S. Paulo, onde falleceu, encarregando a Bartholomeu Bueno, seu cunhado, de continuar no descobrimento das minas.

Bartholomeu, dotado de grande actividade e ambição, organizou uma forte expedição em 1697, que partio de S. Paulo, guiada pelo roteiro de Arzão, penetrou os mattos geraes e, tendo como norte o pico de algumas serras, que eram os pharóes na penetração dos densissimos mattos, foram estes valentes aventureiros dar finalmente a Itaverava, serra que de Villa Rica dista pouco mais de oito leguas, onde plantaram roça de milho, passando-se para o Rio das Velhas.

Voltando, no anno seguinte, para colher as roças e entrando na Itaverava, foram encontrados de Salvador Fernandes Furtado, Manoel Garcia Velho e outros conquistadores com os quaes trocaram o ouro que tinham, por armas. Este ouro, que orçava por doze oitavas, foi depois cedido por Furtado a Garcia Velho, a troco de duas indias, que se chamaram mais tarde, Aurora e Celia.

Despedindo-se dos sertanistas, partio ufano para S. Paulo Manoel Garcia Velho; chegando a Taubaté e indo visital-o Carlos Pedroso da Silveira, houve este a si as doze oitavas de ouro, com as quaes se apresentou no Rio de Janeiro, mostrando-as ao Governador, como já se disse, sendo por então premiado com a patente de capitão-mór da villa de Taboaté, nomeado provedor dos quintos, com as ordens precisas para estabelecer fundição na mesma villa, o que, consequentemente, veio a trazer o estímulo aos audaciosos sertanistas para novas incursões.

O estabelecimento, pois, da casa de fundição em Taboaté marcou uma nova phase nas descobertas das Minas; porque os bandeirantes, cada qual mais cioso de descobrir thesouros occultos, entraram numa grande febre de incursões pelos mattos mais intrataveis e pelas serras mais asperas, vindo assim a se povoar o sertão e a descobrir e fundar as principaes povoações, onde abundavam as faisqueiras e onde hoje se acham fundadas as cidades de Ouro Preto, Marianna, Sabará, Caethé, S. João d'El-Rey, S. José d'El-Rey e Serro, que formavam cabeças das comarcas em que se dividio a Capitania.

Como se vê, cabe a Antonio Rodrigues Arzão, Bartholomeu de Siqueira e Carlos Pedroso da Silveira a honra de terem denunciado o ouro das Minas Geraes e contribuido para o povoamento daquellas regiões.

Depois de conhecida a riqueza aurifera da zona, a população affluio de todos os lados, a terra era cortada e sangrada em todas as direcções, o almocafre do mineiro catava as areias de ouro, os itambês se desnudavam na lavra impiedosa, as bateias cessavam os fundos dos rios, as povoações se dependuravam pelos pendores das montanhas e a vida entrava a rumorejar na terra bruta e verde,

onde até então só o indio pompeava. Foi assim que surgiu Ouro Preto.

Foi assim que naquella encosta alpestre uma cidade surgiu, á febre do ouro, e o casario se alastrou na casca adusta das penhas, com as suas ruas reintrantes e a sua apparencia de myriades de conchas grudadas no costado granitico de um navio colossal. Foi assim que em 1711 já a povoação dispersa se fazia villa e a villa mais tarde se fazia capital, e dominou, e floresceu, e após decahiu.

Vejamos agora uns dados historicos sobre a fundação da Villa Rica, assumpto que hoje tão galhardamente se commemora e que nos prende de preferencia a attenção neste momento.

Claudio Manoel da Costa, no seu fundamento historico ao poema *Villa Rica*, illustra com as seguintes notas as origens da cidade :

“Ouro Preto, que comprehende em si varios ribeiros e morros com denominações differentes, como são Passadez, Bom-Successo, Ouro Fino ou Bueno, etc., teve por descobridores nos annos de 1799, 1700 e 1701 a Antonio Dias, natural de Taboaté, ao padre João de Faria Fialho, natural da ilha de S. Sebastião, que viera por capellão das tropas de Taboaté, a Thomaz Lopes Camargo, que se sitiou nas Lavras, que ao depois vieram a ser de Paschoal da Silva, e a Francisco Bueno da Silva, ambos paulistas e este ultimo primo do primeiro descobridor do Itaverava, Bartholomeu Bueno; de todos estes tomaram nome alguns bairros de Villa Rica.

Foi creada villa pelo Governador Antonio de Albuquerque, no dia 8 de julho de 1711 ; está situada em 20 grãos e 24 minutos ao poente.”

E' curioso vermos agora o documento authenticico da criação da villa, que encontrámos na *Revista do Archivo Publico Mineiro* que é do teôr seguinte :

“ *Termo de erecção de Villa Rica* — Aos oito dias do mez de julho do anno de mil setecentos e onze, neste Arrayal da minas geraes do oiro preto em as Cazas de morada, em que assiste o Sr. Governador e Cap.<sup>m</sup> G.<sup>o</sup> Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, achando-se presentes em hua Junta geral que o dito Senhor ordenou para o mesmo dia, as pessoas e moradores principaes deste dito Arrayal, lhes fez presente o dito Sr. Governador ; que na forma das ordens de Sua Magestade determinava erigir neste mesmo Arrayal hua nova povoação, e Villa para que seus moradores, e os maiz de todo o destricto pudessem viver areglado, e sujeitos com toda alva forma ás Leys da Justiça, como Sua Magestade manda, e deseja se conservem todos os seus Vassallos nesta nova Conquista porque suppondo não achava o sitio muito acomodado, attendendo ás riquezas que promettião as minas, que ha tantos annos se lavrão nestes morros e ribeiras e ser a parte principal destas minas, aonde acode o Comercio, de fazendas, que delle, emana para as mais e

outras muitas mais, que o tempo, mostraria, se rezolvia a executal-o assim e que todos devião neste P.<sup>o</sup> dar o seu parecer, os quaes uniformemente todos convierão em que neste dito Arrayal. Junto com o de Antonio dias se fundasse a Villa pelas razões referidas, pois era Sitio de mayores conveniencias, que os Povos tinham achado para o Comercio; e que nesta forma se sogeitavão a viver todos como Leaes Vassallos de Sua Magestade sogeitos ás suas reaes Leys, e ás da Justiça com toda a obediencia, sem que se lhes offereça duvida algua ao proposto pello do Senhor Governador e por elle ditto Senhor Governador foy respondido que visto, que todos assentavão em que fosse nestes Sitios e dous Arrayaes de oiro preto e Antonio dias. Levantada a dita Villa era necessario que logo todos os ditos moradores e pessoas deste povo fizessem eleyção para os officios da Camara della declarando todos juntamente, que desejavão, e tinham devoção de que se continuasse a invocação á Padroeira desta Igreja do ouro preto Nossa Senhora do Pillar, o nome da Villa fosse Villa Rica d'Albuquerque; E de como assim se ajustou tudo mandou o dito Sr. Governador fazer este termo que assignarão os assistentez sobre ditos. E eu Manoel Pegado Secretario deste Governo o escrevi. — *Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.*

( Seguem-se outras assignaturas.) ”

No mesmo dia da criação da villa se elegeram os vereadores e juizes, sendo eleitos : juiz mais velho, o coronel José Gomes de Mello ; juiz mais moço, Fernando da Fonseca e Sá ; vereador mais velho, Manoel de Figueiredo Mascarenhas ; segundo vereador, Felix de Gusmão e Mendonça; terceiro vereador, Antonio de Faria Pimentel ; e procurador, o capitão Manoel de Almeida Costa.

No dia seguinte, 9 de julho, tomaram posse todos esses funcionarios.»

E' opportuno passarmos em revista agora esse periodo historico.

Por esse tempo o Rio de Janeiro tinha uma população de 12.000 habitantes, e o districto das Minas 35.000, como se verifica dos dados existentes.

Da Capital partia uma unica estrada que se dirigia para Villa Rica, e dahi se prolongava para os sertões de Paracatú, dando um galho para os lados da Bahia.

No percurso entre o Rio e Villa Rica, a estrada se esgalhava, demandando S. Paulo. Era como um grande Y, cuja base estava em Minas e as hastes em S. Paulo e Rio de Janeiro. Esses eram os unicos caminhos para o sertão das Minas Geraes.

E através delle, de canto a canto, de lado a lado, como sentinellas avançadas, vigias, guardas, fiscaes regioes, inspeccionando rigorosamente o trajecto dos viandantes, dando minuciosas buscas nos que entravam e nos que sahiam, impondo a sua vontade e os seus ca-

prichos descrecionariamente, truculentamente, em nome d'El-Rei, que tudo mandava e tudo podia.

Todos os moradores á beira da estrada eram obrigados a ter um cavallo a argolla, prompto para a muda das ordenanças do rei, afim de que estes não se cansassem e demorassem nas viagens. Não havia uma escola em Minas, nem industriaes, que não fossem as de mineração. O rei queria ouro e mais ouro. Não queria que o seu povo se distrahisse com outras preocupações que não fossem extrahir o rico metal e empavezar as arcas do Thesouro Portuguez. Até 1820 o ouro remettido a Portugal pelas minas geraes numerá-se por 52.000 arrobas. O povo jazia na ignorancia e no estacionamento, porque á Côrte Portuguesa não convinha que este colosso abrisse os olhos e tomasse a medida das suas forças. Era preciso escravisal-o, aturdil-o no obscurantismo, cegal-o entre os limbos do analphabetismo, para que elle, como a besta de carga, a passos lentos e tardos, fosse cavando o ouro na terra para amamentar o bem estar das Côrtes, a luxuria dos cortezãos e a vaidade do Rei senhor absoluto destes feudos escuros.

Com o ouro e diamantes de Minas pôde o marquez de Pombal reconstruir não só Lisboa, como todo o Reino.

Cerca de 330.000 oitavas de diamantes foram extrahidas do territorio mineiro nos tempos coloniaes, além das 52.000 arrobas de ouro; e sob a fórmula de impostos, confiscos, direitos régios e euphemicos "donativos voluntarios", a maxima parte dessa riqueza colossal sugou-a Portugal, a «metropole madrasta, que nada saciava», na phrase incisiva de Oliveira Martins.

Essa capitania, entretanto, diz Xavier da Veiga, que sustentava e reconstruia um reino, depois de haver ministrado assombrosa quantidade de ouro e pedras preciosas para as dissipações insensatas de D. João V, essa mesma capitania era, quanto ao regimen administrativo e politico, menos que uma *feitoria*, ou simples *conquista*!

Inutil é dizer-se que nella jámais se cogitou do crime de crear uma imprensa. Seria desejar um clarão perigoso no meio dessa noite coliginosa.

Até 1776 não havia uma só escola na capitania! Só então foi decretado um imposto para creal-as, mas o disfarce era tão claro, que bem se vio que ellas eram creadas apenas para servir a filhos dos reinos potentados. O povo, esse jazeu como dantes, na treva.

Era prohibido, sob penas terriveis, abrir-se estradas, por que ellas, difficultando a fiscalização dos *dragões*, podiam favorecer o contrabando do ouro. A agricultura era completamente descuidada. Não havia correios, o que era natural, pois não havia estradas. Só em 1798, annos depois da Inconfidencia, crearam-se quatro agencias, nas sédes das comarcas, com uma viagem por mez!

Os juizes eram poucos e a maior parte imprestavel por ignorancia ou venalidade. No fôro as extorsões e alicantinas, segundo o douto Xavier da Veiga, reproduziam-se impunes, devorando heranças e arruinando innumeras familias. Ha registros medonhos desta especie, e lavrados por chronista portuguez. Não havia policia senão para imposição dos *bandos* tribunarios ou para repressão feroz de reaes ou suppostos descaminhos de ouro e diamantes.

Para esse fim ou com este pretexto, eram frequentes as prisões arbitrarías em masmorras tenebrosas, os despejos e degredos, o fechamento inopinado de innumeras lojas ou negocios, a violenta destruição de propriedades particulares, as buscas e varejos brutaes em casas de familias, affrontadas em seu recato, cobertas de baldões por esbirros insolentes, não raro agentes e instrumentos de gratuitos rancores ou de vinganças ignobeis.

Nos povoados e na séde do governo o funcionalismo esbravejava e vingava no povo as humilhações a que o obrigavam servilmente, perante o governador e seus apaniguados.

E assim jazeu a terra mineira por longo tempo, hybernando no limbo do captiveiro, sem direito a aspirar nada, sem voz para gritar, sem entrar no concerto do progresso universal, que ia passando ao longe, extranho a estes lemures ignotos, onde uma raça gemia açoitada ao tagente da tyrannia.

Outro flagello constante, o recrutamento era quasi uma instituição permanente, levando o terror e o susto ao seio das familias, das quaes eram arrancados sem cessar os mais fortes rebentos, para as fileiras da guerra.

Só no anno de 1775, cerca de seis mil recrutas mineiros seguiram para o exercito régio, para as guerras do sul, colhidos em algemas em uma população livre inferior a 180.000 almas!

Uma tentativa de industria em Minas, foi logo destruida e abafada e para sempre condemnada: é a da tecelagem; innocentes iniciativas de fiação, em domicilios, com pequenos teares, que se ennumeravam já por algumas centenas, foram abafadas a ferro e fogo, pelo alvará régio de 5 de janeiro de 1785, que ordenou, sob penas barbaras, a immediata destruição das fabricas e estabelecimentos industriaes creados na colonia.

O Rei queria ouro e diamantes, só ouro e diamantes!

As minas estavam esgotadas? Arranjassem outras, descobrissem novas, dizia o Rei.

Os governadores exorbitavam na oppressão, e alguns roubavam escandalosamente. Martinho de Mello e Castro, o egregio ministro de D. Maria I, denuncia em publico documento o celeberrimo governador das minas, Luiz da Cunha Menezes, como socio dos defraudadores do erario régio; o marquez de Pombal, com a indomita energia que o caracterisava, forçava o Conde de Valladares, recém-

chegado da Capitania de Minas Geraes, de que fôra governador, a restituir noventa mil cruzados, aqui embolsados criminosamente. O roubo, a libertinagem, a rapacidade, alastrava-se pela hierarchia das autoridades, e o povo assistia ás *derramas*, ao confisco, aos esbulhos, como o doente que se resignava a agonia da morte.

Mais tarde surgiu o grito ousado da Inconfidencia, que por sua vez foi abafado entre as gottas de sangue. Só o tempo, o tempo que tudo remedeia, veio destruir essa muralha chinesa que se erguia entre a aspiração de um povo e a realidade, entre o sonho de paz e felicidade e o captivo que o opprimia.

A Ouro Preto que ahi está, a velha cidade decadente que ahi se eleva no contraforte aspero da serra mineira, é testemunha viva desse periodo, e falla-nos dessa historia longa de oppressão e martyrio.

Ella formou-se como a princeza devassa, na luxuria e no ouro; ergueu-se, alargou-se, cresceu.

A sua população de 1711 em diante se foi adensando pela occurrencia de ambiciosos e exploradores, de fidalgos e aventureiros, chegou a attingir um maximo de oitenta mil almas!

No seu seio pompeava a riqueza e a vaidade, davam-se festas ruidosas, onde os fidalgos de cabelleira empoadada e calções de seda e fivellas de ouro se curvavam ante as damas decotadas e arreiadas de joias, nos passos e voltas do minueto.

Desde o governo benefico de Antonio de Albuquerque vieram se succedendo os governadores; veio D. Braz Balthazar da Silveira, e após o conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, de oppressiva memoria; veio D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro governador positivo das Minas, em cujo periodo se operou a separação das capitancias de S. Paulo e Minas. Veio após o conde das Galveãs, André de Mello e Castro, depois Gomes Freire de Andrade, Martinho de Mendonça Pina e Mello, o conde de Valladares, o general Luiz Diogo Lobo da Silva, o conde de Bobadella, a quem coube a ominosa honra de presidir ás sangrentas perseguições da conjuração mineira.

A cidade heroica veio presenciando esses feitos e esses periodos; assistio ás conferencias secretas dos conjurados; esteve-lhe na confidencia, ouvindo-lhes as vozes abafadas, num soturno e longo plano de reivindictas e liberdade, em que a Republica seria proclamada e a escravidão libertada, a instrucção diffundida e o povo redimido: ella, Villa Rica, seria a séde de uma Universidade. Tudo isso falhou!

Ella ouviu os carmes de Gonzaga e os suspiros de Marilia de Dirceu; assistio depois ao espetaculo da cabeça de Tiradentes exposta na praça publica, como escarneo aos povos e ás nações. Muda e silenciosa, vio entrar-lhe depois a era de decadencia, o exodo dos habitantes, a ruina do casario, enviuvando pelas faldas asperas,

quando o ouro, desertando a flôr do sólo, se foi rareando e fazendo esquivo.

Entrou o torpôr que sempre succede ás grandes agitações, e a velha cidade se viu reduzida a uma simples capital de provincia, sem grandes brilhos e sem rumor. A éra colonial passava.

Com a independencia do Brasil a usura do ouro cessava, e um periodo mais humano veio se desdobrando, sob a égide de um rei magnanimo e conservador, que não tinha lances de estadista genial, mas não maltratava o povo com oppressões vis.

Um dia a Republica rompeu inopinadamente e dispersou as nevoas do passado sepultando para sempre o periodo colonial do obscurantismo e do atrazo, e rasgando horizontes novo á patria.

Nas muralhas eternas de Villa-Rica reboou o som do hymno da liberdade, como uma aurora que vinha de um seculo a outro accordar as cinzas de Tiradentes. A estrada de ferro levou o seus tentaculos ás gargantas de ferro que orlam a cidade, e as serranias se despertaram no seu somno de ouro e cobe, ao estrugir da locomotiva. Depois, a cidade se sangrou em pleno pulmão, vendo sahir a séde do governo; a capital demandava outras plagas mais formosas, onde o seu seio ubere se pudesse alongar e arfar, como a joven que quer vida e sol para crescer e amar; outra paragem, Bello Horizonte, surgia agora rumorosa e festiva, a receber o refluxo da velha e triste Villa Rica.

Desertaram o seu seio as academias, com o seu rumor alacre de mocidade e ardor, tão celebradas nos fastos da sua historia.

Secretarias se esvasiaram, quartéis emudeceram, familias emigraram, como bandos de aves fugitivas, demandando as plagas risonhas da campina clara e verdejante, onde a capital moderna se enche hoje de brilho e esperanza.

E a cidade colonial, velha e triste, se viu constrangida entre as gargantas, numa viuvez de fazer dó! Da antiga *urbs* colonial, de oitenta mil habitantes, hoje se acha ella resumida a uma cidade de quatro mil almas, onde as cousas fallam do passado, onde tudo é saudade e recordação.

Symbolo exacto da vida do homem e das sociedades, Ouro Preto viveu, prosperou, decahiu e se viu depois objecto de tradição e piedade.

E' nesse recanto sagrado da terra brasileira que os romeiros vão hoje expandir o seu culto ao passado, o seu amor á terra de tantas tradições, levando-lhe o confor do seu carinho, o calor da sua presença, como a um velho tristonho a quem as turbas de moços visitam, levando-lhe no seu osculo a vida e a esperanza. Louvavel idéa é esta!



Eu poderia dizer como Manoel Bernadez, que desejaria agora que uma Musa me inspirasse, para dizer aos homens do meu paiz, numa voz potente e insinuadora: — Não deixeis que morra á mingua a velha cidade de tantas tradições!

E' preciso reviver Ouro Preto, dar-lhe uma universidade! —  
*Lindolpho Xavier.*

## AS FROTEIRAS DO SUL

Foto Dr. Eugenio Augusto Wandschek

Quando se parte de Minas para o Rio Grande do Sul, a primeira impressão é a de que se está entrando em um mundo novo. A paisagem é diferente, o clima é mais frio, e as pessoas são mais reservadas. A viagem é longa e cansativa, mas a paisagem é muito bonita. O Rio Grande do Sul é um estado muito rico e desenvolvido. A paisagem é muito bonita e as pessoas são muito simpáticas. A viagem é muito interessante e vale a pena fazer. O Rio Grande do Sul é um estado muito bonito e as pessoas são muito simpáticas. A viagem é muito interessante e vale a pena fazer. O Rio Grande do Sul é um estado muito bonito e as pessoas são muito simpáticas. A viagem é muito interessante e vale a pena fazer.

---

---

## A'S FRONTEIRAS DO SUL

Pelo Dr. Eugenio Augusto Wandeck

Começava o anno de 1906.

Designado para irmos ao Estado do Rio Grande do Sul conseguimos logar para o nosso transporte no bello vapor *Saturno*, optimo navio da magnifica flotilha da empresa "Cruzeiro do Sul".

A sahida estava annunciada para o dia 25 de fevereiro, domingo e primeiro dia do Carnaval, o que não modificou a nossa viagem, nem nos impediu de satisfeito seguirmos.

Não obstante ser o meio dia a hora marcada para a partida, já ás 10 1/2 nos aboletavamos a bordo.

O movimento era então intenso; o vae-vem de passageiros e visitantes era fóra do commum, extraordinario mesmo. E' sempre assim. E' consolo daquelle que fica ver partir os que regressam aos pagos adorados.

Quando se parte, as horas voam celeres, os momentos passam rapidos.

Ouviu-se o som rouquenho da sereia de bordo e, logo após, as pancadas da sineta, convidando á retirada os visitantes.

As despedidas foram ultimadas e trocados abraços e adeuses.

Saudosos, os amigos e parentes desceram á terra pelas pranchas atiradas do portaló sobre a ponte fluctuante do trapiche.

Centenas de lenços se agitaram nas despedidas finaes.

Suspensos os ferros, desprendidas as amarras, poucos minutos após a helice fazia que as aguas se movessem marulhosas e espumantes, singrando avante o navio.

Pouco depois parou, junto ao ponto onde outr'ora assentava a praça Mauá, da qual partiam então as barcas para Petropolis e Maruhy. Em frente ao *Saturno* se estendia a Avenida Central que os nossos olhares podiam percorrer de um extremo a outro, des-

cortinando por completo, nessa hora banhada pela luz brilhante do nosso sol tropical, a movimentação constante da multidão irrequieta, percorrendo-a em todos os sentidos, formando admirável e scintillante kaleidoscopio.

Pairando sobre ancoras, tres horas assim estivemos, após as quaes as machinas de novo impulsionaram o *Saturno*, que, descrevendo elegante curva, se dirigiu ao canal da barra.

Tinhamos os olhos embevecidos ante a magnificencia da nossa rica natureza!

Extasiavamo-nos ante a belleza da nossa esplendorosa Guanabara, lago brilhante encastado na terra brasileira.

Pouco a pouco foram passando sob os nossos olhos todas as poeticas ilhas que surgem das aguas guanabarinhas, ostentando os exquisitos exemplares da nossa uberrima flora umas, e outras apresentando edificações soberbas e alterosas. Rodeando tantos primores, a immensa cordilheira, anel verdejante que cerca todo o horizonte maravilhoso, presa á terra por cyclopicos braços que o são o *Pão de Assucar*, o *Dedo de Deus*, o *Corcovado* e muitos outros de grandeza e magestade inegalaveis.

Transposta a barra, o navio aprobeo rumo sul, passando bem perto da costa, como se tivesse pezar em deixal-a, de modo que fomos ainda gosando o panorama sumptuoso que vae desde o Leme á Igrejirha, e os bairros novos e elegantes que se estendem pela praia de Copacabana. Logo depois veiu a praia do Ipanema, a do Arpoador e em seguida a costa abrupta do Leblon.

A sineta de bordo chamou á refeição da tarde; eram então mais de cinco horas. Ao longe, ao fim da esteira esbranquiçada de espumas que o *Saturno* deixava inscripta sobre o vasto oceano, viamos brilhar em syncopes momentaneas as luzes alternantes do pharol da ilha Rasa.

Do lado opposto, o mar alto e, ao longe, como moldura gigantesca fechando o quadro grandioso do horizonte, as multiplas colorações que o sol poente emprestava ao accumulado de nuvens de fórmhas bizarras, semelhando variegadas figuras e formando bellos panoramas de côres diversas e brilhantes.

A noite não foi de socego para a tripulação. O mar cresceu, como se diz na linguagem maritima, e o navio jogou desapiedadamente, obrigando o seu pessoal a uma faina extraordinaria. Ouviamos a todo momento vozes de commando e o constante movi-

mentar da marinhagem de um para outro lado em cumprimento ás ordens recebidas.

O barulho do arrastar das correntes do leme augmentava o sussurro que não nos permittiu adormecer.

As ondas alterosas chegavam a banhar a ponte do commando, a parte mais alta do navio, diversas vezes attingida.

Pessima noite para nós viajantes que eramos atirados de minuto em minuto de encontro ás paredes do beliche, de um lado, e ás grades, do outro. A manhã, porém, appareceu clara, serena, da luz offuscante do nosso bello sol.

Santos, que dista do Rio de Janeiro 300 milhas, foi o primeiro porto a que chegamos depois de 15 horas de viagem.

A's sete horas divisavamos as praias, apreciavamos os seus contornos, a belleza dos seus penhascos, das areias que se salientam aqui e alli, formando pequenas praias brancas e molhadas, cambiando as colorações multicores do spectroscopio solar.

Passando pelo canal formado pela ponta de Mendula e o pharol da Moela deparamos logo com a grande bahia de Santos, limitada pelos contornos das ilhas de Santo Amaro e S. Vicente e a ponta do Taipú, unica parte do continente que a cerca.

Depois por uma passagem mais estreita penetra-se o estuario produzido pela junção de diversos rios, entre os quaes avultam o Cubatão e o Jurubatuba.

E' uma verdadeira alameda atapetada de aguas esta entrada de Santos! Entre as arvores apparecem, caprichosamente edificadas, alegres casinhas de pescadores, de trabalhadores e de alguns *dilettanti*. As aguas do estuario são de transparencia tal que em muitos logares vemos perfeitamente o fundo areiento e claro.

Tudo é bello e admiravel! A vegetação com tonalidades de verde escuro, de verde claro, ás vezes escarlates como os *ipés*, amarellas como os páos-dalho, roxas como as quaresmas, apresenta entrelaçamentos de milhares de cipós, abertos em flôres, parasitas uns, precisando sómente apoio outros. A' altiva planta se unia a modesta liana. Flora vibrante de belleza e de vida, demonstração pujante da riqueza natural das terras de Santa Cruz, como és admiravel!

Em breve enfrentámos a cidade, lindamente edificada sobre a ilha de S. Vicente.

Santos é bem o pulso de S. Paulo, que é o Estado mais adiantado do Brazil.

O movimento geral do porto chama logo a attenção do viajante.

Quer em terra, quer no mar, tudo é bulicio e o barulho é constante. Cruzam-se, apitando, lanchas e embarcações de todos os portos, desde os grandes transatlanticos até as pequenas gazolinhas. Atracam e desatracam ao cáes dezenas de embarcações; outras são carregadas do precioso café; os enormes guindastes hydraulicos ininterruptamente trazem do bojo dos navios para a esplanada do caés as cargas valiosas transportadas de outras terras productoras, europeas ou americanas.

Na larga rua que domina o cáes o movimento vertiginoso de auto-caminhões, carroças e vehiculos de toda especie é tal que entontece ao transeunte, sujeitando-o a um perigo constante. Toda cautela e toda celeridade são poucas para que se possa transitar nas ruas de Santos, principalmente nas proximas ao cáes.

Colmeia humana, esta cidade de Santos é a porta grandiosa de entrada no Estado paulista, portico colossal, digno de sua grandeza. Centenas de embarcações de longo curso acostam-se aos importantes cáes, obra que nos engrandece e da qual nos podemos orgulhar como brasileiros, porque por brasileiros foi formada.

Santos, como acima já dissemos, é o pulso de S. Paulo; do seu isochronismo depende a vida do grande Estado. O movimento é a vida e a vida de Santos transmite-se ao Estado como o sangue passa do coração ás arterias.

Muitas são as embarcações de longo curso que observamos em descarga e embarque acostadas ao cáes e mesmo ao longe. Desembarcam immigrants e viajantes e em movimento contrario embarcam de novo de volta á Europa uns ou dirigindo-se para o Rio da Prata outros.

Enormes caixões, barricas descommunaes, grandes pipas, machinismos possantes, encaixotados ou descobertos, são conduzidos de continuo; sobrepujando, porém, a tudo o embarque do café, o *ouro rubro*, da terra paulista e mineira, que se escoia pelo porto de Santos.

Santos é uma cidade antiga mas de progresso continuo e onde só o commercio domina. Novas edificações ganham, pouco a pouco, todos os terrenos ainda baldios.

Bellos palacetes e magnificas moradias vão apparecendo; os velhos e acaçapados casarões vão dando logar aos grandes e elegantes palacios onde funcionam importantes firmas commerciaes nacionaes e estrangeiras. Palacetes de grandes proprietarios ostentam-se elegantes em muitos pontos da cidade e vão se estendendo e ganhando as zonas ainda não habitadas que levam até São Vicente, a bella villa fundada pelo proprio donatario Martim Affonso de Souza em 1532, que demora a poucos kilometros, assentada junto a praias de admiravel belleza.

Liga-se S. Vicente a Santos por uma linha de bonds electricos e por um tramway em viagens rapidas e bellas de nove kilometros de extensão, que assim tornaram S. Vicente o primoroso arrabalde de Santos.

Com bellas edificações, floridos e graciosos jardins e casas de agradavel aspecto, S. Vicente é a moradia aprazivel e predilecta dos habitantes de Santos.

Ha entre S. Vicente e Santos a linda e extensa praia do José Menino. Ao longo edificações mais ou menos importantes, casas singelas e palacetes de agradavel aspecto vão sendo edificados e bordando a orla dos caminhos ainda não merecedores da denominação de ruas.

Ao fim da praia, olhando para o oceano intermino, como que a relembrar impereciveis glorias, ergue-se o magestoso monumento commemorativo do quarto centenario do descobrimento do Brazil

\* \* \*

A's 4 horas da tarde deixámos Santos, demandando Paranaguá.

Por muito tempo permanecemos no tombadilho do *Saturno*, sempre admirando a nossa rica natureza.

O Brazil é o paraiso terreal. Doutou-o Deus de riquezas e bellezas naturaes tantas e incomparaveis, maravilhosas, impossiveis de descripção.

A costa sul que contemplamos extasiados á proporção que o *Saturno* avança velozmente, é mais uma belleza da nossa natureza.

Quasi, posso jural-o, não lhe é superior a decantada costa italiana que borda o Mediterraneo no golfo de Genova. Aquella passagem da linha ferrea sobre a costa escarpada e sinuosa,

aquelles trens que ora apparecem, ora desapparecem nos innumerados tunneis que a formam é obra admiravel, mas na qual collaborou o homem! Não assim, porém, a costa brasileira, que se apresenta em todo seu estado selvagem. O que vemos hoje, ahi está desde o inicio da creação; após seculos encontramo-la tal qual sahiu das mãos do Creador! Como para demonstrar esta verdade o homem foge da costa, interna-se pelo continente, abandona-a, para assim deixar possa ella, virgem, patentear mais pujantemente a magestade da sua grandeza admiravel!

O que vemos ininterruptamente grandioso, constantemente magestoso, na feerica natureza da nossa bella patria, só nós possuímos, só a terra do Cruzeiro possui tantas maravilhas.

Como partes componentes desse quadro vemos as verdejantes e lindas ilhas que bordam a costa desde a sahida do Rio de Janeiro até além das aguas movimentadas do golfo de Santa Catharina.

Tudo é grandioso no nosso Brazil! Só o homem foge a essa classificação. Bem ao contrario, infelizmente o dizemos, elle se constitue a antithese da sua grandeza.

Os portos da nossa costa sul são verdadeiros primores da natureza. Todos possuem barras naturalmente defensaveis, as quaes, transpostas, nos permitem ainda navegar por muito tempo, uma hora e ás vezes mais, até chegarmos ao ancoradouro, em frente ao qual assenta, airoosamente, a cidade que o contorna. E' assim Santos, é assim Paranaguá, é assim Antonina, S. Francisco, Florianopolis... Por toda a parte a mesma belleza extraordinaria que nos faz admirar a potestade divina. O homem não precisa auxiliar a natureza; basta que a conserve; basta que se limite a usufruir tantas riquezas, tantos thesouros, dotes naturaes, admiraveis e perennes.

Feliz o povo que possui tão rica natureza; a elle está reservada a hegemonia no futuro.

Sólo feraz e climas adaptaveis a todos as raças humanas, o que falta ao nosso Brazil?

Nas entranhas da terra brasileira encontramos desde o ouro até o ferro, desde o carvão ao petroleo.

Caudalosos rios de grandes extensões e milhares de outros menores regam o fertil sólo brasileiro de modo a ser um paiz apto

ao *habitat* de qualquer povo. Causa admiravel; não possui o Brazil terras inadaptaveis ás diversas raças humanas.

O esteril e torrido Sahara, as terras gélidas do Canadá e da Norte America, a frígida Siberia, as resequidas terras da Nova Australia não têm simile nas terras brazileiras.

Abençoado é o nosso sólo.

### PARANAGUA' E ANTONINA

A's 8 horas da manhã de 27 de fevereiro, terça-feira, depois de percorridas as 142 milhas que nos separavam de Santos, entrámos a barra de Paranaguá, pelo canal principal que fica entre as ilhas das Palmas e do Mel.

A collocação daquellas duas ilhas em frente á das Peças produziu tres barras: a do *Norte* entre as ilhas das Palmas e das Peças, a do *Sul* conhecida por Barra falsa ou de Ipopetuba entre a ilha do Mel e o continente e a do Centro ou Grande entre as ilhas das Palmas e do Mel que têm a largura de uma milha. A barra Grande é a principal entrada, dando franco accesso a grandes embarcações, o que não acontece com as outras duas, semeadas de escolhos que só o permitem ás de pequeno calado.

A bahia de Paranaguá penetra quarenta kilometros pelo continente, com uma largura maxima de vinte, tem uma superficie total de sete mil e duzentos hectares, o que a faz considerar uma das mais vastas do Brazil.

Tres cidades encontramos sobre as margens da grande bahia, obrigando por esse motivo a outras tantas denominações. E' assim que temos a bahia de Paranaguá propriamente dita, a de Guara-kessaba ou da Laranjeira e a de Antonina. Algumas povoações de menor importancia encontram-se ás margens da grande bahia.

A entrada de Paranaguá é demarcada pelo pharol das Conchas, collocado na parte occidental da ilha do Mel. Na parte oriental na extremidade do morro da Baleia encontra-se uma fortaleza, na qual tambem existe um pharolete.

Paranaguá é uma cidade antiga e, percorrendo-a, sente o viajante por todas as ruas e praças os vestigios dos annos já passados.

Nota-se, porém, um prurido de renovamento; vê-se que a municipalidade porfia em melhoramentos e que a população tambem



acompanha esse progresso, pois notam-se muitos edificios de construcção moderna e magnifico aspecto.

Como Santos, Paranaguá é o ante-porto de Corityba e cidade que já se distingue no territorio patrio pelo seu adiantamento, riqueza e crescente população.

O porto de Paranaguá é de grande movimento. A elle chegam annualmente centenas de embarcações á vela e a vapor, entre as quaes transatlanticos de grande calado.

Ligada á Corityba e, portanto, ao Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul por estradas de ferro, mesmo por isso, Paranaguá ganha de importancia, augmentando sempre o seu commercio de importação e exportação.

As ruas e praças são largas e espaçosas, apresentando conjuncto de agradável aspecto. A illuminação é á electricidade, obtida economicamente por usinas productoras accionadas pelas cascatas do Miranda e de Santa Cruz, situadas na serra do Prata que fica á pequena distancia da cidade.

Possue Paranaguá serviço telephonico irreprehensivel, disse-ram-nos. A área plana é de perto de 28 kilometros, desde a beiramar até á raiz da serra do Prata, para onde se poderá estender, o que fatalmente se dará á proporção que Corityba subir de importancia. Paranaguá será sempre para o Estado do Paraná o mesmo expoente de progresso que Santos é para o de S. Paulo.

O porto D. Pedro II será breve a parte mais importante da cidade. Já allí funciona a Alfandega em bello e apropriado edificio, e novas edificações particulares vão apparecendo, formando uma importante rua de mais de dois mil metros de extensão, que tanto vae da cidade ao novo bairro que se fórma.

A população de Paranaguá oscila de 8 a 12 mil habitantes.

Ao certo não podemos dizel-o. Nestor Victor, o escriptor que tão brilhantemente descreveu o progresso da terra paranaense, disse ser de 8 mil habitantes a população da bella cidade; no almanak de Laemmert, cuidadosa publicação formada com elementos colhidos por competentes *in loco*, dize-se de doze mil.

Paranaguá possuiu outr'ora estaleiros e construiu importantes embarcações. A corveta *Santa Cruz* do tempo do imperio foi ahi construida.

Ao fundo da bahia, bem para oeste, a quinze milhas de distancia de Paranaguá, está situada a cidade de Antonina, assim

chamada em honra a D. Antonio, principe de Portugal, quando elevada á villa em 1797.

Possuindo menos dois mil habitantes que Paranaguá, tem entretanto melhor clima e porto excellente para navios que calem até 15 pés.

Antonina tem o seu porto muito frequentado por vapores que da Argentina e de Montevidéo vêm buscar madeiras, matte e bananas em trafego continuo e importante. Os vapores argentinos trazem trigo e voltam carregados de bananas aos milhares de toneladas.

A nossa estada em Antonina foi rapida, pois muito tarde ahi chegámos. Pouco pudemos observar tão escura era a noite.

Não obstante havermos chegado á Antonina ás 6 horas da tarde, já ás 5 da madrugada o Saturno navegava, demandando Paranaguá.

Não tivemos occasião de ver a villa de Guarakessaba que fica ao norte no fim da bahia de igual nome, tambem chamada da Laranjeira.

A's 11 horas da manhã deixámos Paranaguá em demanda da cidade de S. Francisco que fica a vinte e nove milhas mais ao sul no Estado de Santa Catharina.

### SÃO FRANCISCO

Tendo sempre á vista o littoral e bem perto da costa, viajámos durante seis horas, demandando as terras catharinenses.

Quasi como limite entre os dois Estados do Paraná e Santa Catharina fica a bahia de Guaratuba onde se acha situada a cidade de igual nome.

Mantendo marcha regular, o *Saturno* foi pouco a pouco deixando os limites do Paraná e em breve navegavamos em aguas de Santa Catharina.

De longe divisámos a grande ilha de S. Francisco Xavier, a qual fórma o lado sul da entrada septentrional da bella e vasta bahia de São Francisco. A's cinco horas da tarde o *Saturno* atracava ao trapiche e desciamos á terra.

A ilha de São Francisco tem 35 kilometros de comprimento por 13 de largura. A entrada norte tem o nome particular de canal de Babbitonga, e a opposta, a do sul, denomina-se rio Aracary. A cidade assenta sobre a bahia, que tem, como o canal do norte, o

nome de Babbitonga, e fica tres leguas para o interior, a oeste, e um pouco ao norte da ilha.

Sobre a costa do Atlantico, desde o Rio de Janeiro até o cabo Horn, o porto de S. Francisco não tem rival; é da maior segurança, tem barra franca e dá accesso aos navios de maior calado, os quaes podem ancorar quasi á beira-mar, tão profundas são as suas aguas.

São Francisco é o ponto inicial da estrada de ferro que se dirige para o valle do Iguassú, a qual ligará essa parte do Estado á Estrada de Ferro que une o Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

No porto de São Francisco é intenso o movimento. Além dos vapores das emprezas nacionaes, trafegam os da *Sud Brasil Linie*, *Hamburgo America Linie* *Norddeutcher Lloyd Bremen*. Da Inglaterra vêm os vapores da *Nautilus Steamer Navigation C.*, directa e exclusivamente para carregar herva matte para o Chile e costa do Pacifico.

Ainda citamos os vapores da *Rob. M. Sloman's C.* e os da *Prince Line* que trazem productos da America do Norte, levando na volta os brasileiros.

Muitos vapores argentinos tambem fazem o trafego constante dos productos brasileiros para Buenos Aires em valioso e ininterrupto commercio.

Ao cahir da noite ainda passeavamos as ruas da pequena cidade e só ao toque da sineta de bordo acudimos ao jantar.

O navio recebeu continuamente cargas até á hora da partida.

A' hora do silencio todos nos recolhemos aos beliches, conciliando facilmente o somno pela quietação do navio que parecia engastado ao caes.

A trepidação produzida pelas helices não se fazia sentir e não ouviamos o ruído das possantes machinas em descanso por algumas horas.

Alta madrugada e já no dia 28 o *Saturno* moveu-se, transpondo a barra em rumo á Itajahy.

## ITAJAHY

A's 7 horas da manhã de 1 de março enfrentámos a barra de Itajahy.

Pequena e fragil embarcação trazendo o pratico local logo se approximou como um joguete das ondas alterosas, ora subindo

no dorso das vagas ora desapparecendo aos nossos olhos como se houvesse se abysmado no seio do oceano revolto.

E' difficil e trabalhosa a entrada da barra. De um lado um grande penedo eleva-se, altivo e magestoso, dominando o horizonte em grande extensão. Em frente, formando o outro lado, uma longa praia, baixa, de areias brancas e brilhantes aos reflexos solares, estende-se a perder de vista. Mais além, quasi á flor d'agua, vemos o esqueleto negro de um vapor havia annos naufragado, como a ensinar que cauteloso seja o navegante.

As ondas do oceano rancoroso e bravo batem medonhamente de encontro ao rochedo, elevando-se a grande altura e depois de banharem-n'o, caem, resvalando sobre o seu dorso ennegrecido, espalhando-se pela superficie das aguas em lindos flócos de prateadas e brancas espumas.

E' horrivel e bello ao mesmo tempo o grande contraste que vemos daquelle combate sem treguas.

Ainda o viajante está emocionado com o bello e empolgante espectaculo e já o navio passa, descrevendo rapida curva, pela estreita e angustiada passagem que fórma a difficultosa barra. Um pequeno desvio, uma manobra errada e a embarcação se despedaçará de encontro ao féro penedo, ou, na melhor hypothese, encalhará na praia fronteira que fórma branco lençol de areia semelhante enorme sudario.

Passados alguns momentos o navio penetra francamente o estuario do rio Itajahy, defrontando logo a graciosa cidade de igual nome.

O scenario muda então por completo. Vemos de um só golpe de vista o conjuncto da cidade, edificada á margem do rio. Logo se distinguem os seus modestos edificios, dominando sobre todos, como sempre, os templos catholicos.

Ha uma ponte á qual atraca o navio e o desembarque faz-se rapidamente. Os passageiros alacres e satisfeitos espalham-se por todas as direcções da pequena cidade.

Os principaes pontos são logo visitados dando agradavel distração aos viajantes. Os mais simples pormenores produzem satisfactoria impressão.

Na rua principal vimos a casa em que nasceu o distincto brasileiro general Lauro Müller. Os conterraneos do illustre homem de estado deram á principal rua o seu nome, perpetuando assim

a lembrança sempre querida do estremecido filho do futuroso Estado e da linda cidade.

A distração dos viajantes estendeu-se á compra de postaes. Foi o que fiz e o que fizeram todos os companheiros de viagem, invadindo a typographia e papelaria do *Pharol*, publicação diaria da pittoresca Itajahy, nos munindo do maior numero possivel dessas delicadas lembranças.

Antes que quatro horas se tivessem passado o *Saturno* desatracou da ponte e seguimos em demanda de Florianopolis, onde deviamos chegar ás tres horas da tarde.

### FLORIANOPOLIS

O pharol da ilha do Arvoredo indica a barra norte da bahia de Santa Catharina.

A vasta ilha de Santa Catharina que tem 60 kilometros de norte a sul e 13 de leste a oeste é bastante alta e visivel a longa distancia. A bahia que fica entre a ilha e o continente apresenta assim duas barras, a do *norte* e a do *sul*. Bem ao centro, a meia distancia das duas barras, as terras da ilha e do continente se approximam de tal maneira que formam um *estreito*. Assenta na ilha em semi circulo a cidade de Florianopolis e defronte, no continente, a villa de S. José.

Foi o navegador Juan Dias de Solis, a serviço do rei da Hespanha, em viagem para as Indias que descobriu a bahia de Santa Catharina em 1515, tendo-lhe dado o nome de bahia dos *Perdidos*.

Mais tarde, em 1525 e em 1526, outros navegadores hespanhóes Sebastião Cabot e Diego Garcia ahi desembarcaram.

Os naturaes da ilha, os indios *Carijós*, deram-lhe o nome de *Jurié Mirim*. Outro nome teve mais tarde, o de *Ilha dos Patos*, que lhe foi dado pela abundancia dessas aves, por Pedro Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso, quando, regressando do Rio da Prata, ahi aportou em 1532.

O desembarque em Florianopolis não se faz sem algum receio; quando o tempo conserva-se máo e o vento muda de quadrante os pequenos botes á vela correm serio risco de virar, forçando a um banho dispensavel o viajante, sinão a um maior perigo ás vezes.

Era grande o movimento que observámos nas rias e praças.

De carro percorremos parte da cidade, recebendo optima impressão de tudo quanto viamos.

Bonitas ruas, edificios notaveis e movimento animado da população, tudo nos demonstrou o adiantamento de Florianopolis.

Passaram rapidas as duas ou tres horas que estivemos em terra e, saudosos, de novo embarcámos para deixarmos a formosa cidade.

O *Saturno*, porém, não sahiu barra fóra senão ás 5 horas da madrugada do dia 2.

Quando nos levantámos e subimos ao convez já viajavamos em alto mar. Ao longe divisavamos a costa escarpada e penhascosa que é assim até á barra do Rio Grande.

Viajámos sempre com mar calmo. O dia claro e de temperatura agradável muito contribuiu para que as horas se escoassem sem aborrecimentos.

O *bar* do *Saturno* conservou sempre alegre companhia que se divertia com os jogos permittidos desde o *gamão* ás *damas*. Uns contavam anedotas de viagens, outros analysavam assumptos politicos e outros, ainda, placidamente, esgotavam os magnificos chopps que eram renovados a miudo.

A noite veiu e com ella o somno que a todos atirou aos braços de Morpheu.

---

---

## Memoria acêrca dos limites do Districto Federal com o Estado do Rio de Janeiro

Por Noronha Santos

Consequencia do rapido desenvolvimento da região que, dia a dia, se enriquece com a expansão do commercio e das industrias e se valoriza com melhoramentos executados pela Municipalidade carioca, surgiu a ambição descabida e irritante de politicos do municipio de Iguassú, pretendendo a posse de vasta área entre os rios Pavuna e Merity, além de outras extensões territoriaes.

Esse litigio que é, por emquanto, uma questão administrativa, teve origem no decreto do governo fluminense de 8 de maio de 1892, em que o Estado do Rio de Janeiro demarcou arbitrariamente seu limite sul com o Districto Federal pelos rios Merity, Maranguá e Merinho ou Meirinho — desde a bahia de Guanabara até a estação do Realengo, do ramal de Santa Cruz e da *Estrada de Ferro Central do Brasil* — e dahi em linha recta á confluencia do rio da Prata com o Mendanha e rio Guandú-Mirim, até a sua foz no rio Guandú.

As razões allegadas pelo Estado do Rio e conhecidas mais tarde com outros detalhes, razões que pretendem justificar fracos oppositores á verdade historica, incluem tambem dentro daquellas linhas divisorias o canal da Pavuna, que fica muito proximo ao rio desse nome e cuja construcção foi em 1833 inadvertidamente registada como realizada no territorio da Provincia do Rio de Janeiro. Assenta ainda a pretensão do Estado visinho nos informes que se encontram em trabalhos de Candido Mendes e Moreira Pinto e no véto opposto pelo prefeito do Districto Federal Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura, em 6 de novembro de 1898, á resolução do Conselho Municipal de 3 do mesmo mez e anno —

pela qual fôra concedida á *Companhia Ferro Carril de Villa Isabel* a faculdade de extender suas linhas de bonds até á Pavuna.

Em complemento a estes subsidios, de facil e irrefragavel contestação, o Estado do Rio mandou levantar uma planta com os limites discricionariamente decretados em 1892 e, não contente com essa attitude de represalia ao direito incontestavel do Districto Federal, de vez em quando agita a questão de limites no Pavuna.

Em recente trabalho publicado pelo capitão de fragata, engenheiro naval Sr. Thiers Fleming e sob o titulo « Limites Interestaduaes » (1917), são reproduzidas as duvidas suscitadas pelo Estado do Rio. Transcrevamos as palavras que se encontram ás pags. 163 e 164 daquela interessante contribuição sobre limites:

« Na sua esplendida *Chorographia do Brasil*, publicada este anno, e que tão util nos tem sido, Mario da Veiga Cabral diz que o Rio de Janeiro questiona com o Districto Federal sobre dous trechos de sua fronteira, pretendendo o Districto o terreno comprehendido entre os rios Guandú e Itaguahy, ligados ao curso superior pelos Jesuitas, que cultivaram a antiga fazenda nacional de Santa Cruz; por outro lado pretende o Estado do Rio de Janeiro o terreno situado entre o rio Pavuna e o rio Merity, principal formador do rio S. João de Merity e seu affluente Sapopemba e sub-affluente Maranguá.

Na sua *Chorographia do Districto Federal*, Noronha Santos diz que, apesar de incontestavel o direito que assiste á capital da Republica ao dominio, posse administrativa e jurisdicção de suas antigas terras, procura o municipio de Iguassú, do Estado do Rio de Janeiro, que os limites sejam estes: rio Merity, Maranguá e Meirinho, desde a bahia de Guanabara até á povoação do Realongo, inclusive, e dahi por uma linha recta com o Mendanha e rio Guandú-Mirim, até á sua foz no rio Guandú.

O Districto Federal baseia o seu direito na jurisdicção desde o Acto Addicional á Constituição do Imperio, em 1834, até o presente. Vieira Fazenda publicou diversas chronicas defendendo o direito da Capital Federal.

Pelos limites acima, o rio Pavuna corre em terras fluminenses.

O Districto Federal acha que elle deve ser a divisa. Segundo



os fluminenses, o Pavuna é um pequeno rio que nasce na serra da Cachoeira e desagua no rio Merity.

A povoação da Pavuna, que fica entre o braço principal do rio Merity e o rio Pavuna, está situada no Estado do Rio de Janeiro, tendo o prefeito Dr. Ubaldino do Amaral vetado com esse fundamento, em 6 de novembro de 1898, uma concessão á Companhia de Villa Isabel, para uma linha de bonds até áquella povoação. Entre outras razões allega o Estado do Rio de Janeiro figurar o canal da Pavuna no relatorio apresentado á Assembléa Geral pelo Ministro do Imperio Chichorro da Gama, em 1834, no quadro das obras publicas em andamento na Provincia do Rio de Janeiro e no municipio de Iguassú.

Em 3 de setembro de 1903, por proposta do Dr. Francisco Silveira, o Conselho Municipal do Rio de Janeiro nomeou uma commissão composta desse intendente e dos seus collegas Dr. Alvaro Alberto e Julio Cesar para o estudo da questão de limites com o Estado do Rio de Janeiro.

Em 1 de setembro de 1903 o general Quintino Bocayuva, presidente do Estado do Rio de Janeiro, encarregou o illustrado Dr. Henrique Borges Monteiro de entender-se com o prefeito Dr. Pereira Passos para que fizesse cessar a invasão na zona intermedia, comprehendida entre os rios Merity, Guandú-Mirim, Guandú e Pavuna, por agentes ou delegados da mesma Prefeitura.

O Dr. Borges Monteiro conferenciou a respeito com o Dr. Pereira Passos.

A seu favor insiste o Estado do Rio de Janeiro no cumprimento do decreto geral de 23 de março de 1833, que fixa os limites do Districto Federal.

Em momento de feliz inspiração, o Sr. Presidente da Republica entregou o governo do Districto Federal ao eminente estadista Dr. Amaro Cavalcanti, cujo talento, erudição, energia e operosidade teem sido revelados, dentro e fóra do paiz, de modo multiplos, e sempre com proveito para elle.

Estou certo que sómente motivo de força maior não o permittirá resolver este assumpto; e ninguem melhor do que S. Ex. para fazel-o — pois, ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, está habituado ao estudo destas questões e, emerito administrador como é, querendo, não encontrará difficuldades para dar-lhe a solução final.»

Veiu á luz da publicidade o livro do commandante Thiers Fleming, justamento quando o municipio de Iguassú fazia reviver a velha contenda. O Dr. Amaro Cavalcanti, prefeito do Districto Federal, fôra procurado em meiado do mez de março de 1918 pelos Srs. coronel França Soares, presidente da Camara Municipal de Nova Iguassú, e Dr. Henrique Borges Monteiro, advogado daquela instituição e deputado federal. Na conferencia que tiveram esses senhores com o chefe do governo do Districto mostraram ao Dr. Amaro um mappa em que estavam assignaladas as linhas limitrophes, demonstrando os logares contestados pelo Estado do Rio e pelo Districto Federal. O prefeito, depois de exposta a questão, verificou que só por interferencia dos poderes legaes do Estado, representados pelo presidente do Rio de Janeiro, poderia tomar conhecimento do caso, para o entendimento a respeito.

São motivos de duvidas os dous trechos do territorio carioca — limitrophes com o Estado do Rio:

a) em Santa Cruz, a porção de terras contida do rio Guandú, desde o Guandú-Mirim ou Tingui á foz do mesmo Guandú, na bahia de Sepetiba, e os campos que se extendem até o rio Itaguahy;

b) em Irajá e Campo Grande, desde o rio Guandú-Mirim ou Tingui até a foz do rio S. João de Merity, abrangendo extensos terrenos, todo o vasto territorio com importantes povoados e animada lavoura.

## I

A divisa em Santa Cruz não offerece tantas duvidas e nem desperta ambições ao governo fluminense, quanto á que, por vezes, tem sido objecto de discussão e diz respeito aos rios Pavuna e Merity. O Districto Federal, embora certo do direito que lhe assiste na linha divisoria pelo rio Itaguahy, não tem discutido com pormenorizados estudos a questão da sua fronteira com o municipio fluminense de Itaguahy. Com referencia, porém, ás linhas divisionarias pelo Pavuna, Guandú-Mirim ou Tingui, insiste com argumentos pela manutenção dos antigos limites, contra os quaes se insurge sem nenhuma prova, sem nenhuma allegação ponderavel, o Estado visinho.

O limite pelo rio Itaguahy tem tambem a seu favor uma série de elementos elucidativos. O Itaguahy nasce na serra do Gericinó, com o nome de Guandú do Sena, descendo á planicie em direcção EW recebe o nome de rio da Prata do Mendanha, entre a estrada deste nome e a foz do Guandú do Sapé, de onde segue com a denominação de rio Guandú-Mirim, ou Tingui, até á confluencia do Guandú, *grande*, ou, Guandú, tomando dahi em deante o nome Itaguahy, até desembocar na bahia de Sepetiba. São afluentes, da margem esquerda: o rio dos Cachorros, que nasce na serra do Lameirão, em Campo Grande, e, da margem direita, o rio Guandú do Sapé. Tem de extensão 35.000 metros e de largura na foz 25 metros (1).

Guandú, Guandú Grande ou rio da Guarda forma-se da junção do ribeirão das Lages com o de Sant'Anna, no Estado do Rio. Atravessa terrenos desse Estado e encontra-se com o riacho Cacaraia, no lugar chamado Barra e depois com o Guandú-Mirim e o Itaguahy em terras da antiga freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, seguimento das antigas lavouras da freguezia de S. Pedro e S. Paulo, municipio de Itaguahy. Toma direcção ás terras do Districto Federal e recebe justamente em frente á localidade denominada Bananal o nome de rio da Guarda, depois Cortume, para formar nas proximidades o canal D. Pedro e deste se originar a valla de S. Francisco e o canal do Itá, tambem chamada valla do Itá. Atravessa os campos de S. Marcos, S. Miguel, Jacarehy, S. Paulo, S. José, Roma, S. Luiz e Santa Cruz. Recebe os pequenos rios Santo Antonio e Cabuçúsinho e lança-se na bahia de Sepetiba, no lugar denominado barra do Itaguahy, em frente a umas ilhotas e á restinga da Marambaia.

As planicies que cercam esses rios são constituídas por terras alagadiças ou ligeiramente accidentadas. São em parte os antigos campos de Guaratiba a Santa Cruz, outr'ora sesmarias dos Jesuitas, que formam essas planicies (2).

---

(1) Segundo o *Anuario de Estatistica Municipal*, pelo braço principal do Itaguahy até a sua foz na bahia de Sepetiba, o *thalweg*, que é a linha de limite do Districto Federal com o Estado do Rio.

(2) Constituídas em parte pela bacia do rio da Prata do Mendanha, desde as proximidades de sua nascente na serra do Gericinó, ao norte do districto de Campo Grande, onde é mais elevado o terreno. Medem de área 226.754.000m<sup>2</sup> mais ou menos — *Anuario de Estatistica Municipal* — 1910-1911, pag. 21.

Extendem-se de SO para NO e vão terminar onde existe o antigo convento dos carmelitas, em Guaratiba. Em Sepetiba na linha do oceano, começam os terrenos regulares de Santa Cruz, seguindo para o sul, numa distancia approximada de duas leguas, e, destacando-se com maior desenvolvimento, formam as terras componentes dos vastos campos do antigo curato e fazenda imperial, confinando com o logar — Cortume. Esses campos, pelos quaes passa a linha ferrea da *Central do Brasil*, do ramal de Itacurussá e Angra dos Reis, são cortados pelos rios e vallas que citámos e divididos em differentes áreas e por um aterrado de mais de legua, de Santa Cruz, no Districto Federal, a Itaguahy (3). Rasos e aproveitaveis numa regular porção até o mar foram avaliados em trechos accessiveis a culturas, para o arrendamento que se fez de parte da fazenda nacional de Santa Cruz, com os elementos conhecidos através de varios estudos, inclusive a "Historia da Imperial Fazenda de Santa Cruz", do Dr. José de Saldanha da Gama, e a «Planta da fazenda nacional de Santa Cruz», comprehendida na área do Districto Federal, levantada pelo engenheiro J. A. de Aguilar Pantoja, ajudante do zelador dos proprios nacionaes (na escala de 1:30.000). Só a área do campo de Santo Agostinho é de 770. 476.<sup>m2</sup>, ou 153 3|16 alqueires, que foram arrendados a Eugenio Magalhães.

As planicies de Santa Cruz são sujeitas a inundações no verão, a começar em outubro, na época das grandes chuvas. As cheias do Guandú vão até março, quando se notam os primeiros signaes da vasante, fazendo-se periodicamente desobstrucções, das quaes uma das mais importantes foi feita em 1902 no trecho entre a fazenda do Guandú e o logar Tingui. Os rios, avolumados pelas aguas, derramam-se pelos campos, alagando-os, de fórma a obrigar o gado a refugiar-se para pontos mais elevados, enquanto permanecem as inundações. As aguas têm por varias occasiões invadido o leito da *Estrada de Ferro Central do Brasil*, impedindo o trafego desta via-ferrea por algum tempo. A extensão total das superficies alagadas pode ser calculada em cinco kilometros quadrados, mantendo-se, porém, parte dos campos visinhos da bahia de Sepetiba quasi sempre encharcada (4). Em excellente opusculo

---

(3) A estrada do Aterrado de Itaguahy, da jurisdicção do Districto Federal, é na freguezia e districto de Santa Cruz, o logradouro de maior condensação predial (tres predios com 101 habitantes, ou a média de 33,67 por predio).

do Dr. Antonio Candido do Amaral, que foi alto funcionario da administração do Districto, esse assumpto é estudado incidentalmente nas « Questões de silvicultura — Noticia sobre as mattas do Municipio Neutro e sua exploração ».

Moreira Pinto, no « Diccionario Geographico do Brasil », refere-se ao rio Guandú e á zona limitrophe com o Estado do Rio, e, para accentuar a importancia da região que foi descripta por Saint'Adolphe, dentre os poucos escriptores que a estudaram, recorda que, na vertente da serra que dá para esse rio, no correjo S. Manoel, é crença existir uma extensa mina de ouro.

Varias pontes dão passagem sobre o Guandú. Já em 1831, segundo documento do Archivo Municipal, foi construida uma boa ponte no lugar denominado Pinheiro, pertencente á *Estrada do Matto do Rei*.

Sobre a actual ponte alli existente e no lugar — Cortume — encontra-se historica inscripção gravada pelos Jesuitas num padrão de armas portuguezas.

A ponte de cantaria, no caminho dos antigos cortumes, tem no anteparo esta inscripção, antiga obra de arte, restaurada pelo coronel Durisch, arrendatario da fazenda de Santa Cruz:

I. H. S.

*Flecte genu tanto sub nomine*

*Flect Viator*

*Hice etiam reflua flectitur*

*Amnis aqua (5)*

Nas extensas terras do Viegas, do Gericinó, do Mendanha,

(4) No districto de Santa Cruz, na enorme zona comprehendida entre o povoado e o rio Itaguahy, existia extenso pantano, cuja superficie o *Anuario de Estatistica Municipal* (1910-1911) avaliou em 47.821.000m<sup>2</sup>. Este pantano está sendo aos poucos saneado pelos Srs. Durisch & Comp., que muito já têm conseguido, quer com os trabalhos de desobstrucção e conservacção das vallas e canaes ahi construidos em época anterior a 1759 pelos padres da Companhia de Jesus, quer com a execução de outras obras de deseccação e cultivo adequado. Esta área é estimada pelo *Anuario da Estatistica Municipal* (1910-1911) em 27.820.000m<sup>2</sup>.

(5) Neste lugar o viajante inglez John Mawe, de ordem do Vice-Rei D. Fernando José de Portugal, posteriormente Marquez de Aguiar, estabeleceu em 1808 um engenho para abastecer a Córte Real que deveria aportar ao Rio de Janeiro.

A traducção da inscripção latina é, segundo autorizado latinista, a seguinte: *Viajante dobra teus joelhos diante da divindade, porque aqui as proprias aguas se dobram a isso.*

Conceição de Marapicú e outras, nos limites da cidade do Rio de Janeiro, e por onde correm os rios Mendanha, Guandú-Mirim, etc., estavam outr'ora comprehendidas as sesmarias concedidas ao Visconde de Asséca, pela carta régia de 17 de julho de 1674, sesmarias que iam de Campo Grande á Parahyba do Sul. Por escriptura publica, de 6 de janeiro de 1772, instituíram D. Helena de Andrade Souto Mayor Coutinho (viuva do capitão-mór Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria) e seus filhos, dentre os quaes o Dr. José Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, da terça legitima, um morgadio em Marapicú, — que D. José I revalidou. O decreto de 9 de fevereiro de 1779 e o alvará de 26 de agosto do mesmo anno confirmaram esse morgadio, que, em nossos dias, foi propriedade do Conde de Aljezur, descendente daquella illustre familia. Ainda nessas terras, noutros tempos, ficavam as opulentas fazendas do Gericinó (6) e do Cabral. A primeira possuía vastas pastagens, muitas qualidades de madeiras, confortavel casa de moradia e na serra do Gericinó uma cachoeira. D. Pedro I costumava frequental-a e vimos ha tempo uma carta que lhe dirigiu o primeiro Marquez de Barbacena sobre o projecto de viagem ao local e providencias dadas por Antonio Felix. Este Antonio Felix, de que trata o documento guardado no Archivo Municipal, foi de certo o progenitor do commendador e capitão Antonio Felix Cabral e Mello, proprietario da fazenda do Cabral.

O curato de Santa Cruz que se formou no decorrer do anno de 1833, dum largo trato de terras de antigas sesmarias desmembradas e, principalmente, da dos Jesuitas, destacou-se de S. Francisco Xavier de Itaguahy, desde o rio Tingui ou Guandú-Mirim, junto da lagôa formada pelo mesmo rio outr'ora denominada *Moogwarehyba* e dahi pelo leito do Guandú-Mirim até á confluencia com o Itaguahy — seguindo o leito deste a encontrar a foz na bahia de Sepetiba.

O decreto de 30 de dezembro desse anno desannexou da Provincia do Rio de Janeiro e da villa de Itaguahy, creada em 5 de

---

(6) A fazenda do Gericinó é hoje propriedade do Ministerio da Guerra, que a adquiriu em 1907 a Alexandrino Pires Coelho, por 600 contos, destinando-a, juntamente com a de Sapopemba, incluída na compra, a uma villa militar. A serra do Gericinó dista seis kilometros da estação do Realengo. Foi pela primeira vez citada, em trabalhos topographicos de divulgação, no mappa do professor Olavo Freire, de 1894. Ampliado posteriormente e corrigido, esse mappa foi incluído na nova edição da nossa *Chorographia do Districto Federal*.

julho de 1818, o curato de Santa Cruz, actual districto municipal deste nome. O decreto da Regencia Permanente passando a circumscripção religiosa para o termo da cidade do Rio de Janeiro é assim redigido:

«Tendo em consideração ao que representaram os moradores do curato de Santa Cruz: Ha por bem, em nome do Imperador e Senhor D Pedro II, determinar que o referido curato fique desligado do termo da villa de Itaguahy, a que se acha unido pelo decreto de 15 de janeiro do corrente anno, que nesta parte fica derogado, e pertença d'ora em diante ao termo desta cidade.»

Quanto aos detalhes da zona de limites, recentes estudos do Dr. Arroxellas Galvão que sobre o assumpto pesquisou e notadamente sobre a origem da fazenda dos Jesuitas e da parte que ficou pertencendo ao actual Districto Federal contêm preciosas notas ineditas, confirmando as demarcações acceitas pela administração da cidade do Rio de Janeiro. Em seu interessante e utilissimo livro «Limites das circumscripções Judicarias», que constitue hoje o decreto federal n. 12.356, de 10 de janeiro de 1917, marcando as circumscripções da justiça do Districto (7), o illustre Dr. Arroxellas Galvão cita o alvará de 12 de janeiro de 1755, que eregiu em vigararia collada a igreja da fazenda de Santa Cruz, alvará registrado no livro XXXV, fls. 81 e seguintes da Provedoria da Real Fazenda, e existente no Archivo Nacional, e mais: o auto da medição da Imperial Fazenda de Santa Cruz (1829), fls. 62 e seguinte.

Não só quanto á propriedade dos padres da Companhia de Jesus, em Santa Cruz, como tambem aos beneficios, melhoramentos diversos, e mesmo a algumas obras de engenharia por elles executadas na fazenda, existem achegas que reconstróem o scenario daquella região. Subsistem em nossos dias vestigios admiraveis do esforço dos loyolistas. A valla mais conhecida no Districto Federal é a do Itá. E' obra dos Jesuitas que a construíram no seculo XVII para impedir o alagamento dos campos de Santa Cruz, nas grandes inundações provindas do Guandú e seus afflu-

---

(7) Consolidou disposições do decreto n. 9.263, de 28 de dezembro de 1911.

Os commentarios sobre limites, da lavra do Dr. Arroxellas Galvão, se encontram no *Rio Jornal*, de 20 de setembro de 1918. Taes informes condizem, com referencia ao rio Itaguahy, com o que se lê nas *Memorias*, de Pizarro, 2º volume, pag. 89.

entes. Atravessa regular extensão, a partir do Guandú-Mirim, e num trecho está sob as antigas linhas de bonds que trafegavam para Itaguahy, por onde hoje passa o ramal de Itacurussá, da Central do Brasil.

Recebe as aguas de varias outras vallas, entre as quaes a da Goiaba e a de Santa Luzia, e vai desembocar em Sepetiba. Forma a valla de S. Francisco e occupa 9.450 metros de extensão, tendo de largura na foz 12 metros.

E' a principal, sinão a unica via de communicacão fluvial no territorio de Santa Cruz, prestando ainda hoje serviços ao commercio da localidade. A' margem esquerda da valla do Itá fica a estrada de rodagem, larga e arenosa, que começa na estação da estrada de ferro.

De notas que possuímos offereçamos informes no tocante á Santa Cruz, á sua historia e ás suas tradições:

Por carta de sesmaria de 23 de julho de 1567 concedeu Martim Affonso de Souza, capitão e governador da Capitania de S. Vicente, a Christovam Monteiro (que foi ouvidor do Rio de Janeiro) uma *data* de terras em Guaratiba. Por escriptura de 8 de dezembro de 1589 Marqueza Ferreira legou ao Collegio da Companhia de Jesus desta cidade metade das terras que foram de Christovam Monteiro e cuja posse teve logar em 10 de fevereiro de 1590, como se vê do *auto de posse e traslado*, dados ao reverendo Estevão de Gran, procurador dos Jesuitas. Em 1596, a 12 de fevereiro, iniciou-se a medição da sesmaria dos Jesuitas, terminando em 16 de setembro de 1613. Em 9 de junho de 1616, Manoel Velloso Espinha e Jeronymo Velloso venderam aos padres outras terras que possuíam em Guaratiba, contidas na sesmaria doada por Martim Affonso de Souza, procedendo-se em 19 de agosto do anno seguinte medição. Em 1654 metade da sesmaria do capitão Thomé Corrêa de Souza de Alvarenga, herdada de seu pae o capitão Manoel Corrêa e de sua avó Maria de Mariz, passou por compra aos Jesuitas.

O antigo possuidor fôra Antonio Alvarenga, por titulo de Gonçalo Coelho, capitão da Capitania de S. Vicente (1629). Parte das terras, nas cabeceiras do Guandú, pertenceu a Francisco Frazão de Souza e em 1656 foi vendida aos abastados loyolistas.

Procuraram os padres de Jesus demarcar suas terras e, para esse fim, teve inicio em 1729, a 29 de outubro, juntamente com a



medição, a organização do tombo das terras de Santa Cruz, como haviam requerido a El-Rei, que por provisão de 12 de julho de 1727 lhes déra o devido consentimento. A medição terminou, segundo uns em 17 de abril de 1731, e, como querem outros, em 5 do mez seguinte, no mesmo anno.

No tombo foram incluídos todos os pertences da fazenda: — terras, casas, fóros e mais cousas, existindo pelo arrolamento procedido 14 curraes, uma olaria, uma carpintaria, hospedaria, casa de farinha, armazem e forno da cal (8).

Depois da expulsão dos Jesuitas, decretada por Pombal, em 1759, o Dr. Manoel Francisco da Silva e Veiga, desembargador dos aggravos e juiz do sequestro geral dos bens, começou o inventario da fazenda de Santa Cruz, como se lê na revista *Archivo do Districto Federal* (tres primeiros fasciculos, 1º vol., 1894).

No alludido inventario da *Real Fazenda de Santa Cruz e bens que nella se acham que fez o desembargador dos aggravos e juiz do sequestro geral feito aos denominados Jesuitas*, foi incluída a escravatura e todo gado vaccum e cavallar.

O perimetro da fazenda era de cerca de 207 kilometros. Feita a Independencia, passou para o dominio do Imperador e de seus successores a antiga propriedade que fôra dos Jesuitas e da corôa portugueza (9). Tendo sido roubado o tombo original em 1825, ordenou-se no mesmo anno a medição, segundo as instrucções de 26 de agosto.

Em 1827 ultimou-se esse trabalho, sendo em 1828 e 1829 julgada a medição em accórdão da Relação.

Os engenhos do Piahy e Taquati foram vendidos por 251:041\$133, em observancia á carta régia de 7 de novembro de 1803.

Em 1832, D. José da Silva Coutinho, bispo do Rio de Janeiro, satisfazendo pedido dos habitantes de Santa Ephigenia, Cantagallo

---

(8) O Dr. Felisbello Freire, na *Historia da cidade do Rio de Janeiro, 1564-1700*, retraca as tradições dos Jesuitas e sua interferencia na obra do desenvolvimento da cidade.

(9) Já ao tempo do principe regente D. João, era Santa Cruz lugar de recreio para sua familia. Foi por essa época melhorado o caminho que se chrismou definitivamente Estrada Real de Santa Cruz, graças ao intendente geral da policia Paulo Fernandes Vianna. Data, porém, de remotos dias da colonia a abertura da longa e sinuosa estrada que, atravessando as freguezias de Inhaúma, Irajá e Campo Grande,

de Dentro e Curral Falso, antigas terras jesuíticas, creou o curato de Santa Cruz, baixando a provisão que vae transcripta:

« Provisão — Aos que este nosso edital virem — saude e bençam. Fazemos saber que, na provisão do capellão curado o parochio da capella curada da Fazenda Nacional de Santa Cruz, que em junho proximo passado passamos a favor do padre Miguel Martins da Luz, que já era simples capellão da mesma fazenda, se deve entender por applicados desta capella curada, não só os escravos, mas todas as pessoas, que morarem e residirem dentro dos limites da mesma fazenda nacional, comprehendendo a Fazenda do Piahy até o rio Tingui; e como taes se deviam já ter considerado o dito reverendo padre Miguel Martins da Luz, administrando-lhes todos os sacramentos, sem delegação de mais ninguem e alistando-os no livro de sua igreja, como seus proprios freguezes e verdadeiros parochianos. E para que mais não tornem a vir com duvidas, esta genuina e canonica intelligencia da sobre dita provisão, mandamos passar o presente edital para se affixar na porta interior da sacristia da capella curada de Santa Cruz e nos mesmos logares de Guaratiba, Campo Grande e Marapicú — Dada e passada na residencia episcopal da Fazenda Nacional de Santa Cruz, aos 16 do mez de janeiro de 1832.»

No mesmo mez e anno, a 23, o bispo desmembrou parte de terras de Guaratiba, incorporando-as ao curato de Santa Cruz.

E' do teor seguinte a provisão episcopal:

“ Fazemos saber que attendendo ao que nos representaram o reverendo José da Silva Santiago e mais moradores do Cantagallo de Dentro e do Canhanga e a respeito dos dois parochos confiantes e interessados, que ouvimos por escripto e que são con-

---

ia ter á antiga sesmaria de Christovam Monteiro. Foram fincados sob a governança de D. João doze marcos de pedra, ao longo da estrada, indicando as leguas. Teve os seus grandes dias a estrada de Santa Cruz: por ella passavam as régias carruagens, ministros de Estado e nobres. Sendo pequena a casa da fazenda, no logar do curato, os criados e *toma-larguras* do paço hospedavam-se na fazenda do Matto da Paciencia, pertencente então a João Francisco da Silva e Souza, casado com D. Marianna Eugenia Carneiro da Costa, filha mais velha de Braz Carneiro Leão e de D. Anna Francisca Rosa Maciel da Costa, primeira baroneza de S. Salvador de Cmpos (*Revista do Instituto Historico*, tomo 43).

Algumas vezes, a familia de D. João hospedava-se na fazenda do Bangú, de D. Anna de Moraes e Castro. N'A *Noticia*, de 1 de dezembro de 1903, e no tomo 68 da *Revista do Instituto Historico*, o Dr. Vieira Fazenda cita varios factos alli occorridos e regista o depoimento da escriptora ingleza Maria Graham na obra *Journal of Voyage to the Brasil*, sobre Campo Grande.

formes com as observações que fizemos pessoalmente em visita: Havemos por bem declarar como pelo presente edital declaramos que os ditos moradores de Cantagallo de Dentro e do Canhanga, que davam obediencia á parochia de Guaratiba, ficaram de ora em diante pertencendo como applicados á capella curada da Fazenda Nacional de Santa Cruz. E, para que chegue a noticia ao conhecimento de todos, mandamos que as cópias authenticas do mesmo edital sejam affixadas na porta interior das sacristias das duas ditas igrejas e registradas de *verbo ad verbum* em seus livros respectivos. Passada na residencia episcopal de Itacurussá, aos 23 dias do mez de janeiro de 1832.”

A provisão de 16 de janeiro de 1832, marcando o limite do curato pelo rio Tingui, do lado do actual Estado do Rio de Janeiro, foi respeitada até os nossos dias. Essa linha divisoria é a que registra a Carta Cadastral, o professor Olavo Freire, o Anuario da Estatistica Municipal, o Dr. Arroxellas Galvão, o decreto federal n. 12.356, de 10 de janeiro de 1917, o decreto municipal n. 864, de 29 de abril de 1912 (10) e a *Chorographia do Districto Federal*, do autor desta *Memoria*.

O *Atlas*, do Barão Homem de Mello, e o *folio* 31 do *Atlas do Brasil*, de Olavo Freire, consignam, não só o Pavuna, como o Itaguahy, demarcando as fronteiras cariocas, a nordéste, oeste e noroeste; limites que, pelo mesmo autor e reputado professor e cartographo, são commentados em artigo da *Época*, de 12 de abril de 1918, a proposito da questão suscitada por causa do rio Pavuna.

Monsenhor Pizarro, ao tratar no tomo V das suas *Memorias Historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdicção do Vice-Rei do Estado do Brasil*, á pag. 102 dessa obra, impressa em 1820, diz com referencia á antiga aldeia de indios dos Jesuitas em Itaguahy ou Taguahy:

« Limita-se ao norte com a freguezia de Santa Familia do Tinguá, em mais de quatro leguas, ao nascente com a de Marapicú, em tres no mesmo rumo, e noutra distancia semelhante limite até o Curral Falso, onde acaba o campo da fazenda de Santa

---

(10) Santa Cruz, actual 24º districto municipal, tem 110 kilometros e 3.260 metros de área. Constitue o 27º districto policial (de 1ª entrancia). Limita-se, segundo o decreto municipal n. 864, de 29 de abril de 1912, com o Estado do Rio, pelos rios Tingui ou Guandú-Mirim e Itaguahy até á sua foz em Sepetiba.

Cruz com a de Guaratiba; ao sul, em perto de tres leguas, com a de Mangaratiba e, finalmente, ao poente, em tres, com a aldeia de S. João Marcos » (11).

A lei de 15 de outubro de 1827, que regulamentou o art. VI da Constituição do Imperio, creando os juizados de paz, em substituição aos juizes de vintena, juizes de fóra, juizes de bairros, etc., prescreveu a jurisdicção dos juizes de paz em cada freguezia ou capella curada e, segundo documento do Instituto Historico, deveriam ser ainda por essa época pertencentes á cidade e seu termo as antigas freguezias coloniaes, quatro situadas propriamente na cidade; vinte e seis, em todo o termo; de *serra dentro*, dezeseite e de *serra fóra*, nove (12).

Mais tarde, como elemento subsidiario ao que se iê no tomo LXII, parte I, pag. 32, da *Revista do Instituto*, veiu o Codigo do Processo, de 29 de novembro de 1832, cuidando da divisão civil e judiciaria das Provincias em districtos de paz.

Na Côrte se encarregaria dessa divisão o governo imperial. Em 15 de janeiro de 1833 foi creada a villa de Iguassú, formada com as freguezias de Iguassú, Inhomirim, Pilar, Jacutinga, Merity

(11) No «Regimento das Camaras Municipaes», de Cortines Laxe, 2ª edição annotada por Macedo Soares, pag. 494, a aldeia de Itaguahy é citada como tendo sido fundada por Mem de Sá, no logar chamado Itinga. Por provisão de 15 de novembro de 1759 foi elevada á parochia encommendada, com a invocação de S. Francisco Xavier, entrando para a classe das perpetuas pela Ordem de 22 de dezembro de 1795.

Da aldeia de indios de Itaguahy, Joaquim Norberto de Souza e Silva trata na sua *Memoria sobre os aldeamentos (Memoria Historica das Aldeias dos Indios da Provincia do Rio de Janeiro)*.

No interessantissimo folhêto «Distancias da Cidade do Rio de Janeiro ás principaes cidades e villas da Provincia», organizado em 1846 pelo tenente-coronel de engenheiros Miguel de Frias e Vasconcellos e offerecido ao Senador Manoel Alves Branco, ha as seguintes informações: «A Côrte do Rio de Janeiro dista 66 milhas, por mar, de Itaguahy, 41 1/2 pelo caminho mais curto e conhecido e está o povoado de Itaguahy a 35 milhas geographicas. Iguassú dista 22 milhas da Côrte e 27 pelo caminho mais curto e conhecido. (Archivo Municipal.)

(12) *O Rio de Janeiro e seu Termo* — Manuscripto coordenado nos fins do seculo XVIII e offerecido por Francisco Adolpho de Varnhagen ao Instituto Historico. Em seus *Annaes do Rio de Janeiro* o Dr. Balthazar da Silva Lisbôa reproduz o officio que, como juiz de fóra, presidente do *Senado da Camara* do Rio de Janeiro, dirigiu ao ministro Martinho de Mello Castro em 1 de janeiro de 1788. (Archivo do Instituto Historico.) Acredita-se que Balthazar Lisbôa copiasse aquelle manuscripto, tal a semelhança dos conceitos. Vieira Fazenda acceta essa versão e transcreve no seu estudo sobre os Limites o excerpto daquelle manuscripto a respeito do Merity, do qual nos vamos occupar na segunda parte desta Memoria. Para o caso propriamente da linha divisoria pouco adianta o que se encontra alli acêrca desse rio. O que se contém no trabalho publicado ultimamente na *Revista do Instituto*, foi, em parte, impresso pelo Dr. Mello Moraes no *Brasil Historico*.

e parte da de Marapicú. A villa de Itaguahy ficaria com os limites demarcados pelo alvará de 8 de junho de 1818, com excepção do territorio desmembrado para villa de Mangaratiba, obedecido o decreto de 26 de março de 1832.

Em 23 de março de 1833 o curato de Santa Cruz foi definitivamente separado, para todos os effeitos, do termo de Itaguahy, cuja villa fôra installada em 11 de fevereiro de 1820.

## II

Quanto aos limites pelo lado de Irajá e parte de Campo Grande, o elemento historico de contestação é ainda mais farto e concludente em defesa do Districto Federal.

São poucos os contradictores que se armam de lança em riste contra o dominio do Districto naquellas terras. São poucos e fracos os oppositores que apresentam allegações e entre estes o Sr. Elyseu de Alvarenga, funcionario do Estado do Rio e morador em São João de Merity, e cujas razões não vão além dos motivos enumerados, em falta de documentação capaz, aliás inexistente para justificar siquer a pretensão fluminense.

Entre as allegações apresentadas figura a que se refere á situação topographica do canal do Pavuna, a poucos metros do rio, que é o limite historico do Districto com o Estado do Rio.

Argumentam os contrarios com a indicação constante do relatório do Ministerio do Imperio, de 1833, e pela qual está inadvertidamente citado o canal no quadro das obras publicas que se procediam na villa de Iguassú.

Esse documento nenhum valor tem.

Antes de 1834 qualquer obra a executar ou executada no Rio de Janeiro — por parte do governo geral — quer na cidade, quer noutro ponto da Provincia, poderia ser discriminada legalmente entre as que se procediam na Provincia. Os territorios administrativos da cidade e da Provincia só tiveram existencia politica integralmente definida depois de 1834. O acto addicional á Constituição do Imperio, como lei de reforma, tornou effectiva a legislação anterior nos pontos em que não contrariava o espirito do legislador.

Antes mesmo de 1834 varias obras foram feitas por conta da Camara Municipal da cidade do Rio de Janeiro, e documentando essa interferencia registaremos a portaria do Ministro do Imperio

José Lino Coutinho dirigida á Municipalidade sobre a despeza por esta executado, portaria que se lê em papeis ácêrca do canal da Pavuna em 1832 (ARCH. MUN.—*Canal da Pavuna* — livro de 1832-1833 — fls. 2) e mais ainda: o officio do Ministro do Imperio Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, endereçado ao presidente da Camara, quanto á despeza com aquella obra pelos cofres das Obras Publicas a cargo do governo da cidade, em 1833. (ARCH. MUN.—*Canal da Pavuna* — livro de 1832-1833 — fls. 4).

No correr do anno de 1833 vamos encontrar outra prova de que as obras eram custeadas pelos cofres municipaes: a exposição do encarregado da contabilidade da Camara, Antonio José de Bem, em que apresentava aos vereadores, em 2 de setembro, a conta da despeza com o canal, satisfazendo exigencia da portaria do Ministerio dos Negocios do Imperio, de 16 de agosto, e decisão da Camara Municipal, de 30, do citado mez e anno.

O relatorio da pasta do Imperio, do anno de 1835, contemporaneo, pois, do acto addicional, rectifica a inclusão constante do quadro que figura em igual documento de 1833. Nelle diz o ministro Joaquim Vieira da Silva e Souza:

“Pelas averiguações a que se procedeu depois do ultimo relatorio, foi o governo informado de que a obra do canal da Pavuna existe ainda e tem de continuar dentro do Municipio da Côrte; entretanto, como no calculo para a lei do orçamento de 3 de outubro de 1834 a consignação para as suas despezas foi lançada á Presidencia Provincial, tornou-se indispensavel suspender aquella obra e só autorizar alguma pequena despeza que a sua conservação exija.

Espera o governo que o habiliteis desde já com uma quantia sufficiente para dar andamento aos trabalhos interrompidos, afim de que não venham a inutilizar-se.”

Mais expressivo e mais efficiente, no ponto de vista com que devemos discutir o caso do canal da Pavuna — que é uma das allegações fluminenses, vemos o relatorio de 1836 dirigido á Assembléa Geral Legislativa pelo Ministro do Imperio José Ignacio Borges:

«O canal da Pavuna que, por algum tempo, se entendeu que estava no territorio da Provincia, hoje se reconhece que está no do Municipio da Côrte; e o governo cuidará, portanto, de sua conservação, mediante as sommas que lhe forem consignadas.»

O canal que tem de extensão 3.950 metros e largura de 20 metros em Tres Barras, começou a ser construído em 23 de março de 1829 (13), encarregando-se das suas obras o marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres (Visconde de Jurimirim) e o major João Antonio Rangel de Vasconcellos, e foi, desde 1832, com interrupções, beneficiado pelos poderes da cidade do Rio de Janeiro. Teve enorme importancia nas relações commerciaes entre a baixada fluminense e o porto de Irajá, nos recantos da bahia de Guanabara. A' sua margem esquerda, no povoado da Pavuna, ainda existem os trapiches pertencentes á abastada familia Tavares Guerra, no tempo em que por alli passavam todos os generos procedentes da baixada e da serra da Estrella.

Um dos membros dessa illustre familia possuiu á margem direita do canal a fazenda da Conceição que se limitava com a do Botafogo, em cujas terras está a estação Costa Barros, da Estrada de Ferro Rio do Ouro.

Em 1835, como nos esclarecem documentos sobre o canal e guardados no Archivo Municipal, Antonio Tavares Guerra reclamou á Camara contra o abuso de consentirem os donos de gado que os animaes pastassem junto áquella via de comunicação, e « de modo a se produzirem estragos ». A portaria do Ministerio

---

(13) A abertura do canal foi autorizada pelo Aviso de 7 de janeiro de 1829, em virtude da Resolução de 5 de dezembro de 1828, sob consulta da Junta de Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação, sendo ministro do Imperio José Clemente Pereira. (*Collecção Nabuco e Diario Fluminense*). Foi membro da commissão de engenheiros o major João Antonio Rangel, que falleceu no posto de marechal. Era illustre filho da freguezia de Irajá, em cujas terras possuem propriedades seus descendentes. Recordando os seus serviços, ha em Irajá a estrada Marechal Rangel. Vieira Fazenda refere-se a uma carta desse illustre militar, datada de 1 de julho de 1833, sobre dissecação dos pantanos da freguezia, de Merity e Iguassú, com o fim de acabar com as mortiferas epidemias de febres paludosas que assolavam essas localidades. « Querendo — dizia Rangel — ir com o mesmo zêlo de V. Ex. pelo bem estar dos comprovincianos, uma vez que não pôde haver logar o esgoto intentado e admittido, vencidos todos os costumados *obstaculos* e as *infernaes intrigas*, que nunca faltam para cousa alguma se acabar com perfeição — como aconteceu com o canal da Pavuna — que tive assim mesmo e naquella época a honra de traçar as primeiras paralelas para a sua abertura do ponto que, antes, commigo, havia imaginado o brigadeiro Caldeira. » Esta carta ou antes memoria que mereceu no seio da Academia de Medicina os louvores do Dr. Jobim foi publicada á pag. 157 da *Revista Medica Brasileira*, vol. 4º, sessão de 10 de março de 1838. *Limite entre o Estado do Rio de Janeiro e o Districto Federal*: — *A Noticia*, de 27 de outubro de 1903 — *Chronicas do Dr. Vieira Fazenda*, collecção do Archivo Municipal, 1º vol., fls. 26 e 27; *Revista do Instituto Historico*, tomo 68, parte I.

O aviso de 30 de março de 1837 nomeou para inspeccionar as obras do canal o marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres, coadjuvado pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer.

do Imperio, de agosto daquelle anno, recommendava á Camara que informasse a respeito da queixa de Tavares Guerra. Em consequencia disso, em 11 de setembro, alguns vereadores submeteram ao juizo de seus collegas uma proposta para que toda pessoa que tivesse terras proprias ou arrendadas em frente ao canal da Pavuna ou de outras que existissem de igual uso, no termo do Municipio da Côrte — seria obrigada pela utilidade publica e particular a promover a sua conservação e ficava-lhe prohibida a construcção de fossos e buracos que prejudicassem á obra do canal (14).

Em 1892 foi nomeado pela Municipalidade o engenheiro Dr. Luiz José da Silva Junior para cuidar das obras, e em 26 de junho do mesmo anno o Presidente da Intendencia Municipal Dr. Candido Barata Ribeiro designou o mesmo engenheiro para levantar a planta dessa via hydrographica e apresentar o plano de melhoramentos necessarios. No fim do anno de 1892 o Dr. João Cordeiro da Graça, incumbido então das obras, inaugurou parte daquelles melhoramentos, tendo navegado em aguas do canal até Merity uma pequena lancha.

Executava-se assim velha aspiração dos moradores e lavradores da região que, em 1831, já haviam conseguido projectos e obras, bem como aqueductos que deveriam ser ligados ao rio Pavuna, votando-se para esse fim o credito de 50 contos.

O canal da Pavuna ou, melhor do Pavuna, hoje obstruido e cercado de plantações de fumo, producto agricola que é aprovei-

(14) Sebastião Fabregas Surigué, no *Almanach Surigué*, anno de 1836, pag. 263, dá noticia do canal de navegação denominado da Pavuna que principiou em 1829, sendo delle inspector o Barão de Ubá, membro da Junta do Commercio. O nivelamento e o levantamento da carta topographica da zona «entre o rio Guandú e a bahia» — foram feitos pelos engenheiros citados em nota anterior e com a coadjuvação de Pedro de Alcantara Bellegarde.

A primeira escavação ou valla que se estendia até á estrada de Minas e podia ser *alimentada pelas aguas da maré* foi feita pelo major Rangel, até abril de 1831, ficando então encarregado do trabalho Bento de Oliveira Braga. Em 1832, por dezembro, tomou conta das obras o coronel Manoel José de Oliveira e sob sua direcção fizeram-se grandes côrtes e desvios nas aguas do Merity, por entre o lodagal que tem na foz. Em 1834 interrompeu-se, como pensava Surigué, essa obra e a parte construida comprehendia uma legua, do trapiche de Antonio Tavares Guerra até á foz. O molhe ou caldeira do canal, pelo lado do mar, era de 20 braças de comprimento e 10 de largura.

O segundo molhe, junto á estrada de Minas, tinha 40 braças sobre 20 de largura. O taboleiro que formava o corpo do canal era de quatro braças de largura na superficie d'agua. A profundidade era de seis palmos. (Notas colligidas no *Almanach Geral do Imperio do Brazil*. Bibliotheca Nacional — 307 — 1 — 13 — catalogo.)



tado intelligentemente na industria de charutos por uma fabrica situada no povoado daquelle nome — foi sempre beneficiado pelo governo municipal. Innumeros documentos existentes no Archivo Municipal comprovam fartamente, como vimos, essa intervenção, e entre esses preciosos elementos de consulta estão os papeis que tratam de um pleito dos Tavares Guerra, ao tempo do governo da Regencia.

\* \* \*

O limite do termo do Rio de Janeiro, hoje Districto Federal, nessa região com o Estado do Rio, foi sempre assignalado pelo rio Pavuna.

Citemos em ordem os documentos que isso comprovam:

O rio Pavuna que *divide esta freguezia* (S. João de Mereti) *da de Irajá* — pelo lado do sul, « não se origina » — diz Monseñhor Pizarro — « immediatamente de serra alguma, mas de charcos e varzeas alagadiças situadas entre as fazendas do Retiro e do Jerixinó (Gericinó) visinhas á serra... »

Dahi, mais acima da ponte por onde se passa ao territorio de Irajá, commenta Pizarro: — « Desde a sua origem á ponte tem o nome de Pavuna; e desse logar por deante chama-se rio de S. João, pela visinhança em que corre da matriz e entra no Merity. » (*Memorias Historicas*, pag. 17, 3º vol.) (15)

*Pabuna* ou *Ipabuna* (tudo preto) nasce, de facto, em pequenos charcos entre as fazendas do logar denominado Sitio do Retiro, entre o morro Santo e a estrada do Carrapato, e num trecho é conhecido pelo nome de rio do Páu. Passa por terras de Irajá, na direcção SW, NE, limitando este districto com o Estado do Rio, e no logar Pavuna corre muito proximo do canal desse nome. Depois de um percurso de tres leguas, na direcção WE, lança-se no rio S. João de Merity (16) á margem esquerda deste, duas leguas e meia da bahia de Guanabara. Entre o logar Areal e a Pavuna recebe o riacho Acary e entre a estrada S. Bernardo e a

---

(15) Na *Carta da Capitania do Rio de Janeiro*, de Domingos Capacci, padre jesuita, que visitou o Brasil de 1729 a 1740, estão assignalados os cursos do Merity e do Pavuna. Bibliotheca Nacional.

(16) Merity ou Murity — rio dos mosquitinhos — é corrupção de *Mbiritib*, segundo o Dr. Macedo Soares.

do Cabral, o correço deste nome. Passa sob o leito das estradas de ferro Rio do Ouro e da linha Auxiliar. Era outr'ora navegavel cerca de tres milhas em linha recta até o porto de seu nome, onde se carregavam caixas de assucar e outros generos das freguezias de S. João de Merity e de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá. Tem de extensão 13.500 metros e de largura na foz 25 metros.

Hoje está obstruido em quasi toda sua extensão. Sobre o Pavuna ha varias pontes, sendo a mais importante a que existe no povoado de seu nome e construida de pedra.

Essa ponte foi melhorada em 1916 pelo Dr. Manoel Reis, Presidente da Camara Municipal de Iguassú, sem aliás nenhuma intervenção do Districto Federal, quando este tem nella o condominio.

E' a communicacão normal entre o povoado carioca da Pavuna e estação deste nome, das estradas de ferro Rio d'Ouro e Linha Auxiliar com a estação de Merity, no Estado do Rio.

Milliet de Saint Adolphe, em seu « Diccionario Geographico do Brasil (17) descreve o rio Pavuna, e Ayres de Casal em sua « Chorographia Brasilica », á pag. 107, refere-se ao Merity e ao Pavuna, e este como outros autores são favoraveis á contestação epposta pelo Districto Federal.

O padre Manoel Ayres de Casal, na « Chorographia Brasilica », ou « Relacão Historico-Geographica do Reino do Brasil », *composta e dedicada á Sua Magestade Fidelissima — por um presbytero secular* do grão priorato do Crato, e notadamente no tomo II, de um manuscripto de 28 paginas, de  $0,23 \times 0,17$ , feito com admiravel calligraphia no anno de 1814, trata com certa minucia da cidade do Rio de Janeiro. A data é certamente de 1814, pois assim está redigido no manuscripto: — « *Pelo arrolamento para a decima do presente anno de 1814 consta ter esta cidade...* »

O manuscripto foi evidentemente uma das achegas para o livro de 1817, que é a data da *Chorographia*.

Parece tratar-se de um estudo, que mais tarde foi ampliado e corrigido.

(17) *Diccionario Geographico do Brasil* — traduzido e anotado pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, pags. 105 e 206, 2º vol.

Diz Saint Adolphe sobre o limite pelo rio Pavuna: « Freguezia de Merity — Limitada ao sul pelos rios Pavuna e Merity que extremam o seu termo do da freguezia de Irajá. »

Casal localiza o Merity a um quarto de legua ao norte do Irajá (18). Este sahe de « uns pequenos lagos e dá curta navegação até o porto do seu nome. »

Aquelle, formado pelo Inhamuahy, que vem da serra do Bangú recebe o Pavuna « que se lhe une pela esquerda duas leguas e meia longe do mar ». O Merity atravessava terrenos alagadiços e só era navegavel por espaço de tres milhas em linha recta (19).

Se nem sempre os antigos estudaram com minucias as questões de posse e jurisdicção sobre terras limitrophes, deixaram todavia provas inconcussas que elucidam a pendencia de limites suscitada em nossos dias.

O documento de 1835, que vae abaixo reproduzido, derrama evidentemente sobre a contenda a maior luz de verdade historica; diz elle respeito ao pedido de informações feito pelo ministro do Imperio á Camara Municipal, em 30 de janeiro, no tocante ás demarcações de limites do municipio da Côrte. Isso solicitava o ministro Joaquim Vieira da Silva e Souza para attender á requisição que lhe fôra feita pelo coronel de engenheiros Vicente José da Costa e Almeida, encarregado do levantamento da carta topographica da Provincia do Rio. Em resposta, informava a Camara, sob proposta do vereador Estevão Alves de Magalhães, em sessão da Municipalidade de 10 de fevereiro do mesmo anno, com o seguinte parecer approvado no já citado dia pelos vereadores presididos por Francisco Gomes de Campos, posteriormente Barão de Campo Grande:

« Sou de parecer que se officie ao coronel Vicente José da Costa e Almeida, declarando-lhe que o rio Pavuna, que desagua no de S. João de Merity, é o que faz a divisão do Municipio de Iguassú do da Cidade; e que o mesmo coronel principiando ahi a fazer a demarcação se informe dos respectivos juizes de Paz e Vigarios quaes os limites de seus districtos e a que municipios pertencem. »

---

(18) Irajá como quer Theodoro Sampaio — *O Tupi na Geographia Nacional* — é corrupção de *Ira-yá* — lugar de onde brota o mel. *Ira-yá* escreviam os antigos, entre estes Frei Agostinho de Santa Maria, no « Santuario Mariano ».

(19) Na *Chorographia Brasilica* — Ayres de Casal repete a denominação Inhamuahy — que não é outro senão o rio Merity.

O *Annuario de Estatistica Municipal* — 1910-1911 — dá ao Merity a extensão de 25.500 metros, tendo de largura na foz 40 metros, 17 no lugar Tres Barras e 12 em Sapopemba.

Este documento, em original, pertencente á classe de papeis do Archivo Municipal sobre limites do Municipio da Côrte com a Provincia do Rio de Janeiro, está trasladado no livro de actas da *Illustrissima Camara Municipal*, de 1833 a 1837, fls. 133. Elle por si só esclarece de modo cabal, insophismavel, a duvida oposta pelo Estado do Rio.

Os limites em Irajá e Campo Grande são, pois, os rios Guandú-Mirim, S. João de Merity e o Pavuna, este desde o seu encontro com aquelle, como claramente explica o parecer de 1835, dous annos depois da discriminação de districtos judiarios da Provincia do Rio. Esse documento, dando como limite em seguimento do Merity o rio Pavuna, colloca a questão, além de outras referencias, no terreno da mais irrefutavel prova historica em favor do Districto Federal.

Diante de esclarecimentos que estamos a enumerar — pouco importa, como diz o Dr. Vieira Fazenda, que em 1845 — dez annos depois da informação prestada pela Camara Municipal, informação aliás, bem conhecida do grande mestre da nossa historia — que o governo da cidade em officio dirigido ao ministro do Imperio dissésse ignorar minucias sobre outros limites do municipio, e em ordem a satisfazer á Capitania do Porto.

O relatorio do Dr. Antonio Ferreira Vianna, quando presidente da Camara Municipal, em 1873, discrimina acertadamente para a freguezia de Irajá as seguintes linhas divisorias:

« De Monte Alegre (fazenda do tenente-coronel Felippe) a linha de limites vae ás fazendas das Palmeiras, de Nazareth, Botafogo e rio Pavuna, onde divide com a freguezia de Merity (que não é do municipio), abrangendo Pavuna, toda, Tres Rios, fazenda do Vigario-Geral, Saravatá e dahi á Penha, onde fecha os limites com Inhaúma. Da ponte do Pavuna, limita-se pela estrada do mesmo nome, do Areal até o logar do Sapé e dahi pela de Queimados, dividindo com as terras da fazenda da Boa Esperança, Sapopemba e Fontinha, atravessando a estrada geral de Santa Cruz, seguindo as divisas das terras do Valqueiro e Macacos, a confinar com a freguezia de Jacarépaguá.»

De accôrdo com a divisão marcada para a freguezia, quanto aos districtos de juizado de paz, segundo o Codigo do Processo, o primeiro districto comprehendia o arraial da matriz, Porto Velho, Penha, Vicente Carvalho, Areal e Pavuna, pelo lado es-

querdo; Fontinha, Macacos de Souza, Campinho e Madureira. (Edital da Illustrissima Camara Municipal, de 13 de junho de 1867) (20).

A linha da divisa, referida no *Atlas*, do pranteado brasileiro e sabio Barão Homem de Mello, é acceita com alguns commentarios pelo autor desta Memoria na *Chorographia do Districto Federal* (em varias edições), e na noticia historica inserta nos *Apontamentos para o Indicador do Districto Federal*, ainda de nossa autoria (edição de 1900). No *Anuario da Estatistica Municipal* e noutros trabalhos é, sem discrepancia adoptada pela Prefeitura do Districto Federal, na divisão dos districtos em que são delimitadas as agencias.

Olavo Freire, em seus interessantes e proveitosos mappas, um dos quaes incluído em nossa *Chorographia* e outro no folio 31 do *Atlas do Brasil*, cuja photogravura reproduzimos agóra, publicou a respeito dos limites do Districto com o Estado do Rio erudita chronica n' *A Época*, de 12 de abril de 1918.

Dos elementos com que elle contou para confecção dos trabalhos cartographicos, e dos estudos que conhecemos e dos quaes temos annotações, merecem ser citados:

a) *Mappa do Archivo do Instituto Historico*, doado pelo Imperador D. Pedro II: Carta topographica do terreno comprehendido entre a barra do Merity, na bahia do Rio da Janeiro e o rio Guandú, no campo do engenho de Belém, afim de verificar a possibilidade de construir um canal de navegação do Guandú ao Merity.

Estão nesse mappa determinadas as posições dos antigos engenhos do Vahia, Vassouras, Covanca, Barbosa, Pavuna, São Matheus, Carrapato, Brejo, além da margem esquerda do rio Pavuna e pertencentes todos á freguezia de S. João de Merity; e os de Nazareth, Botafogo, Maximo e de José Luiz Motta, situados aquem da margem direita do rio Pavuna e fazendo parte da freguezia de Irajá (21).

b) O Dr. Emygdio Ribeiro, engenheiro aposentado da Prefeitura e muito interessado na questão de limites do Districto,

---

(20) O Edital da Camara Municipal, de 29 de agosto de 1868. revogou a divisão de 1867, em virtude de reclamações que foram apresentadas ao Ministerio da Justiça.

(21) Levantado pelos engenheiros Francisco Cordeiro da Silva Torres, Francisco José de Souza Soares de Andréa, Antonio João Rangel de Vasconcellos, Pedro de Alcantara Bellegarde e Aloyso Carlos Wertheim.

foi quem dirigiu os trabalhos de elevar os marcos que determinam as tres leguas. Elle é favoravel á linha divisoria pelas aguas do rio Pavuna, separando o districto de Irajá, de Merity, « sendo o rio deste nome limite apenas desde a sua fóz até a confluencia com o Pavuna »;

c) Por uma escriptura de venda da fazenda de Nazareth, a mais proxima do rio Pavuna e onde está o morro do Nazareth, demonstrou o Dr. Vieira Fazenda, em artigo publicado n'A *Noticia*, de 17 de novembro de 1903 (Chronicas do Dr. Vieira Fazenda — collecção do Archivo Municipal), que só pelo facto de ter sido aquelle documento lavrado dentro do municipio se poderia decidir do litigio entre o Districto Federal e o Estado do Rio;

d) Theodoro Sampaio, no folio do Districto, do seu valioso *Atlas*, dá o Pavuna como limite com o Estado e, ao referir-lhe o nome, o illustre Olavo Freire enaltece a operosidade e cultura do notavel geographo e cartographo brasileiro;

e) No *Atlas* de Claudio Lomelino de Carvalho (1882), antigo professor de cartographia, no *folio* da Provincia do Rio de Janeiro, em cujo angulo superior á esquerda está a cartula do Municipio Neutro, vê-se a localidade da fazenda de Nazareth de que nos falla o Dr. Vieira Fazenda;

f) No relatorio da secção de triangulação do Municipio da Côrte, apresentado em 1878 pelo Dr. José Manoel da Silva (22), vê-se á pag. 34 que o quinto triangulo da primeira rêde tinha seus vertices no morro da Pedra Branca, pico de Gericinó e morro da Pavuna, e o lado formado pelas junções do pico do Gericinó com o morro da Pavuna contém grande parte do rio Pavuna. Pelo mesmo relatorio vê-se que foi constante preocupação da commissão a escolha de logares em que se deviam estabelecer as estações de primeira ordem em pontos do Municipio da Côrte. « Ora, estando o morro da Pavuna — argumenta Olavo Freire — a 83 metros de altitude, entre os rios Merity e Pavuna e não havendo outro curso d'agua que não seja o Pavuna, certo foi sempre este limite nordéste do ex-Municipio da Côrte »;

g) Sebastião Paraná, em seu conhecido e apreciado livro —

---

(22) Apresentado ao conselheiro marechal Beaurepaire Rohan, presidente da Carta Geral do Imperio.

« Os Estados da Republica », á pag. 257, diz numa nota acerca do Rio de Janeiro: « E' separado do Municipio de Iguassú, ao norte, pelos rios Pavuna, até suas cabeceiras; Merity, desde a sua barra até encontrar o Pavuna... »;

h) Da « Divisão Administrativa, em 1911, da Republica dos Estados Unidos do Brasil », publicação da Directoria de Estatistica Federal, lê-se referente ao Districto Federal: « Do Municipio de Iguassú elle é separado pelos rios Guandú-Mirim ou Tingui e Merity, desde a sua fóz até o logar Tres Barras. Esse logar Tres Barras fica exactamente na confluencia do Pavuna com o Merity, e, consequentemente, se o limite não segue nem o curso médio nem superior do Merity, é que continúa para oéste, o que quer dizer pelo Pavuna »;

i) Nos « Elementos de Chorographia do Brasil » Henrique Martins inclue o Pavuna como pertencendo ao Districto Federal;

j) O Almanack Brasileiro Garnier, anno IV, 1906, sob a direcção do erudito Dr. Ramiz Galvão, menciona entre os cursos d'agua do Districto, o Cabucú, o Pavuna e o Irajá (23);

k) No livro « A Archidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro », do arcebispo Antonio Alves Ferreira dos Santos, á pagina 142, encontra-se com referencia á extensão e limites da parochia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá o seguinte: « ... e pelo littoral abrangendo a ilha do Saravatá até a fóz do rio Merity; pelo leito deste rio até a fóz do rio Pavuna; por este até a Estrada de Ferro Central do Brasil; pelo eixo dessa estrada até a sua ponte e dahi ao rio dos Affonsos... » No mesmo livro, á pag. 223, figura mencionada a igreja de Nossa Senhora de Nazareth, na fazenda deste nome, edificada em 1901, tendo provisão de capella publica desde 24 de dezembro de 1903, sentença do patrimonio em 21 do mesmo mez e anno, e pia baptismal por tres annos e provisão de 22 de julho de 1912. Cita tambem o arcebispo Alves a capella de Nossa Senhora da Conceição, na fazenda do mesmo nome, no logar Pavuna — e fundada em 1740. Teve provisão por 10 annos, em 7 de dezembro de 1869, sendo propriedade do Dr. Joaquim Tavares Guerra Filho.

---

(23) Identicas informações se encontram em varios numeros do antigo e reputado *Almanach Laemmert*.

Vejamos ainda outros subsidios para, destruir de vez a velleidade usurpadora do Municipio de Iguassú, que, apesar de tudo e de ser incontestavel o direito do Districto Federal, pretende estas demarcações: rio Merity, rios Maranguá e Meirinho, desde a bahia de Guanabara, até á povoação do Realengo, inclusive, e dahi em linha recta á confluencia do rio da Prata com o Mendanha e rio Guandú-Mirim ou Tingui até a sua fóz no Guandú. Estas linhas de limites foram decretadas pelo governo fluminense em 8 de maio de 1892, dando nova organização municipal e districtal ao Estado do Rio. Divide-o em 41 municipios. Com referencia ao de Iguassú réza o seguinte:

« Formado do antigo municipio do mesmo nome e mais a freguezia do Pilar, desannexada da da Estrella com as ilhas adjacentes — Séde — Cidade de Maxambomba (24). Limites — ao norte o Municipio de Petropolis pelas divisas neste mencionadas e Municipio de Vassouras pela serra do Commercio; a léste o Municipio de Magé pelas divisas nelle descriptas e a bahia de Guanabara; e ao sul, o municipio federal, *pelos rios Merity, Maranguá e Meirinho desde a bahia de Guanabara até á povoação do Realengo (25), inclusive, e dahi em linha recta á confluencia do rio da prata com o Mendanha e rio Guandú-Mirim ou Tingui até a sua fóz no rio Guandú; a oéste, o Municipio de Itaguahy pelo rio Guandú e Municipio de Vassouras pelos rios S. Pedro e Santa Anna e respectivos afluentes até á serra, etc.*»

Como elemento historico contrario *in-totum* a esta demarcação — que a prevalecer privaria o municipio federal de extensas e uberrimas terras — sempre sob a jurisdicção da Municipalidade do Rio de Janeiro, desde o acto addicional de 1834 e mesmo antes dessa lei da reforma constitucional — será facil provar á sociedade que jámais cuidou a antiga Provincia em estabelecer dominio naquelles logares. Ao demais, attestam velhos moradores que

(24) Hoje Nova Iguassú.

(25) Inclusive, naturalmente, de accôrdo com as ambições fluminenses, a sesmaria do Realengo de Campo Grande, que primitivamente tinha o mesmo destino que a de Irajá. Em 1814 foi confirmada a doação á Municipalidade, pela carta régia de 27 de julho.

Em 1874 fez a Camara levantar a planta dessas terras, aviventando rumos e dividindo-os em lotes, nos quaes foram abertos logradouros no povoado do Realengo. Outros levantamentos foram feitos pela Carta Cadastral, tendo sido encontrados, por occasião dos trabalhos, marcos indicativos do perimetro dos terrenos que são do dominio da Municipalidade. A área dessa propriedade do Municipio é de 4.100.000m<sup>2</sup>.



a tradição oral, corrente e por todos respeitada, é favoravel ao Districto.

Discutindo com a costumada proficiencia, o Dr. Vieira Fazenda publicou n'A *Noticia*, de 6, 14, 20 e 27 de outubro, 3, 17 e 24 de novembro, 1, 8, 15 e 22 de dezembro, tudo do anno de 1903, extensas e minuciosas chronicas sobre o limite do Estado do Rio com o Districto Federal (26), chronicas que temos guardadas no Archivo Municipal. Por ellas se reconhece, sem ser necessaria outra prova, que a zona pretendida pelo Municipio de Iguassú nunca esteve sob a jurisdicção das autoridades fluminenses, nomeando a policia federal, a Prefeitura do Districto e as repartições dos Correios (27) e dos Telegraphos funcionarios para cargos administrativos em secções discriminadas dentro do territorio carioca. Além disso, logradouros publicos, pertencentes á Pavuna e nas regiões limitrophes e á margem direita do rio desse nome figuram no cadastro da cidade do Rio de Janeiro e têm seus predios incluídos no lançamento, e todo o commercio da zona limitrophe obedece ás posturas municipaes e paga impostos de licença ao Districto. Todos os registros de baptisados e casamentos, não obstante a proximidade da igreja matriz de S. João de Merity — foram sempre feitos nas igrejas matrizes das freguezias de Irajá e Campo Grande, quando se referiam a moradores da margem direita do rio Pavuna ou áquelles localizados nas linhas divisorias do Guandú do Sena e circumvisinhanças. Os obitos occorridos nesses logares tiveram quasi sempre para os devidos enterramentos attestados passados por autoridades ecclesiasticas, medicos e delegados policiaes das freguezias alludidas. Ainda presentemente são enterrados em grande escala nos cemiterios municipaes pessoas que fallecem nos districtos referidos, inclusive mesmo na zona que vae da Pavuna á serra do Gericinó.

No magistral estudo de Vieira Fazenda (28), para melhor documentar a defesa do Districto Federal, o grande mestre da nossa historia reproduz trecho de uma carta que lhe foi escripta

---

(26) *Revista do Instituto Historico* — tomo 68, parte I.

(27) No *Indicador Postal*, em todas as suas edições, figuram registraões logares da zona limitrophe.

(28) *Revista do Instituto Historico* — tomo 68.

em 1903 pelo illustrado engenheiro Dr. Alfredo Americo de Souza Rangel, sub-director da Carta Cadastral e que é do teor seguinte:

« Em todos os relatorios annuaes chamei sempre a attenção do governo do Districto para a urgente necessidade de liquidar-se esta questão (de limites) que muito desagradavel se póde tornar de um momento para outro. Em principios do anno passado fiz organizar uma planta da zona disputada e com maior satisfação venho offerecer-lhe uma cópia dessa planta, esperando que ella possa auxiliá-lo nisso que tão patrioticamente metteu hombros » (29).

Pela inspecção da planta tem-se a certeza de que os rios Meirinho e Maranguá são denominações dadas aos trechos do rio Merity, antigo Inhamuahy, de que falla Ayres de Casal na « Chorographia Brasilica »; e que o Pavuna desde as nascentes até certo ponto é tambem chamado do Páu. « Além de muitas outras e preciosas minudencias », commenta Vieira Fazenda: « essa carta topographica dá a verdadeira posição das fazendas de Botafogo e Nazareth, o logar Cancellá Preta muito acima do Pavuna, onde em tempo existiu uma barreira do Estado do Rio, a qual foi suprimida com a construcção do canal da Pavuna e da da ponte sobre o rio, e reputada como limite entre Irajá e S. João de Merity. »

São accórdes em traçar esses limites todos os estudiosos cujos nomes citámos e com muito acerto, ainda, Othelo de Souza Reis, na *Geographia* recentemente publicada.

Othelo de Souza Reis em artigo publicado na *A Rua*, de 26 de março de 1918, sob o titulo *O contestado carioca*, tratando da linha da divisa adoptada pelo Estado do Rio, diz « que é muito diversa daquella que o Districto Federal tem e sempre teve por verdadeira: o S. João de Merity acima até a confluencia do Pavuna, este até a confluencia do Cabral; este até o ponto em que atravessa a estrada do mesmo nome; desse ponto até o logar denominado Cancellá Preta; dahi a linha de divisão das aguas até o pico do Gericinó; depois a linha das vertentes até o pico de Marapicú; dahi uma linha recta ao rio Tingui ou Guandú-Mirim,

---

(29) *Planta topographica da zona do districto de Irajá indevidamente incluída no municipio de Iguassú pelo decreto n. 1, de 8 de maio de 1892, do Estado do Rio de Janeiro* — Levantada e desenhada pela commissão da Carta Cadastral em 1902 — escala 1:25000 — conforme o original. — *Americo Rangel*.

em frente ao morro da Bandeira ». « Poderemos assegurar que essas terras nos pertencem? Sem duvida, pois possuímos farta e optima documentação, além da tradição ininterrupta de quasi tres seculos. Depois das exhaustivas publicações de Vieira Fazenda e da preciosa contribuição do meu collega Noronha Santos parecia enterrada a questão que agora vem novamente a se abrir. Quem se der ao trabalho de consultar os artigos de Fazenda ou os papeis do Archivo Municipal, logo verá de que lado está a razão.

Erectas em 1647 as freguezias independentes de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá e S. João do Merity, tomou-se provavelmente como limite « o rio Merity, formado pelo *Inhámuahy* que vem da serra do Bangú e rio Pavuna que se lhe une pela esquerda, duas leguas e meia longe do mar. »

« O Merity de hoje, que o povo suppõe erroneamente nascer no morro da Pedra Rasa, nada tem com a divisa, e ainda menos o Maranguá e o Meirinho, ainda que hoje, melhor conhecido o terreno, possamos chamar em geral Merity ao rio cujas denominações locais são Meirinho, Maranguá, Merity e S. João de Merity.

Estabelecido que o S. João de Merity era a divisa na parte proxima ao litoral, era preciso determinar a divisão pelo interior. Temos documentos que provam ter sido adoptado o Pavuna.

Toda a região litigiosa era a principio uma vasta zona agricola. Numerosos engenhos ahi fabricavam o assucar e se constituíram nucleos de população, como em quasi todo o Brasil. O Archivo Nacional possúe uma lista dos engenhos que, por ordem régia, passaram a fazer parte de Irajá, quando se crearam as duas freguezias. Dessa lista bem como de um relatorio do Marquez do Lavradio constam nomes de estabelecimentos agricolas que ainda existem ou de que ha vestigios nas denominações de diversas localidades: Nazareth, Botafogo, etc., estabelecimentos situados entre a linha actualmente pretendida e o Pavuna. Dos engenhos que ficaram pertencendo a S. João possuímos tambem relação: todos ficam além do Pavuna. »

« Desmembraram-se na zona actualmente contestada as fazendas, crearam-se localidades, multiplicou-se a população, mas, invariavelmente, manteve a freguezia de Irajá a sua jurisdicção até o Pavuna. Autos de questões antigas, laudos de medições de

terras, escripturas de venda e toda sorte de documentos o demonstram.»

Concorrem sobremodo com outros depoimentos e detalhes esclarecedores em defesa e para solução intelligente e justa da contenda, não só artigos de jornaes, o inquerito d'A *Rua*, de 9 de abril de 1918 (30), e o decreto municipal n. 864, de 29 de abril de 1912, delimitando os districtos municipaes em que se subdividem as actuaes agencias da Prefeitura; como tambem o *Anuario da Estatistica Municipal*, publicado pela Directoria de Estatistica e Archivo, sob a competente e brilhante direcção do Dr. Aureliano Portugal, os estudos detalhados sobre o territorio, elaborados pelo operoso e intelligente chefe de secção desse departamento da admi-

(30) Noronha Santos: — *Velha questão que resurge — Os limites entre o Estado do Rio e o Districto Federal — Gazeta de Noticias* de 19 de março de 1918; Limites do Districto Federal — *A Cidade*, 13 de maio de 1918.

— Othelo Reis — *O Contestado Carioca — O Districto Federal é o unico e legitimo possuidor das ricas terras — A Rua*, 26 de março de 1918.

— Olavo Freire — Os limites entre o Estado do Rio de Janeiro e o Districto Federal — *O Rio Pavuna é o limite nordeste do Municipio Neutro ? — A Época*, 12 de abril de 1918, e Limites Interestadaes — *A Cidade*, 13 de maio de 1918.

— *A Rua*, de 9 de abril de 1918, publicou a proposito da questão de limites o resultado do inquerito a que procedeu na Pavuna (*O Contestado Carioca — Como o coronel Elyseu de Alvarenga defende a pretensão do Estado do Rio*).

E' um documento precioso. Vale por um flagrante, positivo e muito expressivo da vontade popular — que se ajusta com a verdade historica. Não nos dispensamos de transcrevel-o aqui:

«Tivemos hontem oportunidade de conhecer o trecho das terras do Districto Federal, nos limites com o Estado do Rio e que motivam a reclamação do municipio de Iguassú.

Fomos á Pavuna, levados pela curiosidade que o caso da linha divisoria tem despertado entre estudiosos da historia da cidade do Rio de Janeiro.

Pavuna é um lugar que começa a prosperar, e é este talvez o motivo que torna mais insistente a reclamação do municipio de Iguassú, procurando assenhorear-se de extensas e fertilissimas terras.

Ouvimos moradores do lugar, que embora sem apresentarem argumentos sobre a controversia, de natureza historica, ou mesmo, adstrictos ás conveniencias politicas, são, em sua grande maioria, partidarios da causa que com tanto calor sustenta o Districto Federal. Todos desejam que a capital da Republica exerça, por seu governo municipal, o mais intenso trabalho em pról dos habitantes da florescente povoação que fica á margem direita do rio Pavuna. Se houvesse um plebiscito, disse-nos um velho morador no local — o Estado do Rio não lograria talvez obter «tres votos» favoraveis á sua pretensão.

O Districto Federal é administrado com outra largueza, possui recursos para beneficiamento da zona limitrophe e pôde proporcionar outro conforto aos habitantes da localidade, o que se não dá com o municipio de Iguassú, pobre e sem elementos que façam prever melhores dias na sua vida economica.

Iguassú nada tem feito em proveito dos moradores da margem esquerda do Pavuna — a não ser a ponte reconstruida sob a administração do Dr. Manoel Reis.

Em contraste com isso, o Districto Federal está construindo uma boa estrada de rodagem, já coberta de pedra britada, segundo o plano do prefeito Dr. Amaro

nistração do Districto, Dr. Mario Aristides Freire, e a *Estatística Predial e Domiciliar*, suplemento ao livro do *Recenseamento do Districto Federal*, de 1906.

Por esta excellente publicação, que é verdadeiro cadastro de logradouros publicos do Districto, podem ser conhecidos certos trechos da fronteira carioca.

Os logares Retiro, Tingui, Rio da Prata do Mendanha, em Campo Grande, são indicados, figurando com maior numero de predios a estrada do Rio da Prata do Mendanha (193 immoveis).

De Irajá, na zona limitrophe, a estatística predial de 1906 inclue os logradouros Cancellia Preta (estrada), a estrada de Nazareth, com 223 predios, e Pavuna, estrada e largo, este com oito

---

Cavalcanti, para intensificação da lavoura. Pavuna tem escola publica, mantida pelos cofres municipaes do Districto e ultimamente foi o povoado dotado de agua encanada.

Emquanto Pavuna prospera, Merity está muito longe de ser um logar aprazivel.

Ahi estão os exemplos da nossa preferencia, concluiu o nosso informante, preferencia que tambem encontra apoio na tradição, transmittida de paes a filhos, que assignala o rio Pavuna como o limite do Districto Federal com o Estado do Rio na povoação e desde o logar Merity.

Não satisfeito *in totum*, porém, com esse depoimento, aliás valioso, fomos á outra margem do rio em procura do coronel Elyseu de Alvarenga, funcionario do Estado do Rio, antigo chefe politico do municipio e cavalheiro que é conhecido como um dos maiores oppositores da causa que é objecto de estudos de chorographos e historiadores cariocas. Recebeu-nos fidalgamente o Sr. Elyseu e fez-nos uma exposição detalhada dos antecedentes da questão e em largos traços o historico da região, procurando justificar o direito do Estado do Rio á posse das terras, que estão sob a jurisdicção do Districto Federal. Cita o nosso informante uma série de factos e de contribuições que em sua opinião esclarecem a duvida e são a prova do direito de Iguassú.

Refere-se ainda o Sr. coronel Elyseu de Alvarenga ás obras de Candido Mendes e Moreira Pinto, historiadores e chorographos que sobre o assumpto trataram com mais proficiencia, com mais seguros e completos informes, de modo a dar ganho de causa á pretensão fluminense. Além disso, ha um relatorio de 1833, em que o governo imperial inclue entre as obras publicas na Provincia do Rio de Janeiro as do canal da Pavuna. Por esse relatorio não lhe parece razoavel que o limite do Districto, sendo, como querem os cariocas, o rio Pavuna, além daquelle canal, figure este em terras da Provincia, em 1833.

Outros argumentos foram expostos pelo Sr. Elyseu, que se mostra muito senhor do assumpto, collocando-se num ponto de vista intransigente, em radical opposição a tudo quanto se tem escripto em defesa do Districto Federal.

Seria sem duvida de grande alcance para a boa administração e harmonia entre o Districto Federal e o Estado do Rio de Janeiro que se puzesse termo á pendencia. Discuta-se amplamente o caso, que, na verdade, só tem sido estudado por parte de escriptores entendidos na historia e chorographia do Districto Federal, todos favoraveis á causa da capital da Republica. Até agora não se conhece nenhum estudo valioso do Estado do Rio, talvez devido á falta de documentos que comprovem a pretensão do seu municipio de Iguassú.»

predios occupados e todos de um pavimento (31), e aquella com 167 immoveis, convindo notar que a estrada é muito extensa e começa em Del Castillo e vae terminar em frente á ponte do rio que lhe dá o nome.

\* \* \*

Desde remota época existe communição sobre uma ponte no rio da Pavuna. Citemos alguns documentos que servem de prova na questão de limites e tratam de concertos, dous dos quaes attinentes á despeza realizada com taes obras.

Em 25 de maio de 1831, Manoel Jordão da Silva, fiscal da freguezia de S. João de Merity, reclamou á Camara Municipal da cidade do Rio de Janeiro sobre a construcção da ponte e assim está redigido o officio, que é mais um valioso documento comprovando ser o limite o rio Pavuna:

« Faço ver a VV. SS. a necessidade da factura de hua ponte que se acha de todo extincta na estrada real que vem do Pilar e passa junto aos portos, sendo essa dita ponte na divisão desta freguezia com a de Irajá e sobre a embocadura do rio Pavuna e do novo canal que chega á casa dos Guerra, para cuja navegação e livre transito de barcos dos mesmos consta fôra dissolvida, estando por isso muy incommodados e queixosos tanto os moradores circumvisinhos como viajantes em circularem hu espaço maior de legua, que aliás existindo esta dar-se hião muy poucos passos. A' vista do exposto VV. EEx. deliberarão o que fôr justo » (32).

Em 1846, o ministro do Imperio, Joaquim Marcelino de Brito, em 13 de julho, pedia á Camara Municipal providencias acêrca da ponte do rio Pavuna, na estrada geral desse nome e que, segundo reclamava o subdelegado de policia de Irajá, em 10 daquelle mez e anno, « estava em muito mau estado a ponte denominada da Pavuna, a ponto de não dar passagem aos viandantes, sendo das mais frequentadas » (33).

(31) Pelo recenseamento de 1906 occupavam os oito predios do largo da Puvuna 43 habitantes. As densidades por predio e domicilio eram, respectivamente, de 5,37.

Pelo ultimo lançamento predial apurámos, numa verificação procedida, cerca de 20 predios nesse local que fica justamente á margem do rio que é a divisa legal e historica do Districto Federal com o Estado do Rio.

(32) *Pontes* — Documentos de 1831 — Manuscriptos do Archivo Municipal.

(33) *Pontes* — Freguezia de Irajá — 1846 — Archivo Municipal.

No relatório do ministro Marcellino de Brito, de 1847, lê-se que, « precisando de prompto reparo a ponte sobre o rio Pavuna, foi autorizado o Presidente da Provincia do Rio a mandal-o fazer, devendo a metade da despeza, orçada em 3:823\$, correr por conta dos cofres geraes e a restante ficar a cargo da Presidencia, visto servir de divisa aquelle rio entre a mesma Provincia e o Municipio da Côrte.»

Em um dos capitulos do relatório de 14 de maio de 1849 o ministro do Imperio, Francisco Ramiro de Assis Coelho, escrevia:

« Informado o governo de que a ponte sobre o rio Pavuna se achava arruinada, expediu ordens á Presidencia da Provincia do Rio de Janeiro, afim de mandar proceder com urgencia ao concerto necessario, por conta do ministerio a meu cargo. Fizeram-se com effeito alguns reparos, mas reconhecendo-se que não podem ser de longa duração, e que convem construir no local uma ponte de pedra, por ser a estrada muito frequentada, ordenou o governo que se procedesse ao levantamento da planta e á formação do plano e do orçamento dessa obra, para tudo ser trazida á vossa (referia-se o ministro á Camara dos Deputados) consideração. Ainda se não receberam esses esclarecimentos ».

Accresce mais — escreve o illustre e pranteado Vieira Fazenda (34): no relatório apresentado á Assembléa Provincial, em 1 de março de 1849, o então Presidente do Rio de Janeiro Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz (posteriormente Visconde do Bom Retiro) referia: — « *Ponte sobre o rio Pavuna* — Tendo abatido esta ponte, na direcção da estrada da Côrte para Iguassú e havendo a presidencia recorrido ao Governo Geral para mandar reparal-a, teve d'elle autorização para fazel-a reconstruir, concorrendo os cofres provinciaes com a metade da despeza.

Em virtude desta autorização foi o chefe do districto incumbido desse trabalho que teve começo em maio do anno passado, achando-se a ponte com dous arcos sustentados por paredões solidamente construidos e com a largura de 30 palmos quasi prompta, faltando apenas ultimar o aterro e o calçamento. Toda a despeza que se tem feito tem sido paga pelo commendador Antonio Tavares Guerra, que gratuitamente administrou esta obra e que ge-

---

(34) *Limites entre o Estado do Rio de Janeiro e o Districto Federal* — *Revista do Instituto Historico*, tomo 68, e *A Noticia*, de 3 de novembro de 1903.

nerosamente se offereceu para adiantar as quantias a ella precisas.»

Mais tarde, em 31 de maio de 1853, o Dr. Manoel da Cunha Galvão, director das obras municipaes da Côrte, apresentou orçamento do concerto da ponte sobre o rio Pavuna, no logar desse nome e pela quantia de 969\$100 (35).

Se fossem deficientes outros argumentos, todos comprovados, as referencias que ficam sobre a ponte seriam bastantes para mostrar o direito que tem o Districto Federal á posse de toda a margem direita do rio Pavuna, limite reconhecido pelos antigos poderes municipaes da cidade e mesmo por varios presidentes da Provincia do Rio, em seus relatorios. Nestes nada se depara aos estudiosos desta questão de limites que modifique a tradição e, o que é mais expressivo, a prova historica. Antes, pelo contrario, todas as referencias são de molde a dar ganho de causa ao Districto Federal.

O Municipio de Iguassú, com suas antigas freguezias de Nossa Senhora da Piedade, Santo Antonio de Jacutinga, Nossa Senhora da Conceição de Marapicú e S. João Baptista do Merity, figura na planta do Rio de Janeiro, de 1828, appensa a documentos do Archivo Municipal, desse anno (36). De antigos relatorios da Provincia, desde 1835, com discriminações de autoridades judi-  
ciarias, policiaes, parochos e professores, com o numero de escolas publicas em seus locaes, resalta claro e insophismavel o direito do Municipio da Côrte. Não se vê nas relações das autoridades dos districtos da Provincia nenhuma que tivesse jurisdicção sobre o logar Pavuna — que é propriamente a causa do litigio de nossos dias.

Quanto a logradouros da Provincia, os relatorios, minuciosos e muito bem confeccionados, não nos dizem nem uma palavra si-  
quer sobre o povoado da Pavuna. Falla-nos um delles, por exemplo, na estrada da Policia — *que vae do rio Pavuna a Santo Antonio do Matto*, isto é, ao coração da baixada fluminense. Essa estrada partia, em seu tronco principal, da villa de Iguassú, *communi-  
cando-se por um ramal com a Côrte, na Pavuna*. Ia de Santo An-  
tonio, encruzilhada com a estrada do Rodeio e passava pelas

---

(35) Documento do Archivo Municipal.

(36) Documentos sobre logradouros publicos.



serras dos Botaes e de Sant'Anna — « descendo aquella e subindo esta ». A passagem pelas serras era má e pela estrada transitavam boiadas destinadas ao córte. A porção da varzea, entre a raiz da serra e os logares Mangunga, Anhangá ou Anhangá, onde a estrada se dividia para a Córte, estava em bom estado de conservação nos annos de 1846 a 1848. A parte proxima á Pavuna exigia, porém, muitos reparos e construcção de varias pontes e pontilhões (Relatorio do Presidente da Provincia do Rio de Janeiro, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho).

Tratando ainda dos ramaes da estrada da *Policia* e de outras em Iguassú, diz o presidente Aureliano (futuro Visconde de Sepetiba): « Assim se conseguirão boas estradas para a Pavuna e, portanto, para a Córte ».

Abordada a questão de limites sob este aspecto e compulsados outros elementos que a podem esclarecer, vamos encontrar em documentos do seculo XVI concessões de sesmarias além de terras *no trasto da cidade*, entre ellas as que foram concedidas a Antonio de França, em 14 de julho de 1568, começando do actual porto de Maria Angú até o rio de Irajá (37).

Segundo a relação de sesmarias concedidas (38) em Campo Grande, Irajá e Iguassú, eram seus proprietarios, obedecendo-se a ordem chronologica:

- 1568 — Merity, Braz Cubas;
- 1574 — Merity, Francisco Raposo;
- 1578 — Iguassú, André Cardoso;
- 1578 — Ubapuna (Pavuna), Pedro Vaz;
- 1579 — Merity, Diogo Fernandes Pinto;
- 1589 — Sertão do rio Merity, Antonio Alvarenga e Francisco Alvarenga;
- 1603 — Entre o Merity e Sarapuhý, Martim Fernandes;
- 1603 — Sapopemba, Estevão Gomes;
- 1603 — Campo Grande, João Rodrigues Faleiro;
- 1613 — Sobejos em Irajá, João Barbosa Calheiros;

(37) Antonio de França foi o fundador da Fazenda Grande ou de Nossa Senhora da Ajuda. Em 1642 era proprietario dessa fazenda Jorge de Souza Coutinho.

Dez annos mais tarde Jorge Coutinho e sua mulher Maria de Galhegos cediam essas terras a seus filhos, Ignacio e Francisco. (Documentos do Archivo Nacional.) Em 1813 Amaro José Vieira, a quem cabia a propriedade de metade das terras, embargava a concessão de mangues fronteiros.

(38) *Revista do Instituto Historico*, tomo 63.

- 1613 — Irajá, Balthazar de Abreu;  
 1613 — Irajá, Antonio Martins de Palma;  
 1613 — Irajá, Maria de Oliveira;  
 1650 — Coqueiros, Pedro de Souza Ferreira e outro;  
 1650 — Sapopemba, Thomé Corrêa de Alvarenga;  
 1680 — Entre Pavuna e Gericinó, José Pereira Sarmiento;  
 1742 — Merity, Felix de Souza Castro.

Estas sesmarias são os primeiros marcos do desenvolvimento da região limitrophe com o Estado do Rio (39). A criação da freguezia de Irajá foi consequencia da expansão economica dos engenhos e povoados que prosperaram. Fundada pelo padre Antonio de Marins ou Martins Loureiro, sob a invocação de Nossa Senhora da Apresentação, em 30 de dezembro de 1644, e confirmada pelo Alvará de 10 de fevereiro de 1647, a freguezia de Irajá começou desde logo a ser o maior centro de trabalho agricola nas proximidades da *urbs*. Sendo importantissimo aos diocesanos o conhecimento pessoal dos districtos proprios para ministrarem a seus habitantes o pasto dos Santos Sacramentos — diz um chronista — e os remedios de que necessitavam as ovelhas enfermas, não se esqueceram os prelados do Rio de Janeiro de tão rigorosa obrigação. Pouco sensiveis aos contratempos, atravessavam sertões incultos, por caminhos escabrosos, conseguindo de suas visitas repetidos fructos proveitosos ás almas de milhares de povoadores, que sem recurso aos meios de salvação morriam como feras entre espessas brenhas. Irajá foi, na ordem espiritual, uma conquista da autoridade ecclesiastica. Suas terras formaram posteriormente, por desmembrações, as freguezias de Jacarépaguá e Campo Grande. « O territorio ainda notavelmente extenso — diz o padre Lomelino de Carvalho (40) — tornava de difficil modo a administração dos

(39) Ainda hoje possui a Municipalidade nos limites de algumas das sesmarias enumeradas os terrenos realengos de Irajá, reconhecidos como foreiros antes de 1660 e outros aforados pela Camara em hasta publica, em virtude de resolução adoptada em vereação de 6 de julho de 1793. Primitivamente eram destinados ao pasto do gado procedente de serra acima e adquirido para a matança e abastecimento. Não existem documentos completos sobre a origem dessa sesmaria, sendo provavel que tivessem desapparecido no incendio do Senado da Camara em 20 de julho de 1790. Papeis anteriores ao incendio e alguns bem importantes foram, porém, salvos.

Em livros existentes no Archivo Municipal e em documentos avulsos constam aforamentos e notas que não permitem, todavia, discriminar-se com certeza a área das terras realengas de Irajá.

(40) *Memoria inedita sobre Guaratiba* — Padre Rufino Augusto Lomelino de Carvalho.

sacramentos aos parochianos, disseminados por tão larga área, e foi então por esta causa que o finado Bispo D. José de Barros Alarcão creou tres capellas curadas em diversos pontos, para assim facilitar a administração dos sacramentos ».

Quasi todos os engenhos estabelecidos nas terras das sesmarias alludidas ficaram pertencendo á freguezia de Irajá e Campo Grande (41). Da parochia de Irajá, infere-se por um documento do Archivo Nacional, ficaram assim fazendo parte as terras de Diogo de Sá da Rocha, Antonio de Aguiar, Bartholomeu Machado, Vicente da Costa, Luiz do Souto, Jorge de Souza Coutinho, Bartholomeu de Abreu, José Antonio Barbosa, Gonçalo de Pontes, Manoel do Valle, Balthazar Damory, Pantaleão Duarte, João Pimenta de Carvalho, Antonio Pedroso, Francisco Vaz, Pedro de Souza Pereira, Francisco Frazão, Maria Corrêa, Antonio de Sampaio, Martim de Souza, Feliciano Coelho e Manoel das Paredes. Igrejas e capellas desses engenhos passaram tambem a pertencer á freguezia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, como conta Frei Agostinho de Santa Maria, no *Santuario Marianno*, autor do mais completo estudo que do periodo colonial se conhece sobre santuarios, igrejas e capellas.

Irajá, que fazia parte ao tempo do vice-reinado do Marquez do Lavradio do districto de milicias constituido por Engenho Velho, Inhauma, Pilar e Iguassú, possuia em 1777 (42), 13 engenhos, em varios pontos dentro dos seus actuaes limites e entre elles o de Braz de Pinna, contractante do azeite das baleias nos tempos coloniaes e dono dos chamados campos de *Braz de Pinna*.

Os 13 engenhos que, por ordem régia, obedeciam á vigararia de Irajá, alguns delles estavam situados entre os rios Merity e Pavuna: os de Pedro de Souza Pereira, Francisco Frazão, Feliciano Coelho e Manoel das Paredes. O Dr. Vieira Fazenda, que pesquisou escripturas antigas no Archivo Nacional, e cujo extracto organizou o illustre Dr. Eduardo Marques Peixoto, dedicado cultor de cousas historicas e funcionario daquella repartição, menciona uma série de papeis antigos relacionados com a questão de limites.

---

(41) A *Carta Topographica da Capitania do Rio de Janeiro feita em 1767* pelo sargento-mór Manoel Vieira de Leão, commandante da fortaleza do Castello, localiza os engenhos em terra de Irajá, coincidindo com informações do Vice-Rei Marquez do Lavradio, prestadas posteriormente.

(42) Documento do Archivo Nacional.

Dizem taes escripturas respeito á fazenda de Nossa Senhora de Nazareth, propriedade de Francisco de Veras Nascentes e sua mulher Luiza Bernarda Ribeiro, viuva que foi de Bento de Oliveira Braga, confrontando as terras para *banda da Pavuna*. A cada passo os documentos referem o local das terras — *freguezia de Irajá* — termo desta cidade do Rio de Janeiro. Outras peças anexas ás escripturas fazem referencias ao Pavuna, como limite das terras que ficam hoje á margem direita do canal, o que quer dizer situado cerca de 50 a 100 metros do rio.

Vieira Fazenda reproduz excerptos dos documentos no artigo da *A Noticia*, de 3 de novembro de 1903, e no tomo 68, parte I, da *Revista do Instituto Historico*.

Como subsidio, ainda valioso, para destrinçar a questão de limites do Districto Federal com o Estado do Rio, consultámos os livros de actas de sessões da Illustrissima Camara Municipal da Côrte (43), depois da lei de 1 de outubro de 1828, que extinguiu o *Senado da Camara* e verificámos que, em 28 de janeiro de 1833, a Camara sob a presidencia do Conselheiro Francisco Gomes de Campos (Barão de Campo Grande) dividiu em districtos para juizados de paz as chamadas freguezias urbanas, reservando-se para mais tarde delimitar as demais, em momento em que melhor estivesse informado sobre o assumpto (44).

Em 16 de agosto do mesmo anno o juiz do civil do termo, Lourenço José Ribeiro pedia á Camara que lhe informasse quaes as freguezias pertencentes *a esta cidade*. E' deste teor a requisição da autoridade judiciaria:

« A bem do serviço publico he necessario que se me declare oficialmente quaes as freguezias, que segundo a ultima divisão ficaram pertencendo a esta cidade e seu termo: o que communico a V. S. afim de que se digne dar as ordens necessarias para o meu esclarecimento » (45). A's folhas 137 do livro de officios a diversas autoridades, de 1831 a 1836, encontra-se registado em 17 de agosto de 1833 a resposta da Camara, em que declara que as freguezias pertencentes á cidade e seu termo são as do Sacramento S. José, Candelaria, Santa Rita, Sant'Anna, S. João da Lagôa

---

(43) *Collecções do Archivo Municipal* — Manuscriptos.

(44) *Papeis sobre freguezias* — Archivo Municipal.

(45) *Officios* — Manuscriptos — (catalogo 1098) — Archivo Municipal.

do Rodrigo de Freitas, Engenho Velho, Inhaúma, Irajá, Jacaré-paguá, Campo Grande e ilhas do Governador e de Paquetá (46).

O livro de actas da sessão daquelle dia reproduz o officio do juiz do civil e insere o resumo da resposta da Camara (47).

Uma serie de argumentos poderia servir para decidir de modo cabal essa irritante questão, se precisassemos de mais provas e commentarios. Uma das razões seria a de terem influido na governança do municipio carioca os antigos donos da fazenda de Nazareth — que é das mais proximas da zona limitrophe com o Pavuna.

Bento Luiz de Oliveira Braga, da illustre familia possuidora daquellas terras, foi vereador do *Senado da Camara*, de 1798 a 1812, e de 1830 a 1833 occupou a presidencia da Illustrissima Camara outro descendente dos Bragas — Bento de Oliveira Braga (48).

Wenceslau Cordovil de Siqueira e Mello, Francisco de Veras Nascentes, padre Felix Nascentes de Oliveira Braga, Bento Luiz de Oliveira Braga e outros moradores em Nazareth e em suas redondezas exerceram cargos de juizes de paz e foram sempre votantes em Irajá, figurando os seus nomes nos editaes da Camara e nas actas de eleições.

« Ora, commenta o Dr. Vieira Fazenda — si esses cidadãos não fossem da freguezia, não seriam alistados e eleitos por ella ». Innumeros factos comprovam a intervenção na administração do municipio de pessoas moradoras em Irajá, justamente na zona entre o Merity e o Pavuna.

A tradição ecclesiastica só é favoravel á linha divisoria adoptada, muito embora, em 4 de abril de 1893, D. José, Bispo do Rio de Janeiro, se mostrasse alheio ao assumpto, pedindo á Prefeitura que o informasse sobre os limites do Districto com o Estado.

Encarregado pelo Prefeito de responder acêrca da requisição o Dr. Alfredo Moreira Pinto, que era director da Bibliotheca Municipal, disse em informação o que mais ou menos se encontra

---

(46) *Actas das sessões da Camara Municipal* — Archivo Municipal.

(47) *Minutas e actas das sessões*, 1833.

(48) *Governo Municipal da cidade do Rio de Janeiro* — Alvarenga Fonseca.

no *Diccionario Geographico do Brasil* e na *Chorographia do Brasil*, obras de sua autoria e deficientissimas quanto aos limites com o Estado do Rio de Janeiro (49).

\* \* \*

A outra parte da linha de limites em seguimento ás nascentes do rio Pavuna foi tambem occupada outr'ora por engenhos, como detalhadamente informa o mestre de campo Ignacio de Andrade Souto Mayor Rondon, commandante do districto miliciano, na relação apresentada ao Marquez do Lavradio em 1777. Guandú, Mendanha e localidades proximas foram grandes centros productores. O café foi cultivado em larga escala na fazenda do Mendanha, onde nasceu em 24 de julho de 1797 o grande brasileiro Dr. Francisco Freire Allemão, fallecido no mesmo local e, o que é de notavel coincidência, na mesma casa da fazenda, em 11 de novembro de 1874.

Mendanha foi a principio pequeno engenho fundado pelo capitão Luiz Vieira de Mendanha.

Pelas cartas de ordem de sesmarias, demandas e execuções, cujos papeis estão no Archivo Nacional, se evidencia que na região entre o Tingui e o Guandú, e nas vertentes das serras, todos os actos de character contencioso ou que representassem fé publica eram praticados como complementos á tradição, pela qual cabia a Campo Grande jurisdicção sobre taes terras.

Todas estas provas historicas accumuladas, desde os admiraveis estudos do Dr. Vieira Fazenda até os dos novos contribuidores, servem sem duvida para fechar a discussão sobre a contenda.

Apresentaremos a seguir, todavia, mais documentos que justifiquem esta *Memoria*.

Candido Mendes, o esforçado autor do *Atlas do Imperio do Brasil*, e Moreira Pinto, conhecido e pranteado professor de historia e geographia, autor do *Diccionario Geographico do Brasil*, obra que lhe consumiu trinta annos de ininterrupto labor — tanto um como outro, não conheceram documentos historicos, que só muito mais tarde appareceram, com as investigações procedidas

---

(49) *Limites do Districto Federal com o Estado do Rio de Janeiro* — Manuscritos — Archivo Municipal.

nos Archivos. Os depoimentos desses dous admiraveis contribuidores da nossa geographia e historia foram na verdade transmitidos através do que se conhecia e calcados na tradição deturpada. Documentos que serviriam a taes estudos permaneceram desordenado até ha pouco tempo, difficultando pesquisas, quando não as impossibilitando inteiramente (50). O Archivo Municipal, que foi o grande centro organizador de semelhantes estudos e que é hoje uma repartição rehabilitada, pouco poderia offerecer naquella época á elucidação no caso dos limites, tal o abandono e sobretudo a desordem em que vivia, como decorativo departamento a figurar em successivos orçamentos da Municipalidade. Prova disso temol-a na *Consolidação das Leis e Posturas Municipaes*, um dos mais completos trabalhos publicados sobre a cidade do Rio de Janeiro, e que é, no emtanto, falho sobre questões de linhas divisorias de districtos e freguezias.

O *Atlas do Imperio do Brasil*, organizado pelo illustrado Candido Mendes de Almeida, e dado á estampa em 1868, traça na carta, sob n. 15, os limites do antigo Municipio Neutro e faz passar a linha divisoria só pelo rio Merity, em Campo Grande e Irajá, e desde as nascentes até á foz, servindo, portanto, ás pretensões descabidas do Estado do Rio. Mas taes informações são reduzidas a notas incompletas e defeituosas, se attendermos que o proprio autor á pag. 18 do seu *Atlas* confessa a deficiencia de dados e o que existe não tem grande importancia; mais positivo é o commentario que fazemos, não acceitando o depoimento do infatigavel geographo. Referindo-se ás obras e aos papeis consultados declara: « Como se terá visto escassos foram os auxilios que tivemos para o mappa deste territorio, que podia conter outros detalhes, mas, infelizmente, ha sobre o assumpto deficiencia de dados topographicos. O que existe não tem grande importancia e pouca confiança inspira ».

Outro argumento de que lançam mão os obstinados adversarios é o que diz respeito ao véto do Prefeito, de 6 de novembro de 1898. Dentre as razões deste véto, — diz o Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura que a autorização do Conselho Municipal, na

---

(50) Todos os trabalhos posteriormente publicados por varios autores dão os limites pelo Itaguahy e pelo Pavuna, inclusive a Carta do Districto Federal, de Aristides Drummond de Lemos.

clausula IV, *permittit a Companhia de bonds de Villa Izabel assentar seus trilhos além do rio Merity, em territorio do Estado do Rio de Janeiro* (51).

Submettido ao Senado Federal o acto do prefeito, em 28 de novembro de 1898, a Alta Camara, por sua Commissão de Legislação, lavrou parecer que tomou o n. 189, acceitando como razoaveis os motivos do véto, excepto apenas *no que se referia á offensa aos direitos do Estado do Rio*, mostrando os membros daquelle commissão Senadores Aquilino do Amaral e J. S. Rego o equivoco em que estava o honrado Dr. Ubaldino do Amaral sobre os limites do Districto Federal (52). Ao entrar em discussão o véto, que foi approvado, o eminente Sr. Ruy Barbosa, no plenario, oppoz algumas considerações ás conclusões do parecer numero 189, em sessão de 2 de dezembro, ainda de 1898, achando que o véto do chefe do executivo municipal deveria ser acceito e approvado integralmente, sem nenhuma restricção (53).

A questão de limites, por falta de documentos que a esclarecesse, antes dos estudos do Dr. Vieira Fazenda e da remodelação por que passou o Archivo Municipal, era um verdadeiro chãos, para que todas as hypotheses se fizessem. Não é, pois, de admirar a duvida que sobre o assumpto nutria o Dr. Ubaldino do Amaral, duvida que foi tambem objecto de referencias dos prefeitos Drs. Antonio Coelho Rodrigues e João Felipe Pereira em suas mensagens ao Conselho Municipal.

Na mensagem de 1 de março de 1900, dirigida ao Conselho Municipal, o Dr. Coelho Rodrigues, ao tratar dos serviços da Carta Cadastral, informa por estas palavras com referencia aos limites:

« E' opportuna a occasião para, de accôrdo com o Governo do Estado do Rio de Janeiro, regular-se definitivamente a linha limitrophe dos respectivos territorios, a qual não se acha fixada ainda em acto algum official, antigo ou recente, observando-se unicamente na delimitação jurisdiccional as indicações da tradição, de onde têm constantemente surgido conflictos.»

Em 1901, a mensagem do prefeito Dr. João Felipe, de 1 de

(51) *Boletim da Prefeitura Municipal do Districto Federal* — 4º trimestre — Outubro a dezembro de 1898, pags. 130 a 133.

*Leis e Vétos municipaes* — 1898.

(52) *Annaes do Senado Federal*, de outubro e novembro de 1898, pags. 488 e 489.

(53) *Annaes do Senado Federal*, dezembro de 1898, pags. 20 a 23.



março, reafirma por outras palavras os conceitos expendidos por seu antecessor:

« A linha limitrophe do territorio do Districto Federal com o Estado do Rio de Janeiro não está ainda fixada ou siquer indicada em acto algum official, antigo ou recente, do poder competente. É de todo ponto conveniente sanar essa lacuna, que já tem dado origem a conflictos desagradaveis e mais graves poderá acarretar no futuro.

O accôrdo entre os dous governos nesta questão é trabalho relativamente facil, para o qual a commissão da Carta Cadastral dispõe de importantes elementos de estudos.»

Já em dezembro de 1900, para o serviço de recenseamento, a questão de limites fôra, entretanto, trazida á discussão administrativa, em virtude da consulta dirigida em 21 daquelle mez ao prefeito pelo director da Repartição Geral de Estatistica, Dr. Francisco Mendes da Rocha:

« Para que esta Directoria possa com acerto resolver a duvida suscitada pela commissão censitaria de Merity sobre os limites do Estado do Rio de Janeiro na parte do municipio de Iguassú com o Districto Federal, na da freguezia de Irajá, rogo-vos digneis de esclarecer-me a respeito, tendo em vista a cópia inclusa do officio que me dirigiu o presidente da citada commissão censitaria » (54).

« Illmo. e Exmo. Sr. director geral de Estatistica — Incumbindo ás commissões censitarias dividir o territorio do districto em tantas secções quantas forem indispensaveis para as operações do recenseamento, como determinam as instrucções geraes remettidas por V. Ex. para a boa execução desse serviço, entro em duvida se a zona comprehendida entre o rio Pavuna e o Merity deve constituir secção deste districto, á vista das razões que passo a expôr: Comquanto seja esta zona considerada como parte integrante da freguezia de Irajá (Districto Federal), é uma posse que, segundo me consta, não está firmada em acto algum official, portanto é illegal, é nulla de pleno direito — foi provavelmente o resultado de algum conchavo feito camarariamente entre o ministro do Imperio e o presidente da Provincia do Rio, ou talvez um acto de prepotencia ou esbulho, praticado por aquelle sem

---

(54) *Limites do Districto Federal com o Estado do Rio de Janeiro* — Officio n. 812 e cópia — manuscriptos — Archivo Municipal.

protesto ou contestação deste — mas isto não constitue direito e, por consequencia, deve dar-se a restituição. Nem se póde conceder que o pequeno riacho Pavuna servisse de limite da importante Provincia do Rio de Janeiro com o Municipio Neutro. A sua divisa natural é o rio Merity e tanto que é delle que veiu o nome para a freguezia de Merity, parte componente daquella Provincia. Além dessa ordem de considerações baseadas na razão natural e nos principios geraes de direito, ha um acto official, positivo, emanado de autoridade competente, do presidente do Estado do Rio, que expressamente declara que toda aquella zona faz parte do seu territorio — é o decreto n. 1, de 8 de maio de 1892 — que estabelecendo a nova organização municipal e districtal do Estado, quando trata das divisas do municipio de Iguassú, declara que elle é limitado do lado do sul « com o municipio federal pelos rios Merity, Maranguá e Meirinho, desde a bahia de Guanabara até a povoação do Realengo (inclusive) e dahi em linha recta á confluencia do rio da Prata com o Mendanha e rio Guandú-Mirim ou Tingui, até a sua foz no rio Guandú.» Ainda mais: o Dr. José Cesario de Faria Alvim, quando prefeito do Districto Federal, reconheceu esses limites como verdadeiros — tanto que, vetando uma lei do Conselho Municipal, que concedia privilegio para uma linha de bonds até a Pavuna, apresentou, como uma de suas razões, a invasão do territorio do Estado do Rio. São por consequencia, duas autoridades competentes, uma estadual e outra federal, que declaram e reconhecem não o riacho Pavuna, mas o rio Merity, como a divisa natural do Estado do Rio e, portanto, deste districto. Pelo exposto se depreheende que ha necessidade de esclarecimentos para se proceder ao trabalho do recenseamento e por isso entendi de meu dever, na qualidade de juiz de paz, presidente da commissão censitaria deste districto, dirigir este officio a V. Ex., de quem aguardo a resposta, resolvendo a duvida.

Saude e fraternidade — Merity, 16 de dezembro de 1900.

Illmo. e Exmo. Sr. director geral de Estatistica.— *Pedro Telles Barreto de Menezes*, 1º juiz de paz, presidente da commissão censitaria.— Conforme. Em 20 de dezembro de 1900.— O 2º official, *Alfredo Ferreira*.— Visto — Na ausencia do chefe, o 1º official — *Doyle Silva* (55).»

---

(55) Deixamos noutras paginas desta *Memoria* claramente provado o direito

Em data de 22 de dezembro de 1900, a Directoria do Interior e Estatística Municipal determinou á repartição do Archivo que informasse a respeito com urgencia, reunindo todos os documentos que podessem esclarecer a duvida. A 24 do mesmo mez e anno o Dr. Alexandre José de Mello Moraes Filho, chefe do Archivo Municipal, despachou a consulta á 1ª secção, informando no dia 26 do alludido mez o chefe de secção Dr. Francisco de Salles de Macedo, em termos que não deixam nenhuma duvida sobre a impertinente consulta (56):

« A urgencia de informação sobre as duvidas apresentadas pelo juiz de paz da freguezia de Merity não me permite entrar em amplo desenvolvimento para assegurar o incontestavel direito do Districto Federal á zona que o juiz suppõe, aliás com razões bem pouco ponderaveis, pertencer ao Estado do Rio de Janeiro. Demais não se trata no momento actual de dirimir perante Tribunal competente uma questão de limites, mas tão sómente de affirmar a realidade de um facto. Ora, é fóra de duvida que esta Municipalidade tem exercido inteira e completa jurisdicção na

---

do Districto Federal á posse dessas terras. O decreto n. 1, de 8 de maio de 1892, do governo fluminense, que é um dos argumentos de que se serve o Estado visinho e de que se serviu o juiz de paz de Iguassú, é tão sómente, como vimos, um acto de força e de arbitrio. O limite, pois, está errado, nas condições em que o deseja o Estado do Rio.

Realengo, que ficaria dentro dessas linhas divisorias, jámais poderia pertencer ao territorio fluminense.

Innumeros documentos comprovam que as terras realengas de Campo Grande foram sempre do dominio carioca. Escripturas de venda, inventarios e outros documentos isso o attestam. E' uma área de terreno enorme que o Estado do Rio pretende. Só a planta topographica do povoado do Realengo representa a figura de um triangulo, cuja hypotenusa tem 1.780 braças e os lados 2.150. O grande campo do Realengo, outr'ora destinado á pastagem do gado e descanso deste, representa um parallelogrammo de 465 braças de comprimento sobre 275 de largura, com proporções quasi duplas de todo o terreno da praça da Republica e o jardim publico da mesma.

Si, esse territorio, isto é, toda a povoação do Realengo, ficasse pertencendo ao Rio de Janeiro, o Districto perderia cerca de 12.000 habitantes, que é, mais ou menos, a população do lugar, desfalcando-se assim do numero de habitantes de Campo Grande (31.248, em 1906) uma consideravel parcella. A referencia ao Dr. Cesario Alvim é positivamente menos verdadeira: o juiz de paz de S. João de Merity quiz referir-se de certo ao Dr. Ubaldino do Amaral. Na collecção de *leis e vétos municipaes*, bem como em *Mensagens*, não ha uma palavra do prefeito Cesario Alvim sobre a linha de bonds para Pavuna, nem sobre os limites.

(56) O Dr. Francisco de Salles de Macedo foi um dos mais autorizados estudiosos de assumptos historicos. Passou pelo Archivo Nacional, como um dos bons trabalhadores, e no Archivo Municipal deixou inapagaveis traços de operosidade e de muito criterio nas indagações historicas. E' de sua lavra um dos mais completos relatorios que se tem publicado ácerca das tradições daquella repartição.

referida zona, já pela concessão de cartas de aforamento, já pela execução de obras importantes. E essa jurisdição não é hodierna, antes data da primeira metade do século XVII. Além disso, chorographos da melhor nota, como Monsenhor Pizarro, nas suas apreciadíssimas *Memorias Historicas* (tomo III, pags. 15 e 17), e Milliet de Saint Adolphe, em seu não menos interessante *Diccionario Geographico* (tomo II, pags. 105 e 265), assignalam o rio Pavuna como limite entre as freguezias de Irajá, da Capital Federal, e de Merity, do Estado do Rio.»

A 27 de dezembro de 1900 respondia a Prefeitura á Directoria de Estatistica Federal, juntando o parecer brilhante e cabal do Dr. Salles de Macedo.

Ventilada como está sendo a questão de limites do Districto Federal com o Estado do Rio, sob varios aspectos, facil se nos apresenta a coordenação de mais algumas referencias, entre as quaes as que se encontram nos *Annaes do Conselho Municipal*, e dizem sobre o protesto dos intendentes Honorio Gurgel e Drs. Francisco da Silveira e Alvaro Alberto, bem como dos moradores da Pavuna, pela imprensa, reclamando providencias contra excessos das autoridades fluminenses (57).

Além disso, são dignas de registro as informações minudentes que presta o coronel Manoel Luiz Machado, ex-intendente municipal e velho politico militante na freguezia de Irajá; os documentos da questão de posse dos Drs. Joaquim Tavares Guerra, pae e filho, e sobremodo apreciaveis o estudo detalhado do engenheiro Dr. Emygdio Ribeiro, funcionario aposentado da Prefeitura e que foi encarregado pelo Dr. Rocha Fragoso, chefe da primeira commissão da planta cadastral, de levantar os marcos da terceira legua da planta da cidade e do Districto.

Em artigo publicado na edição vespertina do *Jornal do Brasil*, de 24 de outubro de 1903, por occasião de desagradavel desintelligencia entre autoridades de Merity e funcionarios municipaes do districto de Irajá, e justamente quando o Dr. Vieira Fazenda publicava n'*A Noticia* as suas eruditas chronicas, o illustre engenheiro Dr. Emygdio Ribeiro trazia o contingente de estudos profissionais, incondicionalmente ao lado da causa do Districto Fe-

---

(57) *Annaes do Conselho Municipal*, de 26 de fevereiro de 1900 a 11 de janeiro de 1901, pag. 208; e de 18 de julho a 31 de dezembro de 1903, pags. 85 e 86.

deral, como também o conhecimento proprio da zona, onde por muito tempo residiu.

O Estado do Rio de Janeiro, não obstante a intransigente conducta em que se collocou em apoio do seu municipio de Iguassú, collabora também, *sponte sua*, em favor do Districto, fornecendo-nos argumentos á contestação que fazemos — e isto através do serviço da fiscalização das rendas fluminenses organizado de acôrdo com o edital publicado na secção official do *Jornal do Commercio*, de 10 de janeiro de 1906. A confissão do Estado do Rio de Janeiro de que *Pavuna* e *Costa Barros*, estações de estrada de ferro, estão em territorio carioca, na zona limitrophe, para cobrança de impostos, contraria formalmente suas descabidas pretensões.

O Districto Federal tem por limites certos e irrefutaveis com o Estado do Rio de Janeiro as seguintes linhas (58):

Ao *Norte* — pelo rio Merity, desde a foz, na bahia de Guanabara, em frente á ilha do Saravatá, até a confluencia do rio Pavuna; por este rio até o denominado Cabral, subindo este ultimo até o ponto em que é atravessado pela estrada do mesmo nome. Dahi por linhas rectas successivas, seguem os limites: até o lugar denominado Cancellia Preta, na estrada da Agua Branca; ao alto do morro situado em frente á fazenda do Gericinó, na serra deste nome; ao alto da serra do Gericinó; ao alto do morro do Guandú; ao cume do morro de Manoel José; ao pico de Marapicú e ao rio Tingui ou Guandú-Mirim, ponto em frente ao morro da Bandeira. Deste ponto pelo citado rio Tingui até o Itaguahy, e por este até a sua foz em Sepetiba. E' esta a linha divisoria com o Estado do Rio, cuja fronteira norte do Districto mede approximadamente 55 kilometros e estende-se na direcção geral léste-oéste.

Ao *Sul* — o Oceano Atlantico, desde a entrada da barra do Rio de Janeiro até Guaratiba.

A *Léste* — a bahia de Guanabara.

---

(58) O Districto Federal é formado nos termos do art. 2º da Constituição Federal da Republica, de 24 de fevereiro de 1891, pelo antigo Municipio Neutro ou da Côrte, desmembrado o seu territorio do da Provincia do Rio de Janeiro, em virtude do art. 1º, *alinea* 2ª do Acto Adicional á Constituição do Imperio. (Lei n. 16, de 12 de agosto de 1834.)

Segundo o calculo do Dr. Manoel Pereira Reis, notavel engenheiro e astronomico, que foi chefe da Repartição da Carta Cadastral, a posição geographica do Districto é a seguinte: — 22º, 44', 45" e 23º, 04' e 25" de latitude sul, e 43º, 06', 06" e 43º, 45' e 58" de longitude W de Greenwich.

A *Oéste* — a bahia de Sepetiba, que tambem separa o Districto do municipio de Itaguahy, no Estado do Rio.

Em papeis guardados no Archivo Municipal com referencia aos limites do Districto Federal e sob o titulo *Resumo Topographico do Districto Federal* encontramos este documento, que trasladamos na integra:

« Abrange o Districto uma área de cerca de 1.100 kilometros quadrados occupada em grande parte por varias montanhas e morros isolados. Dentre aquellas destacam-se duas principaes — o macisso da Pedra Branca, que se estende por uma área de 190 kilometros quadrados e attinge a altitude maxima de 1.023 metros, no Pico da Pedra Branca, e o macisso da Tijuca, que abrange 130 kilometros quadrados e alcança a altitude de 1.020 metros, no Pico da Tijuca. No macisso da Pedra Branca avultam as montanhas do Sacarrão (820 metros), dos Caboclos (705 metros), do Morgado (503 metros) e da Barra de Guaratiba (354 metros).

No macisso da Tijuca notam-se as montanhas da Gavea (842 metros), dos Dois Irmãos (535 metros), do Corcovado (704 metros), da Carioca (860 metros).

Fóra dos dois grandes macissos notam-se os morros da Copacabana (382 metros), do Pão de Assucar (395 metros), do Carico, da Misericordia (195 metros), do Cantagallo (201 metros) e da Paciencia (201 metros).

Poucos e de pequeno curso são os rios do Districto. Os mais notaveis são o Itaguahy que o divide do Estado do Rio de Janeiro e o Cabussú. Aquelle nasce na Serra do Gericinó com o nome de Guandú do Sena e depois de 40 kilometros de percurso lança-se na bahia de Sepetiba. O Cabussú nasce na serra de Pedra Branca e lança-se na mesma bahia com 25 kilometros de curso.

O Pavuna, o Merity, o Faria e o Maracanã, são outros rios menos importantes. Tres lagôas notaveis conta o Districto: a de Camorim ou Jacarépaguá, com 10 kilometros quadrados, a de Marapendy, com cinco kilometros quadrados e a de Rodrigo de Freitas, com quatro kilometros quadrados.

Extensos pantanos se encontram no Districto, occupando mais de um decimo de sua superficie. São mais importantes os brejos de Jacarepaguá com 60 kilometros quadrados de área e os mangaes e brejos de Guaratiba, com 30 kilometros quadrados.

Numerosas ilhas se encontram no territorio do Districto, podendo fixar-se o seu numero em 62, excluidos os rochedos e lages sem vegetação.

Avulta entre todas a do Governador, com uma área de 30 kilometros quadrados. As de Paquetá, com pouco mais de um kilometro quadrado; Bom Jesus, Fundão, Sapucaia e das Cobras, são as mais importantes dentre as situadas na bahia de Guanabara. No Oceano notam-se as ilhas Redonda, Rasa, Comprida, Palmas e Tijucas.—*M. P. Reis.*— 4 de abril de 1898.»

\* \* \*

Ahi ficam todas as provas a favor do Districto Federal e que demonstram á sociedade o direito da Capital da Republica á jurisdicção plena e pacifica das terras que estão nas linhas de suas divisas. O Districto não se arreceia de discutir a questão de limites, posta de novo em fóco pelo Municipio de Iguassú, sob o patrocínio do Estado do Rio de Janeiro. Nenhum accôrdo, porém, será possivel entabolar-se, sem o reconhecimento por parte do Estado do Rio de Janeiro dos direitos insophismaveis do Districto Federal á posse das terras que tem sido causa da contenda. O Districto, que conta com os mais minuciosos elementos de defeza, com a tradição historica fartamente documentada e garantidora da sua causa — como talvez não a possuía nenhum outro territorio brasileiro dos que pleiteam questões de linhas divisorias — só poderá aceitar como solução a desistencia do governo fluminense de todo e qualquer procedimento a respeito.

Fóra disto, não haverá um juiz, uma só consciencia honesta que seja capaz, diante da prova robusta que está arrolada e commentada pelo Districto Federal, de negar-lhe o direito indiscutivel na antiga questão, sempre provocada pelo Estado do Rio de Janeiro.

O Brasil, que liquidou todos os velhos pleitos de fronteiras internacionaes, precisa de fomentar soluções dignas e capazes para seus limites internos, e o melhor exemplo ao paiz inteiro será de certo o de conseguir-se sem tardança, honroso termo á questão de limites dos territorios carioca e fluminense.

*Noronha Santos.*

---

---

# BIBLICGRAPHIA

## IMPRESSOS

- Alexandrino Freire do Amaral e Ernesto dos Santos Silva* —  
— *Consolidação de Leis e Posturas Municipaes.*  
*Almanach Garnier* — 1906.  
*Almanach Laemmert* — Varios numeros.  
*Amaral* (Antonio Candido do) — *Questões de Silvicultura* —  
*Noticia sobre as mattas do Municipio Neutro e sua exploração.*  
*Annaes do Conselho Municipal do Districto Federal.*  
*Annaes do Senado Federal.*  
*Anuario da Estatistica Municipal* — Sob a direcção do  
**Dr. Aureliano Gonçalves de Souza Portugal.**  
*Arroxellas Galvão* — *Limites das Circumscripções Judiciarias.*  
*Ayres de Casal* — *Chorographia Brasilica.*  
*Balthazar da Silra Lisbóa* — *Annaes do Rio de Janeiro.*  
*Boletins Municipaes do Districto Federal.*  
*Candido Mendes de Almeida* — *Atlas do Imperio do Brasil.*  
*Collecção Nabuco* (Legislação).  
*Cortines Laxe* — *Regimento das Camaras Municipaes.*  
*Diario Fluminense* — 1828.  
*Divisão Administrativa em 1911 da Republica dos Estados Unidos do Brasil* — *Directoria Geral de Estatistica.*  
*Divisão dos Districtos Municipaes do Districto Federal* —  
*Decreto n. 864, de 29 de abril de 1912.*  
*Editaes da Camara Municipal da Côrte.*  
*Emygdio Ribeiro* — *Artigo publicado no Jornal do Brasil*  
(edição da tarde), de 24 de outubro de 1903.  
*Estatistica Predial e Domiciliar* — 2º volume do livro do *Re-*  
*censeamento do Districto Federal, em 1906.*



*Felisbello Freire* — Historia da cidade do Rio de Janeiro — 1564-1700.

*Ferreira dos Santos* (Arcipreste Antonio Alves) — A Archidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

*Fonseca* (Alvarenga) — O Governo Municipal da cidade do Rio de Janeiro.

*Grahan* (Maria) — *Journal of Voyage to Brasil*.

*Haddock Lobo* — Tombo das Terras Municipaes.

*Henrique Martins* — Elementos de Chorographia do Brasil.

*Homem de Mello* (Barão) — Atlas do Brasil.

*Joaquim Norberto* — Memoria Historica das aldeias dos Indios na Provincia do Rio de Janeiro.

*Leis e decretos do Estado do Rio de Janeiro*.

*Leis do Imperio do Brasil*.

*Leis Municipaes e Vétos do Districto Federal*.

*Lomelino de Carvalho* — Atlas do Brasil.

*Mello Moraes* (A. J. de) — Brasil Historico.

*Mensagens do Prefeito do Districto Federal* — Dirigidas ao Conselho Municipal.

*Miguel de Frias* — Distancias da cidade do Rio de Janeiro ás principaes cidades e villas da Provincia — 1846.

*Moreira Pinto* (Alfredo) — Chorographia do Brasil e Diccionario Geographico do Brasil.

*Noronha Santos* — Apontamentos para o Indicador do Districto Federal, Chorographia e artigos publicados na *Gazeta de Noticias*, de 19 de março, e n' *A Cidade*, de 13 de maio de 1918.

*Olavo Freire* — Artigos publicados n' *A Época*, de 12 de abril, e n' *A Cidade*, de 13 de maio de 1918.

*Othelo de Souza Reis* — Manual de Geographia e artigo publicado n' *A Rua*, de 26 de março de 1918.

*Pizarro* (Monsenhor José de Souza de Azevedo Pizarro e Araujo) — Memorias Historicas do Rio de Janeiro e das Provincias annexas á jurisdicção do Vice-Rei do Estado do Brasil.

*Recenseamento do Districto Federal, em 1906*.

*Relatorios do Ministerio do Imperio* — Diversos annos.

*Relatorio Municipal do Dr. Antonio Ferreira Vianna*, presidente da Illustrissima Camara Municipal — 1873.

*Relatorios dos Presidentes da Provincia do Rio de Janeiro*, de 1835 em diante.

*Relatorio da secção de triangulação do Municipio da Côrte, pelo Dr. José Manoel da Silva — 1878.*

*Revista do Archivo do Districto Federal — 1894-1897, e extracto dos documentos que nella se encontram publicados — organizado pelo Archivo Municipal.*

*Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.*

*Saint Adolphe (Milliet de) — Diccionario Geographico do Brasil.*

*Saldanha da Gama (Dr. José de) — Historia da Imperial Fazenda de Santa Cruz.*

*Sebastião Paraná — Os Estados da Republica.*

*Surigué (Sebastião Fabregas) — Almanach Geral do Imperio do Brasil — 1836.*

*Theodoro Sampaio — Atlas do Brasil. — O Tupi na Geographia Nacional.*

*Thiers Fleming — Limites Interestaduaes.*

*Vieira Fazenda — Chronicas n'A Noticia, de outubro a dezembro de 1903; Limites entre o Estado do Rio de Janeiro e o Districto Federal: tomo 68, parte I, da Revista do Instituto Historico.*

#### CARTAS TOPOGRAPHICAS, GEOGRAPHICAS, PLANTAS E MAPPAS

*Carta da Capitania do Rio de Janeiro — Padre Domingos Capacci.*

*Carta topographica da Capitania do Rio de Janeiro — Manoel Vieira Leão — 1767.*

*Carta topographica do terreno comprehendido entre a barra do rio Merity e o rio Guandú.*

*Carta Cadastral do Districto Federal — Varios levantamentos e rectificações.*

*Carta do Districto Federal — Aristides Drummond de Lemos. Planta do Rio de Janeiro — 1826.*

*Plantas e mappas do Districto Federal — Olavo Freire.*

*Planta topographica da zona ao districto de Irajá, incluída indevidamente no Municipio de Iguassú, pelo decreto n. 1, de 8 de maio de 1892, do Estado do Rio de Janeiro.*

*Planta da fazenda nacional de Santa Cruz comprehendida na área do Districto Federal — pelo engenheiro J. A. de Aguilar Pantoja, ajudante zelador dos proprios nacionaes.*

## MANUSCRIPTOS

*Rio Pavuna* — Archivo Municipal.

*Pontes no rio Pavuna* — 1831, 1846 e 1853 — Archivo Municipal.

*Pontes no rio Guandú* — 1831 — Archivo Municipal.

*Canal da Pavuna* — 1832, 1833 e 1835 — Archivo Municipal.

*Limites do Districto Federal com o Estado do Rio de Janeiro* — Varios documentos do Archivo Municipal e *resumo topographico* do Dr. Manoel Pereira Reis, chefe da Carta Cadastral.

*Freguezias* — Papeis e colleccões do Archivo Municipal.

*Rio de Janeiro e seu termo* — Archivo do Instituto Historico.

*Actas de sessões da Illustrissima Camara Municipal da Côte* — Archivo Municipal.

*Sequestro dos bens dos Jesuitas* (cópia) — Archivo Municipal.

*Informações do Marquez do Lavradio* — Archivo Nacional.

*Actas de eleições em Irajá.*

*Carta do Marquez de Barbacena ao imperador D. Pedro I* — Archivo Municipal.

*Memoria sobre Guaratiba* — Padre Rufino Augusto Lomelino de Carvalho.

*Extracto das sesmarias concedidas no Rio de Janeiro* — Archivo Nacional.

*Officios a diversas autoridades* — Archivo Municipal.

*Logradouros Publicos, em 1828* — Archivo Municipal.

*Parecer do Dr. Francisco de Salles de Macedo, chefe de secção do Archivo Municipal* — Sobre a consulta do juiz de paz de Merity, por occasião do Recenseamento de 1900.

---

---

## OS INDIOS CACHARARYS

Por João Alberto Masô

O rio Ituxy, 70 milhas mais abaixo da cachoeira Fortaleza, recebe o seu afluente direito Curequeté. Nas nascentes deste tributario se encontram os indios Cachararys.

Os Cachararys são typos altos, espadaudos e de côr bronzeada. São trabalhadores e doces, dedicam-se á agricultura com certo interesse, desenvolvendo especialmente a cultura do fumo, da batata, milho e mandioca.

Entretanto, sua alimentação preferida consiste em peixe, fructas e carne selvagem, que abundam naquella região. Criam no terreiro diversas aves silvestres, que servem exclusivamente de adorno, admirando seu curioso canto e as bellas plumagens.

As aldeias são compostas de 15 a 20 malocas ou grandes choupanas, toscamente construidas, cobertas de folhas de Jarina cuja palmeira produz um cacho de côco de um bello marfim, proprio para o fabrico de botões, dados, rosarios, fichas, etc., etc.

As malocas são espaçosas, podendo agasalhar até dez familias ou approximadamente umas quarentas pessoas, que vivem em franca promiscuidade e sem o menor asseio. Para evitar a entrada dos morcegos, perigosos nas suas sangrias, as habitações possuem apenas duas aberturas ou portas, que á noite são tapadas com pelles de onça ou de outro animal quadrupede.

Além dos entretenimentos habituaes dos selvicolas, os Cachararys divertem-se com o jogo da bola, o qual se aproxima do *foot-ball*. A bola que empregam é de caucho bem imprensado, pesando seguramente uns tres kilos.

Os jogadores revestem o joelho e o pé correspondente com uma pelle qualquer. O jogo é feito no verão, no tempo da secca,

em terreno bem nivelado e limpo, de dois hectares approximadamente. Organiza-se a partida e immediatamente uma commissão visita as malocas amigas para fazer os convites da festa que terá lugar dahi a tantas luas e, precisamente, no tempo marcado re-unem-se quasi todos os moradores da tribu, havendo, além do tal jogo, outras distracções muito animadas.

O *foot-ball* começa no meio do maior enthusiasmo, sendo observadas as regras estabelecidas. Os premios que se devem conferir aos vencedores ficam em exposição, que são missangas diversas, muito curiosas, da industria indigena.

Outro costume original deste povo é o de se embriagarem com um narcotico vegetal. Este habito só é permittido aos patriarchas da tribu. O preparado é feito de uma planta por elles perfeitamente conhecida; as folhas são postas em infusão n'agua, numa panella de barro e depois trituradas dentro de uma cabaça de castanha, até se conseguir um liquido escuro e meloso.

No campo do *foot-ball* forma-se de quando em vez uma roda dos velhos da tribu, presidida pelo respectivo Tuchana, afim de se deliberar a respeito dos interesses communs, das pretensões e ameaças das tribus inimigas e tambem dos brancos que despoticamente os querem dominar. Durante a palestra absorvem pelas narinas um pó de folhas aromaticas que lhes provoca repetidos espirros.

Cada velho está munido de um saquinho de borracha contendo o tal liquido meloso e de uma pequena seringa feita de caucho e canella de Jacamy, que injecta na quantidade de uma colher de sopa. O effeito é rapido; passados uns cinco minutos, o indio velho começa a contorcer, agita-se, varia, adivinha e, como que influenciado pelo opio ou morphina, sonha, idealizando scenas maravilhosas ou combates encarniçados. Ouve os toques das buzinas e presente o inimigo avançando lá pelas bandas do nascente, já atravessando os igarapés nos seus dominios...

E' uma crise de quinze a vinte minutos, passada a qual o indio acorda e volta ao seu estado normal. Esta *ceremonia* é repetida na roda durante os dias da festa, e o Tuchana, depois de estudar todas as revelações dos indios narcotizados, tira suas conclusões, que são communicadas a todos os presentes como tambem as respectivas providencias e... a festa continúa.

Todos os indios velhos da tribu estão viciados com o uso desse narcotico que mencionamos, pois andam sempre munidos de uma porção do mesmo e da competente seringuinha, afim de se embriagar á vontade e em qualquer lugar que lhes appetença.

A tribu dos Cachararys é composta de perto de dois mil selvícolas, que vivem neste estado primitivo, tranquillos e felizes, dispensando, ao que parece o *humanitario* concurso dos civilizados.

---

---

## A COSTA CATHARINENSE

Pelo Dr. José Arthur Boiteux

Na consideravel extensão de mais de 500 kilometros estende-se a sinuosa linha da costa catharinense, rendilhando-se em portos mais ou menos francos, desde a foz do *Sahy-guassú*, extrema divisa septentrional com o Estado do Paraná, até o *Mampituba*, que traça, na suave corrente com que se lança no Atlantico, o limite meridional com o Rio Grande do Sul.

Na serra que se estende á margem esquerda do *Palmital*, no municipio de S. Francisco, nasce o alludido *Sahy-guassú*. De diversas cachoeiras recebe esse rio apreciavel cabedal, antes de desaguar no Oceano, cerca de 17 kilometros ao norte da bahia de *Babitonga* e de quasi o dobro dessa distancia ao sul de *Guaratuba*.

Assignala-se ahi, por consequencia, o ponto onde começa, no extremo norte, essa formosa terra catharinense, que, pela amenidade do clima e uberidade do sólo, condecora-se justamente com o titulo de *Paraiso do Brasil* e que, considerada sob o ponto de vista geographico, hydrographico, politico, estrategico, commercial, industrial e agricola, é, na bella phrase do illustre conterraneo almirante João Justino de Proença, um mundo de esperanças para o Brasil, um dom cheio de valor, um verdadeiro pedaço de ouro até hoje escondido entre as dobras do indifferentismo, do esquecimento ou do impoder.

De 45 kilometros é o curso do *Sahy-guassú*, que procura o Oceano, em rumo sudoeste para nordeste, durante tres quartos da sua corrente, por entre lindas mattas virgens, depois do que dobra para sueste em um angulo muito agudo.

A este rio succede, rumo sul, o *Sahy-mirim*, cuja bacia é superior ao antecedente de 150 kilometros, abrangendo, quasi em

sua totalidade, a península formada pela ribeira do S. Francisco, pelo rio *Palmital* e pelo Oceano.

Em metade do seu curso deslisa o *Sahy-mirim*, no rumo de nordeste, e depois de uma volta brusca para sudoeste, com a extensão de quatro kilometros, retrocede ao primitivo rumo, quasi parallelamente ao mar.

Do systema hydrographico dessa parte da costa diz o estudioso 1º tenente Vieira da Rosa, na sua *Chorographia de Santa Catharina*: « Seis kilometros ao sul da barra do *Sahy-mirim*, numa aba da costa, desagua um insignificante riacho de 1.500 metros de curso, e a uma legua ao sul deste ultimo ponto, defronte da ilha *Itapema*, lança-se um outro arroio de dois kilometros, depois do qual, fronteiro á ilha *Itaipava*, faz barra o rio *Perequê*, cujo desenvolvimento não attinge a cinco kilometros. Este pequeno rio tem um unico e minusculo affluente ».

« Tres leguas de praias, onde não se encontra um unico arroio, estendem-se ao sul, no fim das quaes vêm ao mar três arroios, cujos cursos não excedem de cinco mil metros nem são inferiores a dous kilometros. »

Dous são os principaes rios que, com a mesma direcção ao mar, se succedem a esses arroios: o *Comprido* e o *Biguassú*, respectivamente, com tres e cinco kilometros de curso.

Da foz do *Sahy-guassú* para o sul, o primeiro porto que se abre ao viajante é o de *S. Francisco*, a bahia de *Babitonga*, como a denominavam os primitivos habitantes das suas margens, os *Carijós*.

Por duas entradas se alcança o porto, vasto e remançoso, em que por centenas se abrigariam navios de calado vario. Duas barras, por consequencia, se lhe contam: a de *S. Francisco* propriamente e a do *Araquary*, um grande canal que desagua ao sul; sua barra tem a profundidade de sete a oito pés.

Sobre espaçoso, é seguro e offerece bons ancoradouros o afamado porto. Teria, porém, o carinho de valor subido si não lhe difficultasse a entrada um banco que fica ao noroeste da ponta do *Sumidouro*, de dous metros de fundo; o que levou o navegante inglez James Imray, no seu conhecido roteiro, a aconselhar que « não se tente entrar alli sem o auxilio de um pratico ».

Dia a dia cresce de importancia esse porto pelo desenvolvimento commercial que nelle se manifesta, principalmente depois



que se iniciou a construcção da ferro-via S. Francisco ao Iguassú. O prolongamento dessa linha ao Paraguay, transformando *São Francisco* num porto internacional, certo leval-o-ha ao maior progresso.

Consideremos agora os rios que se lançam nas diversas enseadas que constituem a bahia de *Babitonga*.

Na enseada que mais ao norte fica nessa vasta bahia desagua o mencionado *Palmital*, bastante largo, que recebe, entre os seus principaes affluentes, o *Onça*, cujo curso é de sete kilometros.

Pouco acima de sua foz esgalha-se aquelle rio em dous braços, que recebem muitos e sinuosos tributarios.

Com o curso de 16 kilometros rolam as aguas do *Tres Barras*, que com o *Palmital* se lança no extremo norte da bahia de *São Francisco*.

O citado 1º tenente Vieira da Rosa assim lhe descreve o curso: « Correndo a principio com o rumo sueste durante quatro kilometros, volta no fim delles mui bruscamente para nordeste e com tal rumo se vae durante seis kilometros; vira depois para o curso primitivo, que não mais abandona.»

O *Cavallinho* (\*) com 15 kilometros de curso, o *Pirabeiraba* com 20, o dos *Juncos* com 14 e o da *Ribeira* com 25 são os mais volumosos rios que igualmente se lançam após os mencionados, na alludida bahia, para onde tambem correm os rios *Pinto*, *Batory* e *Barrancos*, com o rumo de leste-oeste, encontrando-se-lhes as nascentes nas montanhas do *Sahy*.

Na lagôa de *Saguassú* desembocam diversos cursos d'agua, dos quaes o mais importante é o rio *Cachoeira*, a cuja margem direita se assenta a bella cidade de Joinville, séde do futuroso municipio do mesmo nome, outr'ora colonia D. Francisca, que teve esta denominação em homenagem á princeza brasileira cujo consorte foi o principe daquelle nome.

Sobreleva, porém, a todos em extensão o que, nascendo na serra de S. Miguel, recebe, como principal tributario, o *Quiriri*, tambem graphado *Kiriri*. Referimo-nos ao *Cubatão* com o curso de 80 kilometros. Pena é não se contar esse rio no numero dos francamente navegaveis, pois sua bacia é avaliada em 900 kilo-

---

(\*) Nome dado em homenagem ao rico fazendeiro Luiz Rodrigues Cavallinho, genro do primeiro capitão-mór de S. Francisco, Manoel Lourenço de Andrade.

metros quadrados, quasi toda ella pertencente ao prospero municipio de Joinville. Sua foz é fronteira á enseada do *Pinto*, na costa do Sahy.

Seguindo pela costa do municipio de Paraty, deparamos com a barra do *Paranaguá-mirim*, de 10 kilometros de extensão; banha este rio terrenos em que se encontra importante jazida de manganéz.

Corre-lhe ao sul o *Paraty*, que banha a futura villa do mesmo nome; seu curso é de 15 kilometros approximadamente.

Encontram-se depois o *Areias Pequeno*, o *Areias Grande* e o *Pinheiro*, os dous ultimos com o curso de 10 kilometros e o primeiro com o de nove.

Bem proximo á foz do *Araquary* (canal a que, linhas atraz, já fizemos referencia), lança-se o *Perequê*, com o comprimento de 19 kilometros.

Em caminho encontra-se, depois da barra velha do *Itapocú*, esse rio, intimamente ligado á expedição de Alvar Nunez Cabeza de Vaca, pois pelo seu curso fez esse *adelantado* do Paraguay rumo áquella antiga possessão hespanhola, em meados do seculo XVI.

Cento e trinta kilometros de curso tem esse rio, abrangendo a sua bacia uma área de 2.500 kilometros quadrados. E' fertilissimo o valle a que dá o nome. Numerosos são os seus afluentes e confluents, sendo os de mais desenvolvido curso o *Pirahy-piranga* com 73 kilometros, o *Putanga* com 56 e o *Jaraguá* com 45.

Os rios *Itajubá* (pedra amarella), *Pissarras*, *Perdição*, *Gravatá* e da *Pedra* encontram-se na costa a seguir ao arroio *Barra Velha*, que, diz o proprio termo, foi a primitiva foz do alludido *Itapocú*.

Obstruida por completo está hoje a citada barra, que á lavoura e ao commercio, a que outr'ora facilitava a conducção e embarque dos generos, não offerece, por brava, o menor abrigo na actualidade.

Do poder publico é licito esperar providencia attinente ao melhoramento das condições da referida barra, attendendo á importancia dos municipios de Paraty e Joinville, principalmente á zona agricola da primeira dessas futuras circumscripções catharinenses.

Poucas milhas além, sempre demandando o sul, ostenta-se, entre duas pontas que nas cartas se assignalam com a denominação, uma da Armação, das Pissarras outro, magnifica enseada, que offerece no seu interior 17 metros de fundo e 20 mais fóra. E' *Itapocoroy*.

E referindo-se a esse bellissimo trato da costa catharinense, não nos furtamos ao prazer de trasladar para esta modesta *Memoria* o que o primoroso estylista Sylvio Dinarte (Escragnolle Taunay) a respeito escreven no seu apreciado livro *Céos e Terras do Brasil*:

« De quantas (perspectivas) porém, na pittoresca e hospitaleira provincia de Santa Catharina merecem mensão mais especial, nenhuma ha — nenhuma, por sem duvida — que em magnificencia, serenidade e amplidão, sobrepuje aquella que se gosa do alto de uma collina a cavalleiro sobre o mar, perto de uma antiga feitoria destinada á pesca das baleias e conhecida por *Itapocoroy*.

.....

« A' direita de quem olha para frente fica o cabo chamado Ponta Negra; á esquerda o da Vigia, eternamente parados no pareo em que pareciam empenhados, a verem qual dos dous avancava mais, e entre essas pontas se abre uma praia aspera, quasi sem orla alguma, de continuo açoutada por mar grosso, que se encrespa e logo se cava com qualquer aragem.

« Volte-se agora o espectador, e difficil lhe será reter um grito de admiração e pasmo. Ha pouco vira o Oceano em sua acabrunhadora grandeza, na qual impera soberana a monotonia. Agora é o mar sereno, diaphano, o mar risonho, esmeraldino, a se espreguiçar mollemente em uma curva extensissima em que a arêa resplende como um fio de prata formando uma parabola de ramos desiguaes desde a ponta da Cruz, bem perto de nós, até a da Penha, já longe e que mal apparece, esbatida pela muita distancia.

« E bordando essa curva, de todos os lados se alteiam verdes collinas coroadas de grupos de palmeiras, cujas graciosas curvas resaltam no fundo anilado das montanhas de Itajahy, Itapocú e Jaraguá — esplendida moldura daquella incomparavel bahia, que no espirito arrobado póde afigurar-se gigantesco e divinal baptisterio. »

Proseguindo no mesmo rumo, depara-se-nos o porto de *Itajahy*. Melhoram-lhe as condições os trabalhos executados pela secção da

Commissão de Melhoramentos dos Portos e Rios de Santa Catharina, á qual estão affectos. Corrigida a linha do pontal que ora se encolhe, ora se dilata, conforme correm, com mais ou menos impetuosidade, as aguas do *Itajahy-assú*, terá conquistado Santa Catharina mais um porto aberto aos transatlanticos, que aliás já têm alli entrada, servindo ao commercio directo daquella praça com as do velho continente.

Azado é o momento de fallarmos do rio *Itajahy-assú*, que da vertente oriental é o de mais importancia.

Dos campos que se estendem entre os rios *Canoinhas* e *Papan-dara*; nas encostas das serranias do Mar e do Espigão, descem as primeiras aguas do grande receptor dos volumosos *Itajahy-mirim*, *Hercilio* (antigo *Itajahy do Norte*), *Itajahy do Sul* e do *Oeste*, que por sua vez têm por tributaria longa série de correntes, cujo curso total se conta por muitas centenas de kilometros, banhando essa região admiravel onde se assentam os municipios de Itajahy, Brusque e Blumenau, cuja crescente prosperidade tão grandemente concorre para o desenvolvimento do Estado.

O curso do rio *Itajahy-assú* é de 250 kilometros; sua bacia occupa uma área de 15.000 kilometros quadrados. A direcção mais geral que toma é de oeste para leste; conta por 250 metros a largura média até a Serra do Mar.

Logo ao sul da foz do citado rio, faz a ponta denominada das Cabeçadas uma inflexão conhecida por *Sacco da Dyonisia*, ancoradouro a que se abrigam os navios, quando, por circumstancias de mar e tempo, não lhes é dado transpor a barra do *Itajahy-assú*.

Navegavel de sua foz até 13 kilometros acima por hiates, desliza o rio *Camboriú* com pouca correnteza em terras assás ferteis, por entre ribanceiras em geral elevadas.

O commercio do municipio cresce dia a dia; por ser um dos maiores productores de café, Camboriú, além dessa circumstancia, que lhe garante um futuro promissor, contém terras fertilissimas ainda não cultivadas, que serão mais um elemento de segura prosperidade.

Devemos acrescentar que o citado rio nasce no prolongamento leste da serra de Tijucas e tem 25 kilometros de curso.

*Tapera*, riacho de seis kilometros de curso, e *Perequê*, rio de nove, ambos já no municipio de Porto Bello, lançam-se na enseada deste ultimo nome, conhecida outr'ora, quando para aquella pá-

ragem se dirigiram os açoristas, seus primeiros povoadores, pela bem apropriada denominação de — Enseada das Garoupas.

Entre Itajahy e a Capital, o ancoradouro que mais prende a atenção de quantos por alli navegam, é sem contestação *Porto Bello* (\*). Este qualificativo bem exprime a excellencia de tal enseada, merecendo especial menção a *Caixa d'Aço*, um verdadeiro dique natural, quasi na ponta sul, fronteira á ilha do João da Cunha, primitivamente conhecida por Ilha Bella. Nessa *Caixa d'Aço* abrigou-se a esquadra portugueza commandada pelo almirante Mac-Duall, em 1777, o que a preservou de ser atacada pela hespanhola, sob o commando em chefe do general Don Pedro Cevallos Cortez y Calderon.

Não se explica o abandono a que se tem entregue tão apreciavel porto.

Afigura-se-nos proximo o tempo em que elle será, sem duvida, bem aproveitado como ponto inicial de uma estrada de ferro, por onde se hão de escoar os productos de toda a importante comarca de Tijucas, de que é parte integrante. Cogita-se da ligação de tão excellente porto com o centro de Nova Trento, atravessando o municipio de Tijucas.

Então a velha colonia Ericeira, que se revia garbosa no espelho das aguas da enseada das Garoupas, resurgirá rejuvenescida, afim de collocar-se ao lado das povoações mais prosperas, em justa emulação, reconquistando com justiça os titulos que, ha mais de meio seculo, outorgavam-lhe o incontestado direito de ser um municipio em destaque.

A dez milhas a oeste da ilha do Arvoredo, tão conhecida dos que cortam o Atlantico nas suas viagens pela costa do Sul, demora a bahia de Tijucas. E', apesar de vasta, pouco profunda e desabrigada dos ventos de léste, o que motiva a que vão fundear nos *Zimbros*, ao norte ou nos *Ganchos*, ao sul, as embarcações sorprendidas por ventos contrarios. Nessa bahia desagua o rio *Tijucas Grande*, cuja barra, infelizmente, não corresponde á importancia do commercio que se desenvolve em todo o municipio.

De pouco mais ou menos 160 kilometros é o seu curso, contando-se-lhe a bacia por 1.750 kilometros quadrados. Enumeram-se

---

(\*) BON PORT já o chamavam os corsarios francezes, primeiros navegadores que alli cruzaram, segundo se lê nas chronicas do tempo.

como seus afluentes o rio do *Braço*, o *Bôa Esperança* e o *Bonito*. Na confluencia do ribeirão do *Atferes* com o alludido rio do *Braço*, assenta-se a villa de Nova Trento, séde do municipio deste nome, em cujo centro acaba de fundar-se o nucleo colonial Esteves Junior.

São os *Ganchos* uma bella e segura enseada na costa do municipio de Biguassú. As excellentes condições do seu porto, contrastando com a situação precaria da barra do rio *Tijucas*, como que o constituíram o entreposto deste ultimo municipio, pela preferencia dos negociantes que, sem razão, se esquecem de Porto Bello.

Fica aquella enseada ao sul da bahia de Tijucas e, devido á profundidade de seu porto recebe, com os hiates que a demandam, vapores do Lloyd Brasileiro e de outras companhias que alli vão carregar, principalmente madeira, um dos generos que mais avolumam o quadro da exportação de Tijucas e Nova Trento.

E' um nucleo de excellentes pescadores, que, pela lei atavica, reproduzem os feitos de coragem dos seus maiores, quando em pequenas mas seguras embarcações, mar em fóra, pandas as velas das baleeiras e outras apropriadas embarcações, vão á pesca das tainhas ou das anchovas, para não fallarmos das baleias, que em tempos idos se apresentavam abundantes e hoje em numero escasso e só na estação hibernal.

O rio *Inferninho* é uma corrente de 15 kilometros, que se lança no sacco do mesmo nome, no municipio de Biguassú: recebe nas duas margens alguns riachos, com o curso variavel entre um e seis kilometros. Proximo á sua embocadura encontram-se alguns « sambaquis ».

Até alcançar-se (estamos seguindo o rumo sul) o *Tijuquinhas*, que deslisa fracamente pelas varzeas que se estendem entre Caeiras e Ganchos, contam-se os arroios *Armação*, *Fazenda*, *Curral*, *Praia do Porto*, *Praia do Signal*, *Sargento Medeiros*, *Praia Grande* e *Verissimo*.

Na faixa littoranea que medeia entre a foz do *Tijucas* e a do *Cubatão do Sul*, é o rio *Biguassú*, o de mais extenso curso: 60 kilometros, dos quaes a metade navegavel. E' comtudo de pequeno volume de agua, devido á pouquissima declividade; está por isso sujeito ao fluxo e refluxo das marés. Poucos são os seus afluentes, sendo que o curso do maior não ultrapassa seis kilometros.

A seguir ao *Biguassú* encontra-se o rio da *Serraria*, já no

município de S. José, antes de se chegar ao Estreito, fronteiro á capital do Estado (Florianopolis).

Na sua excellente obra *O melhor porto ao sul do Brasil*, assignala magistralmente o almirante João Justino de Proença a importancia do porto de Santa Catharina « que, pela sua posição geographica, pelo seu clima, pelo contorno de suas costas, pelo coefficiente de suas marés, pela posição relativa á mais importante provincia fronteira (o Rio Grande do Sul), está chamado a ser o centro maritimo commercial e militar, mais caro ao Estado, mais digno da sua attenção, mais cubiçado do estrangeiro e que mais deve attrahir toda a dedicação e todo o estudo dos altos poderes deste paiz ».

De todos os tempos foi este porto considerado pelos mais abalizados navegantes, historiadores e militares « como um dos principaes da America do Sul, não só pela franqueza completa e absoluta da sua barra, como pelos numerosos abrigos, angras, abras e enseadas que existem dentro das duas grandes bahias que ficam entre a linha daquelle nome e a terra firme ».

Lembra o illustre catharinense que, já desde o seculo XVII, tanto comprehendeu o governo da metropole a grande importancia desse enorme *seio de Abrahão* « que mandaram construir varias e importantes fortalezas tanto na barra do norte como na do sul, além de alguns fortins e trincheiras, cujos vestigios ainda hoje se encontram nas terminações das praias ou nas barretas das lagoas », recordando igualmente que, desde os seculos XVI e XVII, recebia o ancoradouro de franquia de Santa Catharina « os mais notaveis e atrevidos baleeiros e exploradores que traziam, já da Europa, já do mar do sul, instrucções para o demandarem, por ser o mais proprio para fornecer-lhes abrigo, refrescos e descanso de suas campanhas ».

No importante trabalho do referido almirante ainda encontramos a seguinte referencia á estadia de viajantes illustres que, por interessante, damos a seguir:

« A historia menciona os nomes dos grandes exploradores Christovão Jacques, Gonçalo Coelho, João Dias de Solis, Sebastião Caboto, Gonçalo Garcia e Alvaro Nunez Cabeça de Vacca, os quaes logo depois de descobertas as costas brasileiras, quando não havia cartas nem roteiros, estacionaram ou transitaram pela ilha e pela grande e imponente bahia dos Patos, mais tarde conhecida,

em allusão a um estreito que tem entre as bahias do norte e do sul pelo nome de Jurémirim.

« Abreu e Lima, na sua *Historia do Brasil*, diz: « *A importante ilha de Santa Catharina foi por muito o ponto de escala para todos os que navegavam os mares do sul* ».

« A historia particular e as tradições da provincia estão cheias de nomes notaveis, dos mais atrevidos e afamados homens do mar, uns illustres por façanhas maritimas, outros pelos seus descobrimentos geographicos, e que vieram com os navios ou de Santa Catharina, em franquia de Santa Cruz, ou do proprio porto do Desterro. »

Entre o porto da capital e a barra do norte, na extensão de cerca de 10 kilometros, estende-se o « taboleiro », banco de areia e lodo que intercepta a passagem dos navios de grande calado, só permittindo o passo aos de 11 e 12 pés no canal de oeste, que é só de vaça.

Para a execução desse « taboleiro », organizou o Governo Provisorio a Commissão de Melhoramentos dos Portos de Santa Catharina, que continúa sob a competente direcção do engenheiro civil Augusto Fausto de Souza.

Realizado que seja esse melhoramento, poderemos repetir com o competente autor d'*O melhor porto ao sul do Brasil*: « Com esse melhoramento, importantissimo em seus beneficos resultantes, já pelo lado commercial, já pelo estrangeiro, o porto do Desterro seria, sem duvida, um dos melhores de toda a America, pela sua feliz posição geographica, pela facilidade que provém das duas barras, pela franqueza da entrada para o ancoradouro de espera, e sobretudo pela vastidão da bahia que, sendo inteiramente fechada, offerece plena garantia de solidez das obras e modicidade nas despezas que com ellas se tivessem de fazer ».

Merecem ser citados como pontos principaes, que a bahia do norte de Santa Catharina offerece, os seguintes:

— *Sacco da Armação*, logo fóra da barra, e onde se encontra a profundidade de 13 a 19 pés;

— *Caeiras*, ao sudoeste e muito proximo da ilha de Anhatomirim, onde se acha a fortaleza de Santa Cruz, com « uma profundidade de nove a 22 pés, muito melhoravel, mediante pequeno e pouco dispendioso quebra-mar, para formar uma ou duas docas de carga e descarga, tendo a meia milha o afamado e excellente



ancoradouro de franquia de Santa Cruz, onde o fundo é de magnifica tença, marcando a sonda de 28 a 32 pés ».

Mais para dentro, encontra-se o *Sacco de S. Miguel*, com profundidade de 11 pés.

Do lado da ilha temos o porto de *Sambaqui* « um dos melhores de todo o Brasil », na autorizada opinião do illustrado almirante J. J. de Proença.

Si passarmos para a bahia do sul, a começar do Estreito, depara-se-nos o ancoradouro dos *Coqueiros*, com a profundidade de 12 a 20 pés.

Rumo do sul, encontramos o *Sacco de S. José*, sufficientemente espaçoso. Ao fundo ergue-se a cidade do mesmo nome.

Estreito e correntoso é o *Maruhy*, rio de 40 kilometros de comprimento e cujas nascentes se assignalam nas proximidades da antiga colonia Angelina, de tão justa nomeada pelo seu excellente clima.

*Passa Vinte e Iririú*, o primeiro com cinco e o segundo com 10 kilometros de curso, são os rios que, rumo do sul, se seguem ao *Maruhy*.

O *Cubatão* é uma bacia de 500 kilometros quadrados; seu comprimento é de 70, approximadamente.

No valle que lhe tomou o nome levantam-se povoações de certa importancia, como Santo Amaro e Theresopolis, ou no municipio da Palhoça. Merece especial mção o seu affluente rio das *Caldas*, em cuja margem esquerda se construiu o Hospital das Caldas da Imperatriz, ou Caldas do Cubatão.

Já perto da barra, abre-se-nos a enseada do *Brito*, onde actualmente ancoram embarcações que calam até 14 pés, e mesmo onde poderiam chegar de 20, si lhe fizessem os indispensaveis melhoramentos.

Para o porto de *Massiambú*, que se estende á beira de uma bella varzea, assignala a sonda 40 a 50 pés.

Ahi se lança o rio do mesmo nome, que nasce no Cambirella, granitica atalaya que se ergue magestosa em frente á capital do Estado.

O *Capivary*, com o curso de quatro kilometros e desaguando a meio da praia da Pinheira, e o *Embahú*, com 25 kilometros de extensão, são os rios principaes que se registam entre Massiambú e Garopaba.

Entre os citados rios *Capivary* a *Embahú*, já para o sul da bahia meridional de Santa Catharina, estende-se a enseada da *Pinheira*, que se presta para o pequeno commercio da zona em cuja costa se acha encravada.

Segue-se-lhe a enseada de *Garopaba*, denominação que se estende ao municipio cujo centro se dilata por fertes terras, que convidam o braço do colono a cultivar-as com seguro resultado.

No lado occidental do morro daquelle nome, em uma curva do littoral, ergue-se a villa de *Garopaba*, outr'ora movimentada armação de baleias.

E' a enseada abrigada dos ventos do quadrante sul. A nordeste do promontorio, não muito afastados da costa, afloram alguns arrecifes. O lado oriental do morro alludido é um costão bravo, principalmente quando fustigam-no as lestadas, conhecidas pelo nome de « carpinteiro da praia ».

Nasce na serra do *Capivary* o rio *Una*, que desagua na parte mais septentrional da lagôa do *Imaruby*. Seu curso é de 25 a 30 kilometros; sua bacia mede 125 kilometros quadrados.

Na mesma lagôa despeja o *Aratingaúba*, entre o logar *Siqueiro* e a villa de *Imaruby*.

A enseada de *Imbituba* dista 12 milhas da Laguna e 38 da capital. Excepção feita dos ventos norte e nordeste dentro, no recanto que fórma antes de começar, a partir de léste a praia de *Imbituba*, pódem actualmente abrigar-se de todos os ventos dous ou tres navios de grande porte.

Referindo-se a esse porto, diz o citado almirante:

« *Imbituba*, todos quantos por aqui têm navegado e navegam o sabem, sempre foi alguma cousa como porto de abrigo: alli ainda se vêem os restos da « armação » da pesca da baleia, e grandes ossadas desse cetaceo. »

Linhas adiante, expõe o mesmo illustre official-general: « ... um excellente porto de abrigo, como sempre foi, para os navios acossados pelos temporaes do sul, do sueste e até oeste e noroeste, que são os mais violentos nesta costa; quanto aos ventos do quadrante nordeste, de que a enseada está em desabrigo, nunca tomam uma intensidade exaggerada. O que ha a temer, em *Imbituba*, são os violentos e destruidores temporaes de léste, que nada respeitam e causam grande desastres neste littoral, em cujas costas percutem de frente. São em geral designados na provincia

pelo nome terrífico de «lestadas», acompanhados de chuva, rigidíssimas lufadas e duram ás vezes dous e tres dias. Felizmente são raros e passam-se mesmo dous e mais annos sem que, nestas paragens, se observe uma «lestada», ao menos das de character mais intenso».

Ao porto de Imbituba segue-se o da *Laguna*, importante emporio commercial.

Devido aos trabalhos da sub-commissão de portos, o banco que impedia a franca navegação alli vae pouco a pouco desapparecendo, de modo que as condições da barra têm melhorado sensivelmente. Sondagens feitas ultimamente em differentes pontos de sua extensão bem o demonstrem, pois que apenas duas deram resultados inferiores a quatro metros, sendo as demais desde 4<sup>m</sup> a 4<sup>m</sup>, = 40, com quatro metros de média, ou 13 pés, havendo algumas de 14 e 14 1/2 pés.

Nota-se grande afastamento do banco para fóra da barra, tendo-se verificado que, na parte mais funda, a largura do mesmo banco não attinge a 100 metros.

As aguas no porto sobem com os ventos de S e SO e baixam com os de N e NE. Os primeiros sopram geralmente de março a setembro e os ultimos de setembro a março.

Proseguem com magnificos resultados os trabalhos commettidos á secção da já referida Commissão de Melhoramentos dos Portos e Rios de Santa Catharina, sob a direcção do engenheiro civil Polydoro Olavo de S. Thiago, realizando-se assim as obras recommendadas pelo mallogrado almirante Calheiros da Graça, que reconheceu a possibilidade de tornar aquella barra praticavel a navios mesmo de grande tonelagem.

Na Laguna lança-se o *Tubarão*, cujo curso é de 156 kilometros; atravessa esse rio um dos valles mais fertéis do Estado.

O rio *Urussanga*, com 50 metros de largura e a profundidade de quatro a cinco, mede 60 kilometros de extensão. Nasce no Belvedere e lança-se no Oceano por uma barra estreita e rasa.

Cerca de 70 kilometros ao sul da Laguna, despeja suas aguas no Oceano o rio *Araranguá*, cuja barra, por impraticavel em quatro e mais mezes durante o anno, impede grandemente o desenvolvimento de um municipio de terras proverbialmente uberrimas.

Faltando-lhe transporte facil e barato para a producção, o valle de Araranguá alimenta a legitima aspiração de que aos seus

justificados reclamos não cerre ouvidos o poder publico, interessado como é na resolução dos problemas que affectam os justos interesses dos povos.

Nasce na Serra da Pedra o rio *Araranguá*, cujo curso é de 120 kilometros; com uma profundidade consideravel, de seis a 18 metros, vê-se infelizmente reduzido da devida importancia pelo banco que lhe intercepta a barra.

Descreveu-o assim o 1º tenente Alvaro Augusto de Carvalho, que, annos depois, na batalha do Riachuelo, commandando a *Ipiranga*, tão heroicamente defendeu a honra do pavilhão patrio:

« A barra do rio *Araranguá* é formada pelo desagamento do mesmo rio no mar e corre a ENE — OSO, sendo pelo lado do N formada por um grande pontal de arêa que se estende pouco ao mar, e ao S por uma lingua d'arêa, que se estende mais ao mar do que o pontal. A barra é atravessada por um banco de arêa formado pelo continuo movimento das aguas, e onde o mar quebra com muita força, quando ha grandes ventanias de fóra.

« Quando estive alli, prumei a barra na baixa-mar, e achei oito palmos de agua no lugar mais baixo do banco, dizendo contudo o pratico da barra que era raro encontrar tão pouca agua, e que na preamar regulava de 12 a 14 palmos. Soube tambem que no tempo do verão a barra regula de 16 a 20 palmos, chegando muitas vezes a 25, isto é, proveniente das grandes enchentes, que então tem o rio, causadas pelas trovoadas, que se formam nas montanhas, onde tem a sua nascente.

« A barra poderá ter de largura 50 braças (si tanto) e o banco tres; de maneira que, passadas essas tres braças, cahe-se immediatamente em um fundo de 18 a 20 palmos, e encontra-se mais agua á proporção que se entra.

.....

« O banco da barra de *Araranguá* não está ao mar da bocaina da barra, como acontece ao da *Laguna*, mas sim a meio, e já dentro do cabeço formado pela lingua de arêa que se estende ao mar, da parte do S da barra. Emquanto a melhoramentos, acho impossivel fazel-os, por ser essa barra mudavel, como todas as barras abertas na praia, e tanto que essa mesma barra já tem estado por E, ESE e SE; isto occasionado por grandes inundações do rio. A unica cousa que se póde fazer, é ter boa catraia, gente desembaraçada para a tripular e patroada pelo pratico, que é homem

do mar; juntando-se a isto um regulamento de signaes para os navios se poderem guiar na barra. O pratico poderá prumar a barra diariamente e estar ao facto de suas alternativas, pois de qualquer lado que esteja a barra, sempre dará entrada a navios de oito palmos de agua pelo menos.

« Poder-se-hia promover a navegação concedendo privilegio e isenções aos donos das embarcações que para alli navegassem, e isentando as guarnições dos recrutamentos.»

A bacia do Araranguá méde 3.000 kilometros quadrados. O terreno que elle percorre é plano ao sul e a léste, sendo pouco accidentado ao norte e a oéste.

Lança-se no oceano o rio *Mampituba* 116 kilometros ao sul do cabo de Santa Martha. Na sua foz atravessa-se um banco que não permite a profundidade susceptivel de por alli se estabelecer a navegação.

A profundidade interior do *Mampituba* augmenta no começo até 4<sup>m</sup>,84, diminue depois e só apresenta 12 na sua extremidade superior, enquanto que a sua largura de 110 e 132 metros se reduz a 30 no mesmo ponto. Sua extensão é de 23 kilometros, que os cultivadores ribeirinhos diminuíram em parte pela abertura de tres *varadouros*.

A influencia dos ventos (do sul e de léste sobretudo) age com mais força do que a maré sobre as aguas desse rio, assim como sobre as dos seus affluentes, cujos principaes se reduzem a quatro: os rios *Monteiro*, *Verde* e *Sertão* e um sangradouro da lagôa do Sombrio.

E, assignalando o *Mampituba*, temos chegado ao extremo meridional da costa de Santa Catharina, não nos esquecendo, todavia, que ao rio *Tramandahy* já attingiu a divisa, extremando aquelle com o visinho Estado do Rio Grande do Sul.

---

---

## CIPANGO

A proposito das ilhas japonezas, escreveu Mendo Vaz no *Jornal do Commercio*, ha tempos, um interessante estudo, do qual vamos fazer um resumo para os leitores da *Revista*.

Subordinado ao titulo de "Atlas para servir ao estudo da historia da cartographia do Japão" publicou recentemente o conde Paulo Toleki, sabio allemão, interessante trabalho, que consiste em esplendida collecção de cartas susceptiveis de fornecer pleno conhecimento das vicissitude por que passou a representação cartographica das ilhas japonezas, desde o dia em que o nome de Cipangu figurou pela primeira vez num globo até ao raiar do seculo XIX. Incluem-se no atlas as representações de Carafuto (Sacalina) e das Curilas, de Lieu-kien e de Formosa, conjunctamente com o proprio centro do imperio nipponico.

A Messer Millione e a Marco Polo, são devidos o conhecimento do nome de Cipangu e as primeiras noções sobre esse vago paiz, situado no alto mar, a 1.500 milhas de distancia a leste da massa continental asiatica.

Sómente muito mais tarde, no celebre globo de Martin Behaim, datado de 1492, figuram a ilha e o nome de Cipangu, que seria erro considerar identicas ao Japão. A Cipangu, de Martin Behaim é na realidade uma dessas ilhas fantasticas, analoga á de S. S. Brandão e á Antilha, que segundo criam os geographos da idade-média povoavam as marinhas extensões intermediarias entre a orla occidental da Europa e as costas orientaes da Asia.

Assim permanece Cipangu, durante a primeira metade do seculo XVI, nos globos e cartas de Nicolo Canerio, de Martinho Waldseemuller, de Ruysch, de Schoener e de outros. Então durante meio seculo, até a descoberta do Novo-Mundo por Christovão Colombo, Cipangu vive, entre dous continentes, a vida das ilhas

legendarias, mudando de logar conforme as cartas e até desapparecendo de todo.

Mais tarde ainda, ao passo que os portuguezes ciosamente guardavam á moda do tempo o segredo da descoberta, Cipangu continúa a figurar em certo numero de mappas. Mas no fim da primeira metade do seculo XVI o nome está prestes a de todo se desvanecer. De facto, em 1550, no terceiro volume da preciosa compilação de Ramusio, vem incerta uma carta de Gastaldi, onde pela vez primeira surge o termo:— *Giapan*.

Entra de propagar-se a noticia da descoberta realizada pelos portuguezes no anno de 1542, conhecimento aliás bem incompleto, e cujo resultado unico é a mudança de nomenclatura, porque sob o nome de “ *Giapan* ” e ainda a lendaria Cipangu, que numerosos cartographos, na segunda metade do seculo XVI continuam a representar.

Em meio das controversias relativas a descoberta do Japão, o conde Paulo Toleki entende com toda a justiça que as honras de tal conhecimento cabem indubitavelmente a Portugal.

Como nas outras partes do imperio colonial lusitano, o mercador e o missionario seguiram logo as pisadas do explorador, e as primeiras cartas do archipelago foram traçadas por portuguezes.

Diogo Homem desenha tres cartas da Asia Central em 1558, 1561 e 1568 e autor anonymo organiza outra cerca de 1553.

As cartas portuguezas não representam o archipelago na sua totalidade. Vêem-se apenas alli as ilhasinhas mais meridionaes, as costas do sul de Kin-Six e de Sicóque, a costa occidental de Sin-sin e as margens do estreito de Bungo.

São estas tambem as unicas partes do Japão delineadas pelos cartographos hollandezes do seculo XVI, atidos aos subsidios que os portuguezes lhes forneciam. Arnold e Henrique de Langren desenharam e gravaram cartas em 1595, Evert Gysbert em 1599.

Nos ultimos annos do seculo surge outro typo cartographico digno de attenção, e que se encontra pela primeira vez no Atlas de Abrahão Ortélius (1595), delineado sobre noções fornecidas pelo portuguez Luiz Teixeira, filho de Pero Fernandes.

Nesse trabalho, prevalecem os elementos de noticia oriundas dos missionarios jesuitas, ao passo que em outras cartas perma-

nece mais pura a influencia das fontes de informação provindas dos navegadores.

Em parte alguma, porém, o archipelago japonês se mostra com sua característica fórma. Foi só depois das explorações do hespanhol Sebastião Vizcaino (1611) que esse perfil começa a fixar-se nas cartas portuguezas e hespanholas contemporaneas dos primeiros reconhecimentos geographicos de valor effectuados por navegadores neerlandezes ao longo dos littoraes nipponicos (1640).

Havia muito já nesta data, que seguindo pelo estreito de Magalhães, marinheiros procedentes dos Paizes-Baixos, tinham attingido pela primeira vez as costas japonezas e era já, portanto, relativamente antiga a feitoria implantada por mercadores da mesma nacionalidade no ilhéu de Irado, transferido depois a porto artificial de Desima hoje desaparecido.

Assim haviam já os holandezes colligido noticias interessantes, primeiro traduzidas em tosco exemplar cartographico e mais tarde na carta entregue a Mathys Quast e Abel Tasman, no momento em que partiram em cata das ilhas do Ouro e da Prata, enviados pelo illustre governador geral Van Dlemen e pelo Conselho das Indias.

As instrucções dadas aos dous viajantes constituem excellente commentario ao documento geographico, que é verdadeiro marco milliario na sciencia hollandeza. E' pela altura dos parallelos 36 ou 37 que Quast deve abordar ao Japão, devendo depois costear a face oriental, buscando passagem para a Tartaria. Isto prova claramente que se a viagem do hespanhol Vizcaino era conhecida dos holandezes, pelo contrario a orla oriental do Japão para a banda norte, e bem assim a natureza insular de Yézo eram por elles completamente ignoradas.

O facto de ser archipelago o Japão e a extensão total do paiz eram as questões importantissimas que ao futuro cumpria desvendar.

\* \* \*

Quast e Tasman haviam, porém, recebido principalmente das Companhias das Indias Orientaes, em 1639, a missão de procurar, com os pequenos barcos *Engel* e *Gracht* as famosas ilhas "Rica de Ouro" e "Rica de Prata", que se suppunham situadas nas



paragens do 37° e meio de latitude norte, a obra de 400 milhas para léste do Japão, e com as quaes não tinha dado Vizcaino, quando em 1611 cruzara durante muitos dias a 200 léguas ao largo das costas orientaes do archipelago.

Foi na sua tentativa de desempenho desta missão que os exploradores depararam com as ilhas Bonin-Sima e Idzu-si-chito, que, em meados do seculo XVI o capitão hespanhol Bernardo de la Torre descobrira já.

O modo pelo qual se effectuou a segunda descoberta consta do diario de bordo da expedição, o qual vai desde a partida de Batavia, em 2 de junho de 1639, até 24 de novembro seguinte, dia em que os exploradores lançaram ferro em Formosa. O texto, acompanhado de vistas das costas percorridas, não é todavia, sufficiente para introduzir definitivamente as ilhas de Bonin-Sima no quadro da geographia positiva, porque sabemos serem ellas completamente esquecidas ou desconhecidas dos europeus (se bem que não dos japonezes) quando no fim do primeiro quartel do seculo XIX pescadores de baleias as encontraram por acaso e lhes determinaram a posição.

Estas ilhas ficavam, porém, de annexo exterior ao archipelago japonéz. A representação cartographica deste teve por base durante o seculo XVII e principios do seguinte, no tocante á parte meridional, a carta Ortélius-Teixeira, a que ainda me refiro.

Gradualmente melhorada, mercê de verificações effectuadas pelos hollandezes, foi aos poucos registrando os resultados das navegações nos mares que banham o archipelago e das jornadas no interior do paiz, entre as quaes as annualmente emprendidas pela embaixada da Companhia das Indias. Forneciam tambem dados valiosos os negociantes de Desima, que os obtinham dos naturaes do paiz.

Mas o conhecimento da parte meridional do archipelago progrediu muito mais morosamente do que o da parte norte.

Desconhecida como era a exploração da costa oriental de Hondo pelos hespanhóes, em 1511, cujos resultados não figuravam nas cartas gravadas nessa época, é aos hollandezes que cabe a honra da descoberta da parte septentrional do Japão, porque após as viagens de marinheiros provenientes dos portos da Republica das Provincias Unidas é que as margens do norte de Hondo, as

da ilha de Yézo e as mais meridionaes dos Curilas, verdadeiramente figuram nas cartas de modo definitivo e permanente.

E' certo que em 1565, uma carta do padre jesuita Frois fallava da existencia de selvagem povo no norte do Japão, e mais tarde, graças especialmente a outros dous missionarios da mesma ordem Jacob Carvaglio e Jeronymo de Angelis, unicos que antes de Martim de Vries abordaram a Yézo, a noção acerca dessas regiões era um tanto menos vaga; comtudo, nenhum navegador europeu visitára ainda as costas de Yézo, de Carafuto e das Curilas, quando em 1543, no decurso de viagem ordenada pelo conselho da Companhia das Indias, e conforme as suas instrucções, Martim de Vries explorou taes paragens com o maximo cuidado e exactidão, a bordo do *Castricum* realizando a mais importante viagem de decoberta de que foram theatro os mares japonezes.

Da archipelago, de facto, mais de metade era desconhecida.

Martim de Vris projectou, de um só golpe vivissima luz, se é que completamente o não esclareceu, e observou com o maior rigor assim a delineação das costas como a relação destas entre si.

As noções scientificas colhidas pelo illustre navegador holandez, logo appareceram registradas nas cartas, sendo a primeira a compilada por anonymo desenhador cujo precioso traçado manuscripto existe no Archivo Real da Haya.

Mas por muito consciencioso que fosse o explorador enganara-se em tres pontos dignos de notas acerca dos quaes enunciou incomprehensivel hypothese: estabelecendo ligação entre Cunarisu (Cunaxir) a norte meridional das Curilas e Yézo; mostrando a ausencia de estreito entre essas terras e Carafuto ou Sacalina; suppõe, finalmente, que a "Terra da Companhia", a mais septentrional das Curilas, era parte da America!

Estes erros foram successivamente rectificadoss no decorrer do seculo XVIII por novos exploradores, e mórmente pelos russos, cujos trabalhos se traduziram na atlas publicado em 1745 pela Academia das Sciencias de San Petersburgo, e em obras cartographicas subsequentes.

Os excellentes navegadores do seculo XVIII e principios do seguinte, Gallaup de la Pérouse, William Broughton, Adam de Krusenstern, completaram o trabalho de reconhecimento das costas do archipelago nipponico, deixando ao capitão russo Golowin o

estudo final do archipelago das Curilas (1811-1813) e ao geologista japonês Mamiá Rinzó a honra de supplantar Krusenstern descobrindo a longa "Mancha da Tartaria", cuja existencia La Pérouse presentira em 1787, entre a costa continental da Siberia e a ilha de Sacalina.

Os trabalhos dos exploradores antigos são apenas méros reconhecimentos, e por isso a cartographia até ha comparativamente pouco tempo nunca poude dotar seus trabalhos de rigorosa precisão.

Os proprios La Pérouse e Krusenstern evitavam approximar-se das costas do Japão, propriamente dito, salvo nos arredores de Nagasáqui, e só Gore e King em 1779, quando reconduziram á Europa os dous navios de Cook, *Resolução* e *Descoberta*, se avi-sinharam da costa oriental de Hondo.

O minucioso labor de exploração do littoral, e bem assim o estudo aprofundado do interior só no seculo XIX se realizou, mórmente effectuada a revolução de 1868 e inaugurada a éra do moderno Japão.

Assim se passou da informe e legendaria Cipangu de Martim Behaim, á representação exacta e scientifica do archipelago japonês, com suas innumeraveis ilhas e a infinda variedade de costas maritimas.

---

---

## O RIO GRANDE DO SUL

Por J. Gomes de Campos Junior

O Rio Grande do Sul precisa ser estudado historica, geographica e ethnologicamente.

A Serra do Mar não vae até o Rio Grande.

A Serra do Rio Grande pela sua direcção e natureza geologica demonstra que uma não é continuação da outra e sendo de formação mais antiga (1).

A península de S. José do Norte é de formação recente e cada vez se alarga mais, quer na margem do Oceano, quer na margem da Lagôa dos Patos.

A ilha do Leonidio, antiga do Machadinho, no municipio do Rio Grande e proxima á cidade do mesmo nome, é composta de tres camadas de terra — preta, amarella e branca, e toda a agua é salobra.

O cabo da península, onde está situada a cidade do Rio Grande, era composto de ilhas. Ainda se vêem embocaduras dos arroyos, vestigios dos rios, e encontram-se indicações nos inventarios do tempo da Colonia e do principio da Monarchia (2).

O Albardão, no tempo da Colonia, tinha as terras salgadas. (ALVEAR — *Memorias.*)

Os canaes e lagôas desaparecem.

No canal entre a ilha do Leonidio e Marinheiros passavam, no tempo da Colonia, canôas caregadas com trezentos e quatrocentos alqueires de trigo; hoje, nem com um terço.

---

(1) PEREIRA CABRAL. — *Memoria geologica sobre os terrenos de Curral Alto e Serro do Roque* — Nota da pag. 70.

(2) Os inventarios antigos são documentos importantes para a geographia, historia economica e da vida domestica e para se saber quaes as tribus africanas que vieram para o Brasil.

O Rio Paratiny tem pouca agua e areia, ás vezes até o meio e sem agua e regular altura.

O sangradouro foi medido no tempo da Colonia com vinte e sete pés de agua; hoje, apesar da gaivagem no fim da Monarchia, não tem sete pés.

Mawe escrevia em 1808 que os rios do interior do Rio Grande eram mais interiores.

Dá ao S. Gonçalo duas leguas de largura, não tem meia legua (3).

A simples observação prova o que affirmou Mawe.

A ilha de Saragonha ao norte de S. José do Norte tinha canal entre a terra firme e a ilha por onde passavam os navios que entravam e saham na Lagôa dos Patos. Hoje, sómente, no canal canôas com pouca carga.

No Sacco da Mangueira, junto á cidade do Rio Grande, antigamente existia uma ilha (4). O canal desappareceu.

Pelo canal Torres, no oceano, entre a terra firme e a ilha, passavam antigamente navios. Hoje, não passam.

Cartheil disse se se fizesse a gaivagem, custaria dois ou tres contos por anno para a conservação.

As ondas do oceano batem nas pedreiras do norte, dissolvem a areia e a corrente conduz ao canal de Torres e toda costa, formando bancos e augmentando a terra firme.

O Rio Chuy tem diminuido de largura e a foz se desviou para o norte e está desapparecendo.

A Lagôa dos Patos tem diminuido de largura e de profundidade. Tem grande correnteza do norte para o sul, trazendo, em suspensão, alluviões que vão se depositando.

A barra do S. Gonçalo, na parte norte, já tem juncos, que são a guarda avançada do açoriamento.

A ilha dos Cavallos, defronte ao Rio Grande, cidade, antigamente era pantano; hoje, já tem duas ou tres edificações. Está solida.

Na parte norte da península, onde está situada a cidade do Rio Grande, existe agua subterranea, que vem sahir no cáes da alfandega. Não se sabe onde nasce. E' agua doce.

---

(3) Mawe — In Interior of Brasil.

(4) Escripturas de inventarios antigos

Existe corrente oceanica da barra do Rio Grande ao cabo da Bôa Esperança, passando entre as ilhas de Tristão da Cunha e Gang.

O limite do gelo, no Oceano, é mais ou menos defronte ao Rio da Prata, de maneira que a navegação do Prata tem de fazer angulo para se dirigir á Asia e Africa Occidental. O Rio Grande (a cidade) ha de ser porto economico de primeira ordem.

---

---

## MARROCOS

Conferencia realizada pelo Sr. A. S. Forrest, sob os auspícios da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, no salão do «Jornal do Commercio», a 7 de setembro de 1911

“ E’ com grande desconfiança de mim mesmo que compareço perante esta culta assembléa no caracter de conferente, em primeiro lugar porque não poderia nem pretendo apresentar-vos cousa alguma de caracter scientifico, e principalmente porque não possuo o conhecimento da vossa lingua que me permittiria brindar-vos com uma narrativa que ao menos tivesse o sabor individual das impressões que recebi ao atravessar um paiz que é hoje objecto da mais viva attenção de todas as potencias europeas. Graças á bondade do Sr. Vasco Abreu posso, porém, fallar-vos; e estou convencido de que elle se acha primorosamente apparelhado para desempenhar essa incumbencia, pois o sei possuidor de um perfeito conhecimento da minha lingua e mal preciso dizer que na vossa é igual a sua proficiencia.

Formuladas estas poucas palavras á guiza de prefacio, entrarei, sem mais delongas, no assumpto das minhas viagens através de Marrocos, centro de onde irradiam hoje as anciedades para os Estados da Europa que lhe ficam mais visinhos. Marrocos, ou Mogreb el Aska, conforme lhe chamam os Mouros que habitam o paiz, é, na actualidade, um dos raros paizes do mundo que se acham perfeitamente mil annos atrás da época presente, estado de cousas que se me tornou evidente, desde o momento em que pela primeira vez lhe pisei o territorio, mas que permitti que vos diga — não permanecerá no seu estado actual mais de um milheiro de dias. O viajante que na sua costa desembarca, não encontra alli os nacionaes do paiz a acolhel-o, a auxilial-o com solitudine, e tem

que se haver comsigo mesmo, exercendo sempre grande escrupulo na escolha dos lugares que frequenta, naquillo de que conversa, para que não vá ferir as crenças dos fanaticos ou azedár ainda mais o odio ao estrangeiro de que está imbuida toda a população. Parece quasi impossivel que possa existir em pleno seculo XX um paiz como Marrocos, desapparelhado de todos melhoramentos e confortos que o engenho humano e as descobertas scientificas converteram para todo o resto do mundo em necessidades usuaes.

Os habitantes contentam-se com ir lavrando a terra, transportando as suas mercadorias, e os dias se passam, sem que a sua vida diffira da que os seus antepassados viveram mil annos atrás. Exceptuada a polvora, quasi não ha descoberta universalmente conhecida de que o Mouro faça uso. A carroça, o varão, os vehiculos com rodas, são por assim dizer desconhecidos, e ainda me lembra bem que grande multidão curiosa e irrequieta assistio, pasma de admiração, ha seis ou sete annos, á introducção de uma carruagem na cidade de Tanger, um feito heroico a que se havia abalançado algum Hespanhol de coragem.

Tanger, o mais importante dos portos maritimos do norte do paiz, mal se póde classificar uma cidade mourisca, muito embora ella sempre impressione os milhares de turistas vindos de todos os lugares da Europa, e dos Estados Unidos, pelo contraste que apresenta, comparada com qualquer outra cidade da Africa Septentrional. E' uma cidade cosmopolita com péquenas colonias de Hespanhóes, Francezes, Italianos, Allemães, Inglezes e Turcos. Não ha, como disse, nem carruagens, nem bonds, nem estradas de ferro, mas nos seus mercados vende-se consideravel quantidade de artigos de origem nacional. Esses mercados, os grandes mercados que naquella cidade são os celebrados ás quinta-feiras, fóra do que chamariamos nas nossas cidades o primeiro urbano, são de variadissimo interesse para aquelle que desejar estudar typos curiosos. Procurarei retratar laguns dos que é mais vulgar encontrar nesses centros de commercio, invariavelmente apinhados de uma grande multidão intensamente perfumada.

Por toda a parte vêem-se tambem camellos e mulas, cavallos e cabras, cobertos de chagas abertas pelas esporas dos mercadores. A producção da costa do paiz é transportada ao mercado nessas bestas de carga, e ao mesmo tempo que os ouvidos se irritam com todo o immenso alarido que vai em torno, o nariz se revolta com



a nausea dos odores excessivos que povoam o ar. Aqui, é quasi obrigada a figura de um grande negro africano, um filho do sul, que, agachado por trás do seu pequeno taboleiro, vende as suas laranjas, tamaras e carnes doces; e myriades de moscas zumbem em torno dos artigos expostos á venda e que tão bom pasto offerecem á sua gulodice.

Foi nesta praça do mercado que me sentei uma manhã, bem cedo, para desenhar um desses typos caracteristicos. Acompanha-me um fiel interprete e guia, por nome Salam. Tinha apenas acabado de sentar-me á sombra de uma tenda, quando logo fui observado por um bando de moleques, attrahidos pela desusada indumentaria do nazareno, que era eu. Não demorou muito que me visse rodeado por um grupo de espectadores que ninguem havia convidado e que de boca aberta acompanhavam o progredir de meu trabalho. O meu modelo, inteiramente inconsciente de que estava sendo objecto do meu esboço, continuava perfeitamente tranquillo, envolvida na sua *gellaba* esburacada, uma vestimenta muito parecida com a que usam entre nós os membros das ordens monasticas. Em breve, porém, graças ás observações, percebeu elle que estava sendo o objecto, para não dizer o thema, do meu trabalho, e eil-o que avança de olhos incendidos e maxillares cerrados a exigir o meu desenho. Fez tal barulho e os seus gestos de tal modo me aterrorizaram que indaguei de Salam a que proposito era todo aquelle alarido. Respondeu-me que aquelle cavalheiro negro, como bom mahometano que era, absolutamente se oppunha a que lhe fosse tirado o retrato, fosse por quem fosse. Parece que o Alcorão sabiamente prohibe a representação de todo e qualquer objecto natural, como acto de impiedade, motivo por que em Marrocos, — o mais zelosamente religioso de todos os paizes mahometanos, — nunca veem representadas pela arte do paiz as fórmas humanas ou as dos animaes, ou sequer as de quaesquer outros objectos naturaes. Todas as ornamentações, todas as esculpturas e pinturas são de character puramente geometrico e de desenho inteiramente convencional. Foi desse modo que logo ao principio de estar em Marrocos adquiri a convicção de que, se quizesse sahir vivo do paiz, precisava tomar cuidado de que ninguem observasse os meus trabalhos. Não é preciso dizer que isso ainda mais tornava difficil o desempenho da minha tarefa. Resultou dahi que para o futuro preferi servir-me de um canhenho

de bolso, tão pequeno quanto possível, do qual me utilizava ás escondidas. E essa manobra de que fôra forçado a lançar mão para fazer os meus esboços, teve a vantagem de tornar-me perito na arte difficil de observar sem deixar que me observassem. Quando desenhava ou pintava, escolhia invariavelmente posição em que tivesse immediatamente por traz de mim uma parede, uma tenda, um cavallo, uma mula, ou um camello, de modo a impedir que olhos atrevidos devassassem os movimentos do meu lapis ou do meu pincel. E não poucos dos meus esboços e annotações foram tirados de cima da propria sella do cavallo que montava.

De outros typos que se veem vulgarmente em Tanger, poucos poderei mencionar para não alongar em demasia a minha narrativa.

O mais commum e o que mais dá na vista é o carregador de agua. São homens que abundam em todas as cidades de Marrocos, e cuja função substitue nessa parte a das corporações municipaes, pois não ha canalizações que levem á casa dos habitantes sequer este artigo da mais elementar necessidade humana. Toda a agua tem de ser tirada de poços, alguns construidos dentro da cidade, outros fóra della, para lá das portas que a separam dos suburbios. São algumas vezes muito profundos esses poços e em geral revestidos de alvenaria, o que os torna reservatorios muito duradouros e de utilidade para a população. Em volta delles ha sempre uma multidão destes carregadores de agua profissionaes. Constituem uma classe á parte, e são em geral oriundos do extremo sul. São homens de pelle escura, quasi negras. Usam em geral uma rodilha de pello de camello sobre a cabeça, e as suas posses, e mais das vezes, reduzem-se aos farrapos que lhes cobrem o corpo. Andam sempre de pernas nuas, pernas magras, mas muito musculosas, em consequencia do exercicio continuado a que os obriga a sua profissão. Presa dos hombros, por meio de uma corda, trazem uma pelle de cabra, a qual vão encher de agua aos poços e a todos os bairros da cidade vão depois vender o liquido precioso a preços que seriam considerados absurdamente diminutos, em outro qualquer paiz, menos Marrocos. Uma pelle inteira cheia de agua, transportada desde o poço e carregada sob o sol ardente horas e horas através todo o immenso labyrintho das ruas da cidade, rende apenas ao carregador uma somma equivalente a mais ou menos 50 réis, moeda brasileira. E assim, a receita diaria

desses homens, quando mesmo trabalham o dia inteiro, jámais se eleva a mais de 500 réis ganhos em troca de nove horas de um trabalho penosissimo!

Se, entretanto, por um lado é muito pouco o dinheiro que as classes trabalhadoras conseguem ganhar, por outro lado esse dinheiro tem um grande poder comparativo em Marrocos, 100 réis que sejam, bastam-lhes para comprar uma duzia de laranjas, um cestinho de tamaras ou a carne necessaria para se alimentarem um dia. Assim o pouco que fazem, chega-lhes para attender ás reduzidas necessidades. Mencionei o carregador de agua em primeiro logar porque é o typo que o viajante mais frequentemente encontra em seu caminho e porque elle, sem duvida, representa um dos elementos mais necessarios á existencia em toda e qualquer cidade mourisca.

Os conductores de mulas e camellos constituem outra classe, que representa um papel importante na economia interna do paiz. Em geral são elles proprios os proprietarios das suas bestas de carga. A profissão concilia-se com a predilecção que, como bons Arabes, elles sentem pela vida aventureosa de viajar. No fundo do seu coração o Mouro é sempre um nomade, e mesmo aquelle que habita a aldeia ou a cidade está sempre prompto a lançar-se, sem o minimo preparo, em uma longa jornada de muitas dezenas de leguas. Basta fallar a um Mouro em uma jornada proxima e logo affluem em baderna os candidatos a todos os empregos de conductores de mulas e tropeiros.

Sequioso de liberdade, desdenhando o trabalho como uma marca de servidão, o Mouro está sempre no seu preferido elemento, quando se sente montado no seu garrano irrequieto, com uma longa espingarda atravessada em bandoleira sobre os hombros. Essa espingarda que elle usa é uma verdadeira reliquia que remonta aos primeiros tempos das armas de fogo; tão comprida que mal se póde maneja-la; tão tosca que o que della se serve mal póde ter certeza de ferir com exactidão o alvo visado. Lembra-me que uma vez estava no Soko, ou seja a praça do mercado em Tanger, quando rebentou a luta entre duas tribus. Acompanhava-me na occasião um grupo de inglezes, entre os quaes o funcionario que naquelle tempo desempenhava alli o cargo de Ministro do meu paiz. Não tardámos a descobrir que estavamos justamente collocados entre as duas facções inimigas, as quaes, munidas das

suas immensas espingardas, tinham aberto uma contra a outra um formidavel tiroteio. Como eu fizesse ver aos meus companheiros que estavamos correndo grave risco de ser attingidos pelos projectis, tranquillizou-me o Ministro da Inglaterra com a informação de que a nossa posição era da mais absoluta segurança, pois que o atirador mourisco raras vezes acerta em cousa que esteja na sua frente.

Essa affirmação era tranquillizadora, — não ha duvida — mas devo dizer que bem mais tranquillo me senti quando momentos depois me transferi para outro lugar que melhor garantia a nossa immunidade. Ainda outra vez me foi offerecida a prova da falta de pericia dos Mouros no manejo das armas de fogo. Era na praia, em Agadir, o porto de mar que actualmente é objecto de debates tão febris em toda a imprensa do universo.

Passeava á tôa em busca de algum assumpto para o meu lapis, quando dei com um grupo de cinco filhos do fiel, que munidos das suas longas armas, procuravam acertar numa pedra que haviam posto ao alto, como alvo, no ponto em que as aguas eram mais baixas. Os tiros repetiram-se uns após outros e todos se perdiam ao largo do alvo facil e immenso.

Estive a vel-os algum tempo; finalmente não pude ter-me que me não approximasse e, com um revolver de cuja companhia já-mais me privava, apontei á pedra e acertei. A admiração dos indigenas não conheceu limites. Logo me rodearam, pedindo-me que lhes deixasse ver a minha arma, ao que accedi depois de haver cuidadosamente extrahido todos os cartuchos que o barrilete ainda continha.

Creio que naquella occasião podia ter trocado o meu revolver por meia duzia de cavallos, tal o embevecimento dos Mouros ante aquella arma que consideravam milagrosa. Conservei os olhos atentos no revolver á medida que elles o affagavam e passavam de mão em mão, e só me senti descansado quando de novo o recebi, de volta das garras cupidas que o retinham.

Numa expedição que fiz ao interior do paiz por guarda pessoal um soldado mourisco que me foi cedido pelo Governador de Tanger. Esse salteador de aspecto marcial — e nem poderia deixar de ser — uma longa espingarda que amava e apreciava quasi tanto quanto o seu cavallo, e a quem certamente votava mais amor que á sua mulher ou aos seus filhos. Essa arma, orgulho dos seus olhos, conservava-a elle inalteravelmente envolvida em dezenas de tiras

de baeta verde; se acaso acampavamos para o descanso da noite, o Mouro adormecia sempre com a arma apertada ao peito, como o faria por creatura humana a quem muito idolatrasse. Nunca sahia das mãos essa pertença estremecida e por mais que tantas vezes a arma lhe tolhesse a liberdade de movimentos, jámais o Mouro se separava della por um momento. Debalde procurei induzil-o a deixar que eu visse como atirava com ella, não contra mim, de certo, mas contra algum objecto de menor apego para mim. Debalde: jámais logrei que elle sequer desembrulhasse a carabina, nem pude verificar se aquelle interminavel cano da prodigiosa arma do Marroquino era ou não capaz de supportar o choque de uma explosão de polvora.

O soldado mouro é uma das curiosidades do paiz. O seu uniforme é em geral admiravel, especialmente porque differe por completo do que usam todos os seus demais companheiros de armas. O unico artigo da indumentaria militar commum a todos os soldados é o bonet vermelho que vós todos conheceis e a que nós e elles chamamos *fez*.

O casaco, as calças ou calções do soldado, no feitio e na côr dependem exclusivamente do seu gosto pessoal. Os sapatos e chinellos, são do mesmo formato para todos os soldados, mas variam pela côr e pelo estado de conservação, percorrendo toda a gamma, desde o amarello brilhante e o novo em folha, até o cinzento desbotado e inservivel. As espingardas do armamento são tão curiosas como os trajos, e creio que não ha dous soldados com armas da mesma idade e da mesma marca. Pelo menos foi essa a impressão que tive, depois de encontrar um bom numero de unidades pertencentes ao Exercito marroquino. Os officiaes são creaturas de aspecto mais nobre. Vestem uma especie de tunica ondulante, usam na cabeça turbantes imponentes e montam garranos de longas caudas, de que se servem com uma graça e uma dignidade que não têm igual em nenhum outro paiz do mundo.

São cavalleiros que impõem a admiração, se não o medo. A cavallo, como que formam um todo com as suas proprias montadas, e quando passam no longo da linha de recrutas, produzem um contraste que é mais dô que extraordinario.

Ao contrario do que se usa nos Exercitos das nações civilizadas, as suas ordens são todas em voz baixa, que só o ouvido habituado do soldado consegue distinguir.

O franco desprezo que elles manifestam pelo estrangeiro ou Nazareno basta para fazer tremer de pavor o forasteiro inoffensivo.

A's vezes, nas occupações prosaicas da vida quotidiana, esses officiaes perdem um pouco da sua majestade caracteristica, e então assiste-se a espectaculos extraordinarios, como o de vêr um general ou basha, regateando, do alto do seu cavallo, com uma camponeza, o preço de uma gallinha. Mas ainda ahi a sua dignidade soffre um decrescimo insignificante e tem graça vêr como, escarranchado na sua sella, um alto official consegue conduzir com solemnidade um capão ou uma franga, que bate as azas e cacareja, sem se deixar vencer pelo prestigio da farda do Sultão. O espectaculo faria morrer de inveja qualquer monarcha europeu que tivesse occasião de contemplal-o.

Os Judeus são actualmente em todo o universo uma força persistente, mas em todos os paizes, á excepção de Marrocos, dispõem de uma esphera de acção livre, onde applicam os seus numerosos dotes e a sua insuperavel energia commercial. Em Marrocos consideram-n'os uma raça maldita, e a miseravel perseguição de que são objecto é uma das maiores vergonhas do Imperio do Sultão. A Mellah em que vivem os Judeus fica em geral situada em algum escuso recanto das cidades mouriscas. Em qualquer das sujas cidades do Imperio marroquino, a Mellah dos Judeus é sempre o lugar mais sujo. O seu districto é a séde da immundicie, e essa immundicie é em Marrocos causa de uma fórmula de ophthalmia muito virulenta, de que padecem, em gráo menor ou maior, tres sobre cada quatro habitantes das Mellahs. Da população adulta poucos são os que fazem qualquer especie de exercicio, a não ser quando são levados a sahir para as necessidades do seu commercio. Um operario judeu, por mais habilitado, sente-se transportado de alegria se consegue ganhar por dia uma somma equivalente a 400 réis, isto começando a trabalhar desde que o dia é dia. Apesar de tudo, com esses mesquinhos recursos conseguem os Judeus manter esposa e familia. A miseria dos salarios, as más condições de vida, de cooperação com seculos de oppressão, tornaram o Judeu marroquino que habita as cidades uma creatura que merece a compaixão humana. Nas montanhas, entretanto, especialmente nas alturas dos montes do Atlas, o povo escolhido é sadio, athletico, provido de recursos, capaz de servir-se com vantagem dos braços e do cerebro. São além disso os Judeus os

intermediarias commerciaes entre os berberes selvagens das montanhas e os mouros que vivem nas cidades das planicies.

Nas Mellahs da maior parte das cidades mouriscas vêem-se algumas casas que são propriedade dos mais abastados descendentes de Jacob e nellas se vão encontrar interiores de que jámais teria idéa quem attentasse no esqualido ambiente que as rodeia. Visitei um desses judeus abastados na Mellah da grande cidade de Marrakesh, Capital do Imperio, e decerto me surpreendeu encontrar na sua habitação bons trabalhos de esculptura e de pintura, comquanto a meus olhos grande parte daquelles trabalhos parecesse mal applicada e grotescamente deslocada do lugar que melhor lhe conviria. Mas se a Hygiene ainda não se poz a caminho das Mellahs de Marrocos, o que já lá chegou foi um pouco da tafulice do trajar occidental. Judeus patriarchas de feições nobres e estatura majestosa prejudicam de modo lamentavel a singela dignidade do seu aspecto venerando com o uso de lenços baratos pintalgados de azul, enrolados nas cabeças, e cujas pontas amarram depois sob o queixo á laia das *contadine* italianas.

As mulheres vestem-se com grande alarde de riqueza, são em geral muito gordas, e comprazidas com o esplendor dos interiores bizarros em que vivem, mostram-se indifferentes ao desasseio, á immundicie de que estão cheias as ruas.

Visitei muitas das synagogas de Marrocos. Os arredores são quasi sempre repellentes, mas as synagogas mantem-se em regulares condições de asseio. O seu ornamento habitual são as grandes lampadas votivas, de fórma bizarra, que ardem em intenção dos mortos durante todo o anno do luto. A mobilia, muito summaria, compõe-se de bancos de madeira, cobertos de esteiras de palha. Não ha lugares reservados para as mulheres e os assentos para os fieis pareceram-me sempre dispostos sem a minima preocupação de ordem. Notam-se boas obras de cobre, de grande antiguidade; os pergaminhos em que a lei está inscripta remontam tambem seculos atrás, mas não ha em absoluto exhibição de riqueza e as decorações reduzem-se ao minimo possivel. No pateo da principal synagoga fui encontrar um collegio de menores todos entregues ao estudo das suas lições. Eram cerca de cincoenta rapazitos que com as suas vozinhas infantis recitavam as palavras das escripturas do velho testamento. Quasi todos estavam soffrendo de ophtalmia e podia-se sem receio de erro antecipar que a molestia gradual-

mente iria passando dos enfermos aos sadios. Com algum cuidado e asseio seria, entretanto, facilmente dizimada essa incommoda molestia em pouco tempo. Infelizmente a administração das Mellahs é excessivamente má e a unica esperança de salvação reside em uma nova fórmula de governo, do genero da que actualmente está sendo imposta no vizinho Estado argelino.

Quando Sua Eminencia o Sultão está em alguma das suas residencias de Fez ou Marrakesh, as duas capitaes do Imperio, a procura de artigos de ourivesaria mantem um pouco mais de prosperidade nas Mellahs dessas cidades, e sempre se destina então algum dinheiro para manter em melhores condições os bairros repellentes do lugar; mas se succede a Alta Côrte prolongar a sua ausencia de qualquer dessas cidades, os bairros judeus logo se resentem. O desprezo criminoso dos mais elementares confortos e conveniencias da vida attinge então gráo anormal que por força deve ser muito elevada a perda de vida nos bairros reservados á raça escolhida. Ainda bem que a ausencia completa de estatisticas nos poupa o desgosto de determinar ao certo o valor desse tributo.

Tomados todos os elementos em consideração, a sorte do velho povo israelita não poderia ser peor do que o é actualmente em Marrocos. Os Judeus da melhor classe ainda têm idéas e ideaes, mas iniciativas não tem outra além da que podem circumscrever á esphera do seu commercio. Acreditam firmemente no futuro da raça judaica e no regresso final á Palestina. Immersos nessa crença não vêem, porém, que o lixo se amontoa nas ruas á sua porta, e que os seus filhos vão sendo com mão firme dizimados pelas molestias que traz consigo o desasseio. Gradualmente, essa indifferença apossa-se da sua propria fé, e então para elle nada mais conta a não ser o objectivo commercial que tem em vista e nem o demove dessa apathia a propria religião de que elle apenas conserva a observancia externa do ritual antigo.

Em Marrocos o Judeu é verdadeiramente um estrangeiro em uma terra extranha. Privado de relações com os demais habitantes do paiz, alvejado por odios os mais fundos, pelo fanatismo cego dos verdadeiros crentes, a sua situação não apresenta esperanças de melhora. Sem leis que o protejam da inveja e da colera dos seus concidadãos, não admira que o vejamos por toda a parte passar a passos encurvados, os olhos baixos, approximar-se do Mouro com timidez, uma itmdiez em que vai a consciencia das



humilhações accumuladas pelos seculos contra os filhos da sua raça. Em algumas cidades chega-se a prohibir-se que pise o sólo a não ser de pés nús e em parte alguma do paiz se lhe consente outro traje que não seja o longo gabinado azul colhido á altura da cinta e descendo-lhe quasi até aos pés, o vulgar barrete negro que passou a ser para elle quasi um uniforme. Visto na sua condição actual, o infeliz Judeu marroquino apparece aos olhos do observador como um verdadeiro epitome da miseria humana.

Por occasião de uma das minhas visitas á Mellah de Marrakesh fui importunado pelas attensões de um Judeu charamingas que me supplicava lhe comprasse alguns pequenos artigos de joalheria, anneis toscos e vulgares, pingentes baratos e artigos analogos para os quaes eu não tinha infelizmente a menor applicação. As minhas reiteradas recusas de commerciar com elle não lhe diminuíram por fórma alguma o ardor. Finalmente, resolvi subtrahir-me ás suas importunidades e no intuito de libertar-me delle procurei abrigo na casa em que nos achavamos alojados, eu e meu criado Salam. Quando estava prestes a recolher-me ao leito, rompeu o silencio nocturno o som de repetidas pancadas dadas devagar á porta de cobre verde que dava accesso á minha habitação. A principio imaginei que fosse o vento a atirar de encontro á porta massiça algum objecto que por descuido houvessemos deixado pendurado do lado de fóra. Mas as pancadas repetidas por muito tempo impediam-me conciliar o somno, e por fim não tive remedio senão acordar Salam e mandar que elle fosse ver qual era a causa do insolito ruido e o fizesse parar se isso estivesse em suas mãos. Salam foi em uma corrida á porta, para alli encontrar o vendilhão Judeu que apparentemente nos acompanhara á distancia até a casa, e descobrira aquelle meio de continuar a alvejar-me com as suas importunidades. Alli o encontrei inalteravel na sua immundicie, na sua abstinção, e no seu aspecto miseravel. Mandei que Salam o fizesse entrar, e a troco de alguns vintens, passei a ser proprietario das bugigangas vulgares que com tal pertinacia elle me vinha offerecendo havia algumas horas. O dia na Mellah devia ter sido bem máo para que um lojista houvesse deliberado perseguir assim horas e horas, um cliente, através todos os beccos e viellas da cidade, aguardando que o não retivesse outra occupação além da do descanso da noite.

Pedir esmola é uma das profissões reconhecidas em Marrocos. Os irmãos dessa confraternidade que esmola, são em geral também irmãos de desgraça, pois que quasi sempre foram as autoridades que os fizeram cegos ou estropiados para castigal-os de alguma culpa fantastica ou real. E' que em Marrocos jámais a Justiça fixou residencia, e os pobres e desajudados facilmente são victimas dos ricos e poderosos. As artes, as manhas, as machinações que o Mouro é capaz de pôr em contribuição desde o dia em que os seus olhos começam a cubiçar as haveres do seu visinho, fazem que o homem de bem se sinta envergonhado por que possa a humanidade attingir a tal excesso de vicio e de depravação.

E de tudo isto resulta que centenas daquelles que assim attentam contra a integridade dos haveres alheios, são depois reduzidos pelos seus castigos á condição de mendigos. Uma fórma de castigo muito commum, muitas vezes applicada sem motivo algum, é a privação de vista feita com um ferro em braza, applicado sobre os olhos. Outra fórma de castigo, esta considerada mais suave, é o decepamento das mãos das victimas, a quem assim se tolhem os meios de ganhar a vida. Dahi resulta essa turba incontavel de pedintes que perseguem o viajante, implorando-lhe em nenias as mais doloridas uma esmolinha por amor de Allah. E de facto, é a Allah que elles agradecem quando o seu clamor imperativo é recompensado com um punhado de *floos* de cobre vinte dos quaes não chegam a perfazer o valor de 50 réis.

Para elles, se a esmola foi dada, foi que Allah lançou no coração do transeunte aquella commiseração pela desgraça do pedinte.

Tão numerosos são esses mendigos em uma cidade como Marrakesh, que convem ao estrangeiro ser acompanhado de auxiliares com saccos de *floos* de cobre, e promptos a distribuil-os. Assim ganhará o forasteiro, senão a sympathia dos fieis, ao menos uma diminuição do seu desprezo e do seu odio.

Alliada de perto aos mendigos cegos, aos demais mutilados e estropiados que appellam para a caridade publica, ha outra categoria a que desejamos referir-nos: a dos Dementes ou Santos. Em santidade os Loucos e os Santos representam o mesmo perante o sentimento religioso dos mouros; de facto, com extranha ironia elles consideram loucos, lunaticos e imbecis (e ha-os aos milhares em Marrocos), possuidos pelo espirito do Omnipotente,

e dignos portanto de toda a veneração e respeito. Conheci em minha viagem um individuo curioso, cuja santidade não era posta em duvida por nenhum dos habitantes da Capital, e que prendeu em especial a minha attenção. Era um homem negro como o az de espadas, com grandes manchas brancas pintadas em volta dos olhos, vestido com uma roupa que se assemelhava a uma colcha de retalhos em que houvesse toda a especie de tecido, producto de uma collecção pacientemente feita durante uma vida inteira. Quem attentasse nelle não podia effectivamente deixar de acreditar que a sua existencia se passara a reunir todos os pedaços de fazenda, grandes e pequenos, que houvesse colhido pelo chão, nas lojas de alfaiate, ou nas officinas de selleiro, ou nos lugares onde os tecelões de tapetes exercem o seu industrioso mister. A historia de José da Biblia e do seu famoso capote de muitas côres seduzira-o — quem sabe! — a repetir o exemplo daquelle recto e virtuoso varão, e sem duvida de coração estava elle convencido de que tinha sobrepujado naquelle particular o *record* de que nos falla a Biblia e todos os mais que se conhecem.

O musico ambulante é outro typo que se offerece para thema de estudo. Onde quer que eu ia em minhas peregrinações pelo paiz — de Norte a Sul, de Léste a Oéste — de Tanger a Fez, de Mazagão a Marrakesh — tinha a certeza de encontrar um membro dessa grande tribu dos menestreis ambulantes. São em geral creaturas muito alegres, quasi sempre negros, de olhos e dentes muito brilhantes. Usam as pernas nuas, os pés invariavelmente calçados em chinellas amarellas, e costumam cobrir a parte superior do corpo com algum tecido brilhante, escolhido sempre na gamma do mais vivo azul. O instrumento que tocam é em geral uma imitação do primitivo violino, que tambem tem remotas affinidades com a guitarra. Raramente tem mais de uma corda, e a caixa de resonancia é quasi sempre construida por um casco de tartaruga sobre o qual se retezou uma pelle de carneiro. E é essa corda unica que elles dedilham monotonamente, produzindo um som que é um discordante acompanhamento da voz não musical que canta o solo. São todas indescrptiveis e de que ouvidos cultos mal podem formar idéa. Tão certo é que a arte é a flôr da civilização!...

Mas de todos os individuos cuja profissão consiste em fornecer divertimento ás grandes multidões, o contador de historias

profissional é o que gosa de sympathias mais geraes. Se algum dia tiverdes de atravessar alguma cidade ou villa marroquina podeis estar certos que aqui ou alli encontrareis um grande grupo de pessoas vestidas de tunicas brancas ou castanhas que com grande attenção escutam maravillhadas, as interminaveis historias, as historias mysteriosas da Mil e Uma Noites. Essa gente, que tanto tem aspecto de simpleza e infantilidade, como de crueldade e barbaria, jámais se cança de ouvir a narrativa impressionante das extraordinarias aventuras de Simbad, o Marinheiro, ou da boa sorte que teve Aladino em ganhar a sua lampada maravilhosa. A narrativa dura ás vezes horas e horas, e ao mesmo tempo que o narrador se vai adiantando na historia, acompanhando-a com uma mobilidade de expressão maravilhosa e usando de gestos de uma prodigalidade de nababo, a multidão dos ouvintes, agachados no chão, dalli não arreda pé, esquecidos todos das suas occupações, se acaso algumas têm, esquecidos das suas mulheres de quem tão raras vezes se separam, gozando nos altos dominios da imaginação uma felicidade que lhes é negada nas chatas planicies em que paira a sua vida real. De vez em quando um ou outro ouvinte separa-se da multidão e o seu lugar, se é logar de vantagem, é logo preenchido por outro ouvinte ancioso por essa occasião de se approximar um pouco mais do narrador.

Nessas reuniões vêem-se pouquissimas mulheres porque as das melhores classes são prohibidas de sahir á rua, e as mulheres das classes mais baixas estão por demais occupadas em laboriosas tarefas para se entregarem sequer a essa passageira diversão. Todas ellas usam cobrir-se de espessos véos e tapam a cabeça com mantos de lã, de um tecido muito grosso; se acaso não têm véo, então descem sobre o rosto uma parte daquella manta compacta, só consentindo que um dos olhos fique exposto á curiosidade do traseunte. São olhos negros e penetrantes, cheios de luz e de vida que accordam a curiosidade do forasteiro, uma curiosidade que o misero nazareno jámais terá occasião de satisfazer.

A profissão de magnetizador de serpentes, perigosa embora, é uma daquellas que em Marrocos têm como recompensa o applauso das grandes multidões. A exemplo do contador de historias, o magnetizador tem certeza de encontrar sempre um auditorio em qualquer cidade ou villa de importancia.

Acompanhado por um, dous, ou tres ajudantes, o "charmeur" marroquino escolhe sempre para as suas funcções algum espaço

desimpedido e ao som de uma musica que elle proprio e seus acompanhantes arrancam de flautas e tamborins, vai attrahindo ao local o populacho. Assim se fórma aos poucos uma agglomeração de pessoas a quem domina por igual a curiosidade e timidez — uma timidez justificavel uma vez que o magnetizador se serve para os seus espectaculos de reptis, que não são animaes inteiramente inoffensivos. E' isso pelo menos o que elle assevera ao seu auditorio com um grande encarecimento do perigo que está prestes a correr ao manejar aquellas féras que se enroscam e sibilam com ares ameaçadores. O espectaculo, de accôrdo com a tradição marroquina, começa pela invocação do auxilio de Allah; e ás implorações formuladas pelos magnetizadores de serpentes, immediatamente se juntam em côro todas as pessoas do auditorio. Logo após essas orações, os fieis e verdadeiros crentes são exhortados a dispensarem da sua abundancia alguma pequena moeda em proveito daquelle homem que dahi a pouco vai arriscar a vida para divertir os que alli estão.

Essa reunião das esportulas antes de se dar inicio ao divertimento, consome sempre um tempo infinito; ás vezes passa-se uma hora primeiro que esteja empilhada, sobre a terra, ao centro do circulo formado por aquelles individuos trajados de branco, a somma necessaria para pôr o magnetizador em acção. As moedas de cobre, umas após outras, vão sendo atiradas para o espaço vasio, o que de cada vez é acompanhado de graças rendidas a Allah pelo magnetizador. Numa manhã de sol, em Marrakesh fiz parte tambem eu de uma multidão que esperava o inicio de um espectaculo. Na esperança de apressar a exhibição do magnetizador maravilhoso, acudio-me atirar uma moeda de prata para o espaço aberto onde o artista ia executar os seus trabalhos. O que resultou, porém, desse inesperado advento de uma tão excepcional abundancia foi exactamente o contrario do que eu anticipara.

Em vez de iniciar promptamente a exhibição por que esperavamos, o magnetizador de serpentes deu-nos a prova do seu folego raro recitando um interminavel e tedioso cantico em louvor de Allah que, de tão poderoso e bom, conseguira operar um milagre no coração do infiel descrente, e convertel-o num meio de recompensar o seu fiel devoto. Ora, não é nada agradavel ouvir-se calumniar deste modo. O que vale é que o estrangeiro que visita

Marrocos, logo depois de ter dado attenção aos commentarios dos primeiros mendigos que encontra e a quem faz esmola, acostuma-se a esses abusos de linguagem que tantas vezes não só o attingem a elle, como até ao seus proprios antepassados.

Com dous companheiros, ambos inglezes, fiz uma memoravel viagem pelas terriveis e desoladas planicies do Sul. A nossa caravana de tão pequena que era, em breve se achou, porém, muito augmentada, com o engajamento successivo de seis ou oito camaradas, alguns dos quaes encarregámos de nos auxiliarem a levantar as nossas barracas, nos acampamentos que escolhessemos; outros de olharem por tudo quanto tivesse que ver com a cozinha e a alimentação dos viajantes durante a longa jornada. Acompanhava-nos tambem um soldado, um alto guerreiro imperturbavel, bronzeado do sol, montado num ardoroso cavallo e possuidor de uma espingarda comprida, que trazia sempre enrolada numa bolsa de flanela muito descorada e suja, amarrada aqui e alli, para melhor segurança, com pedacinhos de barbante.

A sua missão era aterrorizar quantos mal intencionados porventura se approximassem de nós, e por todo esse trabalho combinamos dar-lhe diariamente uma meia duzia de vintens. Era um homem secco, magro e silencioso, capaz de permanecer vinte horas sobre a sua sella ponteaguda sem dar o minimo signal de cansaço ou desconforto. Na extensa região de Rahamna que atravessamos a caminho da capital, do sul, levantamos as nossas barracas todas as noites na *n'zalas* ou lugares de descanso, destinados para esse fim pelo proprio Governo. O viajante que atravessar o interior de Marrocos depressa se habituará á immundicie, ao cheiro nauseabundo, ás cataduras hediondas que vagueiam em torno desses hoteis ao ar livre dos desertos.

Depois de uma longa marcha de um dia inteiro, sob o sol escaldante, sem encontrarmos uma arvore sequer que nos offerecesse defesa contra o ardor desapiedado desse olhar que o soberano dos céos despejava impeturbavelmente sobre nós, eram sempre bem acolhidas, eram por todos nós abençoadas as sombras da noite. Noites e noites armámos as nossas barracas dentro dos pequenos cercados que se encontram preparados em todas as aldeias do paiz para pousada dos viandantes. As aldeias nessas planicies pouco mais eram sempre do que uma miseravel collecção de choupanas de terra ou de palha.

Os habitantes desses pousos desolados que só por cortezia se podiam chamar aldeias, estavam pouco acostumados a ver visitantes que usassem o vestuario dos infieis. Eram legiões de creaturas esqualidas, famintas, que emperecendo de dia para dia, se iam alimentando com a producção mesquinha de tão modestos povoados. Acolhiam sempre o viajante com attitudes espalhafatosas e barulhentas, mas os seus costumes e tradições attrahiam sempre a curiosidade do observador. O chefe ou patriarcha dessas aldeias era o primeiro a approximar-se de nós quando chegavamos, e em geral o fazia trazendo nas mãos um jarro ou bacia cheio de leite de cabra, que nos convidava a beber. Quasi sempre sobrenadava no liquido uma profusão de amostras do pello do animal que dera o leite. A mim, devo dizer, a maior parte das vezes, bastava-me como refresco o aroma que se despendia do liquido, aroma por certo avigorador, pois que só de cheiral-o de longe, as minhas pernas ganhavam redobrado vigor e automaticamente se preparavam para uma vertiginosa retirada. Armadas as barracas para o descanso da noite, faziamos então a ultima refeição do dia, gallinha que haviam comprado a algum viajante encontrado em caminho, ou a algum indigena da aldeia onde iamos armar o nosso abarracamento.

Quem faz assim uma jornada através das planicies da Dukala da Shuadma ou da Naha, sem duvida ganha nessa peregrinação uma impressão authentica da vida de Marrocos, ao mesmo tempo que obtem impressões approximadamente exactas de uma vida que mais propriamente pertenceria aos tempos da Genese biblica. A necessidade de acordar cedo, de se alimentar com simplicidade, de viajar longas distancias, faz com que o viajante aprecie o minimo recanto de sombra que offerece condições para nelle se improvisar um acampamento. Seja embora a escassa sombra que ao meio-dia projecta o tumulo de um santo, ou uma *inzala* de asseio apenas relativo, o viajante, rendido de cansaço, acolhe-a com delicia á hora do crepusculo, quando os pastores vão, pelo crepusculo empoeirado, encaminhando as suas ovelhas ao longo do atalho que os conduz á casa. Os indigenas do paiz manifestam ao forasteiro o seu interesse pelo progresso da viagem em que vai, e se se chega a ganhar-lhes a confiança, o que é bastante difficil, é muito interessante ouvil-os explanar o criterio philosophico que lhe vem do credo fatalistico commum a todos os

mouros; tudo quanto acontece é pelo melhor. Para elle é Allah que traz no seu alforge o destino de cada homem. Por isso se deixa ir com dignidade e sem receio o caminho do fim predeterminado, convencido de que Allah já lhe reservou o palacio ou a prisão, e de que nenhum ser humano pôde fazer outra cousa que não seja cumprir o decreto divino.

Cruzámo-nos nas planicies com muitos viajantes, mysteriosos fatalistas que iam seguindo assim o seu caminho pela trilha que Allah lhes arbitrara. Eram salteadores de estrada e homens santos, mensageiros e vendilhões pacificos, todos serenos na sua externa compostura, contentes com o presente e nada almejando senão o cumprimento do seu fado mysteriosamente enovelado pela teia do tempo. Muitas vezes, de manhã, ao meio-dia, ao sol-posto, encontravamos o conductor das cartas, o "retchass", um homem do paiz do Sul, homem de peso leve, de braços e pernas nervosas e nuas. Nas mãos trazia quasi invariavelmente um cajado de que a miúdo tirava vantagem, umas vezes para vadear os rios, outras para defender-se dos ataques dos ladrões. Era sempre um vulto apressado, mal tendo folego para responder ao nosso cumprimento quando passava por nós, as cartas enfeixadas num amarrado sobre o hombro, uma lanterna de folha ou cobre á cintura para guiar-se pela noite, e na mochila um pãosinho, um punhado de farinha secca, um cachimbo pequeno, e um pouco daquella herva que tanto se assemelha ao opio e que os naturaes do paiz conhecem pelo nome de *kief*. Homem que descansa tres a cinco horas cada vez que o ponteiro menor faz sobre o relógio o circulo completo, que se alimenta mais da sua fumaça de *kief* do que do pão que come, um pão de uma dureza que forasteiros não pôdem conceber quanto mais supportar, o Rekhass encontra-se em cada estrada que atravessa o deserto na direcção de uma grande cidade. E é sem contestação uma figura sympathica a desse bravo solitario, cujo unico companheiro e prazer é o seu cachimbo, e que por tão diminuta paga se arrisca a tão graves riscos.

Pouco importa que tribus guerreiras andem em operações de guerra ou de pilhagem, ou que a polvora esteja estrugindo em cada collina ou monte; o Rekhass não conhece receio e lá vai expondo a cada passo a sua vida miseravel, ao tempo que os commerciantes com as suás caravanas, não ousam aventurar-se á minima jornada.



As aldeias que atravessámos nas planícies da Dukhala, no Sul, não são mais do que agglomerações de cabanas de feição conico; construídas de barro e de palmito, ou de pelles de cabra e de camello.

Essas cabanas, dispõem-n'as elles quasi sempre em fórma de circulo, todas abrindo para o centro, e na área, assim circumscripta, guardam o seu gado e as ferramentas agricolas que são tudo quanto ha de mais primitivo. A mobilia dessas cabanas é de uma simplicidade de que se comprazeria o individuo de gosto mais ascetico: um tear para tecer o panno, um moinho de mão para moer o trigo, um ou dous potes de barro para guardar o sal e a agua, e uma meia duzia de lanternas de barro, iguaes ás que recolhi nas ruinas da antiga Carthago. A's vezes, avista-se lá dentro um colchão feito de palha, mas a maior parte das vezes os filhos e filhas dos fieis de Mahomet estendem-se no chão para o repouso da noite e assim litteralmente dormem no regaço da terra-mãe. Muitas vezes encontrámos na travessia, um santuario, que era sempre um recinto pequeno, fechado entre quatro paredes encimado por uma cupola alvinitente e chispante da irradiação brutal do sol do deserto. As segonhas gostam de fazer os ninhos nesses santuarios, que tambem servem de pousada a algum homem santo, cujos meios de subsistencia indispensaveis vêm das esmolas dadas pelos viajantes compassiveis em retribuição ás suas implorações em nome de Allah e dos que se foram para o Além em jornada.

Uma manhã em Marrakesh, andando a passear atôa em companhia de Salam, o nosso fiel criado transpuzemos uma das grandes portas que dão para o suburbio da cidade exclusivamente habitado pelos leprosos. Cruzámo-nos com alguns que iam deixando as suas pousadas em direcção ás esquinas que occupavam habitualmente nas ruas da cidade, onde durante o dia pediam esmola a todos os transeuntes. Alguns escondiam a desfiguração que a molestia lhes causara nos horriveis semblantes sob grandes chapéos de palha, mas outros pareciam não se preocupar em absoluto com a sua terrivel molestia. Eram todos mendigos, e desde manhã ao sol-pôr os seus queixumes, as suas implorações cortavam o ar numa toada que, se nos feria os ouvidos, ainda mais nos alanhava o coração.

Quando a noite começa a abater sobre a cidade o seu manto de sombra, expulsam-n'os então para fóra do perimetro habitado

pelos demais da sua raça, e o grande rebanho miserando todas as noites cruza resignado as portas da Dukhala para voltar ás suas pousadas encerradas entre as muralhas da lugubre Elhara. De tão familiarizados com a extrema miseria, já della se não importavam. Eram todos taciturnos e jámais ouvi esses infelizes trocarem palavra uns com os outros. Dentro da sua aldeia vi-os de mais perto vagueando, entre o casario de barro, em grupos de dous, de tres, de quatro homens, e todos tinham no semblante o estigma da mesma miseria inenarravel. Por sobre as paredes baixas de barro vermelho que cingem aquella metropole da lepra, muitas vezes tirei o olhar aos nobres picos das montanhas da serra do Atlas, cobertos da pureza da neve. Sob a abobada de um azul profundo batiam azas os passaros felizes. E não pude deixar de notar o forte contraste daquelle quadro que apresentava no extremo plano os montes cobertos de neve esbatendo os seus altos contornos no espaço illimitado na belleza do immenso, na pujança da divina luz, e no primeiro plano aquelle agrupamento sinistro de innominaveis — mutilados, desfigurados, hediondos, deixados ao abandono da sua funda desgraça. Nunca senti com mais intensidade os dous extremos da obra da natureza: a natureza inanimada não nos poderia apresentar quadro mais grandioso que o dequellas montanhas majestosas; a humanidade não nos poderia apontar retalho mais repellente do que aquelle que guardavam as muralhas da Elhara dos leprosos.

Mais uma impressão de Marrocos e terei concluido. Uma tarde, á hora de se vir approximando a oração do sol-posto, Salam encaminhou-nos através do labyrintho das ruas estreitas e mal calçadas, de Marrakesh, telhadas aqui e alli de folhas de palmito que farfalham no ar, e offerecem abrigo ao passeante contra os ardores do sol. Contornámos a esquina de uma rua muito movimentada e cheia de gente. Ahi vimos reunidos muitos homens das tribus do sul, que acompanhavam camellos fortemente carregados que quasi nos vedavam a passagem. Pouco adiante fomos dar ao portão do mercado de escravos que encontrámos fechado. Nas immediações da entrada, prohibida por ordem dos funcionarios do estabelecimento, apinhava-se uma multidão de ociosos maltrapilhos, sujos de aspecto miseravel. As mulas dos Mouros abastados escarvavam a terra, impacientes, do lado de fóra do recinto, seguras á arreata por pequenos esfarrapados que naturalmente,

só por direito de victoria em alguma luta encarniçada, haviam conquistado a outros competidores a dignidade do emprego que provisoriamente exerciam.

Mais tarde, depois que entrámos, causaram-me uma desagradavel impressão as physionomias rudes e pouco attrahentes dos compradores e leiloeiros. Levado por Salam, inspeccionei tambem os pequenos compartimentos sem luz onde se achava arrumada, como que em baias de cavallariça, a mercadoria humana, aguardando a vez de ser posta á venda.

Um dos leiloeiros ou vendedores iniciou os trabalhos com uma oração em que enaltecia a gloria de Allah, aquelle que fizera o céo lá do alto e a terra cá em baixo, o mar e tudo quanto nelle existia. A' medida que elle concluia cada uma das phrases da sua supplica, os demais presentes — leiloeiros e negociantes — entoaram os *Amens*. A Allah foi agradecido o haver-se apiedado dos homens e ter-lhes mandado Mahomet, o Profeta que havia dado ao mundo o unico credo verdadeiro e foi tambem depois invocado, com identico fervor, o nome do santo patrono de Marrakesh, fiel amigo dos compradores e vendedores. Pedio-se a esses santos varões que abençoassem o mercado e quantos nelle vendiam ou mercavam, e lhes concedesse grande prosperidade e longa vida. Ao que todos os assistentes repetiam *Amen*.

Depois das orações, cada um dos leiloeiros encaminhou-se para a pequena baia, cuja direcção lhe fôra confiada e trouxe para fóra os que a occupavam.

Retirados da profunda treva para a luz do crepusculo, os escravos deram volta sobre volta em redor dos compradores, sob a direcção dos leiloeiros, que gritavam o ultimo lanço e conversavam com os pretendentes sobre o valor e merito da mercadoria de que estavam encarregados. Os escravos eram cerca de trinta, de idades entre sete e 40 annos. Muitos acabavam de chegar de uma jornada, vindos de Tombuctu, no extremo sul. Os preços oscilavam entre duas e 40 libras esterlinas. As rapariguinhas e as mulheres mais formosas eram as que obtinham mais alto lanço; abaixo dellas, os homens em plena primavera da vida. Para os velhos quasi não havia procura, mas os leiloeiros nem por isso desanimavam de vendel-os, para fazerem jús á commissão de 2 1/2 % sobre o preço de remate. Emquanto se combinavam transacções e discutiam preços, os escravos, abatidos, cançados, mas

quasi indifferentes, continuavam a fazer a volta do mercado, como alimarias á venda, para que cada pretendente pudesse bem verificar os pontos de vantagem ou de inferioridade de cada specimen e decidisse a sua escolha.

Quando deixámos o theatro dessa scena vergonhosa, muitos de cujos detalhes não posso aqui referir, ouvimos o sino que chamava os fieis á oração da noite. Na multidão de verdadeiros crentes que se dirigiam á mesquita, a louvar Allah, por todos os seus beneficios, iam sem duvida, os vendedores e compradores daquelle desamparado rebanho humano, com o coração tão leve como os seus demais irmãos, e até talvez — quem sabe se os proprios escravos que nesse dia tinham mudado de senhores terrenos, não se juntaram ao coral para agradecer a Allah o haver-lhes permitido caminhar, sob as grilhetas da escravidão, para a meta que o destino lhes marcara.

O limite de hora que me impuz, obriga-me a omittir outros aspectos pittorescos, que poderia traçar sobre esse paiz extranho, de que tanto se póde contar. Não me retirarei, entretanto, sem ter dirigido os meus agradecimentos a S. Ex., o Sr. Presidente da Republica, por haver honrado com a sua presença esta despretenciosa narrativa, e ao Sr. Presidente da Sociedade de Geographia, Marquez de Paranaguá, pela sua bondade em convidar-me para dirigir a palavra a tão illustre assembléa.

Desejo tambem agradecer ás senhoras e demais pessoas, que me distinguiram com a sua presença, e a todos pedir desculpa do muito que porventura terei deixado a desejar. A todos mais uma vez, obrigado.”

---

---

# A AMAZONIA

DESCRIÇÃO SUCCINTA

Pelo Dr. Alvaro Berford

Bahia natural ao norte avulta  
O das aguas gigante caudaloso,  
Que pela terra alarga-se vastissimo;  
Do oceano rival, ou rei dos rios,  
Se é que o nome de rei o não abate;

.....  
.....

(GONÇALVES DE MAGALHÃES)

Conf. dos Tamoyos

## PREFACIO

Ao escrevermos esta despretenciosa Memoria não nos moveu outro intuito sinão o de descrever, em rapidos traços e conforme as impressões de nossa objectiva, algo da região Amazonica, até hoje tão relativamente desconhecida e tão merecedora de aprofundados estudos e conscienciosas explorações (1).

---

(1) Esta memoria foi apresentada ao 3º Congresso Brasileiro de Geographia e é um resumo de parte de um livro cujos capitulos são os seguintes: "A Região — Rios — Flóra — Fauna — Clima — Habitos e costumes — Industria extractiva — Recenseamento — Correios e Telegraphos — Instrucção Publica — Estradas — Historia e organização politica do Territorio do Acre".

## CAPITULO I

## A REGIÃO

A região Amazonica, que outra não é sinão o immenso valle do Amazonas, formado pelas encostas dos Andes Bolivianos e Peruanos (vertentes do Atlantico), serras do systema Parima (vertentes sul) e parte da cadeia Goyanica, e cujas terras são regadas pelo majestoso Rio-Mar e seus innumerados tributarios, é, sob todos os pontos de vista, digna de acurada observação.

Ao viajero que demanda a Amazonia não escapa, por certo, o espectaculo soberbo da lucta homerica das aguas barrentas do Grande-Rio, a dezenas de milhas da costa e de sua embocadura com as do indomavel Oceano; o colosso das florestas, a variedade prodigiosa da fauna, e a extraordinaria rêde hydrographica da região, certo sem igual em todo o planeta.

Scientificamente, entretanto, tudo alli tem a sua explicação natural. O que passa despercebido ao espirito despreoccupado do viajor que aporta áquellas plagas, aos olhos do observador interessado é um campo vasto onde a zoologia, a botanica e a hydraulica têm o mais perfeito gabinete experimental de suas leis e seus principios.

Muitas e varias têm sido as opiniões que, com fóros de scientificas, hão procurado explicar a geologia Amazonica. Quem, entretanto, com suas theorias logrou maior numero de adeptos foi, innegavelmente, o professor Frederico Hartt.

Para este geologo a immensa bacia do Amazonas teria, em épocas mui remotas, constituido uma porção do Oceano, um mar, cujos limites haveriam sido as serras do systema Parima e os Andes.

Uma commoção subita dera, naturalmente, cãusa a um levantamento continuado da peripheria para o centro e os terrenos da época terciaria, aliás collocados em camadas horizontaes no fundo desse mar, foram aos poucos trazidos á superficie.

Em consequencia, iniciara-se como que um trabalho de desaggregação e arrastamento desses terrenos pelas aguas que se retiravam das partes emergidas e pelas das frequentes chuvas, em busca de escoadoiros, braços de mar, que então se extendiam atravez das depressões da região e cujos vestigios, hoje, podem bem ser o Amazonas, com o cortejo de seus affluentes.

Esse trabalho de denudação ainda em nossos dias se opéra, muito embora a intensidade do phenomeno seja modificada por agentes de ordem diversa, predominando entre elles a existencia das grandes mattas.

Frederico Hartt, impressionado sobremaneira com o trabalho constante da caudal do Amazonas e dos seus affluentes, calculou que « si sobre uma linha ferrea corresse dia e noite, sem parar, um tramway continuo carregado de tijuco e areia, esta colossal quantidade de materiaes seria menor do que a transportada pelas aguas ».

« Em 24 horas calcula-se que o Amazonas carrega em suas torrentes cerca de 3.000.000 de metros cubicos de sedimentos. »

Hoje, como na época de que nos falla Hartt, tudo na immensidade daquella bacia sem congeneres é um trabalho constante de retribuição de serviços.

Aqui é o phenomeno meteorologico dos ventos alizios e contra-alizios saturados de humidade fornecida pelo Atlantico; a cadeia Andina e as serras do systema Parima com as suas geleiras; as grandes mattas, tapêtes verde-esmeralda a cobrirem a região inteira; o calôr equatoriano da zona produzindo as grandes evaporações, a contribuir tudo, nessa harmonia que é um segredo da natureza, para a existencia da rêde hydrographica da região e das periodicas enchentes de assombrar. Alli são os affluentes a correrem numa ancia de Tantalos, em demanda do Grande-Rio, para com elle, e como que identificados no mesmo objectivo, determinarem as transformações constantes das zonas por onde passam, destruirerem consideraveis extensões, desaggregarem das ribanceiras arvores colossaes para leval-as nas torrentes e com ellas o pollen gerador, a novas paragens onde medram novos specimens, « a commetterem a obra impatriotica de auxiliarem o Gigante do Norte a transportar terras patrias para augmentar o littoral norte-americano da Georgia e das Carolinas », (1) e enfim, como que em signal d'uma retribuição ao muito que lhes prestaram os agentes naturaes da região e de reparação á acção destruidora, espalharem pelas florestas com as enchentes o adubo que é transformado em seiva, dando, assim, a todo o Valle um dom de fertilidade que deslumbra. Acolá são os materiaes transportados pelas aguas que,

---

(1) Euclides da Cunha — "A' margem da historia".

accumulando-se nas planices, e levados pelas grandes cheias aos pequenos valles formados pelas raras elevações que se encontram em toda a região, vão aos poucos sedimentando as superficies; são as aguas das assombrosas cheias, no espraiar-se de leguas, a darem logar á formação de series de lagos e igapós, como se já não bastassem para irrigar as zonas os innumerous rios e igarapés; são, emfim, os elementos naturaes da região que, regidos pela lei da evolução, se auxiliam mutuamente num trabalho continuo de transformações e aperfeiçoamento.

Assim, pois, em synthese, a região apresenta-se geralmente plana, possuindo poucas elevações, denominadas terras-firmes, raras nas margens e proximidades dos rios, mas communs em alguns trechos do Rio-Mar, nos centros e nas cabeceiras; os terrenos são quasi de alluvião, encontrando-se alguns de formação mais definitiva, porém, e por excepção rochosos; extraordinariamente irrigada por um conjuncto de rios e canaes que formam um verdadeiro labyrintho, e por uma serie de lagos e igapós, proximos ás margens dos rios ou existentes nos valles das terras-firmes, num systema quasi perfeito de vasos communicantes, exuberantemente fertil e rica, está, por isso mesmo, destinada a ser do Brasil um dos recantos mais importantes e attrahentes.

## CAPITULO II

### RIOS

O espectáculo que nos offerece uma viagem pelo Rio-Mar não é, por certo, igual ao dos seus affluentes.

No Amazonas tudo surprehende: a immensidade, a mutação dos scenarios, a linha admiravel do horizonte e, mais que tudo isso, o momento encantador do nascer do dia e do cahir da tarde.

Nos affluentes, entretanto, ao cabo de dois ou tres dias de viagem de arguta observação, o espirito fadiga-se da monotonia das paysagens e do aspecto quasi que symetrico e sempre o mesmo das suas margens.

Raramente a natureza, após alguns dias de jornada, mostra ao viajante um novo panorama.

A noção do horizonte desaparece pelo campo optico restricto a que se vê condemnado o observador.



Extraordinariamente sinuosos os rios afluentes, marginados por grandes especimens de uma flora incomparavel, só permitem á vista divulgar a curva dianteira a vencer e as margens largamente afastadas e que, a proporção que do « baixo-rio » se passa ao « alto-rio », se vão approximando gradativamente.

De ordinario o leito dos rios, salvo excepções raras, obedece ao mesmo systema; são os *estirões*, as *praias communs*, as *de taboleiro*, as *de cambão*, os barrancos, os sacados e os furos, que em varias combinações vão formando a calha por onde se escoam as aguas vindas de mananciaes diversos.

*Estirões* são os trechos dos rios comprehendidos entre margens formadas por barrancos; em geral, nota-se, ou no principio ou no fim, a presença de *terras-firmes*.

Os *estirões* são muito communs e obedecem, quasi sempre, a um unico alinhamento; encontram-se, entretanto, alguns seccionados, isto é, compostos de dois ou mais segmentos, em consequencia de curvas intermediarias. Os *estirões* seccionados dizem-se de uma, duas ou mais voltas.

*Praias* são as margens formadas de areia e em declividade.

Quando as praias descrevem grandes curvaturas, possuindo accentuada convexidade, favorecendo, dest'arte, aos chelonios a construcção de covas para a postura, denominam-se, então, praias de taboleiro.

A uma praia corresponde invariavelmente, na margem opposta um barranco, de modo que, si se observar uma praia á margem esquerda, vencida esta, ter-se-ha uma outra á margem direita, e assim successivamente.

Casos ha, entretanto, em que esta uniformidade se modifica, pela existencia de um *estirão* ou pela de uma praia de *cambão*.

A *praia de cambão*, ou de *duas cabeças*, é o systema formado por duas praias communs situadas em uma mesma margem e separadas por um pequeno trecho de barranco.

O tamanho das praias varia em muito, e á medida que se avança para as cabeceiras ellas se vão tornando menores.

No Amazonas a extensão das praias, ás vezes, é tal, que apenas azula no horizonte a vegetação marginal.

Em these, póde-se affirmar que a extensão das praias diminue a proporção que se passa de um rio principal para um tributario.

Em geral, seja qual fôr a especie de praia que se observe, ella apresenta, salvo rarissimas excepções e variantes minimas em alguns rios, um aspecto todo caracteristico no baixo e alto rio, modificando-se apparentemente nas proximidades das cabeceiras.

Assim, a estructura das praias apresenta, primeiro uma parte em declive e arenosa, identica a uma secção de uma praia maritima (encontram-se, comtudo, partes formadas de tijuco, verdadeiros atoleiros que forçam a uma gymnastica para delles sahirem os que porventura em taes logares tenham cahido), depois uma parte de terreno elevado, um como que barranco, coberto, em regra geral, de uma vegetação especial, as *Oirãnas*, pequenos arbustos, e em seguida um pequeno *plateau* semeado, ou de uma vegetação rasteira, ou de um capim, a *Canarãna*, ou ainda de *cannas-bravas*, e parallelamente a esse conjuncto, todo caracteristico, uma grande linha de *Imbaúbas* e a floresta em toda a sua magnitude.

Na época da secca as praias descobertas deixam perceber, perfeitamente, esse extranho e peculiar aspecto da maioria dos affluentes e tributarios do Gigante do Norte; nas cheias, porém, as praias, completamente alagadas, são, então, conhecidas pelo affloramento dos vegetaes, por isso que as *Oirãnas* e as *Canarãnas*, num supremo esforço, parecem acompanhar o crescimento *dantesco* das aguas em turbilhão.

No verão como no inverno, isto é, na vasante como na cheia, prestam as praias relevantes serviços á navegação.

Assim, as embarcações navegam, subindo os rios, procurando approximar-se das praias, porque, sendo a correnteza notavel, a resistencia a vencer, entretanto, se torna, por esse modo, sensivelmente menor; ao contrario, porém, na descida, porque, então, a navegação se faz proxima aos barrancos ou no meio do rio, para aproveitar a maior velocidade das aguas e sobretudo as corredeiras.

Dest'arte o roteiro da viagem se faz constatando e assignalando as differentes praias que medeiam entre dois pontos determinados.

Ora, dependendo o successo na navegação do conhecimento do numero de *estirões* e *praias*, da natureza dellas, si altas ou baixas; da não ignorancia de *sacados*, *remansos* e *voltas rapidas*; da existencia de arvores seculares, ou não, presas ao fundo dos rios ou cahidas dos barrancos e que constituem um perigo latente

para as embarcações, é obvio que a questão da praticagem se torna, por isso, de maxima importancia, tanto mais que é certo que, estando os rios em completo abandono, a navegação mais facil na época das aguas é difficillima na occasião da vasante.

### CAPITULO III

#### PHENOMENO DAS ENCHENTES

Um dos aspectos assombrosamente apavorantes em toda a grande bacia do Amazonas é, innegavelmente, o das enchentes de seus rios.

O phenomeno annuncia-se pelos *repiquetes*, enchentes *bruscas* que se observam em principios de dezembro e vão de crescendo em crescendo até os mezes de janeiro, fevereiro e dias de março, quando no alto e parte do baixo-rio as aguas attingem á maior altura, 8, 10 e mais metros acima da vasante minima e espraíam-se pela região, transformando-a quasi que em um verdadeiro mar.

Nos mezes de março e abril ha uma oscillação no crescimento das aguas, accentuando-se a vasante em fins de abril e durante o mez de maio, quando se produzem os ultimos *repiquetes*, denominando-se o derradeiro o *lava-praias*.

Convem, entretanto, notar que, não possuindo os rios da região um regimen de aguas mais ou menos regular, a época das enchentes varia de anno para anno, ora começando mais cedo, ora mais tarde, acontecendo ser o volume d'agua menor numa estação, consideravelmente maior em outra.

Durante a estação das aguas é que se realizam as grandes transformações por que passa segundo a segundo, minuto a minuto, momento a momento a região inteira.

A caudal tremenda que se precipita das nascentes numa velocidade de 3,4 e 5 milhas, augmentada pelas copiosas chuvas intermediarias, vem modificando as zonas por onde passa, galgando aqui afoitamente os barrancos, subindo alli nas arvores, dois e tres metros, acolá alagando extensissimas porções de terras das proximidades das affluencias e confluencias, e as mais das vezes deixando perceber as terras-firmes como si fossem ilhotas em em pleno mar; e estas que pareciam, como os barrancos de grande altura, tornam-se agora monticulos, desapparecendo os *segundos*.

Os scenarios se succedem como as vistas de um cosmorama.

A corrente impetuosa das aguas que se desprende das nascentes de embate com as terras frouxas das ribanceiras, destróe extensões consideraveis, acarretando, com isso, a quéda de colossaes arvores, que por um espirito mal entendido, no caso, de perversa solidariedade, trazem de vencida muitas outras, projectando-se todas barulhentamente em pleno rio, qual ribombar ensurdecedor de um carro de Neptuno em plena tempestade.

E' então que a natureza por um trabalho moroso, de sábia engenharia, vae lastimando o descaso do homem, que tudo deixa, na região, entregue aos azares dos acontecimentos, encurtando as distancias e aperfeiçoando o curso dos rios pela abertura constantes de sacados e furos.

#### CAPITULO IV

##### FLÓRA

Muito se falla das grandes florestas do Ganges e do Brahma-putra; no olvido não ficam as colossaes mattas das cabeceiras do Nilo e das visinhanças do Alberto-Nyanza e do Victoria-Nyanza; orgulho dos americanos do norte é a vegetação exuberante da bacia do Missouri-Mississipe; porém, sem conhecer nenhum destes recantos do mundo, quasi que podemos affirmar, sem receio de contestação, que a *flóra* assombrosa da Amazonia a nenhuma fica a desejar, sendo, talvez, a todas superior.

No serpentear de mil e um rios, furos, paranás, sacados, igarapés, igapós, etc., que por alli ha, vêem-se sempre marginando as aguas os mais esquisitos especimens de uma *flora* sem rival.

E a floresta prolonga-se por toda a parte, apenas interrompida aqui a continuidade por um curso d'agua, para alli recommear extraordinariamente variada.

Assim, pois, citaremos, para não fugirmos ao plano que traçámos no começo desta despretenciosa *Memoria*, alguns exemplares da Flora da Amazonia e que sobrelevam aos demais pela sua importancia e quiçá abundancia.

A *Seringueira*, *hevea brasiliensis*, é uma arvore de crescimento notavel, 10, 20 e mais metros de altura; o caule, rectilíneo, tem uma côr cinzenta-escura; de diametro relativamente pequeno, esgalha-se no topo em curtas ramificações; as suas folhas são pequenas e de um tom verde claro; apparece, em geral, na floresta,

intervalladamente. E' nativa na Amazonia e de grande preciosidade em razão da gomma elastica que produz.

Synonimia regional e vulgar: — *arvore do ouro*.

*Castanheiro*, *bertholetia excelsa*, é uma arvore de proporções gigantescas; encontra-se em estado nativo e em grupos numerosos, formando os castanhaes; — fronda extraordinariamente, o que lhe dá um aspecto imponente, e, por isso, não raro é ver a côma do vegetal destacar-se altaneira no seio da matta.

Constitue, por si, uma das grandes fontes de riqueza do valle do Amazonas; no Solimões, principalmente, dos fructos fazem objecto de um importante commercio.

Os fructos (sapucaias) são grandes, redondos e lenhosos; amadurecem na estação das chuvas e cahem, juncando o sólo, onde são apanhados e abertos a machado para a extracção da deliciosa *Castanha*, ou *Noz do Pará*.

Da entrecasca prepara-se uma estôpa de magnifica qualidade.

*Cacauzeiro*, arbusto dicotyledoneo da familia das esterculiaceas, vegeta em toda a Amazonia, onde é encontrado em estado nativo e raramente cultivado.

A cultura é facil, pouco trabalhosa e muito compensadora.

Começa a fructificar no fim de quatro ou cinco annos de plantado e por espaço de longos annos.

Os fructos dão presos ao caule e desde a base ás pontas das ramificações, em numero de 200, 250 e até 300 em cada pé.

O cacau constitue, tambem, uma das grandes riquezas da região, em virtude do seu commercio e consumo mundial.

Plantas medicinaes:

Salsaparilha, Quina, Manacá, Poaia, Muni, Alfavaca de cobra, Assacú, Caeté-grande, Copaiba, Guaraná, etc.

Plantas textis:

Urtiga, Tucuman, Uavassú, Ubussi, Jacy, Uricury, Paxiúba, Assahy, etc. Na especie palmeiras a flora da Amazonia é excessivamente prodiga.

Essencias, tintas, resinas, etc.:

Baunilha, Copal, Angico, Falsa-canella, Cumassi, Genipapo, Urucú, Andiroba, Sangue de Drago, Carnaúba, etc.

Madeiras:

Em madeiras proprias para todas as especies de construcções

e obras de marcenaria a flora da região é de uma variedade soberba.

Entre as muitas qualidades, nomearemos o Louro-canella, pimenta, vermelho, amarello e faia, Páo-d'arco, Cupiúba, Frei-Jorge, Páo amarello, Cedro vermelho e branco, Piquiá, Massaranduba, Sicopira, etc.

Não terminarei, entretanto, estas linhas sobre a flora da Amazonia sem fallar de duas arvores cujos aspectos attrahem o viajante que sobe o Rio-Mar ou algum de seus tributarios.

A *Samaumeira*, ou *Samaúma*, é uma arvore de aspecto bellissimo e de tamanho colossal, attingindo a 30, 40 e mais metros de altura. Crescendo sempre em linha vertical, mais parece uma gigantesca columna implantada no sólo do que um representante do reino vegetal; o seu diametro é notavel, sobretudo quando accrescido o caule das *sapopembas*, especie de contrafortes que auxiliam o equilibrio do vegetal e que formam, com o tronco, verdadeiras cavernas onde os animaes se abrigam e, ás vezes, os que, perdidos no meio da matta, buscam um recanto para fugir da noite e do tempo; fronda no alto em ramificações *herculeas*, projectando uma sombra de algumas dezenas de metros; nas margens dos rios destaca-se como um marco utilissimo aos navegantes; como qualidade de madeira nada vale, porém; assemelhando-se á *paineira*, produz, além de um pequeno fructo, finissimos flocos de sêda.

A lenda refere que, ás segundas-feiras, os Emissarios do Senhor, aproveitando, em noites de luar, a sombra projectada pelo arvoredor, reúnem-se em concilio, á meia noite, em torno d'elle, e entoam psalmos divinos e mysteriosos.

O *Mulateiro*, é uma outra arvore cujo aspecto é admiravel, existindo em abundancia na margem dos rios. E' notavel pela côr do caule; em sendo bastante alto e desganhado, assemelha-se a uma arvore de bronze que por encanto emerge do solo. Em um grupo de 10, ou mais, não se encontram dois cujos caules tenham a mesma côr; a natureza parece que se esmerou em dar a esse vegetal todos os matizes do bronze, desafiando, assim, os segredos da mais aperfeiçoada industria de fundição. A sua utilidade vem de fornecer uma superior qualidade de lenha ás embarcações a vapor, em falta de outro combustivel.

## CAPITULO V

## FAUNA

*Como a flóra, é a fauna da amazonia simplesmente prodigiosa*

Em terra, nas aguas e nos ares as especies são as mais variadas possiveis.

Com a vasante dos rios, especialmente, é um espectáculo encantador verem-se nas praias, em uma promiscuidade que surprehende, passaros e aves de rara belleza.

E, si ao despertar do dia a passarada alacre embriaga o espirito do observador com o colorido mil das pennas em conjuncto e com o concertante admiravel de cantares melodiosos, á noite dentro do manto negro-tetrico, pasma o contemplador com os pios tristonhos das aves nocturnas, em desharmonia infernal com os urros das bestas na floresta e o esturrar dos reptis nos rios e igapós, e que ecôam, por toda a parte, favorecidos por um campo acustico privilegiado.

Assim, na serie enorme de animaes e aves, citaremos:

Onças, Tatús, Caititús, Pacas, Veados, Antas, Tamanduás, Cotias, Queixadas, Macacos, Capivaras, Jacús, Araras, Papagaios, Caturritas, Periquitos, Macucos, Mutuns, Inhambús, Pombas do matto, Patos reaes, Marrecas, Gallinhas pretas, Jacamins, Maguaris, Jaburús, Gaivotas, Garças, etc.

Peixes:

Ricos são os rios e lagos em qualidades variadissimas de peixes, na maioria proprios para alimentação, exceptuando-se poucos, que, além do mais, são excessivamente vorazes.

As *Piranhas*, por exemplo, atacam as pessoas e animaes que cahem á agua; são de uma furia destruidora de abysmar, e, si porventura vêem sangue, tornam-se de uma voracidade notavel. Andam sempre em cardumes, ou piracêmas, segundo a expressão usual e indigena.

Igualmente temivel é a *Pirahyba*, piratinga-reticulata, peixe de tamanho consideravel e que, possuindo enormes mandibulas, devora tudo quanto possa estar ao seu alcance.

Outra especie não menos respeitavel é a dos *Botos-vermelhos* (1), porque tambem os ha escuros, menos temiveis; andam

---

(1) Mamifero cetaceo.

sempre em grupos de quatro, seis e mais, promptos á lucta, maximé si estiverem na época do cio. E, não raro, travam-se verdadeiros combates entre esses peixes e o celebre *Peixe-electrico*, uma pilha ambulante, nem sempre sendo, entretanto, os vencedores.

Os *Candirús*, *cetapsis-candirú*, teem o extranho systema, contam, de, nos ataques, introduzirem-se pela urethra e outras partes do corpo.

Recommandaveis pela qualidade, contam-se, entre outros: o *Tucumaré*, a *Pescada*, o *Robalo*, o *Camorim*, o *Cascudo*, o *Pirarucú* (bacalhau do Amazonas), etc.

Em tamanho, o mais importante specimen da Faúna aquatica do Amazonas é o *Peixe-boi*.

Este sirenio attinge, ás vezes, proporções exageradas e tem um extranho aspecto. Possui uma pelle quasi negra, bastante dura, e a cabeça, regularmente grande, dá uma ligeira e pallida idéa de uma cabeça de vitella.

Em reptis é toda a zona sobejamente rica. Encontram-se cobras do mais exquisito aspecto e de tamanhos que escapam á propria imaginação.

De *Jacárés* existem variedades em demasia.

Em certas épocas do anno, mórmente, vêem-se lagos e igapós juncados d'estes reptis. Nos rios e igarapés encontram-se muitos de tamanho consideravel.

No geral não atacam, porém, si o fazem, é com grande vehemencia.

A guerra contra esse reptis é sem treguas; — tão depressa seja um avistado, rapida do "Rifle" parte uma bala certa a lhe tirar a vida, e se por acaso a pontaria não é bôa, deixa-se ficar no mesmo sitio até que outras venham bater mais proximas para, então, retirarem-se vagarosamente.

Alguns ha, entretanto, que mais cautelosos e logo que percebem a approximação do inimigo, deitam-se ao rio em vertiginosa carreira. Quando um jacaré é mortalmente ferido, atira-se a agua, no primeiro impeto, estrebuchando pasmosamente para depois, e de um salto unico, cahir em uma praia e entregar-se aos esteriores da morte.



O comprimento destes animaes varia até o maximo de seis metros; o maior que tive occasião de ver teria approximadamente uns quatro metros e meio.

No typo *chelonios* a variedade é grande; aliás elles constituem a principal alimentação dos habitantes da região.

Os mais communs são: o Jaboty (testudo-tabulata), o Tracajá, a Tartaruga (boi da Amazonia), o Capitari, o Assari, etc.

Estes chelonios operam a postura em covas abertas nas praias arenosas, variando a mesma conforme a especie; assim numa cova de tartaruga encontram-se até 200 ovos, na do Jaboty, 12, e na do Tracajá, 25.

E' interessante o modo pelo qual estes animaes fazem as covas para a postura.

Entre o sahir do rio ou lago e o voltar para a agua deixam nas praias um rastro pouco mais ou menos identico a uma conchoide, e, na curvatura extrema, cavam a terra em uma profundidade de uns 20 centimetros, e ahi fazem a postura; em seguida cobrem perfeitamente a cavidade, de modo a ficar identica ao resto da superficie.

As tartarugas, ás vezes, reúnem-se em grupos consideraveis e operam simultaneamente. Em taes occasiões é facillimo o se agarrarem muitas, bastando correr-se para os pontos onde ellas se acham concentradas e viral-as, de modo a interceptar-lhes os movimentos.

E, para concluir, citarei um passaro canóro muito celebri-zado na região e que de todos os mais se destaca — o *Uirapurú*.

Referem os habitantes da região que o canto desse minuscuro passaro é tão alto e harmonioso que os outros passaros da matta se sentem por elle enlevados e attrahidos, a ponto de o acompanharem quando elle solta os seus vôos de um para outros logares.

Dir-se-hia, então, uma verdadeira majestade acompanhada por numeroso sequito. Dahi o affirmar a lenda que o Uirapurú é um talisman de prodigiosos effeitos.

---

---

## VIAGEM ETHNOGRAPHICA DA ARGENTINA A BOLIVIA

Primeira conferencia publica da série organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo socio Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, a 5 de janeiro de 1911, no salão do Museu Commercial

*A presente conferencia trata da viagem ethnographica de Buenos-Ayres á zona norte da Republica Argentina e á Bolivia, desde os limites com a vizinha Republica até La Paz, inclusive.*

Prendem-se as supracitadas conferencias á reunião do XVII Congresso Internacional de Americanistas, realizado em maio de 1910 e principalmente á excursão scientifica, constante do programma do mesmo, realizada atravez os citados paizes para visita e estudo dos respectivos museus, cemiterios e ruínas pre-historicas, aldeamentos de Indios: seus habitos e costumes, etc.

No primeiro desses paizes, aprecia-se com prazer e verdadeiro interesse as esplendidas collecções, perfeitamente bem conservadas no Museu Nacional e no Museu Ethnographico de Buenos-Ayres, e no Museu de La Plata e bem assim a preocupação que existe de parte dos seus naturalistas com os estudos americanistas.

Os directores e o pessoal encarregado das differentes secções de qualquer dellas, são os mais competentes e cuidadosos.

Causa admiração como possam os scientists, com as mesmas occupados, publicar, como annualmente publicam, tantas obras sobre os varios ramos que cada uma encerra, notando-se verdadeira predilecção pelos que se referem a ethnographia, geologia, archeologia e anthropologia.

Basta citar apenas os nomes respectivamente dos directores desses museus Dr. Florentino Ameghino, Dr. Juan Ambrosetti

e Dr. Lafonne Quevedo para bem exprimir o valor dos mesmos estabelecimentos.

No entanto é mister fazer lembrar aqui os nomes do Dr. Francisco Moreno, o fundador do Museu de La Plata, grande ethnographo argentino e notavel escriptor de varias obras sobre ethnographia e archeologia e do Dr. Debenetti, vice-director do Museu Ethnographico de Buenos-Ayres, que ha tempos chefia, com grande proficiencia, as explorações scientificas dos tradicionaes valles Calchaquies, com especialidade em Pukará de Tileára, na Provincia de Jujuy.

Muito teria que dizer se me fosse occupar aqui de cada um dos demais scientists dos referidos estabelecimentos e das suas obras, que, para os cultores das respectivas materias, já são por demais conhecidos, tal o valor das mesmas.

Porém, dizer alguma cousa desses museus é de meu dever, pois alli se acham peças de inestimavel valor, que só podem ser vistas, apreciadas e estudadas por quem tiver occasião de visital-os.

O Museu Nacional, de Buenos-Ayres, reúne esplendidos especimens dos reinos animal, mineral e vegetal do paiz, artefactos indigenas e varias outras peças de differentes procedencias, dignas algumas do maior apreço, estando as colleções do mesmo no momento actual, umas encaixotadas e outras em via disso, para a respectiva mudança para um palacio que as vae em breve accomodar.

O Museu Ethnographico, de Buenos-Ayres, installado nos baixos do edificio da Faculdade de Philosophia, possui muita cousa de valor e admiravelmente bem classificada, grande parte do que é feito por seu proecto director Dr. Juan Ambrosetti, distincto ethnographo e archeologo, que varias dezenas de obras, por demais instructivas, tem publicado sobre os assumptos de que é consciencioso cultor.

Vêm-se ahi estantes verticaes envidraçadas, reunindo grandes colleções de artefactos de pennas, de tribus indigenas existentes no paiz; outras com peças de bronze, madeira, osso e ferro dos primitivos habitantes, existindo ahi objectos de incalculavel valor, tudo catalogado e em seus apropriados logares.

Estantes da mesma disposição, sem vidros, porém, repletas

de peças de barro cozido, quasi tudo ceramica pre-historica, sobresahindo dellas verdadeiras raridades da civilização calchaqui.

Em outras horizontaes e envidraçadas, acham-se os artefactos de pedra: machados, pontas de flecha, mós e almofarizes.

Em outras identicas, são as joias araucanas argentinas ou os tecidos de varias outras tribus indigenas, que se acham á vista do espectador.

Com rigoroso escrupulo, acha-se habilmente colleccionado o que respeita á anthropologia do paiz.

Sem referir-me a esqueletos completos, extrahidos de antiquissimas tumbas do territorio argentino, lá estão, para os devidos estudos e verdadeira admiração dos dedicados á materia, os diferentes craneos de tribus extinctas e das actuaes, havendo alguns de deformação calchaqui, que muito valor têm para a ethnologia americana.

O Museu de La Plata, no entender dos grandes scientists, um dos melhores do mundo em paleontologia, se não fôr mesmo o primeiro, prende a attenção do visitante, principalmente dos scientists, pelo que possui e pela forma como se acha tudo tratado e classificado.

A sua mais que notavel collecção de animaes fosseis, da fauna extincta, onde estão esqueletos completos e artisticamente armados do «Glyptodons» um antigo «Tatú», sob cuja casca ou couraça se podiam abrigar de pé para mais de vinte homens; do *Megatherium*, ungulado de exaggeradas dimensões, que repousando parte da cauda e as patas trazeiras no sólo, attingia com as da frente e bocca os galhos das grandes arvores; e dos seus coetaneos: *Scelidotherium*, *Mylodon*, *Cervus*, *Macrauchenia*, *Equus*, *Trigodon*, *Toxodon*, *Doedicurus* e varios outros, todos grandes mammiferos, extrahidos de camadas terciarias patagonias e quaternarias pampeanas e, ainda, de peixes, reptis, chelonios, aves e cetaceos, tudo fossil e extrahido das mesmas camadas do sub-solo argentino, attrahe sobremaneira a attenção do visitante.

As collecções ethnographicas ahi conservadas e em permanente exposição, não prendem menos a attenção de quem visita esse estabelecimento, construido propositalmente para o fim a que se destina.

Devo dizer, que nem tudo o que ahi se acha em exposição pertence ao governo, digo, a esse museu, pois dessas collecções,

para mim, talvez a melhor seja a que pertence desde longo annos, ao celebre scientista argentino Dr. Samuel Lafonne Quevedo, entidade de real prestigio e grande cultor de linguistica indigena.

Nas vitrines desse museu vê-se o que o paiz possue de notavel e raro em ethnographia e archeologia em seu sub-sólo, com especialidade em pedra, metal, ceramica, osso e madeira.

Os almofarizes com trabalho em relevo, representando batrachios, chelonios e varios reptis, são por demais preciosos, fazendo bem lembrar os mesmos, o que se encontra nas collecções particulares do Perú e no proprio Museu de Lima, extrahido do sub-sólo peruano.

No meu modo de ver, representa essa perfeita semelhança de talha, sculptura e desenhos em pedra, um verdadeiro ponto de contacto das civilizações pre-historicas das duas vertentes andinas.

Bem assim os cachimbos e idolos, cada qual melhor e mais raro, chamam extraordinariamente a attenção do observador.

Em metal, os ha de ouro, prata, cobre, bronze e ferro.

Em ceramica, é avultada a collecção exposta, havendo peças de varios typos, cujos desenhos e gravuras marcam caracteristicamente diversás épocas e differentes procedencias.

Em osso e madeira vêm-se utensilios, armas de caça, pesca e guerra e varias peças para fins diversos, alguns, mesmo, de applicação desconhecida.

A collecção de craneos desse museu é valiosissima, não menos de oitocentos exemplares diversos enchem os seus armarios e vitrines, não sei mesmo se será essa a maior collecção existente nos museus da America do Sul reunindo em si riquissimo elemento para os estudos de todas as raças indigenas que têm povoado e ainda habitam o paiz de norte a sul e de léste a oeste.

Tudo o que se refere á anthropologia argentina continúa hoje muito bem cuidado, graças á boa direcção do chefe dessa secção e lente da respectiva materia na Faculdade de Philosophia de Buenos-Ayres, Dr. Lehmann — Nitsche.

Para prova do quanto se dedica ao assumpto anthropologico esse scientista, bastam as photographias, alli existentes, de varios representantes das tribus que ainda povoam o paiz, colleccionadas todas, e algumas mesmo extrahidas, pelo referido lente da materia.

Primeiramente são Indios Araucanos Argentinos ou Mapuches, que demoram nas fraldas da Cordilheira do Andes, que de-

mandam o Atlantico, no sul do paiz; de genio tristonho, muito hospitaleiros, vivendo actualmente da lavoura e da pequena industria.

Entre os varios habitos e costumes que ainda os mesmos praticam, sobresahe o que solemniza com bailados, alguns dos quaes mascarados, o primeiro menstruo das jovens Indias.

Usam esses Indios joias de prata, que têm muita semelhança ás usadas pelos de igual nome e que habitam as fraldas da outra vertente andina, as que demandam o Pacifico, refiro-me aos antigos Araucanos Chilenos ou tambem Mapuches.

O sul do paiz tem sido habitado pelos « Huelches », « Puelches » e « Tehuelches », divisão de tribus essa, segundo os pontos em que têm vivido essas raças, no littoral, nas fraldas andinas ou nos pampas.

Estes ultimos tambem conhecidos por Patagons, de grande estatura, tinham no minimo 1<sup>m</sup>,80, conhecidos como os habitantes mais altos do continente americano.

Vêm depois os Tobas, em seguida os Matacos; tanto uns como outros, ainda mais ou menos selvagens, habitando os pontos mais interiores do paiz, com especialidade o Chaco Argentino, chamado.

Tambem a Terra de Fogo, além do Estreito de Magalhães, tinha suas tribus, conhecidas por Fueguinas, das quaes os Onas pelas guerras consecutivas e pela vida de completas privações estão hoje quasi extinctos.

Os poucos ainda existentes dessa tribu vivem cobertos de pellas, geralmente da phoca, lobo marinho e lontra, alimentando-se da pesca e de certas raizes vegetaes.

As carnes gordurosas dos cetaceos, tão abundantes no sul do Atlantico, são por elles as preferidas, servindo-lhes de bom alimento, maxime na zona glacial, como são as terras extremas do continente sul americano.

Sobre as raças que têm habitado a Argentina e que a habitam actualmente póde-se escrever volumes e volumes, cada qual descrevendo os assumptos de maior interesse para a sciencia e collocando o paiz na posição que de facto e de direito bem merece.

Porém a viagem levada a effeito pelo XVII Congresso Internacional de Americanistas obriga-me a calar no tocante ao estudo exclusivo da ethnographia do paiz, tratando ainda e por momentos, no entanto, da vida dos Indios que povoam o local do



INDIA DO CHACO ARGENTINO

Edição Rosauer.

STATE OF TEXAS

COUNTY OF \_\_\_\_\_



trajecto que percorri de Buenos-Ayres a La Quiaca, ponto limítrope argentino-boliviano, e bem assim de alguns pontos do seu productivo territorio e do conforto que offerecem os seus meios de locomoção.

Assim, pois, varios membros do alludido Congresso, previamente inscriptos na lista dos que seguiram a longa e attrahente viagem, partiram nos primeiros dias de junho de 1910 em direcção a La Quiaca, para dahi começarem os estudos bolivianos e mais tarde peruanos, indo uns pela linha de Cordova a Tucuman e outros directamente a esta cidade, dahi todos em direcção, no segundo dia de viagem, a Jujuy, ahi pernoitando e no terceiro dia, finalmente, até o ponto já referido.

De passagem, direi, como um dos excursionistas que fui, que as estradas de ferro argentinas marcham sempre dentro dos respectivos horarios e dispõem de todos os elementos de conforto e bem-estar para os seus muitos e constantes passageiros.

Em carros restaurantes e dormitorios exigir mais seria exagerado e superfluo.

Essa longa viagem foi para nós, de tres dias e nas melhores condições e, não fôra o tremendo pó, que tudo invade e avassalla, diria eu, sem errar, optima em todo os sentidos.

Ha, porém, uma justa explicação para a existencia dessa terra fina e incommoda, que é a de não serem empedrados os leitos das respectivas estradas, pela absoluta falta do indispensavel elemento, digo, pela escassez da pedra no paiz para tal fim.

Durante todo tempo de viagem pelo prospero territorio platino aprecia-se, com verdadeiro entusiasmo, a quantidade e a qualidade do gado vaccum, cavallar e lanigero, com especialidade a exuberancia deste e bem assim o excessivo numero de comboios de gado em pé, que do interior demanda a capital da Republica.

Da lã das ovelhas utiliza-se geralmente o Indio argentino para com ella tecer seus bellos ponchos, cobertas de cama, gorros e mais peças de uso diario.

A esse respeito são dignos de nota os Indios da Bolivia, Perú e Chile, não se limitando á lã da ovelha exclusivamente, como adeante demonstrarei.

Num paiz como a Argentina, grande productor de trigo, milho, alfafa e, hoje em dia, o primeiro do mundo em linho e criador, como é, em larga escala, com industrias proprias e não de mera

adaptação, muito têm que lucrar os Indios que se agremiarem á civilização, pois que, contribuindo grandemente para maior desenvolvimento da renda do seu paiz, fruirão, por sua vez, seguros proventos do uberrimo sólo do mesmo; tanto mais que o exemplo já está dado em certos e determinados pontos do interior, em que existem varias roças e alguma criação pertencentes exclusivamente a elles, onde tudo vae de dia a dia prosperando.

Continuando a tratar da viagem, ainda em territorio argentino, tenho a dizer que desde Buenos-Ayres até Tucuman e mesmo até Jujuy todos os terrenos, a perder de vista, da enorme planicie platina, estão occupados com plantações de cereaes e com campos de criação.

De Jujuy, porém, em deante, quanto mais para o norte, mais vae mudando, e ás vezes bruscamente, o aspecto do terreno, a ponto de ser « La Quiaca », limite extremo com a Bolivia, no meu ver, já um deserto.

Essa parte do paiz quasi que é exclusivamente habitada por Indios « Quichuas », os quaes, pela aridez do sólo, têm uma vida triste, o que demonstram as suas physionomias e as suas manifestações pelo que vêem ou sentem.

Vi, tanto nessa zona argentina, « La Quiaca » e suas circumvisinhanças, como varias vezes depois, já em territorio boliviano, serem as habitações desses indios as mais primitivas e rusticas, a ponto d'ellas muito me impressionarem.

Constam as mesmas, nada mais, nada menos, que de verdadeiras furnas, sem o menor preparo ou conforto, abertas no sólo, á guisa dos muito usados fornos para pão, tão frequentes no interior do Brasil, nas quaes residem um só Indio, um casal ou uma familia, tal a dimensão de cada uma.

Assim são ellas geralmente, o que não impede de haver uma ou outra, como tive occasião de ver, revestida de páos ou de seixos rodados pelo seu interior, para suporte da massa de terra ou barro que lhe fica por cima.

Essa categoria de habitação não é só devida á escassez dos indispensaveis elementos para a construcção de outras mais apropriadas aos requisitos humanos, mas sim e muito especialmente ao frio rigoroso, que se sente por toda essa zona, onde, por exemplo, em « Tres Cruces » a altitude mede 3.736 metros sobre o nivel do mar, obrigando a sua temperatura, mormente no inverno, aos ha-

bitantes do logar buscarem o elemento seguro de abrigo, que alli só lhes fornece o interior de taes cavernas.

Verifiquei desde esse alto ponto até « La Quiaca » (territorio argentino) e dahi até Uyuni (interior da Bolivia), o que quer dizer durante o espaço de quatro e meio dias de viagem, com o auxilio de um bom thermometro centigrado, estarmos supportando, de manhã e á noite, sempre a temperatura normal nessa época do anno, mez de junho, de 12 a 13 grãos abaixo de zero; o que bem indicava estar, como se achava a agua congelada nos encanamentos dos hoteis de La Quiaca e de Uyuni e nos jarros e demais depositos nas diversas pousadas onde pernoitamos e, ainda mais, nos espraiaados dos leitos dos rios por onde passavamos, ora mais solida a camada de gelo, ora mais tenue, segundo a posição do sol, rompendo-se a mesma amiudadamente sob a pressão das quatro fortes rodas do carroção-omnibus, puxado a oito mulas no primeiro dia e a seis, apenas, nos demais, que durou esse trajecto através de valles e morros, sempre do alvorecer ao anoitecer.

Ahi foi onde bem observei a razão de ser da adoração dos Incas ao astro rei.

O que prova a circumstancia em seguida exposta, por nós verificada durante todos os dias dessa viagem.

A' proporção que o magestoso astro se elevava, por conseguinte, despejando sobre o nosso planeta com mais força os seus vigorosos e vivificantes raios, o frio ia naturalmente diminuindo para aquelle que pudesse gosar dos seus effeitos directos, dáda a altitude em que nos achavamos, e é assim que os proprios Indios sahindo de suas moradas, embora em pequeno numero, ás primeiras horas e os jumentos e as llamas levantando-se do repouso nocturno, algumas das quaes bem saltitantes nas horas de mais sol, iam todos collocar-se sob a sua benefica e poderosa acção, alegrando-se e facilmente movimentando-se em seguida.

Assim, é vulgar ver-se: quer nesses dous paizes, quer no Perú e no Chile, os Indios e suas familias, nas horas da maior força do sol, ás portas de suas choupanas, sentados ou de cócoras, aquecendo-se e alguns mesmos, creio que a titulo de exercicio, fazendo seus lindos tecidos, que nestes tres ultimos paizes, principalmente, não se limitam exclusivamente á lã de ovelha, empregando em larga escala a da llama e a da alpaca, o que não succede em iguaes proporções com a da vicuña por ser este animal mais raro,

e por esse motivo preferido, como geralmente succede com tudo o que é mais difficil de ser obtido.

Taes tecidos não só lhes servem de optimo abrigo, como lhes proporcionam esplendido resultado pecuniario, pelo muito procurados e bem pagos que são pelos touristes europeus e norteamericanos.

No primeiro dia de viagem de carreteira, chamada, sahimos de La Quiaca Argentina ao alvorecer, atravessando, logo em seguida, o rio de igual nome, que nada mais é que um mero riacho; parando a algumas centenas de metros adeante, haviamos chegado a La Quiaca boliviana, onde fomos immediata e attentiosamente despachados pela alfandega desse outro paiz, que começamos a percorrer.

Continuando a viagem, passamos pela pousada de Mayo, cujo rio, de puros filetes de agua, atravessamos, apreciando ahi com interesse os poucos ranchos Quichuas e algumas Indias, carregando cantaros de barro cozido de sua rustica fabricação ao hombro, em busca do precioso liquido, de tão difficil aquisição nessa parte do paiz.

Esse golpe de vista modificou um pouco, embora por momentos, o verdadeiro aspecto de deserto que tem o logar do trajecto, onde só se vêem terras pardacentas, e uma ou outra mula, ou llama, ou então collinas revestidas, em alguns pontos, mórmente de Moraya em deante, de rachiticos e monotonos pés de Cardo, que de tão perpendiculares que são, ao longe parecem puras estacas.

Passamos depois por Yuruma, nome aimará, que quer dizer « cabeça de cantaro », e mais adeante por Piscouno, nome quichua?, que significa « agua de passaro » por ser a agua nesse logar sempre em filetes tão finos que apenas chega, como dizem, para os passaros beberem.

Com alguns kilometros mais de percurso, chegamos a pousada de Nazareno, onde encontramos uns Indios vendendo maçãs de feia e enfezada apparencia, porém de bom paladar.

Sahindo dessa localidade, atravessamos o historico Rio Grande de Suipacha, passando pelo povoado do mesmo nome, que é formado de Indios e de um ou outro Mestiço, e mais adeante pelas estancias de Tomatas, Tocloca e Deseada, subindo em uns pontos



INDIOS AYMARAS TECENDO AO RIGOR DO SÓL

Cliché de Vargas.



fortes ladeiras e descendo em outros, rampas não menos inclinadas até o lugar denominado Abritas.

Antes um pouco de chegarmos a Abritas, vimos uma India, ainda joven, fóra do seu rancho, deitada a fio comprido no chão e por baixo de um grande pé de Churqui, a tecer um vistoso poncho de lã, estando á sua frente o rustico, porém pratico, tear, que tambem repousava no sólo e em suas mãos, em constante vae-vem, a competente agulha de tecer, feita apenas de uma lasca de osso de llama; peças essas que examinei bem de perto.

Depois de viajarmos algum tempo pelo leito do Rio Tupiza, chegamos á cidade do mesmo nome, passando antes pelo « Angosto » ou estreito em portuguez, garganta essa apertada entre dois rijos penhascos ambos bem a prumo, sendo um bastante alto, apenas separados um do outro, cerca de oito metros e sendo a passagem ali feita por dentro d'agua e vagarosamente.

Ao chegarmos á dita cidade de Tupiza, fim da nossa viagem no primeiro dia, fomos vendo, se bem que já quasi noite, mais as fazendas de Lourdes, de Yurcuma e de Puca-Campa, nome quichua?, que significa « Campo Colorado ».

Geralmente são Indios ou filhos delles os lavradores de todas essas fazendas.

Uma nota bastante interessante é a referente ao modo por que são guiadas e tocadas as mulas durante essa viagem, sendo que diariamente, em pontos certos e equidistantes, são ellas trocadas, não menos de duas vezes, por outras completamente descansadas e promptas a supportar o pesado serviço, que fazem com desembaraço, embora custando por varias vezes vencer obstaculos de não pequena monta.

A' frente do carroção-omnibus, todo forrado de lona parda, num banco mais alto, guia os oito animaes, atrelados dois a dois, o « mayoral » chamado; indo de cada lado a pé, e sempre a correr, os ajudantes, dois jovens Indios, que espantam as mulas com uns curtos chicotes cheios de argolinhas, que continuamente muito chocam, atirando ás mais distantes, uma ou outra vez, pedras pequenas e, ora gritando, ora assobiando estridentemente, permanecem n'esse serviço, vindo de cada vez um delles descansar uns segundos no estribo do vehiculo, que lhe fica propicio.

Imagine-se a fadiga que, a qualquer outro que não fosse Indio, causaria esse trajecto assim feito de La Quiaca a Tupiza, 100 kilo-

metros de percurso, alguns dos quaes feitos a puro galope pelos fortes e bem nutridos muares da Empreza Carreteira, e isso numa altitude acima de 3.000 metros, onde qualquer exercicio produz ao viajante o terrivel mal, denominado « Soroche », cujo symptoma mais grave é a falta do ar, asphyxiando-se uma pessoa com a maior facilidade.

E, no emtanto, são trocadas as mulas que puxam o vehiculo, mais ou menos em cada terço do caminho, e os chamados ajudantes, jovens creaturas humanas, fazem todo o trajecto a correr, por montes e valles, por cima das escorregadias camadas de gelo e seixos rodados, cahindo varias vezes a gesticular e a gritar, e ao terminal-o, nem sequer estão arfando; apresentando-se em seguida aos passageiros do carro sem demonstrar a menor fadiga e transportando-lhes ainda as malas para os hoteis, onde se hospedam. Foi essa uma das cousas que mais nos impressionaram na referida viagem.

Em Tupiza, onde chegamos ás oito horas da noite desse primeiro dia de tão memoravel viagem, demoramo-nós 34 horas, para descanso da caravana, visita á cidade, seus edificios, arredores e preparo da nova combinação da Empreza Carreteira, que dahi á cidade de Uyuni nos conduziu em outro carroção-omnibus, de menores dimensões, tirado por seis mulas em tres e meio dias consecutivos, como já tive occasião de dizer, sempre do nascer ao pôr do sol.

Durante a permanencia na alludida cidade de Tupiza, visitámos, além de outras repartições publicas em predios adequados, a Municipalidade, a Repartição dos Correios e Telegraphos, a Prefeitura de Policia, a Bibliotheca e a Mesa de Rendas, tudo num unico e grande edificio de aspecto agradavel e de dois andares, digo de altos e baixos, onde tive occasião de verificar serem as praças de policia quasi todas Indios bolivianos.

Dessas praças as que estavam de folga conservavam á cabeça seus gorros de lã de protecção ás orelhas e nos pés as inseparaveis alpercatas.

A qualquer ordem do Prefeito ou de seus respectivos commissarios, no emtanto, as que assim vestidas se achavam partiam immediatamente a cumpril-as, algumas das vezes correndo com tal rapidez, que pareciam puros gamos.





EL ANGOSTO (O Estreito)

Tupiza

Bolivia



Em seus tristes arredores, comecei a ver bem de perto um habito bastante original do Indio da Bolivia, que só por cuidadosa observação consegui conhecer. Refiro-me ao costume entre elles adoptado, que soube por mais de uma pessoa do lugar, vir de longos annos, de imprensar ou entulhar nas pequenas e diversas cavidades das barreiras, por onde passam, pequenas bolas de folha de Cóca já mascada, para o fim de, com esse supposto preservativo, impedir que se desmoronem as mesma, atrapalhando-os na sua volta ou na nova passagem por alli.

Isso por mim foi observado em varios outros pontos de Tupiza em deante, pois os taes pontinhos pretos no barro esbranquiçado eram facilmente visiveis a certa distancia.

Por falar em barreiras, são dignos de nota alguns pontos do caminho, onde, devido a certos movimentos de terras, produzidos necessariamente pelas aguas que, por occasião dos degelos, são impetuosas, apresentam ao viajante diversos blocos de montanhas de configuração bem original, uns em fórmula de ruinas de antigos castellos, e outros de tubos de orgãos ou de simples monolythos, produzindo ao longe lindo effeito pela extravagancia da sua estructura e pela singularidade do aspecto; representando algumas dessas pontas verdadeiras columnatas, pois têm a fórmula cylindrica, e outras, os chamados charutos, em materia de arrazamento de barreiras, por terem a fórmula conica.

Desses restos de montanhas, os mais interessantes são os que se acham proximos do Rio Grande de Suipacha.

De Tupiza a Uyuni o panorama é, mais ou menos, o mesmo que se observa durante todo o trajecto feito até á primeira dessas cidades, arido, frio e monotono; havendo, no emtanto, momentos interessantes, episodios dignos de nota, para o touriste, que não vive em taes altitudes, não está habituado áquella temperatura e desconhece o aspecto que offerece a solidão.

Os combustiveis usados no altiplano boliviano são: o excremento de lhama; a tola, nome quichua, que quer dizer — lenha — uma especie de matto de côr parda, com apparencia de pasto secco, cuja palha serve de alimento ás llamas e os pequenos e rachiticos troncos para queimar; e o Churqui, pequeno arbusto, que pelas suas condições é o que mais se approxima do carvão de pedra, pela pouca cinza que produz e muito poder calorifico que concentra.

É vulgar ver-se por esses logares desertos, quando o sol desaparece, em varios pontos, cargueiros acampados, com as suas tropas de llamas, ou de jumentos, geralmente estes juntos á competente madrinha, que traz ao pescoço a symbolica campainha e, que por sua vez está peada, e as respectivas cargas descansadas no chão, havendo, no centro de tudo, uma fogueira para proteger do frio os homens, geralmente Indios, e seus animaes.

As llamas ficam de ordinario livres e soltas completamente, havendo no entanto algumas, as mais ariscas, que ficam peadas, ou então com uma corda rustica de duas côres prendendo-as umas ás outras pelo pescoço. Uma ou outra vez, armam os tropeiros uma especie de barraca ou tenda, em baixo da qual pernoitam. A cobertura desse abrigo é formada de tecidos de lã, feitos no paiz pelos proprios indigenas e que tanta utilidade lhes prestam.

Cada llama não conduz mais do que 50 kilos de carga, a qual compõe-se, na Bolivia, de saccos de estanho (minerio já triturado), de fardos de cóca (em folhas a granel) e de saccos de batatas (de diversas qualidades).

Em Tupiza fui informado pelo distincto engenheiro, alli residente, Don Manoel Aramayo, que os Indios, de tempos para cá, têm dado muito valor ás suas llamas, tanto assim que, antigamente, podia-se-lhes comprar cada uma por 10 ou, quando muito, 12 bolivianos, cerca de uma libra esterlina e hoje, mesmo por 18 ou 20 bolivianos, já se custa convencer a um Indio para desprender-se de um dos seus queridos e tão uteis animaes.

Como é sabido, pelo que consta e diz-se desde tempos immemoraveis, esse animal está muito ligalo ao Indio, tanto do alto como do baixo Perú, o que attestam, não só os vasos de barro seculares do sub-sólo boliviano e peruano, por suas fórmias, desenhos e gravados e varios outros elementos de prova, mas tambem e muito especialmente as catacumbas pre-historicas, nas quaes são encontrados os ossos da llama predilecta com os do Indio e senhor.

No Perú, nos arredores de Lima, tive occasião de verificar o que acabo de expôr, visitando as grandes e extensas ruinas pre-historicas de Cajamarquilla, todas de grandes paredes de barro comprimido. Tendo chamado um camarada, morador nas proximidade desse logar, alli elle, com uma pá e uma enxada, cavou durante uma hora e meia em alguns pontos do antigo pantheon que nos pareceram, a mim e ao Dr. Debenedetti, mais apropriados, pois



ÍNDIO COM SUA LLAMA CARREGADA DE ESTANHO

Altiplano da Bolivia.



em outros, idêntica operação já havia sido praticada por completo, encontrando-se depois de um metro, mais ou menos, de profundidade, em uma catacumba, com a forma de uma grande talha ou urna, de mais de dois metros de altura, diversos ossos de llama, embaixo dos quaes estariam os restos humanos, como em outras iguaes dessas importantes ruinas têm sido encontrados, mas o que não foi possível conseguir pelo adiantado da hora e prompta partida da combinação de trens para regresso á capital.

No entanto extrahi de outro tumulo, idêntico ao acima referido em que primeiramente comecei tal serviço, um craneo humano completo dos primitivos enterramentos, que commigo trouxe para o Brasil, o qual se achava a grande profundidade, mas que foi de fácil obtenção, porque as camadas de terras superiores já haviam sido do mesmo retiradas em explorações anteriores.

O que quer dizer que de duas catacumbas iguaes do mesmo cemiterio extrahi das camadas superiores de uma ossos de llama e das inferiores de outra ossos humanos.

Na Republica Argentina encontra-se o mesmo, com relação á antiquissima civilização Calchaqui. Refiro-me precisamente aos celebres valles desse nome em Pukará de Tilcara.

Dos cemiterios pre-historicos desse logar tem-se extrahido a ossada humana com a do respectivo guauaco, de um só enterramento, o que tambem prova patentes pontos de affinidade entre os habitos e costumes dos povos que habitaram os valles das duas vertentes dos Andes.

Nos enterramentos das fraldas atlanticas apparece o guauaco em vez de llama, que vive nas do Pacifico, porém essa differença de animaes não póde preoccupar muito a attenção dos scientistas, pois são ambos esses quadrupedes da mesma familia, com os mesmos habitos e de vida idêntica, produzindo suas lãs tecidos com o mesmo valor e de igual applicação.

O que interessa no caso é o assumpto da cohabitação, retratado admiravel e indiscutivelmente nos vasos ceramicos pre-historicos peruanos, onde outros animaes são tambem representados, como pacientes, peças essas raras de conseguir-se, pois quem as tem, conserva-as a sete chaves.

Vi-os em colleções particulares, guardados em arcaes antigas, perfeitamente fechadas; em alguns bric-bracs, em suas respectivas

burras, pedindo os seus possuidores de cinco libras esterlinas para cima por cada um; nos museus já referidos e no de Santiago de Chile, em compartimentos especiaes de armarios, de vidros opacos, que os occulta á vista geral do publico.

Escriptores ha que se têm occupado muitissimo dessa ceramica, que só interessa aos cultores dos estudos ethnographicos, pois que o publico profano, que a vê, uma vez satisfeita a banal curiosidade, não mais procura examinal-a, taxando-a mesmo com os mais incomprehensíveis epithetos.

Dos mesmos valles Calchaquies varios e preciosos artefactos têm sido extrahidos por successivas commissões scientificas dos museus argentinos, especialmente do Museu Ethnographico de Buenos-Ayres, umas presididas pelo director Dr. Ambrosetti e outras pelo vice-director Dr. Debenedetti.

Para dar uma idéa, embora pequena, do que ahi se tem encontrado em ceramica pre-historica, basta o que esse museu reúne em exemplares de panellas e cantaros.

Cada qual dessas peças apresenta desenhos proprios, sendo alguns bem diversos de outros, o que prova diversas phases da mesma civilização, que foi de longa vida.

Ainda dos mesmos valles são dois artefactos de pedra polida, que commigo trouxe para o Brasil.

Representa um, um almofariz com a competente mó e outro, de duas peças, uma moenda para triturar cereaes.

Continuando, porém, a viagem em demanda de Uyuni a pequena distancia das taes barreiras algo desmoronadas, passa-se por um logar, onde, num alto, está uma casa esbranquiçada, feita de adobe, denominado pelos Quichuas — Haira-huasi — que quer dizer « Casa dos Ventos ».

Essa denominação faz lembrar a um brasileiro indentico logar no Estado de Minas Geraes, conhecido pelo nome indigena de — Ibitipoca — que também significa « Casa dos Ventos »; refiro-me ao ponto desse Estado que é limitado pelos districtos de Lima Duarte, Barbacena e João Ayres, e onde ha a celebre serra de tal nome, cheia de furnas pelas quaes o vento penetra com grande violencia.

Passa-se também por varios logares de antigas minerações, na maioria já desprezadas.



Assim nas diversas montanhas, que gradativamente vão sendo vistas, são ainda encontrados o ouro, a prata, o cobre, o antimónio, etc.

Em « San Joaquim » ainda se encontram os antigos engenhos de amalgamação de prata, hoje em ruínas. Em « Oro-Ingenio » são os velhos fornos de fundição de prata, que se apresentam ao viajante já destruídos em quasi sua totalidade. Em « Chalviri », na baixada, perto de duas collinas, existem uns fornos de fundição do referido metal, que ainda ha trinta annos passados eram trabalhados segundo nos informou o Sr. Dr. Don Manoel Aramayo, conhecedor antigo do logar, nosso amavel companheiro de viagem e gentil cicerone de Tupiza a Uyuni.

Mais adeante, em Inca Cancha, logar onde vi maior numero de ranchos de Indios, encontram-se outros fornos de prata, que pertenceram ás minas do mesmo metal, denominadas « Portugalete », a 4.284 metros sobre o nivel do mar. Em seguida depara-se, embora de longe, com a linda e alta serra del « Chorolque » a 5.603 metros de altitude, cujo cume está sempre nevado, achando-se, mais ou menos no meio da serra, os grandes engenhos de estanho, em constante movimento, o que se observa logo pelo fumo expellido pelas chaminés dos mesmos, em altas e negras columnas, formando a distancia agradavel contraste com a brancura da neve accumulada naquellas alturas.

Adeante ainda, apresentam-se outras duas serras, bastante altas tambem, mas não tão elevadas como a antecedente; refiro-me á de « Tazna » a 5.105 metros de altura e á de « Ubina » a 5.208 metros, havendo naquella minerios de prata, estanho, bismutho e wolfram, os mesmos existentes na del « Chorolque » e nesta sómente minerio de prata, pelo que se tem podido na mesma explorar até agora.

Pouco mais além destas, está a alta serra de « Chocaya » a 5.200 metros de altura, com suas minas de prata e de estanho.

Em algumas das montanhas encontradas pelo caminho existem ainda hoje, no alto das mesmas, embora em ruínas, os antigos fornos indigenas para fundição de metaes preciosos, com a denominação propria de — Huairachina —, feitos no sólo e com uma abertura de cada lado em fórma de calha inclinada, para que o vento, entrando por um lado e sahindo por outro, os mantivesse constantemente accesos e em acção continua.

Devo tambem dizer que de Tupiza em deante ou de um pouco antes mesmo, as moradas dos Indios melhoram consideravelmente, constando de ranchos de paredes de adobe muito grosseiro e de tectos de « torta », formados de varas trançadas, tendo terra amassada em seus intersticios.

Geralmente dormem elles deitados sobre couros, excessivamente felpudos de llamas, alpacas, ovelhas e vicuñas, estendidos ao chão desses casebres.

Uma nota interessante para o viajante é a de haver por cima do tecto de cada um desses ranchos uma pequena cruz de madeira, completamente tosca, isso não só em todo altiplano boliviano, mas tambem no interior do Perú, de Puno a Cuzco, dahi a Arequipa e até de Oróya a Cerro de Pasco.

Não ha que negar que seja por principio religioso tal ostentação, inclinando-me a crer que o uso desse respeitavel e tradicional emblema viesse substituir o da adoração ao sol, tão acatado e venerado pelos Incas, que habitaram esses dous interessantes paizes e mesmo por outras civilizações mais antigas, como os primitivos habitantes de Guatemala e de outros pontos da America, que o tinham por Deus.

A cruz em questão, o resultado de uma haste tosca cortada por outra de igual jaez em angulos rectos, devia ter produzido seria confusão no espirito dos povos d'esses paizes, por não poderem elles de prompto acostumar-se com esse symbolo que, não pertencendo ao culto do astro rei era já de uma outra religião.

Tanto mais que aqui na America do Sul o culto do sol foi fervoroso e exercido por quem tinha opinião propria, refiro-me á celebre e, ha pouco citada, dynastia dos Incas, os antigos e já extinctos habitantes dos paizes, em que ainda hoje figura a representação d'esse symbolo e continúa a ser elle muito acatado e mesmo venerado por muitas das tribus indigenas que os habitam.

Que os Incas eram bastante cultos e grandes e admiraveis artistas não se póde negar; quer na Bolivia, quer no Perú, estão as mais seguras provas do seu elevado gráo de cultura, o que se observa já nas esplendidas e valiosas peças de ouro, prata e cobre encontradas no sub-sólo desses paizes, já nas varias obras de architectura e de talha em pedra a elles attribuidas e esparsas pelos diversos logares dos mesmos, já finalmente nos grandes feitos cirurgicos, que só pelos apreciados e tão procurados craneos scien-

tificamente trepanados e encontrados em seus enterramentos em Cuzco e seus arredores se póde bem ajuizar do valor da civilização dos mesmos, prescindindo-se de mais indagações a respeito.

Não sendo, por estas e outras razões, de estranhar que tenha passado para as actuaes tribus deses paizes, em grande parte, a veneração ao sol, e com ella vindo o symbolo que, ao mesmo se refere.

Ainda em viagem pelo altiplano boliviano, depois de galgar a ingreme ladeira «del Portillo», e, uma vez, no alto da respectiva montanha, segue a *carreteira* viagem pela Provincia do «Porco», pois tem rodado até alli pela de «Sud Chichas», passando em seguida por «Chiguas», atravessando o Rio de Capillas e ascendendo ao alto de «Amachuma».

Desse *plateau* gosa-se de bello panorama, vendo-se ao longe e todas com os cumes completamente brancos pelas neves eternas nos mesmos accumuladas, as ricas serras em mineraes: «San Antonio de Lipes», «El Bonete» a 5.754 metros de altura, «Caniças», isolada em pleno pampa da Provincia de Lipes, «Cosuña», «Cuzco», a grande cordilheira de «Los Frailes» a 5.453 metros sobre o nivel do mar e varias outras.

Mais adeante, avista-se, á grande distancia, a denominada «Ollague» e á chegada á cidade de Uyuni, a celebre «Pulacayo».

Nesta serra existem as grandes minas de cobre e prata, pertencentes a poderosa companhia franceza, denominada «Huan-chaca».

A Estrada de Ferro de Antofagasta a Oruro, passa por Uyuni e tem áhi um ramal de varios kilometros de extensão, só a serviço dessa importante empreza de mineração, cujos dividendos já são assombrosos.

Trabalham na mesma cerca de duas mil pessoas, sendo em grande parte aproveitados, nos respectivos serviços, os braços indigenas.

Junto ás minas, mais ou menos no meio da serra, estão as habitações para os operarios — mineiros.

E' costume dessa rica empreza, distribuir aos seus visitantes colleções de 100 vistas, todas differentes, em cartões postaes, para tornar conhecidos varios pontos das zonas em exploração e os processos empregados na extracção, no preparo e na fundição dos minerios.

São consideradas essas, as mais importantes minas da Bolívia, conhecidas, por uns, sob a denominação de «Pulacayo», devido ao nome da serra e, por outros, sob a de «Huanchaca», título da companhia.

Tratando ainda das serras da Bolívia, tenho a dizer, que a «Illimani», a 7.509 metros sobre o nível do mar, é a mais próxima da capital do paiz visinho e amigo, posso mesmo dizer, em cujas fraldas está ella construída, assim como a mais alta do seu systema orographico é a «Sorata ou Illampú» a 7.696 metros, estando no encadeiamento das mesmas a «Mururata» a 6.183 metros, a «Huayna-Potosi», a 6.184 metros e outras de menos altitude.

Em sua maioria, essas serras são vulcões extinctos, conservando-se sempre, nas partes altas, todas nevadas.

Tendo-me occupado, embora de passagem, do assumpto mineração, onde o Indio sempre nelle tem figurado, devo tambem dizer o que penso sobre a industria extractiva nesse paiz, que ainda está por ser explorada.

Pelo que vi, li em varias estatisticas e ouvi de viva voz dos entendidos; posso hoje, sem receio de errar, garantir um brilhante futuro a esse paiz em cujas serras e sub-sólo existem innumerables riquezas, aguardando apenas a iniciativa dos capitalistas mundiaes para a devida extracção.

Durante a viagem, passa-se por varias bacias de extinctos lagos do altiplano, conhecendo-se pela formação geologica das mesmas, onde pequenos crustaceos e conchas bivalvas de espécies hoje desaparecidas, se acham encrustadas em muitas das suas camadas, serem os mesmos da época terciaria e quem sabe mesmo, dos fins desse periodo geologico e começo do quaternario.

O fundo e as margens desses lagos são de terra arenosa, conservando-se os barrancos que os circumdam, fendidos em uns pontos e carcomidos em outros, effeitos ainda de antigos cataclysmos sismicos e consequentes enxurradas, notando-se-lhes varias cavernas, mais profunda do que largas.

De uma das inferiores camadas dos referidos barrancos, á entrada de uma das taes fendas, extrahi entre outras peças de menor importancia, um esplendido exemplar bivalvo do celebre Spirifer, necessariamente todo fossilizado, medindo 0<sup>m</sup>,07 de com-

primento, por 0<sup>m</sup>,055 de largura no centro e 0<sup>m</sup>,025 de espessura, com 55 grammas de peso.

Destes lagos seccos, o de « Aislasca », converte-se, quando succede chover no' altiplano, o que é bastante raro alli, em verdadeiro pantano, conservando as aguas a altura maxima de um pé e isso apenas por alguns dias.

Tratando de lagos, devo referir-me a um, que é de natureza diversa dos ha pouco referidos, do lago de sal natural, logo á entrada da cidade de Uyuni, do qual é extrahido esse indispensavel elemento para o consumo publico local e para a elaboração dos minerios de prata nas respectivas minas do paiz.

Embora não seja elle de grandes dimensões, produz quantidade sufficiente da substancia em questão para as necessidades daquela zona do territorio boliviano.

Occasiões ha, em que para as margens desse lago, afflue grande quantidade de animaes lanigeros e vaccuns, afim de beberem agua salgada, a qual lhes é agradavel e produz-lhes resultados beneficos, como é sobejamente conhecido.

Geralmente isso acontece, quando por alli passam as manadas e rebanhos para as feiras do paiz, tão vulgares em quasi todas as cidades e villas.

Não vi, porém, salinas de especie alguma ás margens dos mesmos, nem em seus arredores, o que attribuo ás condições locaes que talvez não as permittam e algum outro factor, por mim desconhecido.

Continuando a viagem, com alguns solavancos mais e vencendo-se o ultimo kilometro do trajecto obrigado, chega-se a Uyuni, deixando-se ahi, de vez o tal memoravel carroção — omnibus, que não obstante tudo, dispõe de boas molas, esplendidos animaes de tracção e habil pessoal dirigente.

A cidade de Uyuni é bastante plana, está a 3.660 metros sobre o nivel do mar, sem calçamento de especie alguma, com ruas largas e alinhadas e praças amplas, tendo sua edificação toda terrea, de um só pavimento, motivado isso pelos furacões tremendos que a assolam de quando em quando, chegando os mesmos a tirar as coberturas dos predios, para o que basta uma janella ou porta aberta para, por alli arrebatarem todo tecto.

A' propria estação da Estrada de Ferro, já tem sido por duas vezes arrancado toda sua coberta e, mais, arrebatado todo seu

tapamento ou cerca de zinco, numa extensão de mais de um kilometro corrido.

Um chafariz publico no centro do cruzamento de duas das principaes ruas, deixa apreciar-se, primeiramente, a verdadeira ro-maria diaria a elle feita por homens, mulheres e enorme quantidade de crianças, todas munidas de caçambas, barris, ou de toda sorte de cantaros, estes geralmente de fabricação indigena, servindo-se esses aguadeiros de tubos de folha de Flandres de 2 metros de comprimento para conduzir a agua da bacia que fica no alto, ás suas respectivas vasilhas; e, em segundo logar, por não se notar a menor duvida, nem troca de palavras entre toda aquella gente, na maioria Indios «Quichuas», o que constitue um esplendido elemento para avaliar-se da indole ordeira e docil dessa raça.

Posso dizer isso, com segurança, pois durante os cinco longos dias que permaneci nessa cidade, sempre que pude, parei deante do chafariz alludido, não só para estudar os habitos e costumes peculiares a essa grande facção da população do paiz, como para gosar da distracção que aquelle vae-vem constante produzia; quebrando muitissimo a monotonia local que é extraordinariamente sensível.

Quanto a vida do Indio no altiplano boliviano, convenci-me de ser a mais triste e a mais penosa.

Imagine-se o viver de creaturas humanas em pleno deserto, apenas em companhia de llamas, jumentos ou algumas ovelhas, luctando com falta d'agua em varios logares, com frio, geralmente, muitos grãos abaixo de zero e supportando ventanias fortissimas e nuvens continuas e duradouras de terra, que chegam a impedir, não raras vezes, o viajar das tropas de carga.

Um dos principaes alimentos dos Indios alli, como em varios outros pontos do paiz, é a batata, que produz sufficientemente e de varias qualidades. A tristeza dos Indios bolivianos é perfectamente traduzida nas suas musicas e canticos, pelos quaes nos são transmittidas a melancolia e a hypocondria em que vivem.

Bem mereciam esses canticos a denominação de «Tristes», nome que na Republica Argentina dão ás canções que, assim não sendo, têm todavia phrases sentimentaes e ternas.

Continuando a viagem:

De Uyuni á «La Paz» o trajecto que é tambem longo, tor-

na-se mais supportavel, por ser feito em confortaveis carros de estrada de ferro.

Assim pois, de Uyuni a Oruro, viaja-se sobre bitola estreita; dahi a Viacha em bitola larga de 1<sup>m</sup>,00, seguindo-se com a mesma até o Alto de La Paz, que está a 4.085 metros de latitude.

Do Alto de La Paz á pittoresca capital da Bolivia, baixa o comboio, não mais tirado por locomotiva a vapor, elemento que o levou até alli, mas sim por tracção electrica, um grande bond, cheio de motores, substitue a locomotiva e em 20 minutos chega o trem á estação central, dentro da cidade.

Dahi bonds electricos conduzem os passageiros aos diversos pontos da capital, o que é feito sómente até ás sete horas da noite, momento em que deixam de funcionar os mesmos, para que possa ter força bastante a electricidade, afim de produzir a iluminação publica e particular.

Verifica-se isso por enquanto apenas, pois com as obras que serão em breve tempo atacadas em outro ponto dos arredores da cidade, deixará de dar-se essa interrupção, que é por demais sensivel, ficando então augmentada consideravelmente a sua força motriz.

Tratando de La Paz, direi que é uma boa cidade, dispondo já de bastante conforto, embora de vida cara, com varias de suas ruas em ingremes ladeiras, que obrigam aos transeuntes a não pequenas fadigas para galgal-as, maxime na altitude em que se acham, produzindo o ar rarefeito do logar, geralmente aos recém-chegados, além de pneumonias de certa gravidade o insupportavel Soroche ou Puna que, como já tive occasião de ao mesmo me referir, consta de um máo estar, onde a difficuldade de respiração desempenha papel proeminente.

Para quem vem do altiplano, encontra na capital do paiz muito conforto e belleza, pois independente de seus hoteis e varios predios apalacetados, existe grande arborização, onde predominam altos e elegantes eucalyptus.

Uma cousa digna de maior acatamento é a hospitalidade que se recebe nesse bello recanto da America do Sul; o lar do boliviano é o mais puro e harmonico, a familia a mais digna, carinhosa e educada, sente-se bem o elevado gráo de cultura que, por todas as partes se manifesta, ora nos estabelecimentos de instrucção publica, ora nos excellentes clubs sociaes, ora nos centros scienti-

ficos e até em puras palestras nos theatros e mais pontos de reuniões.

No meu modo de ver, pelas recentes edificações terminadas, pelas que se acham em construcção, com especial menção da grande e importante cathedral, pelos institutos de sciencias e artes, recém-creados uns e melhorados outros, e pelas novas linhas ferreas que communicam La Paz com o littoral e com o interior do paiz, será para o futuro essa cidade um verdadeiro ponto de attracção para os viajantes das costas do Pacifico.

Topographicamente « La Paz » que está a 3.630 metros sobre o nivel do mar, acha-se edificada numa bacia, numa cavidade, cujas paredes circulares constam de desbarrancos de uma série de collinas, tendo por traz de si, ao nascente, a bella e já citada serra vulcanica « Illimani », com o seu cume todo nevado.

Encontra-se nessa capital collecções particulares de grande valor e as do governo, conservadas no Museu Nacional, que tem por director o infatigavel homem de sciencias e distincto cavalleiro Dr. Don Manoel Vicente Ballivian.

Vêm-se nesse museu mumias, cada qual mais valiosa, artefactos antiquissimos e de valor incalculavel de pedra, barro, cobre, prata, ouro e uampi (mescla desses tres metaes muito usada antigamente nas costas do Pacifico), varios e bem empalhados representantes da fauna boliviana, exemplares raros da flora local, diversos specimens de mineraes do paiz e outros dos tres generos em estado fossil.

Varios artefactos dos Indios Quichuas e Aymarás estão tambem alli colleccionados e em permanente exposiçào.

Das collecções particulares, são notaveis as do Dr. Don Juan Muñoz Reyes, do commandante Arturo Posnansky e do actual Prefeito de Policia de Uyuni.

Em residencias particulares, observa-se tambem o interesse que despertam as antiguidades patrias, assim no palacete do Sr. Dr. Don Claudio Pinilla, digno ministro da Bolivia actualmente no Brasil e no solar da Exma. Viuva Diez de Medina, que foi o lar do finado Dr. Don Federico Diez de Medina, um grande amigo do nosso paiz, vi entre outras preciosidades: na primeira dessas casas, algumas cintas de ouro, tão finas e malleaveis que, solta uma das extremidades se enrola toda peça em torno da outra, como se fôra uma tira ou lasca de cavaco.



Com essas cintas os primitivos habitantes do paiz adornavam suas cabeças, representando as mesmas alto valor ethnographico.

Além dessas peças, apreciei na mesma fidalga residencia, diversas placas e candelabros de esplendida prata boliviana, do periodo colonial hespanhol.

Na segunda, tive occasião de ver e apreciar varias joias dos tres metaes, sobresahindo os celebres bonecos ou idolos phalloides de ouro e prata, dos tempos pre-historicos, pelos quaes se paga na Europa, especialmente em Londres, um dinheirão.

Num desses idolos, que têm geralmente de 5 a 10 centímetros de altura, espledidos por qualquer prisma, em que se queira encaral-os, até pelo quilate do metal de que são feitos, não se sabe o que mais apreciar, si o trabalho em conjuncto da peça, que é toda ôca, ou a perfeição da mesma em detalhe, tal a extraordinaria observancia na proporcionalidade das differentes partes do corpo de cada qual, ou, finalmente, e é isso exatamente o que mais intriga ao observador, como foi ella feita, como teria sido a sua fabricação, pois conclue-se o exame da mesma, sem saber-se por onde foi ella começada e por onde terminada, não se lhe encontrando uma unica solda ou ponto de ligação.

A colleccção particular do Dr. Don Juan Muñoz Reyes reúne bem bom numero de peças de grande valor, como por exemplo: antiquissimos craneos, todos de aspectos dolicocephalos, retirados de excavações feitas nas ruinas de Tiahuanacu, por um dos quaes, hoje de minha propriedade e que, como os demais, foi extrahido do Pantheon desse legendario logar, verifiquei ser tal dolicocephalia o resultado da rude e condemnavel deformação craneana, tão usada pelos primitivos habitantes do alto e baixo Perú, da Argentina e de outros paizes, como por exemplo provam as excavações feitas nas antigas necropoles do Caucaso e da Hungria.

A alludida deformação foi praticada pelos parietaes, quasi no sentido vertical, tanto assim que esse craneo conserva perfeitamente visivel a depressão cintada, por effeito de uma larga faixa, quem sabe de prata, que o comprimiu, provavelmente semelhante a que me foi offertada em Lima.

Esse craneo, muito grande, pelo anormal processo praticado, deve ser appellidado, tambem e com bastante razão de ser, macrocephalo, pois esta denominação é dada áquelles com o tamanho que o referido apresenta.

Esse craneo antiquissimo provém, como já declarei, dos enterramentos pre-historicos de Tiahuanacu, quem sabe de uma raça com a denominação desse logar, celebre por tantos motivos, ou dos lendarios Cólás Aymarás ?

Referem escriptores que a deformação craneana attingia as maiores proporções entre os Aymarás das costas do Pacifico, mais do que em nenhuma outra parte do mundo, dahi ser o craneo em questão tão exaggeradamente deformado, podendo merecer de alguns a classificação de ultra dolicocephalo.

Tratando do importante assumpto, me occuparei com outro exemplar, tambem exaggeradamente deformado, porém em sentido completamente opposto ao descripto.

Refiro-me ao que trouxe do Museu Ethnographico de Buenos Ayres, proveniente dos enterramentos Calchaquies, civilização antiquissima da Republica Argentina, encontrado em Pukará de Tilcára, ao norte do paiz.

Este, que logo á primeira vista é um brachicephalo, depois de examinado mais minuciosamente, verifica-se ter soffrido tambem o processo da deformação, ficando á força da cinta compressorá, com tal fórma, pois foi ella passada em torno do frontal e do occipital em sentido horizontal, obrigando-o a submeter-se ás disposições do circulo que cingia-o.

Esta especie de deformação é a que classificam de fronto occipital, inversa totalmente a do craneo interior.

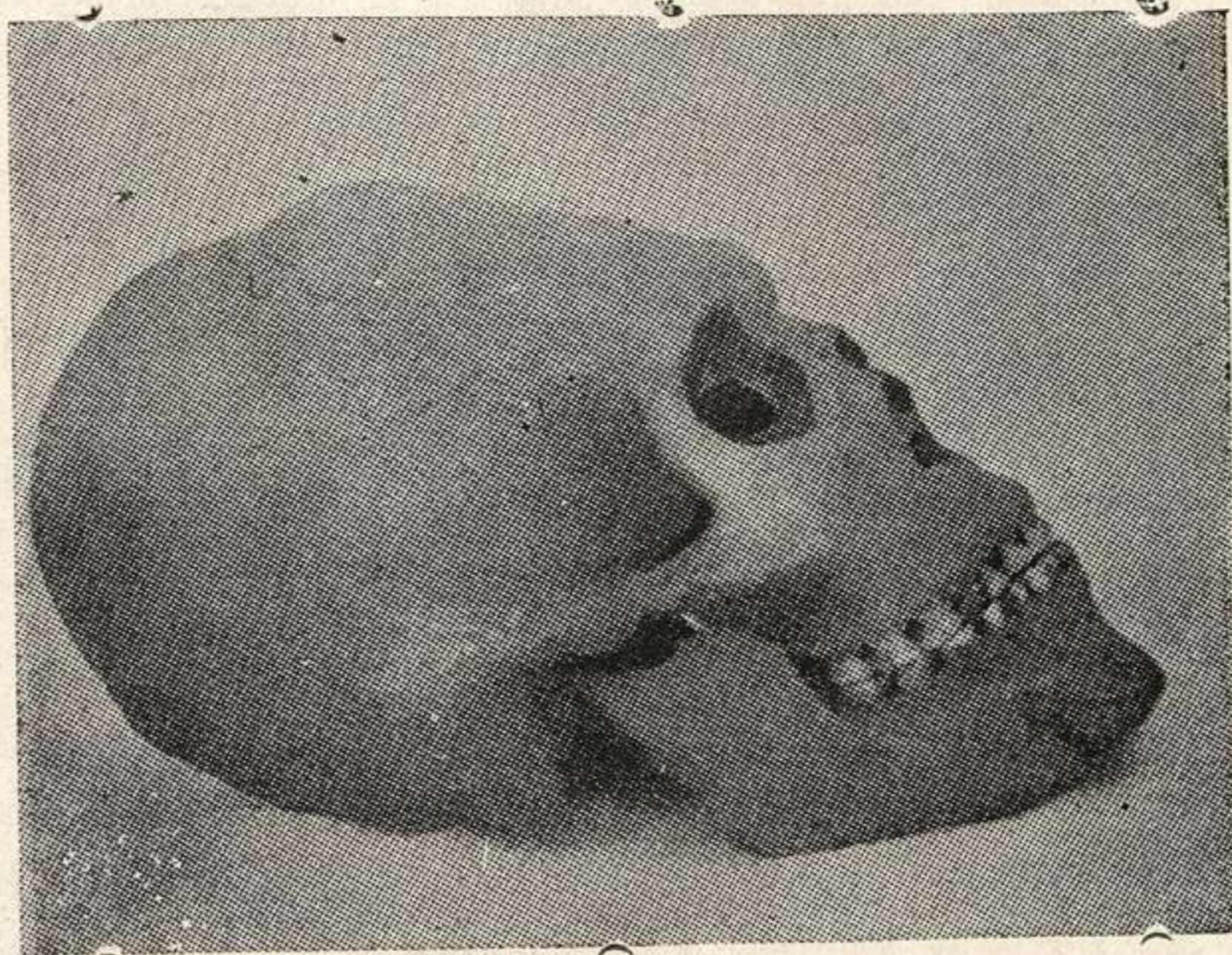
Pretendem uns cientistas visarem taes deformações fins religiosos, outros as attribuem a sacrificio de expiação, não me parecendo difficil, poder-se-lhes tambem encarar serem feitas a titulo de mero luxo ou ostentação, como provam as deformações asiaticas dos pés femininos.

E esta ultima hypothese tem sua analogia, pois tanto é para nós feio, horrivel mesmo, n'um Indio americano um craneo deformado, como o é um pé de uma filha do Celeste Imperio sujeito a taes processos.

Deixo taes divagações, por muito hypotheticas que são, para continuar na materia do meu thema.

Tive occasião, e isso por varias vezes, de apreciar a extraordinaria importancia que os professores Drs. Heger, Seler, Hule, Lehmann, respectivamente directores dos museus de Vienna, Berlim e Lima e lente de anthropologia em La Plata e outros

MUSEU SIMOENS DA SILVA



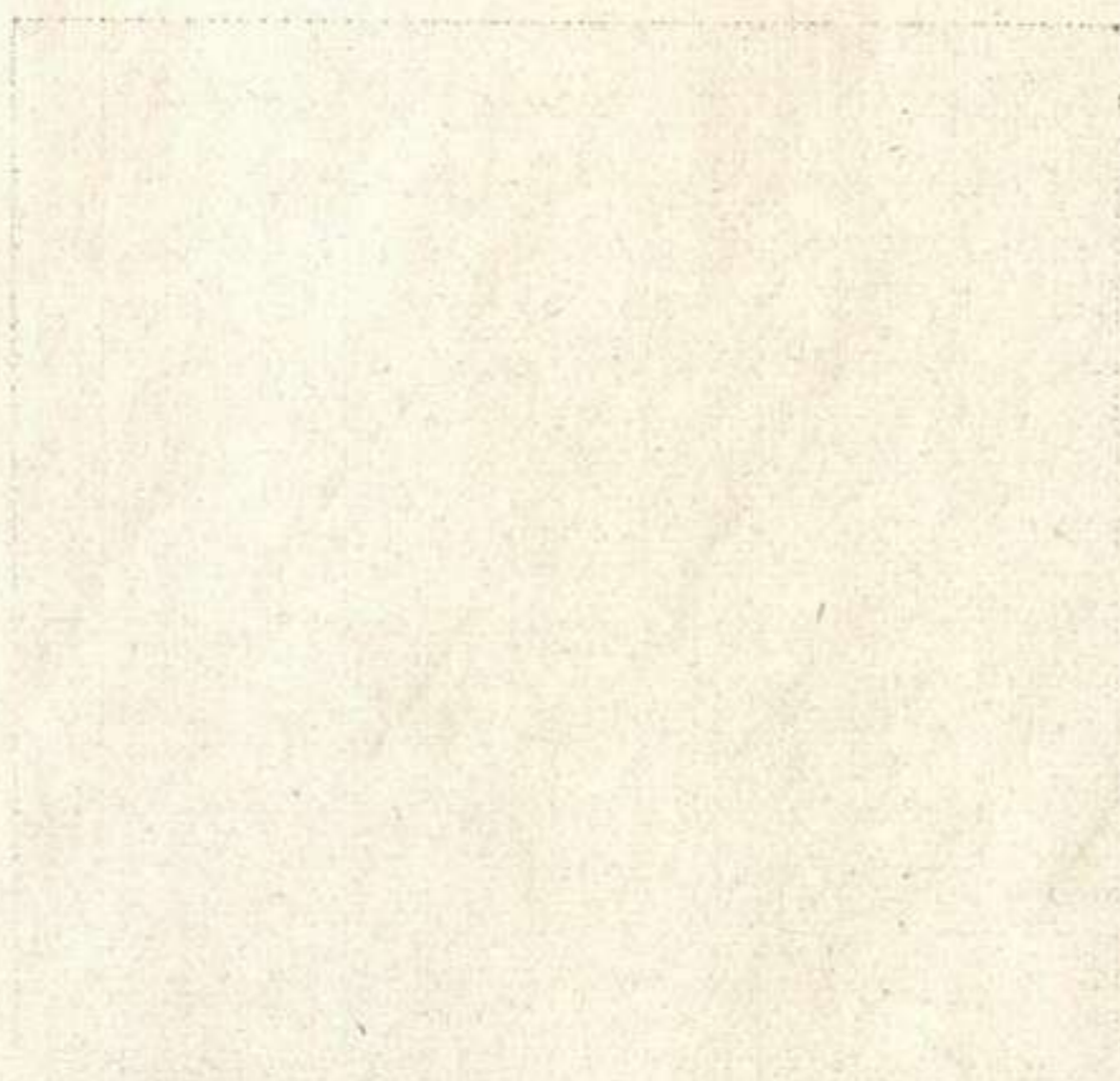
CRANEO DOLICOCEPHALO — Deformação Artificial.  
Tiahuanacu, Bolivia



CRANEO BRACHICEPHALO — Deformação Artificial.  
Pukará de Tilcára, Argentina

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



scientistas ligavam apaixonadamente ao assumpto em questão, e a essas cintas de metal precioso, que não só são de grande raridade, muito escassas actualmente e de grande valor intrinseco mesmo, como de enorme importancia para os estudos anthropologicos e ethnographicos.

Para prova do que allego, vi mais de uma vez o director do Museu de Berlim, Dr. Eduardo Seler, tirar decalquis a lapis, de varias placas lavradas de ouro e prata, dessas adeantadas e antiquissimas civilizações para, na impossibilidade de comprar as peças que alli examinava e tinha sob suas vistas em originaes, fazer com as cópias, por tal processo, os devidos estudos de confrontação com as provindas do Mexico e da America Central, de propriedade do referido museu, que é, como se sabe, importantissimo em materia de ethnographia americana.

Esse professor é uma das maiores summidades conhecidas no mundo scientifico em materia de ethnographia mexicana.

Ainda, tratando da collecção « Muñoz Reyes », tenho a dizer que alli se encontram esplendidos e antigos tecidos indigenas, de lã, de alpaca, de llama, de vicuña e de ovelha, alguns hoje rarissimos, quer pelo desenho, quer pela finura da fabricação.

Além do que, possui o mesmo colleccionador ricas peças de prata lavrada do paiz, retiradas, ha mais de um seculo, das velhas egrejas, hoje desaparecidas completamente e, bem assim, varios fosseis mineraes e animaes e varios artefactos indigenas de pedra e de metal.

A collecção particular do commandante Arturo Posnansky, grande cultor dos estudos da época « Tiahuanacu », cuja casa é á mesma apropriada, reúne esplendidas e varias peças de minerio do paiz, muitos exemplares de fosseis dos tres reinos e artefactos de épocas pre-historicas, como são os das ruinas de Tiahuanacu e dos actuaes Indios, que habitam varios pontos da Bolivia.

Essa collecção é tão valiosa, que o seu afortunado proprietario já teve occasião, por mais de uma vez, de regeitar grandes sommas que lhe foram offerecidas para aquisição da mesma.

Finalmente, a collecção tambem particular, do Prefeito de Uyuni, representa grande valor ethnographico, não ficando de parte o real ou intrinseco que a mesma possui.

Quasi toda essa collecção é formada de interessantissimas

peças, em finas e tenues placas de ouro e de pedras preciosas, das quaes sobresaem a turqueza e a malachita achando-se estas pedras cortadas em pequenas esferas e em microscopicos discos ou em meros fragmentos, apenas com uma das partes polidas, tendo todas, sem excepção de uma só, o competente furo para passagem do fio, que as sustinha ao pescoço das deidades daquelles tempos, servindo-lhes as mesmas de contas ou amuletos em collares, que, de certo, hoje não seriam usados n'aquella cidade.

Esses collares são ainda hoje encontrados nos enterramentos pre-historicos da Bolivia e do Perú, junto ás mumias femininas.

Para terminar o que respeita a esta valiosa collecção, tenho de referir-me forçosamente ás celebres placas de ouro.

Essas peças finissimas e malleaveis são todas revestidas de labores rebatidos, feitos de metal purissimo e com bastante arte, dáda a circumstancia conhecida da falta, naquellas épocas, dos instrumentos e utensilios aos mesmos trabalhos hoje indispensaveis.

Algumas dessas placas representam figuras anthropomorphas, e outras, estas em maior quantidade, zoomorphas.

Nestas ultimas salientam-se as figuras dos grandes pachydermes anti-diluvianos, os quaes hoje só podem ser apreciados nos museus, em esqueletos fosseis, como já referi, tratando da collecção paleontologica do Museu de La Plata.

Bem merecem pelos respectivos cultores da materia, ser tratadas e descriptas com todo carinho e attenção as peças a que acabo de referir-me, uma por uma, pois que o valor que encerram e os elementos para fins ethnographicos que fornecem, por si só, chegam de sobra para pagar o sacrificio supportado com a applicação dos methodos philosophicos para as indagações que requerem os respectivos estudos.

Essas placas, verdadeiras joias, como as appellido, que são tambem encontradas, embora em pequeno numero, nos museus de Lima, Santiago e Buenos Ayres, muito lembram outras, ainda hoje encontradas em excavações na Colombia, dos antigos habitantes de Cundinamarca, no *Eldorado* dos celebres « Chibchas », cuja civilização, embora inferior a dos Incas, e a dos Aztecas do Mexico, foi das mais notaveis, como attestam os seus bem executados artefactos em metaes preciosos, dos quaes sobresaem as grandes e muito trabalhadas placas de ouro, como nos deixam ver o Dr.

Don Liborio Zerda, Don Vicente Restrepo e Don Carlos Cuervo Marquez, em suas notaveis obras sobre ethnographia colombiana, impressas em Bogotá e que muito bem descrevem a intelligente vida que teve essa extincta raça do decantado paiz ao norte do nosso continente.

A bem da materia em exposição, devo dizer, que todas as altitudes, quer das serras, quer das cidades de que tenho feito menção, foram conferidas com as do « Indicador de Immigrantes » em idioma allemão, mandado publicar pelo Governo da Bolivia em 1907.

---

---

## ETHNOGEOGRAPHIA DA BOLIVIA

Segunda conferencia publica da serie organizada pela sociedade de Geographia do Rio de Janeiro realizada pelo socio Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, a 4 de Março de 1911 no salão de honra da Academia do Commercio.

*Habitos e costumes de La Paz e Ruinas pre-historicas de Tiahuanacu, Bolivia*

Já tive occasião de me referir, na conferencia passada, á pittoresca, alegre e confortavel capital do futuroso paiz do Pacifico, em que se encontra todo o bem estar, agasalho sincero e grande cultura na alta roda social.

Tambem me referi á topographia e ao seu bello protector ou constante ameaçador ao nascente, a alta serra Illimani, de cume todo nevado, necessariamente occultando uma horrivel cratera, que para bem daquella ordeira e hospitaleira gente, que só cogita do trabalho e das sãs idéas do progresso, dórme em profundo silencio.

Tratando pois, dos habitos e costumes de La Paz, digo com conhecimento de causa, que as variegadas cores das toilletes dos Indios e das Chólas e seu modo de viver produzem no espirito de quem, pela vez primeira, tem sob suas vistas taes espectaculos, a mais agradavel impressão.

Aos cultores dos estudos de habitos e costumes de um povo devem muito interessar não só taes usos, como algumas das diversões populares em voga na capital do paiz.

Assim, pois, quer na arena de touros, quer na rinha de gallos, gosa-se de sensacionaes espectaculos que, embora barbaros e tendentes a um desapparecimento, de não remoto futuro, são bem interessantes e, sobre tudo, originaes.



Na primeira, onde so touros vêm desembolados, sahido d'alli geralmente mortos pelo «espada» e arrastados por tres fogosas mulas, com um ou outro mais bravio, póde-se bem avaliar da coragem e sangue frio dos respectivos lidadores, apreciando-se por vezes, episodios locaes da mais hilariante graça.

Na segunda, que a cerimonia é feita tambem com todas as regras e preceitos, um presidente e dous vogaes, a uma mesa, sob o tympanar de uma campainha, dão começo ou fim ás brigas de gallos, ás quaes assiste uma multidão incalculavel de individuos, quasi todos Indios ou delles descendentes.

Antes de cada briga, são pesados os gallos, no meio do circulo das lutas em uma balança, que é suspensa por um dos vogaes, tendo em uma das suppostas conchas, o gallo. Esta concha é de panno furado, ficando alli a ave com os pés pendurados para o lado de fóra.

E' pois mistér que os dous contendores regulem igualdade ou muita approximação no peso.

Conhecido o peso dos differentes contendores, os seus respectivos proprietarios saltam para o centro da arena e, de cocoras, com o seu *bicho* ao braço ou collocado no chão, apenas preso por uma tira de panno a um dos pés, grita cada um para os demais presentes as apostas que sobre o seu faz, isso em puro desafio.

Porém, de tudo nessa adiantada capital o que mais impressiona e attrahe, no terreno de estudos de habitos e costumes, são os Indios e as Chólas (mulheres do povo com seus trajés multicores).

Por todas as ruas e praças de «La Paz» tem-se occasião de vêr e estudar o modo de viver e de trajar dos Indios. Essa parte da viagem paga, de sobra, alguma fadiga soffrida no tracto de «La Quiaca» até lá.

Assim, pois, os Indios têm vestimentas differentes uns dos outros, segundo o lugar do paiz em que vivem.

Como preliminar, devo dizer, que nenhum Indio da Bolivia e do Perú carrega objectos á cabeça, sendo, porém, por elles tudo transportado nas costas, desde os mais pesados volumes até os de maior cubação.

O processo por elles usado para fazer seus carretos é simples e intuitivo; prendem ás costas pelos hombros as cargas, a transportar, e põe-se, logo, em seguida, a caminho.

Quando o fardo, a conduzir, é pesado ou de grandes dimensões, sentam-se ao sólo e, uma vez com elle preso ao dorso, levantam-se com grande habilidade, e as vezes a custo, e seguem com o mesmo o destino visado.

Mesmo em « La Paz » o Indio avulta, existe em muito maior numero, que o resto da população, pois as proprias estatisticas isso attestam.

Nestas circumstancias, são elles vistos em todos os pontos da cidade e occupando-se de varios e multiplos misteres, muitas vezes acompanhados dos seus lindos animaes de carga, das inseparaveis llamas, que são os verdadeiros camelos andinos.

Os que prestam serviços como criados domesticos são conhecidos pela denominação de *Pongos*. As suas coloridas vestimentas e o modo de as trazer são dignas do mais accurado estudo, pois muito prendem a attenção dos hospedes desse paiz *sui generis*, que é a Bolivia, porque possuindo, como possui, longas zonas de puro e insupportavel deserto, na accepção mais lata que se lhe queira dar, dispõe de outras, como as de Yungas, Beni, etc., de solo uberrimo e cheias de preciosas quédas d'agua.

Além disso, tem uma culta e adeantada capital, possui importantes e progressivos departamentos com lindas cidades, como Oruro, Cochabamba, Tupiza, Sucre, Potosi e outras, com viação ferrea em franco desenvolvimento e já em demanda das duas ultimas destas cidades as suas novas linhas.

Assim, pois, não podem os habitos e costumes dos seus filhos ficar desprezados e afinal esquecidos, porque a evolução social por que, de mez a mez e de anno a anno, passam os paizes deste abençoado continente, trará por certo a mudança total do modo de vida numa época dada, de toda aquella gente.

Conseguentemente importará isso na completa alteração dos seus usos, extinguindo-se naturalmente o que ainda hoje se observa, se aprecia e se admira, com tanto interesse e, talvez, até com inveja, de quem já não tenha mais Indios no seu paiz.

Esses trajés, no homem: calça, poncho, gorro e, ás vezes chapéos; na mulher: saia, manto, e lenço ou tambem chapéo, com todas as côres conhecidas, constando tudo de tecidos indigenas de lã de ovelha, llama, alpaca ou vicuna, geralmente com o fundo de uma só cór, listrado com todas as demais, muito alegam a vista, pois todas as paizagens, com taes figuras, tornam-se vivas e de grande realce.

Os homens, segundo as tribus a que pertencem ou ao lugar em que habitam, têm maneira distincta de vestir.

Assim, os das cercanias de « La Paz » têm as calças compridas até os pés, havendo na parte inferior e posterior das mesmas dous córtes em arco, de 15 centímetros de alto, deixando á vista os calcanhares dos seus donos.

Os de Yungas, as calças chegam apenas até aos joelhos, ficando as pernas núas dahi para baixo, casando-se admiravelmente o lindo poncho com o chapéo redondo, sobrepôsto ao gorro.

Uns usam sómente o celebre gorro pontudo e com abas, com que cobrem as orelhas, trazendo os cabellos trançados; outros usam gorros tambem, porém com protecção a todo pescoço, por meio de uma banda semi-circular, que dos mesmos pende.

Ainda diversos trazem, sobre os gorros, chapéos redondos, de muitas cores, com abas largas, e pontudos em cima; havendo, com a mesma forma, outros destinados ás festividades, os quaes se acham revestidos de bordados de fio de prata, em forma de flores.

Alguns de outras tribus trazem os duros cabellos cortados arredondadamente, como é muito usado entre os nossos caboclos, e outros apresentam-se com elles longos completamente e soltos ou amarrados pelas extremidades, com uma tira de tecido.

Os ponchos são lindos, porque reúnem cores tão variadas como firmes, e mais para apreciar-se que estão ellas tão bem combinadas e distribuidas por toda a peça, que a harmonia é esplendida, quer em desenhos, quer no proprio matiz.

Geralmente por sapatos têm as alparcatas, do estylo mais singelo e primitivo.

As Indias usam saias curtas e redondas, de uma só côr e mantas, como se verificam com os ponchos, de todas as côres, porém sempre harmonicas e bem nitidas.

A' cabeça usam, todas, um grande lenço de côr, amarrando os cabellos, e muitas dellas, por cima o chapéo, quasi identico aos dos Indios.

Andam descalças ou de alparcatas e trazem brincos e alfinetes de prender a manta, em forma de colhér, tudo de prata boliviana, que é de primeira qualidade.

As peças de vestimenta das Indias têm, em seu idioma, as seguintes denominações: A saia do vestido — Almilla; a manta que as veste da cintura para cima — Aksu; um grande panno de

tecido de lã, preso pelas costas ao pescoço e que serve ás mesmas para carregar os filhos pequenos e transporte de objectos — Lliclla; o alfinete-colher, que serve a ambos os fins — Topo; uma grande manta que, pelo lado de traz, pende da cintura até a barra do vestido e que serve para cobrir-lhes a cabeça em occasiões dadas — Ppanta; as alparcatas, geralmente de couros de llama — Ojota.

Mas ainda não é tudo; as Cholas, as mulheres do povo, tambem muito prendem a attenção dos forasteiros.

A cada passo são ellas encontradas, nas ruas, praças, casas commerciaes, hoteis, residencias particulares e até nas proprias legações, onde prestam seus serviços como criadas.

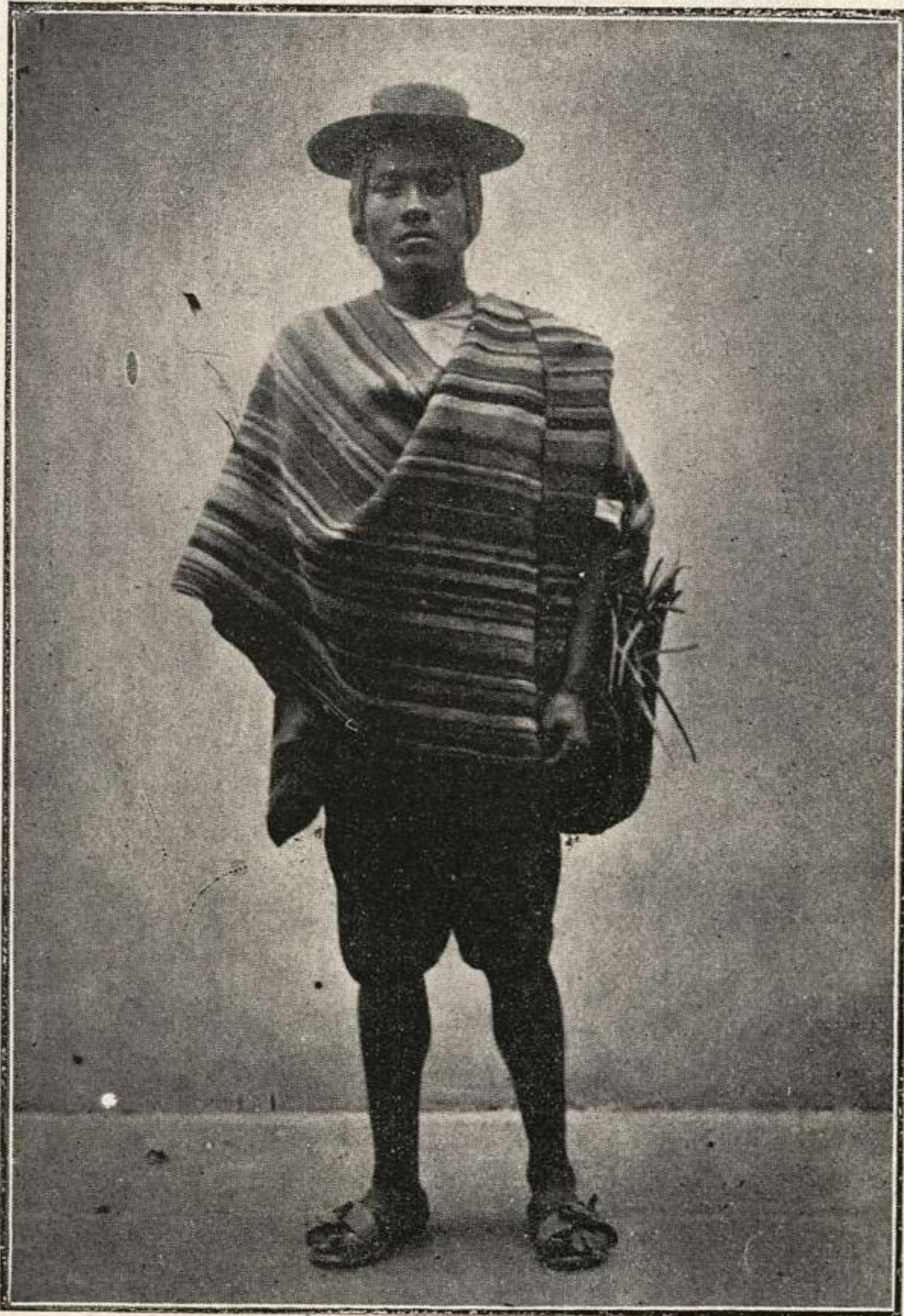
Trajam as mesmas de modo bastante original; botas altas e atacadas até o meio da perna, as meias, provavelmente, presas acima do joelho, porque são vistas do meio da perna até a rotula; nesse lugar, na altura precisa do joelho, chega a barra da saia do vestido, a qual, de côres vivas, tem grande roda e é toda pregueada e cheia de franzidos, achando-se um pouco abaixo da cintura, toda acolchoada, o que muito lhes augmenta as cadeiras; casaco simples, tambem de côres que gritam, e grande lenço de côr ao pescoço, preso por alfinete, *topo*, de prata, cheio de moedinhas pendentes do mesmo metal.

A' cabeça trazem, sobre os bem trançados e luzidios cabellos, grandes e exaggerados chapéos de homem, desses de palha do Perú, Equador ou Panamá, aos quaes vulgarmente dão o nome de « chapéos de Chile », de cujo paiz, em absoluto, não são elles oriundos, pois, conhecendo como conheço todo o seu territorio, não vi, nem tive sciencia de serem os mesmos allí fabricados.

Com esses chapéos, de abas tão largas, e com os cabellos suspensos, guardados no interior dos mesmos, têm essas creaturas, ao longe, mais a physionomia masculina que feminina, pois á certa distancia se lhes destaca o chapéo e o lenço que trazem ao pescoço, habito esse geralmente usado pelo homem rustico, do povo, em quasi todos os paizes do nosso continente.

Além de tudo, essas Cholas são verdadeiras mestiças, filhas do cruzamento de Indio com outras raças do exterior do paiz, conservando, portanto, muito do typo indigena boliviano, que geralmente é imberbe, mormente nos individuos jovens.

Corroborando, pois, mais essa circumstancia para a confusão, a primeira vista, do sexo deante do rosto de uma sympathica Chola.



INDIO DE JUNGAS

Carregador em La Paz.



Primam muitissimo essas mulheres pelo asseio em suas vestimentas e reputam-se as mais chics, com tão extranhos trajés.

Aos domingos, especialmente, é um primor a cidade de La Paz, sem querer melindrar a quem quer que seja, apenas tratando de hábitos e costumes populares, digo que parece a um visitante da bella Capital boliviana, achar-se elle, nesses dias, em Carnaval constante, taes são os typos que por toda parte se apresentam e taes são as cores das suas vestes.

Mas o ponto, onde podem ser feitos os melhores estudos desses usos locaes, é o mercado dalli, com as quatro ruas que formam, pelo seu lado exterior, a quadra, onde elle se acha construido.

Nessas ruas se acham aos domingos, do nascer do sol até ao meio dia, centenas de Indios de ambos os sexos, uns, por ellas, em constante movimento, comprando ou vendendo, acompanhados por seus animaes de carga, jumentos e llamas, e outros, sentados no chão, sobre pellegos ou tecidos de lã, rodeados por suas mercadorias á venda, desde os legumes, fructas e flores até as louças grosseiras, animaes domesticos e tecidos.

Geralmente, o centro dessas ruas, mais ou menos desimpedido, serve para o transito, enquanto que as partes lateraes ficam apinhadas pelos originaes e coloridos mercadores.

Quem se collocar, em uma manhã de domingo, no principio de uma dessas ruas, ou melhor, no angulo formado por duas dellas, gozará, garanto, de lindo e, ao mesmo tempo, pittoresco espectáculo.

Ao longe, principalmente, fornece a prespectiva um conjuncto de côres tal, devido ás *toilettes* dos Indios e á diversidade dos productos em exposição e ainda o movimento no centro das mesmas feito desencontradamente, por uns, que chegam e outros, que sahem, de vez em quando, vendo-se entre os alludidos animaes de carga, umas llamas com enfeites de lã de côr nas pontas das altivas orelhas, que tão lindo aspecto lhes dão e tanto de original fornecem ao quadro em contemplação; que realmente tornam-se dignos esses logradouros publicos, assim convertidos em local de feira domingueira, da mais attenta observação e do mais dedicado estudo.

Uma nota interessante sobre a llama.

E' mister a esse animal viver em lugares, como succede na Bolivia e no Perú, onde haja pasto curto e rasteiro ao solo, pois

necessita roçar os dentes na terra, mastigar mesmo frequentemente pedrinhas, para amolal-os, gastando-os um pouco, pois que crescendo com bastante rapidez, tornam-se grandes de mais, sahindo-lhe fóra da bocca e, por tal fórma, impedindo-o de comer.

Isso não só me foi explicado no altiplano boliviano, como no Perú, na cidade de Cuzco, pelos Indios que guiavam tropas de llamas carregadas de minerio.

Dentro do Mercado, são multiplas e varias as mercadorias, destacando-se os interessantes artefactos indigenas, em ceramica moderna e grosseira, bonecos de pedra talcosa e originaes tecidos, que alli são vendidos geralmente por Indias, fallando, umas o «Aymará» e outras o «Quichua», difficeis ambos os idiomas de ser por um touriste comprehendidos.

E' bom notar que, tanto alli, como fóra, já é grande a falsificação dos antigos artefactos indigenas, principalmente os de prata e bronze.

Isso é frequente tambem no Perú, onde individuos pouco escrupulosos e relativamente bem habeis falsificam, não só os antigos artefactos dos tres metaes, como os celebres «*Huacos*» (vasos de ceramica), extrahidos das «*Huacas*» (sepulturas pre-historicas).

Porém, a olhos conhecedores ou já educados nos museus e nas bellas colleções particulares, existentes na Bolivia, Perú, Chile e Argentina, são logo conhecidos os embustes que encerram taes falsificações, se bem que, não poucas vezes, obriguem ellas a um exame comparativo com os semelhantes verdadeiros, pela quasi perfeição das mesmas.

Uma nota: As imitações dos vasos de ordinario são muito mais grosseiras e feias que os originaes, cuja perfeição é extraordinariamente bella.

Essa declaração, longe de susceptibilizar os dous paizes citados, no tocante ao assumpto, vem pôr em relevo o valor das suas preciosas e mui valiosas antiguidades, ambicionadas pelo mundo inteiro, e como taes tão frequentemente falsificadas.

Uma das curiosidades que se encontram no mercado de La Paz é a relativa ás peças de protecção ao rosto e á cabeça dos Indios, por elles fabricadas e para abrigar-se do frio que sentem na travessia das cordilheiras.



Refiro-me aos gorros-mascaras de lã, com abertura para os olhos, narinas e bocca, tendo as sobrancelhas, bigodes ou barba, todos esses disfarces, em lã de côr negra.

Os mais apreciados, procurados e custosos delles todos são os de lã de vicuña, por serem mais finos, mais quentes é mais macios.

Deixando La Paz, segue-se dalli até ao Alto, chamado, por meio de tracção electrica e, de lá, por tracção a vapor, primeiramente a Viacha e, em seguida, ao extremo da linha ferrea de Huaqui a La Paz, cujo porto de Huaqui acha-se ás margens do celeberrimo Lago Titicaca.

Porém, antes de chegar-se a esse ponto de embarque, que tanto dá sahida aos vapores directos para o Perú como aos de circumvallação chamados, os de escalas pelos diversos portos do lago, quer bolivianos, quer peruanos; passa-se pelo importante lugar, em avoengas épocas, e tradicional hoje em dia, denominado «Tiahuanacu», onde esse ferro-carril tem uma estação.

A viagem do alludido lugar «Alto de La Paz» até ahi, nada mais de attracção offerece que um ou outro Indio, quasi sempre conduzindo mercadorias em tropas, formadas pelos animaes já referidos, alguns ranchos toscos, as serras das altaneiras cordilheiras, sempre nevadas, e algumas llamas e alpacas pastando as folhas, de apparencia secca, de «Tola» ou paradas a ruminar.

Seria um crime deixar á margem tal localidade, mórmente nessa viagem, onde era ponto obrigado de parada e de respectivo estudo e o qual visitei em companhia dos notaveis scientistas e cultores dos estudos ethnographicos americanistas Conselheiro Heger, Director do Museu de Vienna; Dr. Seler, Director do Museu Ethnographico de Berlim; Dr. Debenedetti, Vice-Director do Museu Ethnographico de Buenos Aires; Dr. Hule, Director do Museu de Lima; Dr. Posnansky, Vice-Director do Museu de La Paz; Dr. Lehmann-Nitsche, Director da Secção de Antropologia do Museu de La Plata e lente desse ramo de sciencia na Faculdade de Philosophia de Buenos Aires, e outros de igual valor, e que faziam parte da scientifica caravana.

Assim, pois, impõe-se-me o dever de dizer alguma coisa sobre tão legendario lugar do antigo Alto-Perú, hoje Bolivia, como soe ser esse, denominado Tiahuanacu, a 3.901 metros sobre o nivel do mar.

Para quem se dedica aos estudos ethnographicos e anthropologicos, não é novidade alguma, nem causa a minima surpresa, a

citação do nome desse lugar, de onde, talvez, provenham importantíssimos elementos para a decifração do grande enigma da origem do homem americano.

A antiquíssima civilização que habitou essa parte do continente americano terá, num dia dado, fixado a época em que tanto figurou na terra?

No dizer de alguns homens de sciencia, os primitivos habitantes dessa localidade do nosso planeta foram Aymarás, com cinco ou mais periodos distinctos de civilização de grande progresso, apparecendo depois a celebre dynastia dos Incas, que começou em principios do seculo 12 e, que, por varios outros, tanto prosperou, até a deploravel conquista hespanhola, que a exterminou barbara e insensatamente.

Não me occuparei, verdadeiramente, aqui com esta intrincada questão da origem do homem americano, por ter de servir mais tarde, como penso, esse assumpto a uma modesta obra, que opportunamente trarei á publicidade; porém, citar algumas das opiniões que a respeito conheço e dizer a qual dellas me filio, acho perfeitamente cabivel no presente momento.

Assim, uma das theorias sustentadas, dá o homem, como autochtone da America.

A proposito, o grande scientista argentino Dr. Florentino Ameghino, o já citado director do Museu Nacional de Buenos Aires, apresentou ao XVII Congresso Internacional de Americanistas um esclarecido e bem elaborado trabalho sobre « O Diprotomo Platensis » um precursor do homem, do plioceno inferior de Buenos Aires, defendendo com ardor e fundo verdadeiramente scientifico a sua these, embora fosse considerada pela maior parte dos Congressistas, ao lado dos quaes me encontro, completamente sem razão de ser.

Essa obra esplendida e de grande merito scientifico consumio do seu autor 25 annos de estudos consecutivos e de respectiva applicação, o que basta para ter o valor que possui, mormente emanada de quem provém, de um velho ethnographo e anthropologo, ao qual, tempos antes de concorrer a esse memoravel congresso, foi offerecida a cathedra de anthropologia que tinha sido recém-criada na Faculdade de Philosophia da grande capital argentina e esse mesmo homem, esse mesmo scientista, essa grande notabilidade sul americana, respondia áquelles que o convidavam para tão honrosa posição: « Não posso, nem devo acceitar tal cargo, pois



LLAMAS E ÁLPACAS — Pastagens junto aos serros nevados

Alto de La Paz.

A.

todavia não me acho preparado para reger uma cadeira de anthropologia ».

Essa opinião tão sublime, por si só, basta para collocar-o no posto de honra que merece.

Em continuação.

Outra theoria sobre a origem do homem americano o dá como oriundo da velha Atlantide de Platão, que, como acreditam notabilidades mundiaes, existio antes do periodo glacial da terra, presumindo uns, que, por ella, estivesse ligada a America á Africa e, outros, que além de estar servindo essa supposta facção do mundo antigo, de ligação entre os dous citados continentes, os ligasse mais com a Australia e a India.

Outros ainda, como Patrocle Campanahis, por exemplo, a reputam ligando a Europa ao nosso continente, a partir de Gibraltar, como nos deixa vêr o erudito Dr. Domingos Jaguaribe em sua bella obra « Brasil Antigo — Atlantide e Antiguidades Americanas ».

E' o caso de dizer-se: seja o que Deus quizer.

Outra theoria que dou presentemente como a ultima das que venho enumerando, e com a qual estou de accôrdo, dá o homem da America como procedente da Asia, dalli emigrando para o continente americano pelo ponto, ao norte deste, onde havia, em dados tempos, a união dessas duas partes do mundo, pelo local, em que se acha hoje o Estreito de Bhering ou, quando não, pelo desgarrar de grande parte da população asiatica que, vivendo, como ainda hoje se verifica, sobre agua, dalli se desviára com os temporaes, indo aportar ás costas deste continente, por motivo das correntes do Oceano Pacifico, que ainda hoje conduzem varios juncos e balsas de lá á California, ao Perú, ao Chile, etc., com surpresa dos proprios tripulantes.

Justificando minha modesta opinião a respeito desta ultima hypothese, declaro que para tal me baseei:

1.º Nos traços physionomicos do indigena asiatico e do Indio americano, sendo os olhos e a linha em que elles se acham os pontos principaes para discussão do assumpto.

2.º Na grande semelhança das lendas e mythos asiaticos e americanos, embora os nomes dos representantes da fauna e flora respectivas variem.

3.º Nos petroglyphos existentes na America, desde o Mexico, Bolivia, Perú, etc. até o Brasil e a Argentina, onde são encontra-

das perfeitas semelhanças em materia de hieroglyphos com os da China, da India e até do Egypto.

4.º Nos desenhos, gravuras, côres e fôrma da cerâmica encontrada no sub-solo americano, cuja semelhança em muitos delles, com os de certos paizes asiaticos, principalmente India e China, é patente, havendo tambem traços de afinidade entre os Peruanos e Egypcios, com uso e applicações identicas na pre-historia oriental (Asia e Polynesia) e na occidental (todo o continente Americano).

5.º Nas marcas azues da região sacral dos Indios da America do Sul e nos japonezes, chins, etc.

Uma vez expostos taes principios em justificação da minha inclinação pela origem asiatica, seguirei com o assumpto Tiahuanacu, que serve de materia á segunda parte da presente conferencia.

Esse lugar legendario, não só prende a attenção do mundo scientifico sob o ponto de vista anthropologico e ethnologico, como tambem, e muitissimo, sob o archeologico.

Encarado debaixo do primeiro desses pontos de vista, tudo que sobre Tiahuanacu se tem dito é hypothetico, sujeito a um sem numero de conjecturas, umas mais felizes e mesmo mais provaveis que outras, desprezadas logo ao serem enunciadas; perdendo-se afinal na escuridão do mysterio o que se refere á origem dos seus habitantes, quando e por quem foram elles succedidos e a quem pertencem os grandes dados alli existentes de tão adiantada civilização, com a respectiva época de tamanha florescencia.

Scientistas ha, que os aceitam sob a denominação de « Tiahuanacus » outros porém, os têm como puros Aymarás.

Saber-se-ha um dia qual o seu verdadeiro nome?

Quanto elemento de grande valor para seguras pesquisas no tocante ao assumpto achar-se-ha ainda alli occulto?

O que não resta duvida é que pelos respectivos estudos craneologicos nos esqueletos humanos dalli extrahidos e pelas gravuras e desenhos existentes na cerâmica com elles encontrada, muito ainda se poderá avançar para o fim tão almejado.

Sob o segundo ponto de vista, ou archeologicamente tratando-se daquella civilização tão antiga, como notavel e interessante, é que muito se pôde dizer, maximé fallando os dedicados a essa parte da sciencia, os especialistas da materia em questão.

Os celeberrimos monumentos megalithicos, hoje infelizmente em ruinas, que no entanto deveriam estar mais ou menos conservados, acham-se completamente alli esquecidos, o mesmo que observei com os existentes em territorio peruano.

Por esses monumentos de pedra perfeitamente lavrada e polida póde-se bem avaliar do gráo de cultura do povo que os executou.

A procedencia dessas pesadissimas e enormes lages da serra « Sur-Quimzachata » ha mais de uma legua dalli, é dada pelo Comandante D. Arthuro Posnansky, na sua bella obra « Guia para o visitante dos monumentos pre-historicos de Tiahuanacu », por achal-as identicas ás que viu e examinou no local acima indicado.

Tambem, segundo o mesmo mineralogista, os blócos dessas ruinas de Diorito-porfiritico, Amphibolito-andesitico e de outros mineraes, sahiram de « San Bartolomé », quebrada da serra de Andamarca, quasi em frente a Tiahuanacu.

Ainda, diz elle, que as pedras, denominadas Dacito e Piroxenandesito, foram para alli trazidas das proximidades de Copacabana (territorio boliviano á margem do lago Titicaca), propriamente das circumvisinhanças do vulcão, hoje apagado, denominado Kayappia, isto desde Tiahuanacu, a 55 kilometros em recta.

Tambem cré o mesmo scientista, que parte dessas grandes pedras, como prova a grandeza da « Puerta del Sol » que pesa cerca de 10 toneladas, provenha de « Huakullani » boliviano, distante tres leguas dalli, onde os Tiahuanacus tiveram uma colonia com officinas, segundo provam os restos lá abandonados.

Agora, tratando do transporte dessas colossaes lages para os monumentos em questão, duas versões, perfeitamente aceitaveis, existem sobre os meios de que para tal se serviram esses antiquissimos habitantes.

Para o material que se achava ás margens do lago Titicaca, ou ás proximidades das mesmas, utilizavam-se de balsas de « Totorá », uma especie de « Capituba » ou « Tabúa » que produz em larga escala ás margens do lago e nos pontos alagadiços de suas circumvisinhanças.

Nessas balsas, em que ainda hoje os Indios transportam pesos consideraveis, de muitas toneladas, foram naturalmente conduzidas essas grandes pedras em blócos de exaggeradas dimensões, até o local citado, que acredita-se, naquelles tempos, estivesse semi-circumdado por um braço do mesmo Titicaca, pois o valle secco

alli existente não deixa a menor duvida, todos os seus caracteristicos confirmam essa crença.

Esse lago, como é sabido por longos estudos de varios naturalistas, tende a seccar um dia, pois gradativamente se vae tornando menor embora ainda seja elle quasi um perfeito oceano.

De uma das suas margens facil se tornava a locomoção dessas pesadas lages ao local onde jazem hoje as celebres ruinas em narrativa.

Para o material mais distante, o retirado das alludidas margens, como o de Huakullani, boliviano, repito boliviano, porque o ha tambem peruano, foi de certo, diverso o meio de conducção: viria elle por terra sobre rodetas de bronze ou cobre, que giravam sobre pequenas e continuas lages, que adeante d'elle eram collocadas successivamente, para que supportasse o seu grande peso a base do terreno, por onde passava essa difficil e morosa conducção, evitando-se por essa fórma a construcção de longas calçadas apropriadas para rodarem taes meios de transporte?

(Versão de Posnanshy no citado Guia que não deve ser despresada).

A prova disso está nos blócos de « Uma-Punku » onde existem as marcas bem visiveis da adaptacção de taes rodetas, tanto assim que ha em frente a « Uma-Puncu » uma serra, a que denominam os Indios « Cerro de las Polancas ».

Tratarei agora desses monumentos preciosos, que lembram uma importantissima civilização, cuja época de sua existencia hoje jaz em puras trevas.

A começar, citarei a extraordinaria « Puerta del Sol », verdadeira maravilha, digna de todo apreço.

E' de crêr que tenha sido a porta de um grande palacio, pois não ha razão de ser de uma peça tão notavel achar-se esparsa, da fórma em que está, naquelle lugar.

Perfeitamente monolithica essa porta, esteve por longos annos soterrada, como com outros monumentos de época analoga se tem verificado, nos valles de Trujillo e outros ao norte do Perú.

O illustre Dr. Velarde, actual Prefeito de Callau e irmão do Ministro Peruano junto a nós, em excavações feitas á sua custa, no local denominado « Chan-Chan » descobriu uma linda e artistica parede, embora de adobe, toda repleta de labores, verdadeiras inscrições, que lembram proceder da alludida civilização, estando



uma bella photogravura da mesma inserta na obra «The old and new Perú» da escriptora americana Robinson Wright.

Assim pois nada é de admirar ter estado a porta alludida soterrada, como ainda estarão muitos outros monumentos e que assim se conservarão, sabe Deus até quando?

No periodo de dez annos para cá tem sido descoberto nesse lugar, por consecutivas excavações feitas por pessoal idoneo do paiz, um numero bem regular de peças archeologicas em pedra e ceramica, e parte mesmo das proprias ruinas, que se acham hoje á vista.

Descrevendo-a, antes de tudo, direi que actualmente está ella concertada, digo, foram unidas as duas partes em que se achava a mesma partida, talvez effeito de mãos profanas, como muitas outras provas são encontradas na propria Bolivia e Perú, attribuidas aos Hespanhóes por occasião da conquista ou então a algum dos movimentos sismicos, não raros nesses paizes.

Consta a mesma de uma grande e pesadissima lage de composição vulcanica que collocada como se acha, bem merece a denominação de porta, pois uma larga fachada repousa em dous amplos humbraes, tudo formado de uma só peça.

Como labores, tem esse monumento toda a frente da sua fachada artisticamente trabalhada, reunindo alli 62 figuras, pelo menos, pois se quizer ter como taes, os emblemas das pontas dos sceptros e os dos raios dos diademas, com que se acham adornadas as referidas sessenta e duas, assumiria grandes proporções o numero das mesmas.

Esses emblemas são: em uns, cabeças de condores, em outros, de peixes e em outros, finalmente, de pachydermes de especies hoje desaparecidas.

Ao centro da porta está uma solemne figura, de aspecto humano, attribuindo-a alguns escriptores, segundo a tradição local, ao Deus «Pacha-Achachi», que mandava sobre tudo, dominava os elementos da natureza, e imperava sobre todas as cousas, e outros, ao Deus «Pachacamac», creador do universo.

Essa figura, grotesca e sem proporções, acha-se de frente, como que em um throno, cheia de insignias, enfeitadas as suas suppostas vestes com tiras ou galões, onde são unicamente vistas cabeças de animaes.

A conservação dessa figura é boa, excepto o maxillar inferior, uma parte do nariz, e os pés que se acham deteriorados, guardando

ella, no entanto, todo seu ar severo e primitivo aspecto, pelo que é digna de toda attenção para os devidos estudos.

Tem um diadema, com cabeças de um grande quadrupede, (dos ungulados paleontologicos) que hoje só são vistos em esqueletos petrificados nos grandes museus, cabeças de condores e de peixes e sceptros ás mãos, sendo por isso tido como um Deus da força e do poder.

Tambem, pôde bem ser attribuida ao Deus Sol, ou « Ynti-Orko » (em idioma Aymará), que deu o nome a essa porta, pois como é sabido, desde civilizações antiquissimas, talvez coevas dos Tiahuanacus, até a dos Incas, inclusive, tem sido o astro rei adorado como verdadeiro Deus, cuja principal função é a de presidir a toda fecundidade.

Os sceptros dessa principal figura terminam por cabeças de condores de ambos os sexos, tendo o da mão esquerda duas em cima e uma apenas em baixo.

Tem ainda como adorno, um collar com cinco pontas, terminadas em discos como se foram medalhas.

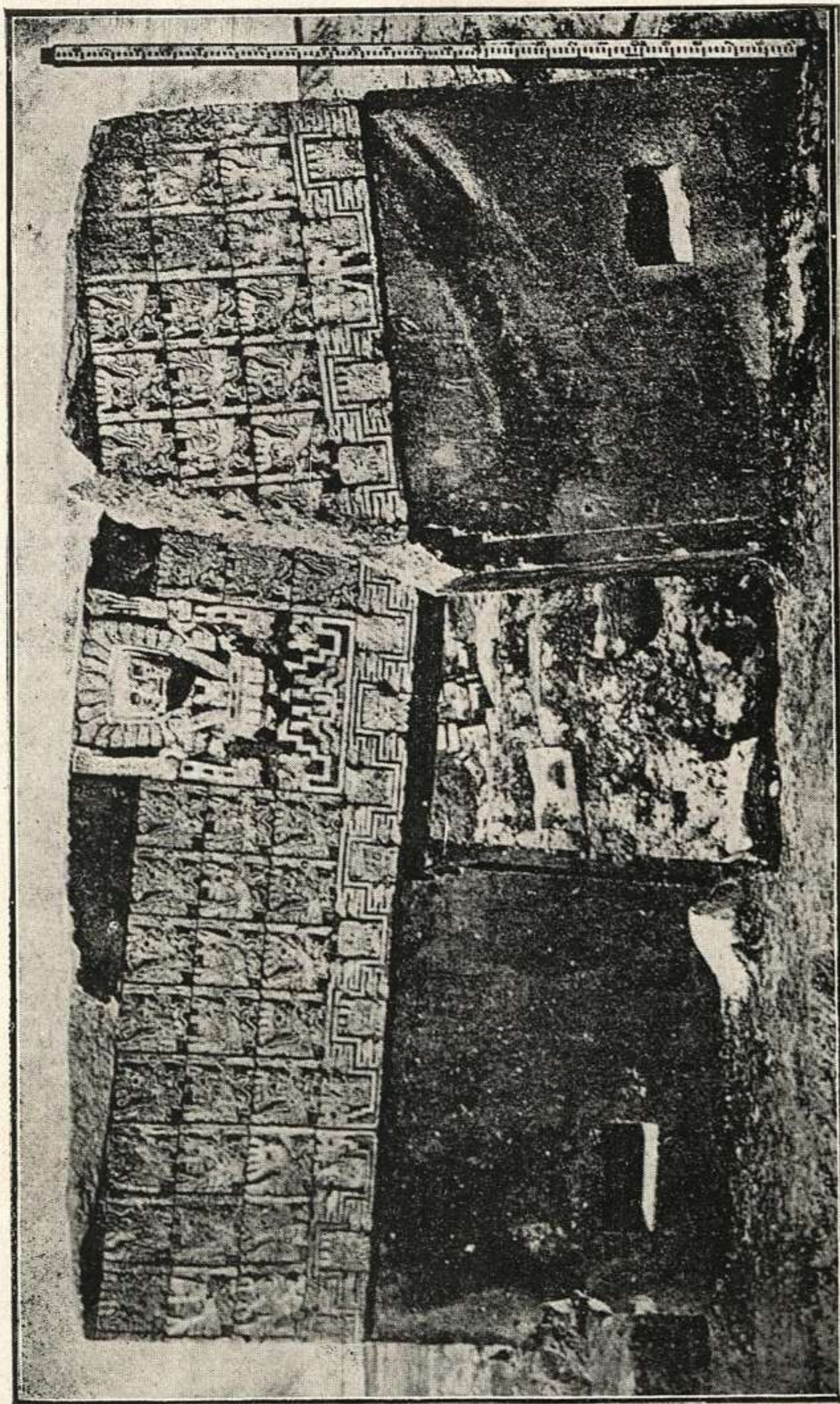
Mais abaixo, finalmente, tem um grupo por elle presidido, que dizem reproduzir o acto da procreação representado por duas figuras unidas, tendo abaixo uma bola, á que chamam ovo, amparada por dous pescoços de condor femea, com as respectivas cabeças levantadas.

No pedestal se vê a mesma figura dupla, dentro de um quadrado formado por seis pescoços e cabeças de condores femeas e quatro de machos.

Termina o que respeita a esse grande Deus por duas disformes cabeças, lateralmente dispostas e por baixo, precisamente, dos sceptros, como remate aos celebres zig-zags em escadas, tão vulgares nos vasos e tecidos pre-historicos dessas regiões.

Nessa solemne fachada, de um lado e de outro, marcham para essa divindade, outras de tamanho menor, tambem, parecendo-me representarem o mesmo astro rei, tão adorado naquelles tempos.

Essas outras figuras, que se acham em tres filas, horizontaes, sobre-postas immediatamente umas ás outras, são em numero de 24 as quaes vêm da esquerda para a direita e de 21 as que vão em direcção contraria a essa.



PUERTA DEL SÓL — Monumento Megalítico Tiahuanacu. Bolivia

Cliché de Vargas.



Todas essas figuras estão com um dos joelhos em terra, naturalmente em devoção á figura chefe, embora se sinta que a attitude das mesmas é de caminhar.

Têm todas a fórmula humana, com excepção da fila do meio, isso em ambos os lados, embora possuindo o corpo com a referida fórmula, tem a cabeça de condor, completamente levantada mirando o céu, notando-se-lhes um bico por demais adunco e o pé, que está para a frente, o da perna que não está ajoelhada, diverso, como que curvado para baixo, obedecendo a fórmula que a capa cornea da supposta unha lhe dá, tendo o mesmo a configuração de um pesunho.

Todas essas figuras têm azas, o que faz crêr que a grande do centro também as tenha, achando-se ellas presas nessa principal figura pelas cintas ou faxas que, como suspensorios, passam-lhe pelos hombros e peito e ficam presas por baixo do cinturão, que termina de cada lado por uma cabeça dos taes pachydermes, hoje extinctos, encimada cada qual por outra humana, parecendo-me no entanto a da direita com a de um condor, pelo seu deteriorado estado actual e mancha branca da respectiva photographia.

Essas figuras lateraes a do grande Deus, demandando umas o nascente e outras o poente, têm gravadas por varias partes do corpo, nos extremos dos sceptros e nos pincaros dos capacetes-corôas, cabeças de condores e de peixes, vendo-se-lhes bem patente no centro ou aza, que está esticada, um peixe inteiro.

Ha porém, grande differença na gravura e desenhos dessas pequenas cabeças de aves e peixes, conforme a fila que se observa.

Assim os sceptros da carreira de baixo terminam, tanto em cima como em baixo, por uma cabeça de condor femea.

Os das carreiras intermediaria e superior, terminam em cima por duas cabeças pequenas, quasi juntas, de um peixe desconhecido e em baixo apenas por uma do mesmo animal, porém de maiores dimensões.

O peixe que se vê inteiro na aza esticada dessas symbolicas figuras enfileiradas, também varia de aspecto; pois o constante na carreira intermediaria tem a cabeça de um perfeito peixe, enquanto que o constante das carreiras superior e inferior tem mais cabeça de abutre que de peixe; mas como o corpo e as circumstancias fazem de tal mysteriosa figura um peixe, o devemos acceitar como tal.

Varias outras differenças poderiam ser ainda apresentadas, porém sem a importancia das explicadas.

Esse assumpto interessantissimo da existencia de aves em uns, e peixes em outros, nos corpos, capacetes-corôas e, principalmente, sceptros, de todas essas 45 symbolicas figuras lateraes ao celebre « Pacha-Achachi » ou « Pachacamac », estão de perfeito accôrdo com a tradicional lenda muito conhecida e sempre repetida na Bolivia e no Perú, de que: « desde tempos muito anteriores á apparição dos Incas nesses territorios, o sol sumia-se á tarde, desaparecendo nas profundezas das aguas do lago Titicaca, junto ás ruinas em questão, e se elevava de manhã, sahindo das mesmas; fazendo-se conduzir, na hora do poente, ao afundar-se no liquido elemento por peixes, guias para tal ambiente e na do nascente, ao elever-se, por condores, os grandes abutres americanos, que, como aves que são, conhecem o grande segredo da perfeita e rapida locomoção no aereo elemento ».

De sorte que o astro rei, nas horas vespertinas, pelas insignias que comsigo levava, mergulhava no referido lago e, nas horas matutinas, pelas que, então, já comsigo trazia, delle voava ás alturas onde impera.

A propria fundação da dynastia incaica, refere-se bem ao assumpto, pois foi para vêr onde se occultava o poderoso astro á noite, que « Mama-Ojllo, india daquellas redondezas, sahindo sosinha da choupana dos seus pobres e velhos pais, fez longas caminhadas, até que, fatigada, encontrou na actual ilha do Sol ou de Titicaca, o celebre fundador dessa grande raça, Manco-Capac, com quem casou-se virgem, embora estivesse préviamente sob sua protecção, durante longo tempo, emquanto se instruisse com elle em tecer, lavrar a terra, adorar os deuses, etc., e elle aprendesse o idioma por ella falado.

Casada e já gravida, fez uma viagem a visitar os pais que, a principio, muito se desgostaram por assim vel-a, acreditando em alguma falta irreparavel da filha, mas depois de nascido o bem-dito filho de tão salutar consorcio, pela sua belleza, olhar vivo e finura de traços, deram por bem empregado o tempo da sua fugida em peregrinação de curiosidade pela sorte do astro rei, que, para ella, na noite em que o viu esconder-se sob a superficie das aguas, pareceu-lhe afogado e morto, o que muito a emocionou, até que na manhã seguinte, já descançada e protegida pelo Inca, a quem desde logo reputou filho do Sol, viu-o brilhar de novo illuminando com

o seu clarão o céu azul e com seus raios o enorme lençol de agua que tinha deante de si ».

Das lendas bolivio-peruanas, essa é uma das que mais satisfazem, pois reúne elementos de muita belleza e naturalidade.

Bom seria contal-a por inteiro, porém isso consumiria pelo menos meia hora, o que seria demais, por todos os motivos, para uma modesta conferencia como a presente.

O luxo e o esplendor que traziam em suas vestes os Incas eram por tal fórma grandiosos e solemnes que deixaram até a presente época a melhor tradição.

Pois bem, a esse respeito se refere constantemente essa lenda a ponto de tanto impressionar a sua sumptuosidade aos velhos e pobres pais da *Imilla*, que se suppuzeram deante de um Deus, quando enfrentaram, acompanhando a filha querida, com o genro, com esse famoso Manco-Capac, chefe fundador de tão rica e tão celebre dynastia da America do Sul, ajoelhando-se e sem querer levantar os olhos, até que elle os chamou de sogros e irmãos e isso no proprio idioma que com a dita *Imilla* havia aprendido.

Uma nota: Na Bolivia, trata-se a qualquer India ou *Chóla* de *Imilla* assim como no Brasil, de *Sinhá Dona* no Estado de Minas e de *Yayá* no Estado da Bahia.

Ao terminar com a « Puerta del Sol », tenho ainda a dizer que por baixo de tudo, digo da figura principal e das 21 da direita e das 24 da esquerda, tambem em linha horizontal, se acham 16 figuras, em busto apenas, que vão de um a outro extremo da fachada, contornadas por arabescos, bastante artisticos, formados por varias cabeças de condor com o competente pescoço, que alli é excessivamente longo, para poder bem fazer os zig-zags, com que os pequenos bustos estão guarnecidos.

Nos dous humbraes, ou nos dous portaes lateraes dessa extraordinaria porta, estão dous grandes nichos de fórma perfectamente quadrilatera.

Pelo lado de traz, tem a mesma porta dous grandes nichos, quasi no local correspondente aos do lado da frente, tendo esses de traz furos e cortes em cima e em baixo, que indicam perfectamente ter servido para alli girar um espigão de bronze, creio mais de uampi (uma liga dos tres metaes ouro, prata e cobre), a que já me referi, muito usada naquelles tempos, como provam artefactos da mesma composição, encontrados nessas ruinas, servindo necessariamente de gonzos ás respectivas portas do mesmo

metal que as fechava. Acima desses dous nichos ha mais quatro pequenos, dous sobrepostos a cada um dos recém-citados.

Como se vê, esse é um dos melhores monumentos existentes no lugar e que ainda hoje pôde ser apreciado, estudado, e attribuido a varias civilizações, até a incaica, como por varias vezes ouvi, quer lá, quer em viagem.

Os seus desenhos, melhor, as suas gravuras serão interpretadas com mil e uma decifrações e attribuidas a este ou aquelle Deus, com taes ou quaes poderes, todas aquellas allegorias e, até dar-se a esse monumento, a idade que mais approuver ao capricho de quem demonstrar-se maior penetrador de insondavel abysmo, que é a época primitiva do homem americano. Onze mil annos, ouvi, por mais de uma vez, dar-se a esse monumento e aos demais congeneres.

Já ouvi, tambem, que a civilização de Tiahuanacu tem 100 milhões de seculos!

Ainda melhor, segundo a lenda conhecida desde o seculo XVI da nossa era, citada por Max Uhle, provector director do Museu de Lima, na descripção dessas ruinas, que as reputa coetaneas das de Pachacamac no Perú, «*essa civilização já existia antes da apparição do sol no céu.*»

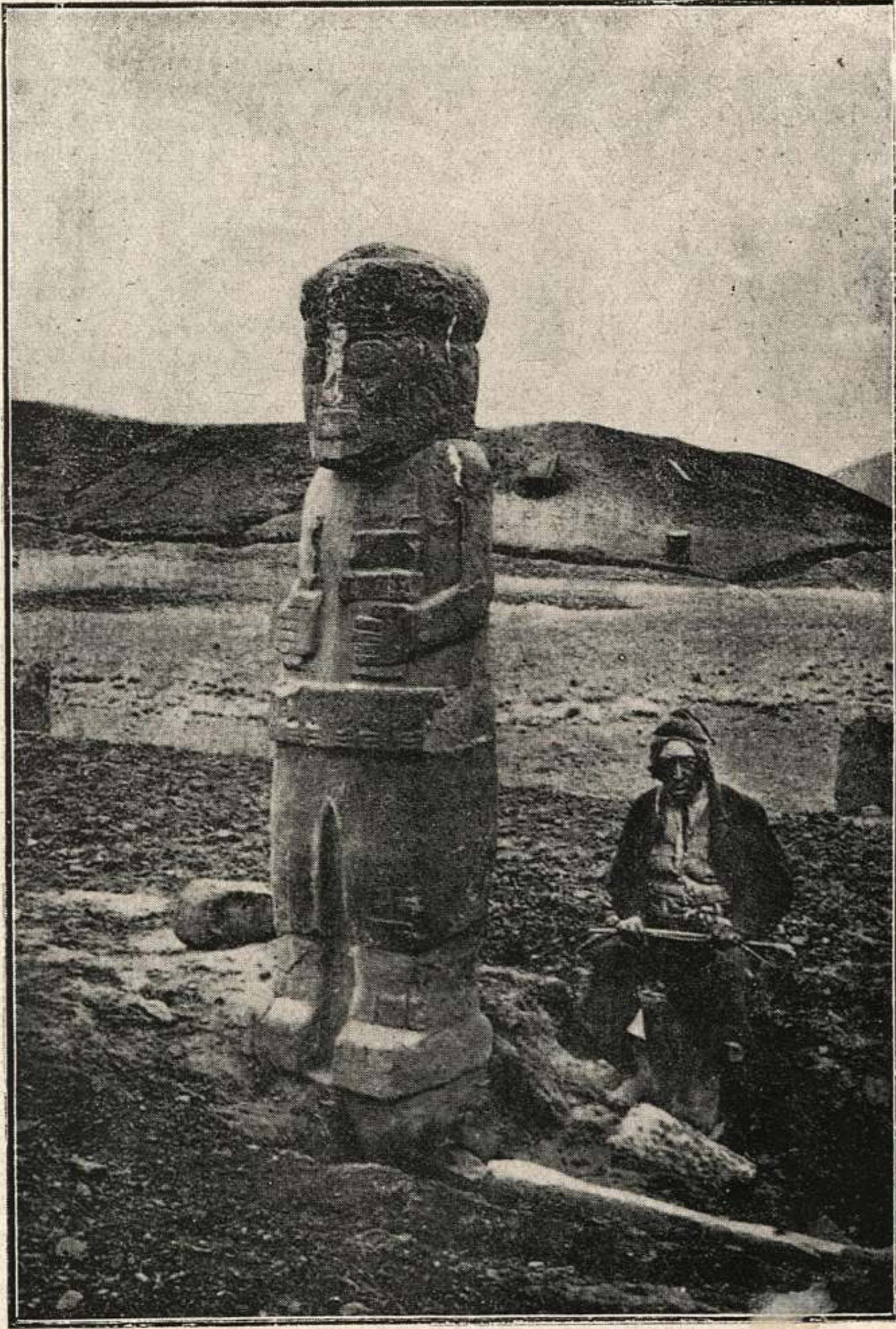
Assim, pois, deixo a fixação da época de tal civilização para quem a souber e quizer devéras determinar.

Continuando com os monumentos, outro de bastante valor, ainda bem visível, é o Idolo monolithico do Palacio «Kala-Sasaya» denominado o «Frade».

De mais de 3 metros de alto, em solemne e tetrica posição, eleva-se d'aquelle solo, meio accidentado uma figura de todo exotica, e mesmo esdruxula; como que a contemplar o actual silencio sobre tudo aquillo que tanta vida teve; a comparar a remotissima época de então, onde creio que até ella proprio viveu, pois o seu meio era de muita vida e hoje, ao contrario, mais uma mansão de mortos. Isolado está elle como eremita em se tornou, a indicar ser uma das unicas sentinellas daquellas ainda ricas ruinas que, com mais alguns seculos, serão pauperrimas, pois a devastaçào não cessa.

Essa figura gigantesca, toda lavrada, com o rosto muito semelhante ao dos Idolos de pedra da Ilha de Pascua, nos mares do sul do Chile, tem os olhos saltados, grande nariz, grossos e salientes beiços, as mãos reforçadas, segurando a direita um





O FRADE — Idolo Monolithico Tiahuanacu. Bolivia

Cliché de Vargas.



sceptro e a esquerda um cantaro, pernas e pés grandes e grossos e o corpo vestido com uma longa tunica e cinta larga, todas lavradas.

Os lavores da tunica constam de caras humanas e de dados (figuras cubicas), intercaladas umas com as outras e os da cinta ou faixa, de varios crustaceos, de especie desconhecida pela fórma e tamanho que têm, podendo-se ainda ver apenas tres desses animaes, que são algo phantasticos.

Têm elles grande cabeça, longas unhas e casca reforçada, permittindo varias e multiplas interpretações a seu respeito.

E' um bello monumento e relativamente em bom estado.

No lado opposto a este, existe um outro, de maior altura ainda, mais esguio e menos perfeito, digo menos conservado que o supra referido.

Tambem é monolithico esse idolo e está repleto de hieroglyphos.

Vêm-se-lhe bem a tunica, muito mais longa que a antecedente e muito mais cheia de lavores, com grande diversidade nos desenhos; os braços, hombro e o peito, todos tambem optimamente lavrados, apresentando, porém, as orelhas e o turbante poucos lavores.

O rosto infelizmente acha-se na parte superior damnificado, não se podendo fazer um justo conceito da physionomia do personagem, ficando-se, pois, impedido de reconhecer melhor os traços, por essa figura, dos primitivos habitantes do lugar, que necessariamente lhe serviram de modelo.

Relativamente a idolos monolithicos, ainda os vi alli, á porta de entrada da Igreja de Tiahuanacu, que é de construcção relativamente moderna, embora contenha a maior parte do material com que foi levantada, refiro-me a pedra, de antiquissimas edificações, pois todas ellas são lavradas e quem sabe, se alguma encerrando em si, caras de idolos, tão communs naquellas épocas.

Esses idolos, em numero de dous, são de fórma differente dos citados.

Acham-se sentados, como que envoltos em um abrigo qualquer.

Dahi o sobresahir apenas a cabeça, ficando-lhes o corpo como que occulto por um lençol.

Essa fórma é a mesma que têm as mumias achadas em certos pontos do Perú, que em tal posição são encontradas, envoltas em

cordas e tecidos, conforme eram alli enterrados os cadaveres em tempos pre-historicos.

Apenas dessas figuras monolithicas e anthropomorphas, que têm um pouco mais do tamanho natural, são dignos de nota os caracteres physionomicos, de olhos encovados, nariz grande e chato, grandes labios e compridas orelhas.

Um grande e arredondado turbante arremata, no alto, as mesmas.

Varias outras cabeças anthropomorphas semelhantes ás das figuras citadas, embora muito menores, são ainda encontradas em escavações alli feitas, e tive mesmo oportunidade de ver e examinar umas quatro, lavradas nas proprias lages dos antigos palacios, que ainda bem impressionam os visitantes daquellas maravilhas.

Como já disse, acho bastante semelhança entre essas caras e as encontradas na Ilha de Pascua.

Um palacio:

De umas paredes mestres do lado de Oeste, do celebre Palacio de Kala-Sasaya, ainda estão de pé esplendidas columnas monolithicas de fórmula quadrilatera, com cortes bem dignos de nota.

Dessas columnas, ha pouco tempo ainda existiam de pé, nove, hoje algumas dellas estão já cahidas ao solo, não sabendo os Indios habitantes do lugar quaes os autores de tantas destruições.

Pois bem, nota-se perfeitamente pelo espaçado gradativo e harmonico de uma para outra dessas pedras, que foi de grandiosas dimensões o celebre palacio, do qual hoje, a não ser esses monolithos em fórmula de estacas, apenas resta a colossal escadaria, que lhe dava accesso, composta de dous humbraes, ainda verticaes e lateralmente collocados, e de seis largos e compridos degrãos, cada um de uma só pedra toda lavrada.

Esse Palacio de Justiça ou « Kala-Sasaya », media, segundo a bella obra boliviana, denominada « Monumentos Prehistoricos de Tiahuanacu, Homenaje al XVII Congreso de los Americanistas », 135 metros de comprimento por 118 de largura, com a entrada para o nascente.

Ha ainda a escada de cores (chamada) do edificio dos sarcophagos, de pedras quadrangulares de variegadas côres, cheias de orificios pequenos e arredondados, os quaes, contiveram necessariamente os metaes preciosos fundidos, como se tem verificado

nas ruínas peruanas existentes em Cuzco, onde têm sido encontrados prata e ouro massiços.

A maior parte desses pequenos blocos já têm sido dalli retirados, segundo affirma a obra supracitada.

A Porta do Panteão, esplendida não só pela fôrma, pouco vulgar hoje em dia, como pela lage estar cheia de reentrancias, todas alinhadas, e guardando a mesma profundidade em todos os seus cortes, causa a melhor das impressões pela sua esthetica, pois as linhas são rigorosamente artisticas e admiravelmente bem polida a pedra, que é, como nos monumentos anteriores, tambem de um só bloco.

A altura dessa porta é muitissimo notavel, deixando pensar-se, ao della approximar-se, num dos arcos triumphaes da chamada velha Europa.

Cerca de um kilometro distante destas ruínas, estão no lugar, ainda da civilização Tiahuanacu, denominado «Puma-Punku», grandes blocos de pedra, deitados pelo chão e cheios de labores.

Alguns são de dimensões colossaes, tendo para cima de 80 toneladas de peso, havendo em uns cavidades quadrilateras e em outros redondas completamente.

Acreditam varios escriptores terem servido as primeiras cavidades de assentos ou bancos aos já referidos e cultos habitantes do lugar, e as segundas para fins de sacrificios ou propriamente aos da religião de então, por elles professada.

Ainda estão perfeitos, em varias dessas extraordinarias peças megalithicas, os angulos com os respectivos furos e cavidades, onde cruzetas de bronze as uniam umas ás outras.

Acredita-se, ainda hoje, que essas enormes pedras, assim lavradas, faziam parte dos antigos tribunaes da civilização de então.

Por entre os grandes monolithos citados, encontram-se tambem alguns blocos de pequenas dimensões, rodeados dos taes furos, onde se tem, como já declarei, descoberto a existencia de metaes preciosos fundidos, em barras ou em fios, em fôrma de arestas ou de arames grossos, que serviam para os unir ou juxtapor aos de maiores dimensões e isso em lugares determinados.

Outros tambem, relativamente pequenos, parecem ter feito parte de cornijas do grande palacio, pelas linhas e cortes, de sublime execução, que ainda hoje apresentam, mesmo atirados como se acham, pelo chão e no meio do matto.

Qualquer espirito culto ou artistico, já não exijo que seja

um archeologo, um architecto ou um esculptor, deixa-se ficar seriamente emocionado deante de tanta arte, deante de tamanha riqueza, mórmente vendo alli tudo abandonado nos campos inclutos e quasi despovoados, em que se acham essas memoraveis ruinas de época verdadeiramente desconhecida.

Nas peças megalithicas, assim dispostas, são encontradas tambem, como em Tiahuanacu, propriamente dito, os celebres furos em cima e em baixo das amplas cavidades, indicativas de nichos, para funcionamento dos espigões de metal, em que giravam as respectivas e pesadas portas, que ás mesmas se adaptavam e que hoje não são mais encontradas em lugar algum.

Deixando Puma-Punku e voltando a Tiahuanacu, venho ainda mencionar aqui uma cousa que causa profunda impressão no espirito de um visitante dessas ruinas, refiro-me ás habitações dos « Tiahuanacus », chamados.

Dessas, varias têm sido descobertas pelas escavações ultimamente feitas, assim como galerias, todas de pedra lavrada, para conducção de aguas e esgotos, infelizmente com grande parte já em puras ruinas, pela retirada continua das respectivas pedras para construcções em La Paz.

Por uma, recentemente descoberta, e na qual, descendo pela propria escada de cinco degrãos, penetrei no seu limitadissimo interior, consegui verificar ser diminuta a sua cubação, por isso pequeno o espaço para habitação de um homem, quanto mais de um casal ou familia.

Tem a mesma, nada mais de 1<sup>m</sup>,32 de comprimento por 1<sup>m</sup>,43 de largura e 1<sup>m</sup>,85 de altura, toda de pedra, sendo que a parte de cima, o tecto, é formado por largas, polidas e pesadas lages de lava andesitica, a qual, uma vez fechada, pela junção das mesmas, que são de facil adaptação, não só pelo bom córte que têm, como pelas suas arestas ainda bem definidas, converte em verdadeiro presidio ou um perfeito tumulo a referida e supposta habitação.

Um individuo alli sente-se horrorizado, como que sepultado em vida ou prestes a asphyxiar-se, pois as dimensões do cubiculo, a falta de ar e de luz o levam a taes convicções.

Acreditam alguns cientistas que dentro dessas habitações tivessem os « Tiahuanacus » elementos com que se aquecer, com que cozer seus alimentos e um meio pratico para repouzar, o que deitados a fio comprido, não o conseguiriam jámais, segundo

as dimensões da área, que ainda é sacrificada pelo espaço occupado pela escada já citada, dahi a persuasão de que dormissem acorados, na mesma posição em que hoje são encontradas as celebres e valiosas mumias bolivianas e peruanas, em seus respectivos sarcophagos.

Tornou-se-me facil visitar essa casa-cubiculo, porque estava preparada para isso, o entulho e os blocos de terra já tinham sido retirados das suas proximidades e uma das taes grandes lages do tecto, a que ficava precisamente por cima da escada, já referida, achava-se fóra do seu lugar, encostada a um lado.

Como essa casa, varias outras estarão ainda soterradas, pelos effeitos dos movimentos sismicos, tão vulgares nas proximidades dos Andes!

O que é verdade, é estarem esses monumentos muito abaixo da superficie desse lugar, quero dizer, achar-se tudo verdadeiramente em seu subsolo.

Independente dos monumentos citados, ha proximo ao palacio de Kala-Sasaya uma collina, denominada Akapana, considerada como artificial, pois está amparada em volta por pequenas muralhas de sustentação, e as suas differentes camadas estão confirmando perfeitamente essa crença, que me pareceu geral.

Mais ou menos no centro da grande área, onde se achava edificado o celebre e já referido palacio, está levantado um grande barracão, coberto de zinco e aberto em toda volta, guardando, em exposição, varios fragmentos dessas ruinas e alguns artefactos de uso domestico, que vão sendo encontrados, até que devidamente seleccionados, tenham entrada no museu de La Paz.

Tive oportunidade de alli vêr e examinar, em companhia de quem, no momento, muito me podia explicar e ensinar, varios fragmentos de cornijas, de columnas, peças em pedra representando as taes cabeças anthropomorphas, cacos de vasos, panelas, cantaros, etc., tudo de ceramica primitiva e alguns blocos de pedra lavrada, embora pequenos, porém de grande peso.

Devo muito, do que aprendi na visita de Tiahuanacu, aos bons companheiros Dr. Manoel Vicente Ballivian, Director do Museu de La Paz, e commandante engenheiro Arthur Posnansky, grande cultor dos estudos dessa civilização, que estavam sempre promptos a me satisfazer, em qualquer terreno, das minhas indagações.

Tambem conversei com um ou outro Indio e com algumas Mestiças, que num castelhano terrivel, me puzeram a par de muita cousa que desejava saber e conhecer.

Uma nota: O rigoroso frio, o intoleravel vento e os vigorosos raios de sol que se supportam no altiplano boliviano, muito prejudicam a belleza das Indias e Mestiças alli residentes, por lhes estragar, de um modo atroz, a cutis, ficando as mesmas com as faces rubro-quimadas, de aspecto de pannos.

Esse local e suas circumvizinhanças estão cheios de ranchos de Indios, todos muito rusticos e, no meu vêr, sem conforto algum.

A' porta de um delles, parei a apreciar a figura exotica, porém bem natural, do cacique do grande grupo de Indios que reside na zona de Tiahuanacu a Puma-Punku.

Esse homem, já bem velho, docil e na maior ignorancia de tudo o que se passa na vida, tratou-nos com relativo carinho, tendo um ou outro riso, durante o momento em que commigo privou, parecendo proposital, para que bem pudesse eu fixar-me nas centenas de sulcadas rugas que possuia naquelle causticado rosto, que só exprimia tristeza e bondade.

Tinha momentos de transitoria alegria, e isso quando recebia de nossas mãos moedinhas de prata ou bronze, centavos bolivianos.

Acompanhou-nos até a estação da estrada de ferro, ao lado de muitos outros Indios e tirou, em signal de respeito, o seu tradicional gorro, por occasião da partida do comboio, acenando com elle lentamente por duas vezes, tornando a enfiar-o logo depois até ás orelhas e seguindo immediatamente caminho de casa.

Para completar a presente conferencia, falta apenas referir-me a planta de Tiahuanacu com suas bellas ruinas e dirigir-me ás margens do Titicaca.

Pois bem, a planta tal qual a tirou e fez imprimir o Engenheiro Arthur Posnansky, que com ella instruiu o guia para a visita ás citadas ruinas, é um mappa completo, perfeitamente bem feito, se occupando de todas as minudencias, por mais insignificantes que, a primeira vista, pareçam ao observador.

Como deixa vêr o tal mappa e como já havia dito antes, estava semi-circumdado Tiahuanacu por um braço do Lago Titicaca, como indica o n. 2, seu antigo leito, tendo logo acima um fosso ou trincheira, indicado pela lettra Y, como margem do mesmo braço, que protegia o lugar das invasões d'agua, por occa-



sião das cheias ou dos temporaes do lago, que ainda hoje são vulgares.

Por essa trincheira, bem se póde avaliãr dos trabalhos e do alto grão de cultura daquelles tempos, onde se observava tudo, protegia-se um lugar primeiramente, para depois cogitar-se da construcção dos seus palacios e outros monumentos.

A lettra X está perfeitamente indicando o ponto de embarque e desembarque, emfim o porto do lugar.

O n. 14 está precisamente no lugar da ponte, da Estrada de Ferro de Huaqui a La Paz, que foi construida por cima da trincheira, no leito do braço do lago, hoje secco.

O n. 13 está sobre os muros de sustentação da collina artificial, denominada Akapana, marcada no mesmo com a lettra D.

Esse muro é de uma extraordinaria perfeição, em qualquer sentido que seja apreciado.

O n. 1 e a lettra V indicam as habitações dos Tiahuanacus, esses cubiculos a que, ha pouco, me referi.

A lettra Z mostra a direcção que tinha a melhor e maior das taes galerias subterraneas de pedras lavradas, para aguas ou esgotos, denominada « cloaca maxima ».

Agora indicarei, apenas, os lugares onde estão as ruinas dos cinco monumentos principaes.

Assim:

A lettra E é o palacio de Kala-Sasaya, cujo recinto é representado pela lettra I.

O n. 12 é a celebre escadaria de monolithos de côres.

A lettra G representa o idolo monolithico, denominado « El Fraile », com o qual já me occupei por algum tempo.

A lettra U está no local onde existe a bella porta megalithica, denominada « Puerta del Panteon ».

E, finalmente, a lettra F indica o lugar da outra porta, tambem megalithica, dequelle primoroso monumento, com o qual por tanto tempo me occupei, da celebre « Puerta del Sol ».

Limitei-me, pois, aos pontos citados, por serem os mais importantes e agora apenas faço observar que a Estrada de Ferro, de Huaqui a La Paz passa por um dos lados extremos dessas ruinas, quasi parallelamente á estrada de rodagem que, passando pelo outro, faz identico trajecto.

De Tiahuanacu, na mesma Estrada de Ferro, com 20 minutos mais de percurso, chega-se ao interessante porto de Huaqui, todo

commercial, onde bem se observa o movimento alli constante de importação e exportação, entre Bolivia e Perú, via lago Titicaca.

Aqui, deante desse lago-oceano, de belleza incomparavel, senão como comparado pelos Incas a « uma immensa esmeralda derretida, fluctuando no meio dos Andes », faço ponto, para na proxima conferencia occupar-me com elle, suas ilhas do Sol e da Lua, sua península de Copacabana e civilização que tanto, nas mesmas, floresceu.

De Titicaca, na mesma tarde de ferro, com 20 minutos mais de percurso, chega-se ao interessante porto de Iruya, todo...

De Iruya, na mesma tarde de ferro, com 20 minutos mais de percurso, chega-se ao interessante porto de Iruya, todo...

# MAPPA

DAS

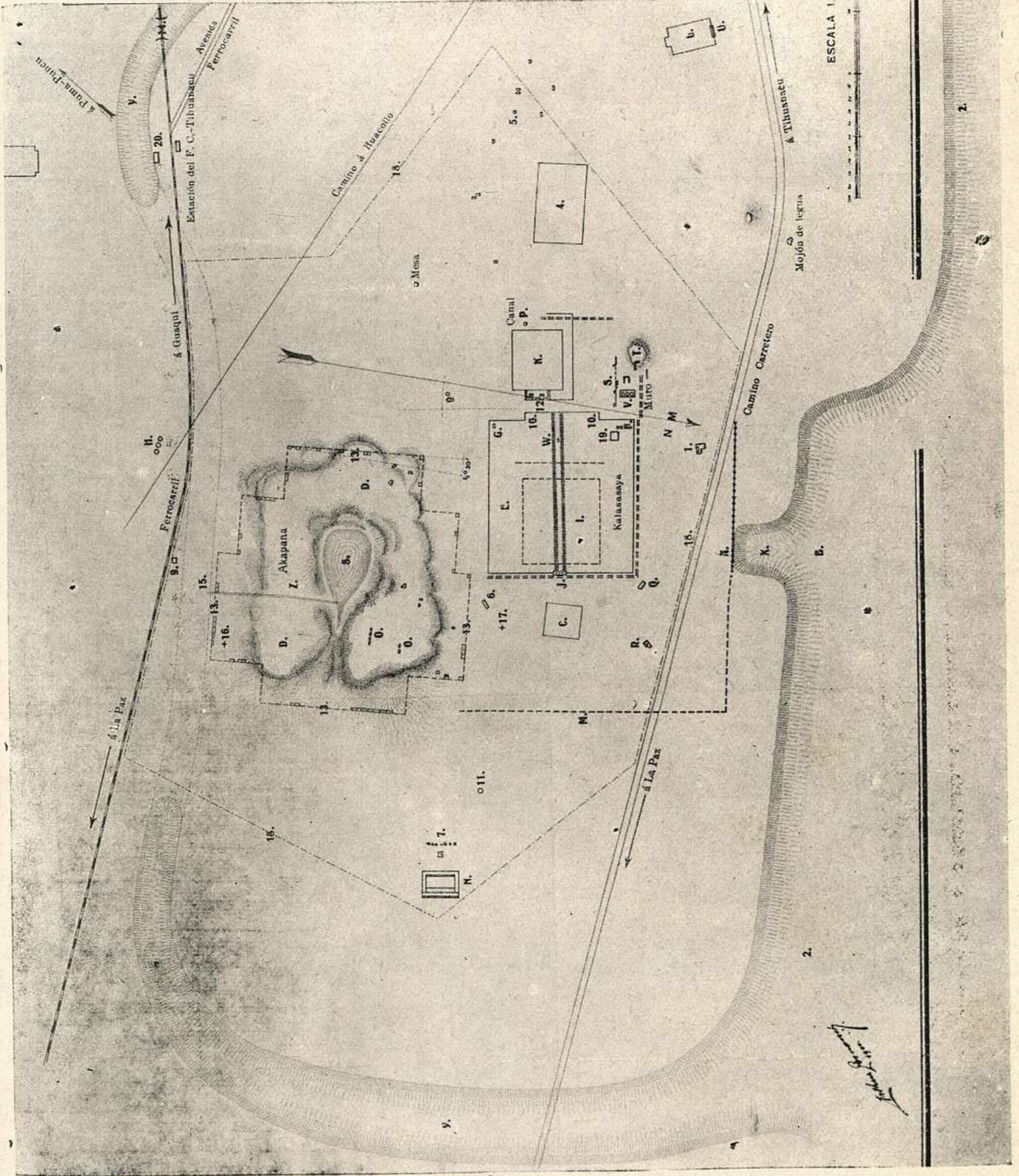
## Ruinas Prehistoricas

DE

## TIAHUANACU

BOLIVIA

(CLICHÉ POSNANSKY)



9  
II  
9

---

---

## VIAGEM LACUSTRE ETHNOGRAPHICA NA BOLIVIA

Terceira conferencia publica da série organizada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, realizada pelo socio Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, a 5 de maio de 1911, no Palacio Monröe

*Lago Titicaca, ilhas do sol, da lua e península de Copacabana, com os habitos e costumes dos indios que os habitam e Ruínas da Civilisação pre-historica nas mesmas existentes*

A conferencia anterior depois de tratar das ruínas de «Tiahuanacu» teve a devida conclusão no porto de «Huaqui», ás margens do Lago Titicaca.

Assim, pois, começando a presente por esse porto, direi que, o que mais interesse offerece ao touriste que a elle aporta é positivamente esse phantastico Lago de Titicaca, cuja grande belleza la sua amplitude, dalli ainda não pôde ser de todo gosada, pois as aguas do mesmo veem até elle, por um canal de acanhadas diensões, entre milhares de pés de vegetação lacustre, que muito nfeiam e entulham as suas margens.

Emquanto se faz trasbordo das malas e bagagens do trem para o vapor, que alli junto está amarrado, aproveita-se o tempo para uma rapida visita ao logar, que, como já me referi, na conferencia passada, é muitissimo commercial.

Porém, antes de tratar do que seja uma excursão nesse lago um dos mais altos do mundo, vou referir-me a um interessantissimo assumpto encontrado em territorio, que até ha bem pouco tempo foi boliviano e que fica junto ao ponto inicial das suas estradas de ferro.

Propositalmente por me achar em um ponto terminal da viação ferrea do paiz, vou occupar-me com um original achado de outro ponto, que é verdadeiramente o inicial.

Como é sabido, de Antofogasta, á margem do Oceano Pacifico parte a linha ferrea até La Paz, passando por Uyuni, Oruro e Viacha e dessa capital parte a que vem até Huaqui, passando ainda por Viacha e depois por Tiahuanacu.

Assim, pois, como os extremos se tocam, tambem o que de interessante nelles existir deve ser tratado na mesma occasião, que coincide ser agora de todo opportuna, por quem se occupa com o que ha de importante, tradicional e raro no paiz, mormente por quem o descreve, quasi que geralmente sob os pontos de vista ethnographico e anthropologico.

Refiro-me, pois, agora ás Mumias bolivianas.

Em escavações recentemente feitas em Antofagasta (hoje territorio chileno), no local denominado « Chuquicamata » mais ou menos a 15 kilometros para o norte do Calama, foi encontrado um antiquissimo enterramento, provavelmente Aymará, no qual foram achadas duas mumias, sendo uma de adulto e outra de creança.

Essas mumias podem ter varios seculos, como milhares de annos, o que não podem é accusar apenas alguns lustros, contados desde que ficou essa zona pertencente ao Chile.

Dahi serem todos os enterramentos desse teor de remotissimas épocas, guardando os restos dos antigos senhores e donos dessa localidade, onde ainda hoje são muitos delles encontrados no estado acima mencionado.

Logo, pertencentes á pre-historia da Bolivia e não de épocas recentes do Chile.

Sob esse ponto não póde haver a menor duvida.

Uma outra duvida, porém, persiste e essa é si de facto são restos de representantes Aymarás ou de outra tribu, cujo nome não se possa com segurança ainda precisar.

Porém, o que importa aqui são os caracteristicos desses restos humanos, que não são restos propriamente, são corpos perfeitamente inteiros, sem lhes faltar parte alguma e mais, num estado de conservação admiravel.

Toda a epiderme que forra o esqueleto, em qualquer das duas mumias, está como que ennegrecida, devido ao local onde estiveram ambas enterradas, sabe Deus, quantas dezenas de seculos!

Toda zona de « Chuquicamata » é de mineral de cobre e, precisamente, foi descoberto o enterramento nas proximidades de uma velha mineração desse metal.

A topographia da tumba é, mais ou menos, a de uma gruta ou caverna, porém, trabalho do homem, composta de grandes lages que permittam um pequeno espaço no seu interior, onde residir um homem, pelo menos.

Nessa cavidade, retiradas algumas das varias pedras, alli amontoadas, foi encontrado um funebre quadro, duas mumias e varios utensilios de uso domestico.

O que não deixa duvida em ser um dos taes enterramentos que, embora tenham sido vulgares nos paizes do Pacifico, ao norte do continente sul-americano, são, no emtanto hoje raros de encontrar-se e de uma época difficil de precisar-se.

A palavra « enterramento » não fica ahi prejudicada, pelo facto de não terem ellas sido encontradas no interior da terra, no meio dos muitos grãos que formam a substancia pulverulenta do sólo, pois o termo é generico, e nem por estarem acompanhadas de utensilios de uso domestico e em posição de terem alli soffrido horrivel martyrio; pois é sabido que muitos dos enterramentos pre-historicos eram feitos entre lages ou no interior de pedras agrupadas, o que os celebres « Dolmens contendo sepulcaros », em toda antiga Scandinavia, e por varios pontos do continente americano attestam do modo mais seguro e incontestavel, e bem assim que, entre os antigos habitantes do nosso continente, como de outros pontos do globo, era costume sepultarem vivas certas creaturas humanas ou fazerem-se as mesmas enterrar nos sepulchros enquanto vivas, acompanhadas de seus objectos de uso, tudo em obediencia aos muitos sacrificios religiosos daquellas épocas.

Tem grande valor esse achado por encontrar-se todo elle completo, quero dizer, estar reunido tudo o que havia no referido enterramento, uma tumba inteira; pois geralmente aproveitam os exploradores uma ou mais peças que lhes pareçam, no momento, de mais importancia, despresando as demais, tidas na occasião por desnecessarias.

Quando é sabido que, muitas vezes, as peças de apparencia mais insignificante, reunidas ás de maior importancia, não só as fazem subir de merecimento, completando-as, como ficam tendo por sua vez valor proprio, que apartadas jámais o possuiriam.

Descrevendo esse valioso achado, todo, hoje, de minha exclusiva propriedade e já reunido ás minhas collecções ethnographicas no Rio de Janeiro, tratarei primeiramente da mumia de adulto e da do menor e, em seguida, dos varios utensilios que as acompanhavam.

A primeira, é de um individuo adulto, do sexo feminino, brachycephalo, em posição de quem está sentado, quasi de cócoras e, ao mesmo tempo, encostado a um ponto de apoio qualquer, com os joelhos juntos e um pouco inclinados para a direita, tocando o da perna esquerda as costellas do lado direito, repousando no chão, dos pés, apenas as phalangetas, pois os calcanhares acham-se um pouco elevados, dando aos pés uma posição obliqua.

Por sua vez, tocam o chão as phalanges de quatro dedos da mão direita semi-cerrada que, embora conserve o pollegar esticado e isolado dos demais, está como que amparando o femur direito de tocar ao sólo, pois a palma da mão recurvada protege-o, verdadeiramente pelo grande trochanter, achando-se o respectivo braço esticado para baixo, fazendo apenas uma pequena curva no cotovello, a qual é de angulo bastante obtuso. A mão esquerda, mais ou menos, na mesma posição da outra, segura o antebraço direito, pois vem com a direcção que lhe deram o braço e antebraço respectivos, que estão, aquelle esticado verticalmente e este quasi que horizontalmente, fazendo ambos no ponto de junção, mais ou menos, um angulo recto, sendo de notar que esse antebraço passa sobre o ventre, em busca do outro do lado direito, como que para comprimir a caixa abdominal.

A cabeça pendida para a frente conserva os cabellos com o penteado da época em que falleceu essa victima da expiação, formado de trancinhas curtas e esmirradas.

Vê-se da posição caracteristica em que ella se acha, que o frio, a fome e a relativa falta de ar alli sentidos, foram os motivos que a levaram á morte, depois dos indscriptiveis e terriveis soffrimentos necessariamente experimentados.

O antebraço esquerdo apertando o ventre, pela sua visivel pressão sobre elle e as pernas ajuntadas tambem a elle e ao estomago, bem demonstram os horrores supportados com a algidez que torturou aquelle corpo e com a respectiva falta de alimentos com que luctou aquelle organismo, mormente num logar, como o alludido, onde a falta de oxygenio era patente.



Essa victima padeceu tanto, que chegou a um periodo de magreza tal que, pela posição em que succumbiu, verifica-se, que tinha se utilizado da mão direita para amparar a nadega do mesmo lado, naturalmente já descanarda, afim de não tocar ella ao chão, evitando assim maiores dores nesse local.

Na posição em que se acha, mede o conjuncto 0<sup>m</sup>,70 de altura; accusando, no emtanto, as medições tomadas da cabeça aos pés, acompanhando as competentes curvas dos membros dobrados, uma altura de 1<sup>m</sup>,70 a esse individuo.

O peso revelado desde que a obtive até a data presente é de 4.600 grammas certas, não se tendo elle alterado com a viagem, nem com a travessia do Estreito de Magalhães, onde geralmente soffre alteração de volume ou peso grande parte das mercadorias que por alli passam.

Embora fizesse eu na volta a travessia do Chile a Argentina pela Estrada de Ferro Transandina, resolvi mais acertado, que seguisse o meu material scientifico, obtido nessa memoravel viagem, na propria « Pacific Steam Navegation Company », via « Magallanes », acceitando de bom grado o conselho do distincto gerente da mesma companhia com séde em Valparaiso, Mr. Pearson, que sabe tudo providenciar para que a companhia que superintende seja sempre a primeira nas costas do Pacifico, para assim evitar trasbordo e consequentes choques, que, repetidos, muito damnificam os volumes em transito nos ferro-carris.

Pela Cordilheira dos Andes teriam essas valiosas peças que soffrer varias baldeações até Buenos-Ayres e dahi para bordo do transatlantico que as trouxesse ao Rio de Janeiro, independente do alto preço que pagariam, emquanto que por mar, atravessando o referido estreito, vieram tranquillias e sem alteração alguma, desde as costas do Perú até aqui.

A outra mumia, encontrada junto com a primeira, é de um menor, já entrado no periodo da impuberdade, pois a mudança dos dentes bem o indica, de patente deformação craneana, approximada á fórma delicocephala, tão usada pelos antigos Aymarás da Bolivia, com falta unicamente do braço esquerdo e com a bocca semi-aberta, deixando vêr-se-lhe bem os oito incisivos e com alguma difficuldade os quatro caninos, todos perfeitos, com excepção, apenas, do primeiro incisivo da esquerda do maxillar inferior que, sem estar cariado, acha-se fendido bem ao centro, na

direcção de alto a baixo até um certo ponto, sem no entanto attingir a raiz, apresentando-se essa abertura com a fórma da letra U (1).

Ignoro completamente o fim para que foi feito tal córte, pois em absoluto não é elle natural, nem se podia explicar a perfeição do trabalho nelle verificado, sem artificio humano.

Talvez se possa pensar em assumpto de luxo ou ostentação, comparando-o com o que se pratica continuamente no norte do Brasil; refiro-me ao habito dos nossos sertanejos, principalmente no elemento feminino, de limar os dentes, dando-lhes uns, a fórma pontuda e, outros, a fórma bem quadrada, independente do que se praticou em quasi todo mundo, especialmente no Mexico e paizes da America Central com os discos de turqueza ou de ouro, e mesmo aqui entre nós, com algumas jovens, de extravagante criterio, que mandam pelos cirurgiões dentistas, num dos mesmos incisivos, engastar um diamante bem lapidado, para dar mais brilho ao seu riso.

Pura vaidade, mas perfeitamente perdoavel por ser uma manifestação do bello sexo, que soe ser o sexo fraco.

Continuando a tratar dessa mumia, tenho a dizer que a posição em que ella se acha muito difficulta affirmar-se se é de quem está sentado ou deitado, podendo ser encarada tanto de um modo como de outro, tal a fórma com que ficou.

Acha-se toda encolhida, a ponto de não se lhe notar a existencia do pescoço, porque a grande cabeça está como que immediatamente repousada em cima dos hombros.

Nessa posição conserva ella as pernas dobradas, quasi tocando com os joelhos as costellas, estando o braço direito estendido em direcção vertical e o respectivo antebraço no horizontal, da direita para a esquerda, passando logo por baixo do externo, tendo a mão um pouco curvada, como que para comprimir o estomago, pois o ventre emmurcheceu por tal fórma, que delle não se tem a menor noção.

O braço esquerdo foi decepado, logo abaixo da cabeça do humero e o pé direito está sobreposto ao esquerdo.

---

(1) O grande escriptor suéco Boman, residente ha muitos annos na Argentina, consultou-me sobre o córte d'esse dente, para a elle refirir-se na sua nóva obra anthropologica sobre a America do Sul.

MUSEU SIMOENS DA SILVA



DUAS MUMIAS — Mãe e Filha?

Chuquicamata. Bolivia



Finalmente, encolhida, como se acha, mede 0<sup>m</sup>,52 de altura e pesa 2.040 grammas.

São esses os característicos principaes dessa segunda mumia, que bem pôde ser filha da primeira, dadas as circumstancias isoladas do referido achado.

Uma cousa, porém, muito intriga o espirito do observador, que é o defeito physico da mesma.

Porque motivo se encontra essa mumia pequena com um braço de menos, vendo-se-lhe a ponta do humero de fóra, apparecendo descarnado e como que quebrado?

A que attribuir? Tantas pôdem ser as causas! Puro mysterio! E, como tal, envolto em densas trevas!

Tratando agora dos diversos utensilios de uso domestico que, com as mesmas, foram encontrados no dito enterramento, começarei dos maiores para os menores, afim de poder com mais segurança e methodo classificar-los.

Uma artistica taboa chata e quadrilatera, já meio gasta no centro, pelo uso que, naturalmente teve, com o cabo meio roliço, assemelha-se bastante ás actuaes taboas de cosinha, muito usadas no Brasil. Mede esse utensilio 0<sup>m</sup>,63 de comprimento por 0<sup>m</sup>,29 de largura, e 0<sup>m</sup>,2 de espessura, do qual o cabo mede 0<sup>m</sup>,20 de comprimento. Talvez uma taboa de offerendas.

Uma varinha com 0<sup>m</sup>,45 de comprimento, enfiada na competente rodinha de madeira, para fiar.

Uma vara mais grossa rombuda em um dos extremos e pontuda em outro e de 0<sup>m</sup>,44 de comprimento, para tecer, especie de lançadeira.

Fragmentos de flechas em varinhas finas, medindo a maior 0<sup>m</sup>,40 e a menor 0<sup>m</sup>,25 de comprimento.

Duas panellas ou cantaros pequenos de barro cosido, tendo uma, duas azas, medindo o bojo 0<sup>m</sup>,65 de circumferencia, com 0<sup>m</sup>,15 de profundidade e 0<sup>m</sup>,11 de diametro na bocca e sendo a outra mais rasa e em fórma de tijella medindo 0<sup>m</sup>,18 de diametro na bocca e 0<sup>m</sup>,07 de profundidade, tendo a base pequena, porém assentando bem no sólo.

Uma colher bastante tosca de pau, medindo o cabo 0<sup>m</sup>,21 de comprimento e a parte concava 0<sup>m</sup>,055 de diametro, com 0<sup>m</sup>,025 de profundidade.

Dois pequenos balaios (cestos), estreitando na base e alargando muitissimo na parte de cima, de palha, disposta em circumferencias, sobrepostas umas ás outras, da menor á maior gradativamente, como se fabricam os chepéos do mesmo material, estando amarradas ou presas umas ás outras por um tecido muito fino da mesma substancia, que fórma sobre elles, além de tudo, uma capa bastante original e artistica. O maior mede  $0^m,085$  de diametro na base e  $0^m,19$  na parte superior, com  $0^m,070$  de profundidade, e o menor mede  $0^m,060$  de diametro na parte inferior e  $0^m,15$  na parte superior e  $0^m,065$  de profundidade. Dentro do maior delles está mais de uma duzia de pequenas espigas de milho, em cujos alveolos não se acha mais um só grão, são puros sabugos.

Uma cuia de cabaça, com um córte semi-lunar, em uma das beiras e ornada de bello desenho de côr negra, onde se vêem zig-zags, linhas rectas, circumferencias, similes de serpentes, gregas etc., parece ter servido de copo ou taça.

Tres alparcatas de couro, provavelmente de llama, sendo uma grande e duas pequenas, afigurando-se ser a de maiores dimensões de uso da primeira mumia e o par pequeno da segunda.

Seis fragmentos de cordinha de canhamo, escuros uns e claros outros, regulando de  $3^m,00$  a  $0^m,53$  de comprimento, uma pelas outras, das quaes uma é preta e branca, com que ainda hoje, os Indios do altiplano boliviano peam as llamas ou amarram-lhes as cargas ao dorso.

Um ódre de couro, provavelmente de llama, em fórma de garrafa para transporte de chicha ou agua, de  $0^m,18$  de altura por  $0^m,15$  de circumferencia, com um fio de fibra vegetal em torno do gargalo ou bocca, para fechal-o, afim de ficar conservado o liquido no interior do mesmo.

Uma pequena vasilha de barro, em fórma de alguidar, medindo de diametro na bocca  $0^m,080$  e de profundidade  $0^m,02$ .

Uma outra menor ainda, tambem de barro com a fórma de cachimbo, tendo na bocca, que é oval,  $0^m,025$  de diametro no eixo maior e  $0^m,020$  no menor e  $0^m,023$  de profundidade.

Duas pontas de flecha, de pedra, sendo uma esplendida, medindo  $0^m,098$  de comprimento,  $0^m,065$  de largura, na parte central e mais larga, e  $0^m,001$  de espessura, sendo completamente achatada e de côr escura da rocha « Andesito » ; e a outra medindo  $0^m,045$

de comprimento por 0<sup>m</sup>,030 de largura e 0<sup>m</sup>,020 de espessura, avermelhada e abaulada, uma concreção silicosa.

Duas peças, iguaes uma a outra, de madeira bem tosca, para bocca de quadrupede, especie de freios, empregadas pelos « Ay-marás » e « Quichuas » para governar llamas, compostas de duas partes, cada uma de 0<sup>m</sup>,085 de comprimento, que se encontram, formando angulo recto, tendo nas respectivas extremidades a indispensavel saliencia com o competente vinco, para a devida adaptação da corda ou couro que as prendia.

Esses artefactos, bastante raros hoje, são encontrados nas collecções archeologicas de alguns museus; o que bem se póde observar no de La Plata, onde existem varios exemplares, todos bem conservados.

O Catalogo das Antiquidades da Provincia de Jujuy, desse museu á pag. 25 e a lamina ou gravura 3, os traz com a denominação de « Bocado ». São peças de nenhum valor intrinseco, porém, de real importancia ethnographica.

Dois pequenos artefactos de madeira, um com a fórmula de lançadeira de 0<sup>m</sup>,075 de comprimento, e outro representando uma peça de fiar de 0<sup>m</sup>,011, por compor-se de uma vareta, que está a sustentar, num dos seus extremos, uma especie de roda abaulada.

Finalmente, 67 contas de um valioso colar completam a série que venho enumerando, das preciosidades reaes que acompanhavam essas mumias.

Essa joia é formada de pedras preciosas em pequenos discos, mais ou menos abaulados, furados todos para a passagem do competente fio, com um cuidado e perfeição admiraveis, das quaes uma é grande com relação as demais, 12 médias e 54 pequenas. Das médias, uma tem a fórmula de um perfeito cylindro. São umas, malachitas e outras, turquezas.

Mais ou menos reconstituído hoje esse collar, cujas pedras foram encontradas em torno da mumia maior, está a adornar o peito da mesma, para melhor poder ser apreciado.

Uma outra mumia encontrada, como as acima descriptas, com seus utensilios domesticos e armas de caça e pesca, foi vendida a um dos museus ethnographicos da Europa, pela quantia de — quinze mil bolivianos, ou mil duzentas e cincoenta libras esterlinas ao cambio actual.

Pelo exposto, se comprehende bem o valor que teem essas mummies, mormente as descriptas, pelas circumstancias que reuñem.

Tratada, como ficou, a primeira parte da presente conferencia, quero dizer das mummies, hoje em dia tão difficeis de serem obtidas, quer na Bolivia, quer no Perú, quão apreciadas e procuradas vão sendo, pelos cultores mundiaes dos estudos ethnographicos e anthropologicos, passo a tratar do Lago Titicaca e do que existe nas suas duas celebres ilhas do Sol, da Lua e na peninsula denominada « Copacabana », que bem lembram o valor e a sumptuosidade que teve a civilização que construiu tantos monumentos, tudo hoje em ruinas.

Assim pois, seguindo a excursão scientifica em questão, direi que, de Tiahuanacu a Huaqui, ponto terminal este da grande estrada de ferro do paiz, a viagem é feita com rapidez em commodos carros, attendidos por pessoal solícito e respeitador.

Esse trajecto é pequeno, dando logo ensejo ao viajante alcançar o vapor do grandioso lago que, atracado ao referido porto, aguarda diariamente a hora de partida; o que se verifica em uns dias, directamente para o porto peruano denominado « Puno », no que, geralmente consome 12 horas, sendo a viagem feita a noite, e em outros, tocando, por escalas, em certos pontos do lago, até chegar ao de Puno, já referido, denominada esta viagem de « circumvolução » consumindo a mesma de dois a tres dias.

Nesses vapores, encontram os passageiros não só confortaveis beliches, como bem servida mesa.

Chegados que fomos ao porto boliviano acima, embarcamos no vapor *Javary*, tendo todos nós americanistas, por guia, o Exmo. Sr. marechal Pando, que foi de uma gentileza a toda prova para com qualquer dos seus companheiros de excursão.

Percorreu o vapor varios pontos desse magestoso lago, que se acha a 3.812 metros sobre o nivel do mar, o mais alto de toda a America.

Tem uma superficie de 5.100 kilometros quadrados, superficie em agua, abstrahindo as ilhas e promontorios, medindo 160 kilometros de extensão por 60 kilometros de largura nos pontos mais largos, de agua doce e bastante transparente, principalmente nos logares arredados nas margens.

E' quasi que totalmente circumdado por cordilheiras, de cumes, geralmente nevados, com profundidade em alguns pontos



superiores á 270 metros, e perdendo-se de vista em varios sitios as suas margens mais longinquas.

A cada momento gosa-se de agradaveis espectaculos, pois que o panorama vae mudando constantemente, quero dizer, a proporção que o vapor se movimenta.

As suas aguas calmas e luzentes aos raios solares, bem se casam com as neves resplandecentes das altaneiras serras, que de lá se vêem, como por exemplo: Huaina-Potosi, o Mururata, o Illampú ou Sorata e outras.

Uma cousa curiosa é a de não se congelarem as aguas do Titicaca, quando as de outros, em menor altitude, convertem-se facilmente a tal estado.

Balsas indigenas de fórmula semelhante as egypcias e de estylo o mais primitivo possivel, tão leves, que pesam menos que a agua, dahi nunca sossobrarem, supportando os mais formidaveis temporaes, são feitas da planta lacustre «Totorá», a que já me referi. Umas enormes e outras de dimensões diminutas transportam, de uma ás outras margens, mercadorias de toda especie, navegando umas, a remos e outras, a vela, constando a mesma de uma grande esteira pendurada a um mastro rustico e nada mais.

Grande numero dellas está occupado na pescaria dos peixes, que abundam nesse lago, como: o «Suche», o «Mauri», o «Pongo», e o «Carachá», muito apreciados pelos habitantes do logar.

O que mais se nota nessas balsas é o pittoresco apresentado pelas côres dos gorros e ponchos dos seus tripulantes, todos Indios, que muito gostam dos vivos matizes.

Esses dados estatisticos foram extrahidos da obra sobre: *Los Lagos de los Altiplanos de la America del Sud* pelo Dr. Neveu Lemaire, chefe da commissão encarregada para taes estudos pela Direcção Geral de Estatistica e Estudos Geographicos da Bolivia. Edição feita em La Paz, em 1909.

Quem faz a travessia directa da Bolivia ao Perú ou vice-versa nada gosa dos espectaculos referidos, pois a escuridão da noite tudo occulta, impedindo ao *touriste* a contemplação das belezas que offerece o verdadeiro mar em que viaja.

Ao sahir-se de Huaqui, segue-se em demanda da amplitude do lago pelo tal canal artificial, onde o navio marcha com calma, guardando distancias.

No largo, depois de passado o Azafranal, vê-se o Rio Desaguadero, escoadouro das aguas do Titicaca para o Lago Poopo.

Este pequeno lago tem as suas aguas salgadas, embora receba as do Titicaca, que são doces, conforme já declarei.

Esse rio limita, em um ponto dado, os dois paizes.

Em seguida surge a península de Taraco e a *Finca* de Santa Rosa do Exmo. Sr. Dr. Don Ismael Montes, ex-presidente da Republica da Bolivia.

Passada a Ilha de Taquiri, penetra-se no celebre Estreito de Tiquina, formado pelos povoados bolivianos S. Pedro e S. Paulo.

A cordilheira de Kimpsa-Chata, formada por algumas das citadas serras, e por outras de menor altitude, é vista amiudadamente, ora com um aspecto, ora com outro, segundo a posição em que ella vai ficando para o viajante, ou então pela acção forte dos raios solares sobre suas neves eternas ou, uma vez elles já occultos, pelo effeito do ambiente creado pelo crepusculo.

Geralmente as maiores ilhas do Titicaca conservam em suas superficies, quasi todas montanhosas, os celebres taboleiros, amparados com muros rasos de pedra secca, puros seixos rodados, que os primitivos habitantes, de civilizações já extinctas, faziam para as varias culturas, a que se prestam as mesmas, que são de grande fertilidade.

Attribuem uns cientistas á época dos Incas, e outros a de habitantes de tempo muito mais remoto, o que é certo, sim, é que essas montanhas insulares, apresentam-se todas trabalhadas por lavradores que, desde longas épocas, conheciam muitissimo o valor do terreno em socalcos de immediata successão, superior ou inferior, conforme se tome o ponto de partida deste ou daquelle taboleiro, chamado.

Como exemplo, cito o que já se póde ver aqui entre nós, na grande chacara de Pomicultura que pertenceu ao Sr. coronel Rodolpho de Abreu, em Barbacena, Estado de Minas Geraes, hoje de propriedade da União, onde o mesmo systema é observado, apenas, não amparados os bordos dos terrenos em taboleiros, por pedra agrupada, pois o illustre Pomicultor, a que me refiro, não viu no local necessidade para tal.

No Lago Titicaca, torna-se mister tal protecção, devido aos temporaes alli constantes, porque se não a houvesse, grande parte



BALSA INDIGENA, DE PALHA DE TOTÓRA  
Planta lacustre Boliviana



da terra dessas ilhas, com suas plantações, seria indiscutivelmente arrastada para o interior do mesmo.

Verifiquei numa *Finca* (fazenda) da Exma. esposa do marechal Pando, na Ilha do Sol, a uberdade do sólo e a diversidade de productos que a mesma produz, com especialidade em batatas de varias especies como: *Papa lisa*, *papa variada*, *óca* e *chuño*.

Teem varias côres e fórmãs essas especies, desde a branca até a rosa e desde a redonda até a bastante comprida, como se fôra uma pequena raiz de mandioca.

A ultima d'ellas só é consumida, depois de secca pelo frio. Obteem os Indios a fecula pisando-a dentro d'agua, como fazem os vinhateiros no norte de Portugal com a uva, deixando-a depois á geada e finalmente por momentos ao sol.

Produz tambem o milho, que ahi dá ha mais de 3.850 metros de altitude, quando no Perú e na propria Bolivia não mais produz acima de 3.500 metros, e bem assim favas, diferentes qualidades de trigo e a kinua, vegetal muitissimo nutritivo.

Causam a melhor das impressões essas ilhas com os seus terrenos assim conservados, parecendo ao longe, locaes perfeitamente destinados á presepes.

A maioria dos Indios que residem nessas ilhas e mesmo ás margens do lago, são denominados « Chulpas », vendo-se-lhes os ranchos, alguns rodeados de plantações, principalmente nos alludidos povoados de S. Pedro e S. Paulo.

O character dessa gente é docil e humilde, como se nota em muitas das tribus do paiz, exceptuados naturalmente os selvagens que vivem no norte e que ainda não se agremiaram á civilização.

Destes ainda ha algumas tribus, embora em pequeno numero, que vivem em puro cannibalismo.

Depois de navegar-se por varios outros pontos desse lago-mar, tão sereno nos momentos de calma, bem percebendo-se o quanto se acha isolado do mundo social e da vida normal, colhendo-se a mais formal impressão do que seja uma perfeita solidão, por demais propicia a poetas, chega-se ás ilhas do Sol e da Lua, uma quasi em frente á outra, e distante apenas meia hora de viagem a vapor, esta daquella.

Em tempo declaro, possuir esse lago 36 ilhas, entre grandes e de tamanho regular, além de grande numero de verdadeiras ilhotas.

## VISITA Á ILHA DO SOL

Esta ilha, também conhecida pelo nome de « Ilha de Titicaca » é a maior e, por isso, a mais importante do lago, com cerca de 10 kilometros de comprimento por 5 kilometros de largura, bem assim, é a mais elevada, pois é a que se apresenta com a maior altitude sobre o nivel das aguas do mesmo, ficando topographicamente a noroeste da peninsula de Copacabana.

E' ahí, segundo a lenda Quichua a que já me referi na conferencia passada, onde começou a civilização dos Incas, que por varios seculos dominou o alto e baixo Perú.

Começa esse periodo notavel, principalmente para o Perú, pelo casamento de Mama Ojlo, filha de um indio boliviano com o celebre Manco-Kapac, que se impoz como filho do sol e imperou como verdadeiro fundador da dynastia incaica.

O melhor acesso para essa ilha é pela bahia de « Challa », desembarcando-se na praia de igual nome.

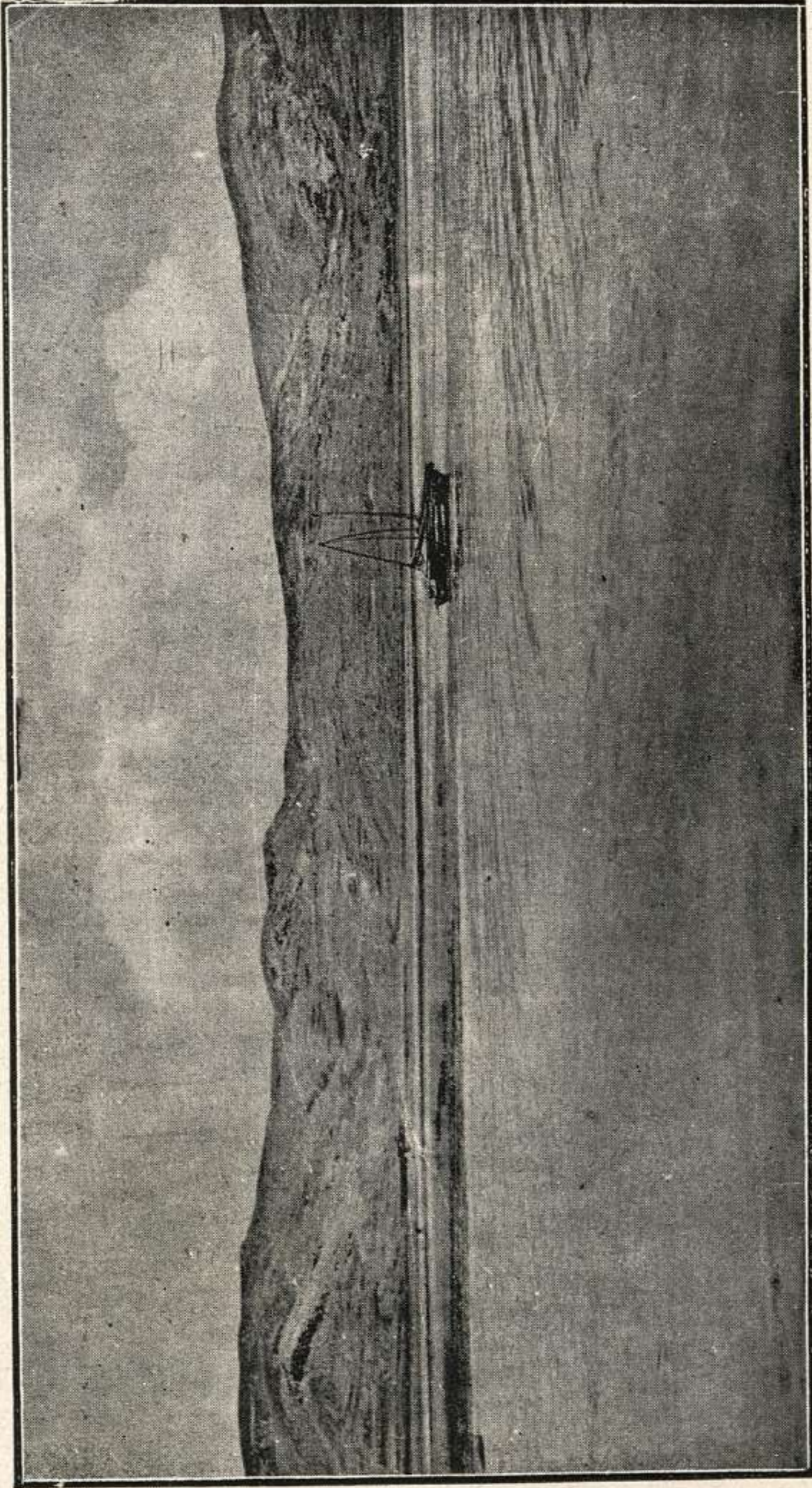
Nesta ilha estão varias ruinas de monumentos pre-historicos, dignas todas de accurado estudo e, por signal, mais bem conservadas que as de Tiahuanacu, pela cathegoria do logar em que se acham.

Galgada a praia, chega-se a uma Fazenda, habitada, na maioria, por Indios, que entregam-se com ardor ás creações de bois, jumentos, porcos e gallinhas e, bem assim, á cultura de certos cereaes e legumes, pois, esta e as demais ilhas, são, como já declarei, bastante ferteis.

Subindo-se por uma pequena ladeira, chega-se ao chamado « Jardim del Inca », com regos conductores d'agua para irrigação continua, tudo feito com pedras lavradas, canteiros cheios de flôres e de arvores, rodeados artisticamente com as mesmas pedras, e com uma mesa grande e bancos, tudo de pedra, num dos seus quatro angulos, notando-se ser esse ultimo arranjo, moderno.

Os rasos muros, ou pequenas paredes de pedra secca, sustentando os socalcos ou taboleiros, já referidos, existem alli em grande quantidade, o mesmo que se verifica em quasi todas as demais ilhas.

Tambem os seus banheiros de grandes lages, hoje completamente desprezados e entulhados com pedra e barro, ainda são



LAGO TITICACA — Margens Bolivianas

Cliché de Polack.

1111 6 1201

1111 6 1201



bem apreciados nesse grande terreno todo aproveitado, chamado de jardim.

Dahi, caminhando-se, sempre em rampa ascendente, chega-se ao Templo do Sol, que, segundo Posnansky, mede no seu interior 39<sup>m</sup>,00 de comprimento, por 8<sup>m</sup>,70 de largura. Desse edificio apenas restam actualmente as quatro paredes de dois metros de altura, mais ou menos, contendo pela parte interna varios nichos, necessariamente para santos ou idolos.

Nesse templo, rendiam os Incas grande culto ao Sol, da mesma fórma que o praticavam no outro, talvez mais solemne, existente na cidade de Cuzco, no Perú.

A casa de Mama Ojlo, um pouco adiante do Templo do Sol, tem, segundo o mesmo escriptor, 18<sup>m</sup>,30 de comprimento, sobre 8<sup>m</sup>,30 de largura, com um pateo bem amplo e com taes paredes que, embora em ruinas, ainda bem deixam ver a importancia do edificio.

Caminhando para frente, encontra-se a celebre pedra chamada « Inticayo », que tem gravados dois grandes pés, duas colossaes passadas em direcção ao poente, uma dessas marcas aprofundadas na lage tem quatro palmos e meio de comprimento e a outra cinco palmos, os medi eu proprio, para evitar duvidas sobre o tamanho que tem os *pés do Sol*, pois a lenda local diz: « que o sol baixou um dia e passou por alli, deixando a marca dos seus pés na rocha. »

De facto, a forma é de pés humanos, tendo a contornal-os uma linha vermelho-escura como que queimada, mas tudo natural e não passa de depressões da rocha, que possuindo no logar oxydo de ferro em abundancia, coincidentalmente ficou com a parte mais impregnada deste elemento em relevo, produzindo as duas citadas figuras, que tanto teem impressionado os habitantes do logar.

Vem depois, bem no alto da montanha insular, a pedra, denominada « Titikala » ou pedra do « Gato Montez », que tem, em um ponto dado, umas reentrancias que, vistas com boa vontade, apresentam tal semelhança legendaria, ouvindo o *touriste* a cada instante, ao della approximar-se, o seguinte: Alli está a cabeça do gato, diz um, outro, aponta para o centro da mesma e diz: não vê um dos olhos ? em seguida, dizem varios, o que se vê bem são as quatro patas, e alli estão ellas.

De modo que não é mais necessario ao *touriste* perguntar: « onde está o gato? », porque de tão perfeito e visível, só falta miar ou então, attonito com tanta devassa, fugir do local em que, fiel e humilde ás tradições, tem permanecido até agora

Passada essa pedra, encontram-se as grandes ruínas do Labyrintho, chamado, ou « Chinkana » Palacio das Donzellas, que se dedicavam ao culto do Sol.

Esse palacio, com quasi todas as paredes de pé, o Templo do Sol e o palacio de Mama Ojlo não são de pedra polida como os de Tihuanacu, já descriptos, e sim de pedra bruta e argamassa de barro e palha, uma especie de adobe.

Esse Labyrintho, que vae do alto do morro até a praia, está construido pela encosta abaixo.

Uma immensidade de paredes divisorias, portas de differentes alturas, estreitas em cima e largas em baixo, dão entrada aos varios e multiplos compartimentos do grande palacio.

Recorda-me bem que, para conhecer um desses quartos, cuja área é de  $4^m,00 \times 3^m,00$ , mais ou menos, entrei por uma porta de  $1^m,50$  de altura, por  $0^m,60$  de largura, para o que foi necessario abaixar-me um pouco, vendo eu ahi tres nichos, cavados nas paredes, o mesmo que frequentemente se encontra em outros dos demais compartimentos desse edificio, que mesmo hoje, completamente a descoberto, como se acha, póde bem ser chamado de labyrintho, pois uma vez no seu interior é difficil encontrar-se de prompto uma sahida.

Dentre as pedras lavradas que se encontram esparsas ainda pela ilha existe uma, de dimensões não pequenas, que está na tal Fazenda, logo a entrada, pela praia de « Challa », que parece um perfeito bebedouro para aves, porém, segundo a lenda alli corrente, é a vasilha, onde diariamente depositavam os Incas a chicha para o sol beber.

Tem essa peça monolithica bastante pesada, a cavidade precisa, perfeitamente bem talhada, para conter muitas dezenas de litros de substancia liquida.

Está tambem visto que o que creou essa lenda foi o facto da evaporação da materia liquida sob a causticante acção dos raios do astro rei; pois que depositada ao alvorecer, em vasilhas, de todo impermeaveis, necessariamente estava grandemente diminuida ou extincta por completo ao anoitecer.

Nestas circumstancias, estava sobejamente satisfeita a superstição de que o Sol se havia utilizado da chicha, bebendo-a toda, ou em sua maior parte, por conseguinte, accitando a offenda que lhe havia sido feita.

Essa bebida, muito usada pelos Indios dos paizes sul-americanos do Pacifico, é feita, geralmente, de milho, e servida sempre depois de fermentada; sendo a de uns, muito mais forte que a de outros, dependendo isso apenas do modo da sua fabricação.

Ao deixarmos essa Fazenda vi, nas mãos da esposa do respectivo administrador, uma preciosa peça, toda de ouro, constante de uma pequena llama, infelizmente fragmentada em tres partes, que era conservada por essa senhora com todo o cuidado, pois tinha sido extrahida do sub-sólo da ilha, nas proximidades do Templo do Sol, e da casa de Mama Ojillo, pelos Indios, aos serviços dessa propriedade agricola, por ocasião da colheita de batatas.

E' esse objecto verdadeiramente uma peça artistica de primeira ordem, e hoje rarissima, com grande valor para os museus dos paizes do velho mundo.

No outro lado da ilha, está um outro « Jardim del Inca », onde existe uma esplendida parede de pedra polygonal, cheia de nichos, de época inteiramente diversa da dos palacios ha pouco referidos, de cuja construcção hei de occupar-me quando tratar do monumento a esse semelhante, que se acha na Ilha da Lua, em melhores condições de conservação.

Por uma enorme escada, hoje arruinada e desalinhada, toda de pedras lavradas, com base nesse chamado jardim, se attinge a uma fonte, no alto da ilha, denominada « Pila del Inca » donde a agua jorra abundante por tres boccas ou furos.

Essa fonte que é feita tambem da tal pedra polygonal, ainda está mais ou menos conservada.

Finalmente, desse monumento, andando-se cerca de meia hora, por cima dos lombos dos morros chega-se ao « Palacio del Inca » denominado de « Pilko-Kayna » ou Descanso do Lindo Passaro — o qual está num dos pontos mais elevados da ilha e devassando quasi que todo o lago.

Como ponto estrategico, encontrei-o admiravel.

Durante toda a minha viagem pela Bolivia e pelo Perú, foi esse o unico edificio dos tempos idos, que vi ainda com tecto.

Mesmo assim, o referido tecto, mais ou menos abobadado,

cobre apenas os aposentos do andar terreo ou inferior, servindo de chão aos do andar superior, que estão todos a descoberto, protegidos exclusivamente por galhos de arvores que, com moitas de matto, cercam essas ruinas.

São pessimas, na mais lata accepção da palavra, as condições hygienicas dos compartimentos desse palacio, alguns dos quaes completamente sem ar e sem luz, parecem mais uns cubiculos das antigas penitenciarias, do que uns aposentos do Palacio do Descanso do Lindo Passaro.

Em um dos cinco quartos, por mim visitados, vi um pequeno furo, quadrado, existente em uma das grossas paredes de pedra, pelo qual se gosa amplamente da vista do lago.

A não ser pela porta, sómente por esse orificio é que teem entrada nesse aposento, o ar e a luz.

O que de importante se verifica, é que esse edificio construido naquelle ponto, completamente escarpado, de difficilimo accesso, pela bahia a que defronta, denominada « Yampupata », está a cavalleiro a todo movimento do lago e mirando os demais pontos da ilha desde grandes distancias, tendo por isso vantagens sobre os que a ella se dirigem.

As portas desse palacio são tambem estreitas na parte superior e largas na inferior.

Nessa ilha e na da Lua, os Indios, que as habitam, recebem os visitantes com carinho e satisfação, tratando-os de Tá-tá, Tá-tá, Pae-pae e abraçando-lhes as pernas.

E' essa uma prova patente de que o Indio sul-americano tem, como qualidade nata, o dom da hospitalidade.

Geralmente, andam chefiados pelo seu respectivo cacique, que, como bastão de commando, traz uma forte bengala de coqueiro, especie do nosso Iri, enfeitado de anneis largos de prata lavrada, e encimada por uma corôa qualquer, rematada por uma cruzeta no topo.

O principal cacique da Ilha do Sol, que com sua gente, umas quarenta pessoas de ambos os sexos, presta serviços á *Finca* da Exma. Esposa do general Pando, tinha no seu sceptro, gravado em grosso anel do referido metal, em fórmula de grinalda, o seguinte: « Dionisio Chipana. Copacabana. Marzo, 15 de 1909 », nome do dono, lugar d'onde procedia o bastão e a época em que foi o mesmo concluido.

## VISITA Á ILHA DA LUA

A sudoeste da Ilha do Sol, está a Ilha da Lua ou de Coati, com tres kilometros de extensão, de fôrma arredondada e um tanto abaulada.

São notaveis nesta ilha, uma linda parede de pedras polygonaes juxtapostas e o Palacio Iñakuyu, de differente construcção.

Essa parede é uma verdadeira maravilha, feita de pedras polygonaes polidas, de aresta perfeitamente bem definidas e juxtapostas umas ás outras, sem emprego de cimento ou de qualquer argamassa.

Tão perfeita é a junccão das mesmas, que não se consegue introduzir um alfinete ou agulha entre ellas.

Quanto ao edificio Iñakuyu, ou Palacio das Virgens, que se dedicavam a adoração da Lua, por isso chamado tambem Templo de las Ñustas, ainda demonstram as suas ruinas, o que foi o mesmo, a sua importancia e o seu tamanho.

Esse palacio fica no alto, para o que é necessario ao visitante subir oito taboleiros ou socalcos, todos sustentados por paredões de pedra, sendo de admirar o bom nivelamento, que ainda hoje conservam todos elles.

As ruinas desse palacio, vistas de longe, afiguram-se muitissimo as de um castello, que alli houvesse existido em tempos idos.

Segundo a obra « Monumentos Pre-historicos de Tiahuanacu, homenagem ao XVII Congresso de Americanistas », editado em La Paz no anno de 1910, o recinto desse templo mede 55<sup>m</sup>,60 de comprimento por 24<sup>m</sup>,00 de largura e está a 23 metros de altura sobre as aguas desse lago.

Nas paredes desse monumento, pelo lado interno, existem varios e esplendidos nichos, terminando na parte de cima em verdadeiras cruces.

No recinto, por ellas formado, realizavam as virgens, que alli habitavam, segundo a tradição islenha, bailados sacros e mais actos de adoração á Lua.

Grandes vãos ha nessas grossas paredes, medindo mais de tres metros de alto por quatro metros de largura, onde naturalmente existiram altares, pois que essas cavidades vão dahi para o interior, diminuindo gradativamente de dimensões, até terem

apenas os rasgos utilizados para portas um metro de largura por 1<sup>m</sup>,80 de altura.

No alto de cada uma das portas, que são em numero superior a 15, ha uns córtes nas paredes, formando uma perfeita cruz, cujo rasgo pelos mesmos formado deixa ver compartimentos internos, hoje impenetraveis, pelo estado de ruinas em que jazem.

Esse palacio não é de pedra polygonal, logo de construcção e época diversas da parede acima citada.

O clima é ameno tanto nesta, como em qualquer das outras ilhas, devido ás condições locais e á altitude em que ellas se acham, produzindo quasi todas varias especies de cereaes, legumes, flôres e arvores, com especialidade o Eucalyptus.

Uma cousa que chama logo a attenção do visitante dessas ilhas é a accumulacão de interessantes seixos rodados, que constituem o cascalho das respectivas praias; sendo, com especial menção os da Ilha da Lua, de côres muito variadas, devido ao effeito produzido pelos raios de differentes tons vivos e fortes num fundo morto e monotono como soe ser o cinzento bastante desmaiado, constante de todos elles.

#### VISITA Á COPACABANA

E' a península de Copacabana a mais importante da Bolivia no Lago Titicaca; não só pelas obras pre-historicas e coloniaes hespanholas lá existentes, senão pela sua operosa população e pelo proprio sólo, em grande parte occupado com varias e productivas culturas.

Essa península com a de Achacachi, uma terminando em frente á outra, formam o celebre Estreito de Tiquina, que divide o Lago Titicaca em dous, separando-se nesse sitio o lago pequeno do grande, que pelo mesmo estreito se communicam.

Quem aporta a esse pittoresco logar sente algo de extraordinario pelo seu tom verdadeiramente poetico e, mais ainda, quando succede, como se verificou com quem trata da presente excursão que teve ensejo de apreciar a vinda dos Indios incorporados, a receber o vapor que chegava.

Geralmente alli saltam os *touristes* para conhecer o que de importante existe naquella península e, ao encontro dos mesmos,

dirigem-se os Naturaes do logar, por mera curiosidade ou para fins commerciaes.

Esses Indios, que nada mais são, em sua essencia, que puros « Quichuas » em numero, ás vezes, superior a 100 individuos, apresentam-se vestidos com seus originaes costumes, sobresahindo delles os dançarinos, com gorros de lã, de abrigo ás orelhas e de fórma afunilada, bem ajustados á cabeça; cabeções ou couraças de pelle de tigre ou onça, collocados sobre os hombros em toda sua largura e amarrados justos á cintura, protegendo-lhes o peito e as costas; saias brancas de tecido fino, cheias de pregas, de alto abaixo e de grande roda, presas á cintura e cahindo-lhes até aos calcanhares, para, nas suas danças, abrindo em circumferencia, deixarem ver-se-lhes as calças escuras que trazem por baixo e, finalmente, completamente descalços, muito impressionam aos visitantes dessa bella paragem.

Nas grandes solemnidades, trazem sobre o gorro pontudo, já referido, um grande capacete, de todo esdruxulo, e muito enfeitado com longas pennas.

Os demais Indios estão, como em todo territorio boliviano, e conforme já descrevi, tratando dos habitos de La Paz, vestidos com as côres mais extravagantes possiveis, que muito gritam pelo vivo do colorido.

Recebem esses pobres habitantes os hospedes do paiz, com canticos e musicas, estas, porém, de caracter rustico, por isso, com um ou outro som de vibração aguda e forte, traduzindo qualquer cousa de antigas praticas barbaras, sem, no entretanto deixarem de manter a indispensavel harmonia e a rigorosa observancia dos seus differentes tempos, ordinariamente em *allegro vivace*.

Não menos de duas bem organizadas bandas, dessa cathegoria tive occasião de apreciar na visita que fiz a Copacabana, em companhia dos collegas americanistas e do Exmo. Sr. marechal Don Manoel Pando.

Dessas bandas, uma, a das danças, era constituida por um grande tambor, especie de bombo e varias flautas de bambú de sete tubos cada uma, correspondente aos tons de uma oitava, as quaes são por elles appellidadas de « Zampoñas » e a outra, que era ainda maior, formada de Indios e de um ou outro Mestiço, compunha-se sómente das taes Zampoñas.

A primeira dessas bandas era mais original, pois as suas musicas eram mais extravagantes e ruidosas, de perfeito accôrdo com o character rustico que lhes é peculiar.

A segunda, porém, era, relativamente a tudo, esplendida, a ponto de me deixar rodear pelos seus executantes na praça principal do logar, em frente ao convento de S. Francisco e, com satisfação e enthusiasmo, ouvir varias de suas peças, algumas das quaes dignas de serem transportadas para qualquer banda de musica dos centros civilizados mundiaes, por exemplo « New York », taes: a belleza de concepção, harmonia de sons e verdadeira manifestação de alegria e venhemencia que o conjuncto apresentava.

Cada um dos musicos é digno da maior observação no momento em que, excessivamente possuido, executa, com os demais, as respectivas peças, dando todo effeito ás mesmas, demonstrando o delirio de que está absorto, e o fanatismo porque se deixou arrebatado.

Tocam as suas celebres Zampoñas com uma maestria invejavel, quasi que constantemente a dançar sempre no mesmo ponto em que se acham, para, com o movimento do corpo, auxiliar o compasso da musica e produzir mais facilmente a animação que o rythmo requer e que, de facto, admiravelmente a sabem dar.

Ha compassos tão breves e rapidos, que qualquer artista, qualquer civilizado, teria bastante difficuldade para vencel-os e, no emtanto, os analphabetos, esses ingenuos e rudes Indios, os executam magistralmente.

Estava como que fascinado pelas exquisitas e originaes peças que apreciava, desejando continuar a ouvil-as ainda por mais tempo, conhecendo o maior numero dellas, quando fui dalli chamado, com urgencia, por dois dos illustres companheiros de viagem, para proseguimento da excursão, afim de visitar as ruinas pre-historicas existentes nessa peninsula.

Dessa praça, que é muito ampla, mesmo de exaggeradas dimensões, com edificações de pouca importancia fechando-a por tres dos seus flancos, estando o quarto ou o ultimo delles occupado em toda extensão pelo Convento de S. Francisco, dirige-se o visitante mais para o interior da villa, onde demoram as ruinas, cujos grupos mais importantes acham-se bastante afastados uns dos outros.



Dessas ruínas as principaes são as do chamado « Tribunal del Inca » formadas por grandes lages, cujas bases, segundo o que parece, e pelo que dizem os habitantes locais, estão soterradas a grande profundidade.

Dessas pedras, uma, a menor, tem um só assento, cortado exactamente como os de Puma-Punko, proximo a Tiahuanacu.

A outra, a de grande cubação, tem seis assentos, dos ha pouco citados, no lado da frente, talhados precisamente na sua parte mais alta e dois outros, bastante rasos e largos, do mesmo lado tambem, porém muito mais abaixo, variando o córte na pedra, que estes ultimos apresentam, de 0<sup>m</sup>,10 a 0<sup>m</sup>,30 de altura, unicamente.

Acreditam alguns scientists, terem servido, a primeira dessas pedras, a menor por conseguinte, para tribuna do defensor e a segunda, a grande, para os demais membros do tribunal, com os tradicionaes bancos dos réos, abaixo.

Não trato do que podiam ter sido esses bancos ou assentos, não quero, não devo, nem posso aqui figurar hypotheses a respeito, o que digo sim, é que estão elles perfeitamente bem feitos, muito bem nivelados, e ser a pedra, como as demais já referidas, de formação vulcanica.

Outras ruínas, em grupos distinctos, ainda por alli existem, mas de menor importancia que as acima referidas e de difficil accesso, mormente a quem pouco tempo de estada podia ter no lugar, devido ao itinerario da viagem em execução.

A volta dessas ruínas foi effectuada por terreiros de pequena lavoura de propriedade de Indios, passando todos nós junto a pequenos curraes, dos quaes o gado já estava sendo recolhido e á choupanas cobertas de palha ou com tecto de torta (xadrez de varas de taquara e terra pastosa por cima), especie de nosso barro amassado.

Uma vez de novo na praça principal, donde havíamos sahido momentos antes, fomos visitar o celebre Convento de S. Francisco, obra de gigantescas dimensões, para a edificação local e que data dos tempos coloniaes hespanhóes, onde se acha o muito venerado sanctuario da milagrosa Virgem da Candelaria.

Quem for a Copacabana e não visitar o sanctuario de « La Virgen de la Candelaria », tem, de certo, commettido uma grande

falta para com os habitantes locais, e até, para consigo mesmo; o que declaro, pelo que allí tive occasião de observar.

A quem não for catholico, portanto, a quem não interessar o culto mantido nesse legendario sanctuario, uma cousa, por certo, attrahirá a sua attenção e lhe causará pasmo, ao ter occasião de enfrontal-a.

Refiro-me as reliquias da Virgem.

Dessas, que são em grande numero, duas principalmente muito prendem a attenção do visitante, refiro-me aos dous enormes rubis lapidados que ella possui; um, de fórma quadrilatera, de mais de uma pollegada de comprimento por um pouco menos de largura, preso á cintura como fivela da faixa, que lhe amarra as vestes, e outro, fusiforme, fingindo a chamma de uma vela, engastado no extremo superior da tocha de filigrana de prata, que, como sceptro, tem essa imagem segura em sua mão direita.

Têm essas pedras preciosas alto valor, não só pela sua grande belleza, como pelo tamanho que possuem.

Dessa santa, são disseminados por toda Bolivia, relicarios de prata e madreperola, em fórma de medalhinhas, revestidas de vidro em ambas as faces, com a imagem da virgem pintada, em um dos lados, e varios outros symbolos no outro.

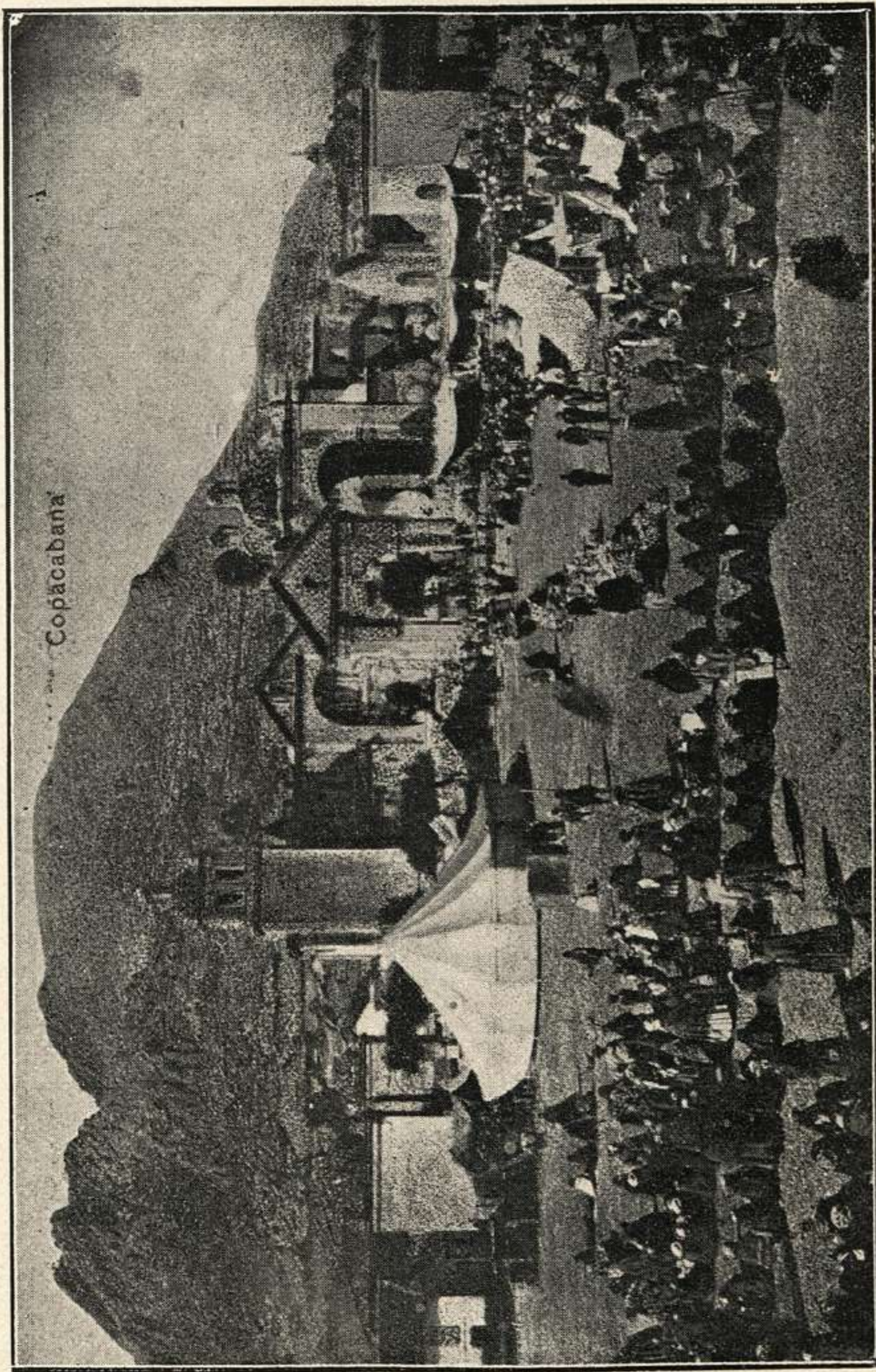
São recebidos e guardados, pelo povo boliviano, com todo o respeito e devoção, taes relicarios, devido aos grandes milagres que são attribuidos a essa santa.

E para prova do quanto é ella nesse paiz venerada, cito o seguinte facto:

Ao sahir de La Paz, fui obsequiado pelo Exma. viuva do saudoso Don Federico Diez de Medina, com um desses mimos, de familia, que, como recordação do lugar, me offerecia essa veneranda senhora, o qual pertence hoje á minha modesta collecção de joias antigas.

O temor por essa Virgem é extraordinario, a ponto de ter sido prohibido recentemente pela curia boliviana, continuar a ser levada a respectiva imagem em procissão pelos arredores do templo, por estar verificado, como é voz geral em Copacabana, não poder ella sahir do altar em que se acha, sob pena de occasionar tremendos cataclysmo.

Dizem allí que, por todas as vezes, com especialidade as tres ultimas, em que, seguidamente se verificou a sahida dessa imagem



CONVENTO DE SAN FRANCISCO — Santuario da Virgem da Candelaria. Praça principal da Península de Copacabana. Margens do Titicaca. Bolívia

Cliché de Polack.



do seu nicho, as aguas do Lago Titicaca, que são por ella veladas sempre do seu alto throno, se revoltaram por tal fórma que, occasionando temporaes medonhos, fizeram sossobrar varias embarcações, determinando desgraças pessoas; *o que dou pelo preço por que comprei.*

Como as nossas romarias: da Penha, aqui, no Rio de Janeiro, de Congonhas do Campo, em Minas, da Aparecida, em S. Paulo, do Bomfim, na Bahia, de Nazareth, no Pará, etc., teem tambem os bolivianos a sua, da virgem da Candelaria, que principia no dia 5 de agosto, annualmente, mantendo-se durante alguns dias essa tradicional festa, que já é celebrada ha varios seculos.

Segundo se *infere* das differentes offerendas expostas na sacristia, como tributo das promessas cumpridas e, do que produz a salva, deve ser imponente essa romaria, pois que veem devotos não só do proprio continente boliviano, como tambem do Perú, do Chile, da Argentina e, até de mais longe, cumprir suas promessas, depositando aos pés da Virgem as suas offerendas.

Esse sanctuario está collocado nos altos do Convento de São Francisco, que é todo revestido externamente de azulejos de côr.

O templo, porém, que guarda as reliquias desse santo, de extensa nave possui varios altares, cada qual mais rico, bom pulpito e côro mais que regular.

A' sua entrada, no principio do adro, ha um zimborio, sustido por fortes e altas columnas de material pintado á côres differentes.

Por baixo do mesmo existem tres cruzes, muito altas e de um só bloco cada uma, sendo a do centro, além de maior, muito mais trabalhada, representando ella só, muito valor, devido aos seus tamanho e labor, e mais ainda, não ser a pedra, de que é feita, propria do logar.

A' sahida desse sanctuario, continuamos a observar e apreciar os Indios, que não cessavam de festejar-nos como hospedes, que eramos, do logar.

Em Copacabana são encontrados tambem, no sub-sólo, em superficiaes escavações geralmente feitas pelos Indios para suas lavouras, para suas edificações ou para estacadas de curraes, etc., artefactos de ouro, prata e bronze e de ceramica, dos primitivos habitantes, cuja civilização foi adeantadissima, como relatei, quando tratei de Tiahuanacú.

Desse impressionante local trouxe, por carinhosa dádiva a mim feita pelo Exmo. marechal Pando, nosso nobre ciceroni nessa zona da viagem em questão, uma rara *liclla* de côr negra, manta de uso feminino, tecida pelos Indios dalli, com lã de Alpaca, o que hoje já é considerado como objecto escasso, nessa região.

Nesse assumpto, «tecidos indigenas», se póde fazer, ainda hoje, no interior da Bolivia, um bom numero de preciosas collecções e muito se escrever sobre os seus desenhos, e significação dos mesmos.

Do embarcadouro de Copacabana, seguimos á tardinha, em demanda do porto de Puno, no Perú, onde chegamos na manhã seguinte, ao alvorecer.

Em viagem desse ultimo porto boliviano para o peruano, supra citado, experimentamos, com coragem e bastante calma, um dos taes temporaes do lago, que confesso foi tremendo.

Eram precisamente nove horas da noite quando começava a soprar uma brisa forte e bastante fria, imprimindo ás aguas, ha pouco calmas, do mar de rosas em que viajavamos, movimentos desencontrados, que obrigavam, cada vez mais, a fortes balanços o nosso bom *Javary* que até alli havia tido exemplar comportamento para comnosco.

A conselho do immediato de bordo, que disse acharmo-nos no celebre «Pampa de Ingavi», local de grande profundidade, recolhi-me ao camarote e tratei logo de encostar-me, afim de evitar pessimos momentos que, outros por não obedecerem a essa indicação, os supportaram com desagradaveis resultados.

Grandes ondas, algumas das quaes pareciam querer cobrir o vapor, levantavam-se amiudadamente, vindo uma ou outra arrebentar no costado da nossa veloz embarcação.

Os rangidos de varias peças de bordo constituíam monotona musica, cujo canto era formado pelos gritos de commando, que em nada harmonizava-se com o rude acompanhamento.

Malas, bengalas e pequenos objectos que se achavam sobre as camas, bancos e lavatorios dos camarotes, rolavão ao chão, permanecendo no constante vae-vem até serem apanhados e escorados.

O forte, digo eu, *Javary*, balançava a valer, de prôa a pôpa e de bombordo e estibordo, supportando heroicamente ambos os movimentos.

Cerca de duas horas da madrugada, estavam, de novo, calmas

as aguas desse lago encantado e o vapor, já navegando fóra do tal ponto de impressionantes recordações para todos nós, dirigia-se com todo vagar para a margem peruana, afim de só atracar na grande ponte do porto de Puno, protegido pelos alvores da manhã.

Com effeito, assim procedeu, encaminhando-se pelo canal que vae dar a tal ponte e atracando a ella com a maior facilidade, sem determinar o menor choque para os seus passageiros.

Lateralmente a essa ponte, ha uma corôa de terra esbranquiçada, como se fóra um cabo, com alguma vegetação lacustre, que avança pelo lago, servindo aos donos das balsas, de porto natural, aos pescadores para entrada ou sahida immediata no lago e aos commerciantes de pequena escala, para o embarque e desembarque de cereaes, mineraes e animaes.

Antes de desembarcar tive occasião de ver o embarque de algumas llamas, realizado em grandes balsas nesse alludido espraçado, que foi feito com toda facilidade e bastante ordem, provando assim estarem a isso bem habituados, tantos os Indios como os seus predilectos animaes de carga.

Apreciando mais, algumas aves aquaticas que cruzavam os ares ou pousavam no terreno arenoso do supposto cabo, quando não se deixavam balouçar pelo suave ondular das aguas lacustres, em que tambem se mantinham, mais ou menos paradas, ouvi o silvo da locomotiva a vapor, que nos trazia o respectivo comboio, cuja silhueta foi em seguida, pouco a pouco desenhando-se as nossas vistas, até permittir-nos ver todo trem especial, que investiu finalmente pela propria ponte, onde estavamos atracados, ficando alli disposto parallelamente ao *Javary*, o qual, finalmente, com saudades, foi por nós deixado, afim de, naquelle novo meio de conducção, seguirmos para Cuzco, onde continuamos os nossos estudos das civilizações pre-historicas.

Ao terminar a presente conferencia, fecho da série annunciada, felicito-me por haver podido cumprir a promessa que fiz a nobre Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, a qual tenho a honra de pertencer, de, em sua séde, produzir tres conferencias sobre a viagem ethnogeographica que fiz recentemente pelos paizes sul-americanos, agradecendo profundamente ao selecto auditorio a honra que me conferiu com a sua presença neste recinto.

---

---

## POÇOS DE CALDAS EM 1911

Por Noronha Santos

Da antiga e extensa sesmaria dos Costa Junqueira, só a tradição guarda hoje carinhosamente as noticias das suas lendas.

O antigo arraial desapareceu para dar lugar á linda e pittoresca villa de Poços de Caldas, uma das mais progressivas e cultas do sul de Minas. O renome do velho arraial vem da existencia das aguas thermo-sulphurosas, cujo descobrimento se deu, segundo o illustrado Dr. Pedro Sanches de Lemos, em 1786, quando governador da capitania das Minas Geraes Luiz da Cunha Menezes, que daquella opulenta riqueza foi sabedor, em Villa Rica, por communicação do commandante João Almeida da Fonseca.

Em 1820 o governador José Bento da Cunha Figueiredo mandou examinar por pessoas doutas as famosas aguas sulphurosas, mas bem rudimentares foram as analyses procedidas.

Muito mais tarde o conselheiro Joaquim Floriano de Godoy, que foi senador do Imperio e presidente da provincia de Minas Geraes, tendo noticia dos thesouros que alli se encontravam, tomou a iniciativa de mandar desapropriar o terreno necessario para o povoado que se pretendia erguer e cujo desenvolvimento foi bem accentuado desde logo com a edificação de alguns casebres para moradia.

Este não será, certamente, um dos maiores marcos da grandeza de Poços de Caldas, mas dahi emanou toda a vida da florescente villa num dos valles da serra de Caldas.

A lei provincial n. 2.085, de 24 de dezembro de 1874, concedeu-lhe o titulo de districto, sob a invocação de Nossa Senhora da Saude das Aguas de Caldas, ficando annexado a S. José dos Barreiros, de que se desmembrou pela lei n. 2.542, de 6 de



dezembro de 1879, e que elevou o modesto arraial a freguezia, pertencente ao municipio de Caldas.

Com a offerta do terreno para o patrimonio do povoado e feita pelo major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira e sua familia, em 1872, tratou-se, em 1874, da demarcação de lotes, disso se incumbindo o engenheiro Henrique Honorio Soares do Couto.

Data de 1890 a elevação de Poços de Caldas á villa e municipio, sem fôro proprio, quando governador provisorio de Minas Geraes o pranteado Dr. João Pinheiro da Silva. Sua installação é de 30 de maio daquelle anno, e a solemnidade de posse da primeira Camara Municipal teve logar no sobrado de residencia de Francisco Joaquim Pinto, então de propriedade de D. Anna Flausina da Costa. Os intendentes foram nomeados por acto de 19 do mesmo mez e anno e recahiu a escolha nos Srs. coronel Agostinho José da Costa Junqueira, presidente ; capitão Manoel José da Costa Junqueira, Aureliano de Campos Camargo e Antonio Ferreira Rodrigues.

O municipio de Poços de Caldas, hoje subordinado a um prefeito, da livre escolha do governo do Estado de Minas, tem a superficie de 17 leguas quadradas; está situado ao sudoeste do grande Estado, limitando-se com Caldas, séde da comarca do mesmo nome, Campestre e S. José dos Botelhos, em Minas ; e Caconde Sapecado e S. João da Boa Vista, onde fica a estação de Cascavel, em S. Paulo, inicio do ramal de Caldas (com 76 kilometros de extensão), da Companhia Mogyana de Estradas de Ferro.

A potamographia de Poços de Caldas é representada pelo ribeirão de Poços, que corre sinuoso, atravessando muito proximo as fontes thermaes, sob um passadiço o terreno do hotel da empresa, da Companhia Thermal de Poços de Caldas. Ha além desse ribeirão o da Serra e o do Meio, tributarios do de Poços. O ribeirão de Poços nasce na serra, a cerca de duas leguas e meia da villa e vai juntar suas crystallinas aguas com o rio das Antas. Todos esses rios como os demais do sul de Minas são formadores da grande bacia do Prata, que recebe as aguas do rio Grande e este as do Pardo.

O systema orographico de Poços é dependente do da Mantiqueira ; a serra de Caldas é uma das cadeias da de Caracol.

O Dr. Orville Derby, em suas investigações, contastou formações vulcanicas nesse terreno, e “ quem vem da fazenda do Barreiro, em demanda de Poços de Caldas, logo que avista a villa, do alto da serra do Teixeira, tem a impressão de achar-se diante da cratera de um vulcão, tão bem cintada de morros está a varzea onde demoram as fontes thermo-sulphurosas ».

A população da villa é ainda diminuta para a extensão de seu territorio, sendo, entretanto, bem sensível o seu crescimento, em confronto com a de 1890 e de 1900. O Dr. Nelson de Senna, em seu *Anuario Historico e Chorographico de Minas Geraes*, estima a população total do municipio, em 1910, em cerca de 6.000 habitantes. Essa estimativa parece não estar longe da verdade, porque, segundo o recenseamento de 1890, só a parte urbana da villa possuía 1.830 almas, registrando o de 1900 2.161 habitantes — o que quer dizer, mais 331, no decennio.

A população de 1900, por sexos, é de 1.135 homens e 1.026 mulheres, com residencia fixa, na parte urbana da villa, onde a densidade domiciliaria e predial é maior. As colonias syria e italiana eram bem numerosas.

Além da importancia que lhes advem da presença das fontes thermo-sulphurosas — pondera o Dr. Pedro Sanches — os Poços de Caldas valem pelo seu clima e pela sua excellente agua potavel, assim como pela producção de seu solo, proprio, na zona do campo, para a exploração da industria pastoril, o plantio do trigo, dos fructos pomareiros, das videiras e das flores — que são, aqui, de incomparavel belleza e na zona da matta — onde o clima se modifica muito e presta-se ainda á cultura do café, que já é explorado em larga escala, e para o plantio de cereaes e legumes.

A povoação está a cerca de 1.200 metros acima do nivel do mar, ascendendo na serra á altitude maxima de 1.230 metros. Como querem os mais abalisados climatologistas, só se póde considerar clima de altitudes além de 1.000 metros, e nestas condições a risonha villa é, no Brasil, um dos pontos do nosso vasto territorio privilegiados pela natureza. Das observações meteorologicas feitas pelo Dr. Pedro Sanches, durante os annos de 1903 a 1905, deduziu o Dr. Nunes Belfort Mattos, chefe de serviço meteorologico do Estado de S. Paulo, estes dados climatologicos: temperatura média, 17°,3; temperatura minima, 0°,0;

média barometrica 664,5 ; média da humidade relativa, 76 ; média da tensão do vapor, 11,3 ; média da nebulosidade, 5,6, e ventos reinantes, N. E.

As observações meteorologicas, cuidadosamente procedidas no posto installado em 7 de março de 1903, são, de facto, valiosos elementos para o estudo do amenissimo clima.

As aguas thermo-sulphurosas de Poços são distribuidas em dois grupos hydrologicos : *Pedro Botelho*, com 46° centigrados ; *Chiquinha*, com 44,6 ; *Mariquinhas*, com 44°, e *Macacos*, com 41°.

São estas fontes sulphurosas e alcalinas, sendo, porém, o seu principio de sulphurisação o hydrogenio sulphuritado, em estado franco de liberdade, não possuindo ellas vestigio de sulphureto. Encontram-se nestas fontes os principios chimicos — sulphureto de sodio, sulphureto de ferro, o chloreto de sodio, o silicato de sodio, o de calcio e de magnesio, bem assim vestigios do sulphato e phosphato de sodio.

A descarga das fontes, em 24 horas, é de 415.872 litros, de fórma que poderão abastecer o mais vasto estabelecimento balnear que se montar, como é intenção do Dr. Luiz de Oliveira Lins de Vasconcellos, actual director da Companhia Thermal.

O uso dessas aguas é preconisado aos doentes de molestias chronicas, que se subdividem por diversas diatheses, sendo mais proveitosa a sua acção na cura do rheumatismo, e das molestias da pelle, ulceras, etc.

Em 1888, o chimico francez Dr. A. Pellet procedeu á analyse das aguas das principaes fontes thermaes e minero-medicinaes.

Pelo contracto de 21 de abril de 1906, modificado pelo governo mineiro em 18 de agosto de 1908, a actual Companhia Thermal está encarregada de formar uma estancia balnear, pondo-a ao nivel de suas congeneres da Europa, devendo, ao que nos informam, despende em melhoramentos cerca de cinco mil contos.

A villa de Poços progride espantosamente, em grande parte devido ao consideravel numero de doentes que a procuram duas vezes por anno, e tambem pelo influxo do commercio da capital de S. Paulo, de que é tributario o da saluberrima estancia.

Graças, sobretudo, á acção do esforçado prefeito Sr. Francisco Escobar, e do trabalho conjuncto da Companhia Thermal, a villa de Poços está se transformando dia a dia, contando entre

outros melhoramentos, um excellente e vasto jardim, que póde competir com os melhores das nossas pequenas cidades.

A expansão commercial de Poços, póde-se dizer, começou em 22 de outubro de 1886, dia em que se estabeleceu o trafego regular do ramal de Caldas, da Companhia Mogyana.

Em todo o municipio ha 1.000 predios, mais ou menos, e na zona propriamente occupada pela villa, 700, sendo 455 terreos, 220 assobradados e 25 de sobrado. Destes 700 predios, 25 são habitações collectivas, quatro proprios municipaes e quatro proprios estadoaes, inclusive tres entregues á Companhia Thermal.

Na zona onde está a villa, gozam de isenção de imposto predial sete immoveis, pertencentes a associações pias, das quaes tres igrejas — S. Benedicto, Santa Cruz e Nossa Senhora da Saude (matriz).

Nas fazendas de café e criação de gado, ha, aproximadamente, 300 predios não sujeitos a imposto.

Em 1911 obtiveram cinco proprietarios licença da Prefeitura, até abril, para construcção de 11 predios.

Em 1910 a venda de terrenos municipaes para edificações dentro do municipio produziu 3:480\$, expedindo-se quarenta e quatro alvarás. Existiam nesse exercicio 690 predios, 27 ruas, duas avenidas, duas travessas, quatro praças e quatro largos, contra 288 predios em 1891, 18 ruas e a praça Senador Godoy, onde está situado o hotel da Empreza Thermal e cuja area era de  $3500^m \times 2000^m$ .

Em 1910 a Prefeitura concedeu cerca de 40 licenças para construcções, e arrecadou do imposto predial 7:621\$830, de 700 immoveis, cujos valores locativos ascendiam á cifra de 301:290\$000.

O commercio bem animado conta com regulares recursos, tendo muitas casas relações directas com as praças do Rio de Janeiro e S. Paulo e até do estrangeiro.

Poços de Caldas possui sete alfaiatarias, duas agencias de loterias, duas agencias commerciaes, 15 açougues, oito botequins, nove barbearias, quatro colchoarias, quatro casas de joias, tres caldeireiros, tres charutarias, sete casas de pensão, uma confeitaria, duas casas de fructas, quatro correeiros e selleiros, tres casas de cartões postaes um comprador de café, seis *ateliers* de

costuras, oito empreiteiros e constructores de obras, tres depositos de madeiras e telhas, dois guarda-livros, quatro lojas de calçado com officinas, 16 leiterias, 10 mercadores ambulantes, dois engraxates, cinco marcenarias de 1ª ordem e sete de 2ª, quatro officinas de ferreiro, sete sapateiros, quatro padarias, quatro pharmacias, dois pintores, uma papelaria, seis restaurantes, uma tinturaria, duas typographias, sendo uma do *Correio de Poços*, jornal bi-semanal, de que é director o Sr. Emilio Castellar da Gama, e outra da *Casa do Cruz*, para trabalhos particulares, e 43 vendedores de lenha, em carros, carroças e cargueiros.

Existem, além dessas casas commerciaes, que pagam o imposto de industria e profissões, 58 negociantes com casas de commissões, discriminados por classes, sendo da 1ª, quatro; da 2ª, oito; da 3ª, nove; da 4ª, sete; da 5ª, 25, e da 6ª, cinco.

Ha no municipio oito engenhos, um de canna e sete de serrar madeiras; 18 fabricas: 10 de doces, uma de cerveja, uma de chapéos de sol, duas de macarrão, duas de fogos, uma de sabão, uma de manteiga, uma de torrefação de café e cinco olarias.

Os hotéis são em numero de nove, divididos por quatro ordens: dois de 1ª ordem — o da Empresa Thermal e o do Globo; um de 2ª, Hotel do Sul; tres de 3ª e tres de 4ª ordem.

Estão registrados na Prefeitura os seguintes vehiculos: 23 carros de praça, dois trollys, 12 aranhas, cinco carrocinhas de venda de pão e leite, 125 carroças de eixo fixo e 40 carros de bois.

Ha 12 alugadores de animaes com cocheiras proprias e 12 bicycletas.

O numero de criadores de gado e de fabricantes de queijos ascende em todo municipio a 23.

São em numero de oito os fazendeiros de café, attingindo a colheita á 50.000 arrobas.

A localidade conta com os serviços profissionaes de tres dentistas, dois engenheiros civis e seis medicos.

O ensino primario é ministrado em quatro escolas publicas estadoaes, sendo duas do sexo masculino e duas do feminino, não ultrapassando a frequencia de 100 crianças, e, além destas, contam-se cinco escolas particulares, duas masculinas e tres fe-

mininas. Para o ensino secundario existe o collegio de S. Domingos, da congregação deste nome, que mantém um internato dirigido pelo padre francez Mouton Henri.

Dever-se-ha em breve inaugurar o grupo escolar estadual, creado em 1910.

Possue Poços de Caldas cinco clubs recreativos, tres cinematographos — o Central Cinema, o Polytheama e o Bijou Salão — e um bello theatro, o Polytheama, em predio recentemente construido na Avenida Francisco Salles, junto ao novo edificio da Prefeitura. As dimensões da platéa do Polytheama são de 20 metros por 15 e as do palco, 12 metros por 10.

Dentre as estradas de rodagem do municipio, merece especial referencia a que o liga com a séde da comarca, por onde tráfegarão em breve automoveis de uma empreza particular, facilitando deste modo a communicação rapida com a cidade de Caldas.

As ruas e outros logradouros, cujos melhoramentos iniciados, uns pelo actual prefeito, Sr. Francisco Escobar e outros pelo seu antecessor, Dr. Juscelino Barbosa, e feitos por conta do thesouro do Estado, são bem alinhados e continuam as suas obras bem adiantadas e em via de proxima ultimação.

Os serviços de nivelação e terraplenagem abrangeram em 1910 a quasi todas as ruas e praças da povoação.

Ainda nesse anno foram augmentadas as dependencias do mercado publico e atacadas com grande celeridade as obras do vistoso edificio destinado á Prefeitura e Forum, inaugurado em 7 de maio de 1911, com a presença dos Srs. presidente do Estado e secretario da agricultura.

Concertaram-se as estradas de Botelhos e Campestrinhos, em uma extensão de 2.500 metros e a estrada que liga o municipio ao Estado de S. Paulo.

O horto municipal e posto zootechnico, criação do prefeito actual, é um dos beneficios mais valiosos prestados pela administração municipal á villa de Poços de Caldas. Occupa quatro hectares de terreno lavrado e está confiado o utilissimo estabelecimento ao Sr. Adalberto Rocha, diplomado pela Escola Municipal de Pomologia e Horticultura de S. Paulo. E' destinado a systematizar e desenvolver a cultura das arvores fructiferas

e manter um viveiro de plantas de arborização e de essencias florestaes.

Annexo ao horto fica um posto zootechnico — com uma secção destinada á cultura das forragens, o que muito influirá no progresso da industria pastoril do municipio e de seus arredores. Servirão esses estabelecimentos a uma importante zona, cujos campos se prestam á cultura proveitosa de fructos e á criação de gado, com a grande vantagem da proximidade das cidades de S. Paulo, Santos e outros mercados consumidores.

O novo predio da Prefeitura demonstra o criterio adoptado pela governança local, na transformação planeada em relação ás construcções. E' um bello palacete, occupando aproximadamente  $36^m \times 80^m$ , constituido por um corpo central e duas alas ligadas a esse corpo, de frontespicio de cantos dobrados.

A despesa orçada pelo governo dõ Estado, por conta de um credito extraordinario, attingiu a 66:218\$800.

Não ficam nessas obras o trabalho fecundo e intelligente que se está operando em Poços de Caldas : prolongou-se grande parte das ruas da villa, numa extensão de 1.640 metros, despendendo-se 144:386\$700, e além desses beneficios, cuida a Prefeitura em construir parques em pontos proximos e elevados e na abertura de uma estrada, communicando os campos das terras altas do municipio com a villa e que, descendo pela encosta da serra, se transformará, com effeito, em attraente passeio, augmentando a belleza dos scenarios da localidade.

Os serviços de hygiene e assistencia publica serão em pouco tempo dos mais cuidados das nossas cidades do interior.

Cogita o illustre prefeito de Poços de Caldas em promover a construcção de um lazareto para isolamento de doentes de molestias infecciosas. Tal medida e a criação da repartição municipal de hygiene, com funcionamento autonomo, sob a chefia do distincto clinico, Dr. Faria Lobato, já convidado pela Prefeitura para tomar a si essa tarefa, muito contribuirão para o saneamento completo de Poços de Caldas, cuja mortalidade foi em 1910 de 186 pessoas, das quaes 99 crianças de seis mezes a cinco annos de idade, numa população infantil que se presume ser de 1.000 — aproximadamente. E' preciso notar que esse anno é o que assignala maior mortalidade por ter grassado o sarampo.

Demoremo-nos ligeiramente em uma pesquisa de algarismos sobre a mortalidade infantil. Sendo a população orçada em 6.000 almas — mais ou menos — ha uma consideração preliminar para a cifra da mortalidade calculada : é sabido que todas as fazendas mais proximas da villa do que da séde dos municipios a que pertencem, todo o movimento se faz por Poços de Caldas, todos os enterramentos ahi são feitos. Isto eleva o total dos obitos e é computado na cifra da população para o calculo. Em relação á mortalidade geral, a de crianças concorre sobremodo com pequeno e mesmo diminuto contingente, se attendermos que a inobservancia de preceitos elementares de hygiene é a grande e unica causa da mortalidade infantil.



---

---

## INDÚSTRIA PASTORIL

Por Lindolpho Xavier

ESTUDO APRESENTADO PELO AUTOR NO CONGRESSO AGRÍCOLA, INDUSTRIAL E  
COMMERCIAL DE BELLO HORIZONTE, REUNIDO EM MAIO DE 1903, SOB  
A PRESIDENCIA DO DR. JOÃO PINHEIRO DA SILVA

---

### *Resposta aos quesitos 21, 22, 23, 24 e 25 da Comissão Fundamental*

Como representante de um municipio altamente laborioso, onde a industria pastoril occupa o primeiro lugar e conhecendo de perto as necessidades e as crises, com que vive a classe, que é um elemento de grandeza e opulencia do nosso Estado, sinão do Brasil, e entendendo que em estudando a sua vida e procurando ao mesmo tempo apontar medidas que tendam a melhorar a sua condição e trazer-lhe bem estar, concorreremos, *ipso facto*, para o bem commum, julguei de meu dever trazer a este congresso o meu estudo sobre o assumpto.

Desde já peço venia para as faltas aqui encontradas.

Em um paiz como o nosso, atrazado, de pura vida patriarchal, a agricultura é a fonte de todo o bem, de toda abastança e prosperidade. Não tendo ainda as grandes industrias, aperfeiçoadas e activas, que movimentam a vida de outuros paizes mais cultos, nós temos de cuidar com mais afinco das que nos sustentam, das que mantêm em solidez a nossa vida economica.

Ora, destas, a mais importante, a meu ver, é a industria pastoril.

Já o proprio Cicero dizia: «o primeiro negocio é o gado, bem tratado, e o segundo é o mesmo gado, ainda maltratado.»

E si não bastasse a fama universal, bastaria só, para nos fazer mozza, ver essa *Stock House*, da Norte-America, que é uma das cousas mais colossaes do mundo.

E si ainda quizessemos nos convencer do nosso atrazo nesse ponto, bastaria attentarmos para as opulentas estancias do Prata, para as suas *cabanas*, para as suas xarqueadas.

Devendo ser entre nós uma industria essencialmente rendosa e de verdadeira opulencia, a industria pastoril definha e arrasta-se a custo, contando os seus dias por enormes sacrificios. São innumeradas as difficuldades e os tropeços que lhe cerceam os passos. Por um lado a concurrencia terrivel que lhe vem do Rio da Prata, cujo gado nédio, volumoso e apurado, transpõe o mar e vem supplantar o nosso, mal cuidado e pouco remunerador.

Por outro lado, o descuido de nossos agricultores, deixando exhaurir-se as melhores forças e vir o abatimento desta futura industria, tão atrazada ainda em Minas.

Os governos por seu turno nada têm feito por amparal-a. O que elles têm feito é tão pouco em relação ao que fazem governos de outros paizes, que quasi se pode dizer que é nada.

A incuria e a inercia hão de nos conduzir ao anniquilamento, si não abirmos os olhos emquanto é tempo. Não pode persistir o actual estado de cousas. E' urgente uma reacção. Precisamos não deixar que os nossos visinhos do Prata se adiantem tanto de nós, fornecendo-nos o gado, a carne secca, o farello, o milho, a alfafa e todos os cereaes que annualmente lhes compramos, sómente porque não queremos trabalhar, produzir e adeantar-nos, sómente porque somos tibios e frouxos, sómente porque não queremos habituar-nos a ter vontade, para usar da expressiva phrase do Dr. João Pinheiro.

Em vista, pois, de tanto descalabro, bem haja o actual presidente de Minas, o Sr. Francisco Salles, que nos faz crêr ter iniciado no nosso Estado uma phase de reacção.

O actual Congresso, composto de homens do trabalho, de homens praticos, de homens que vivem desenvolvendo um labor productivo em cada departamento da humana actividade e que aqui são chamados a prestar o seu concurso á obra do trabalho, que se inicia sob uma verdadeira bandeira de paz e regeneração, o

actual Congresso, temos fé, ha de nos deixar uma trilha marcada a seguir no sendal escabroso da nossa vida nacional e cremos que a sua obra não ha de passar sem deixar um marco assignalado na nossa historia. Preside os trabalhos desta casa um espirito superior, um homem cuja integridade de character, cujo lucido saber, cujo passado luminoso de força de vontade, de coragem e de perseverança estupendas, unidas ao mais claro talento, é uma verdadeira garantia de que os fins desta assembléa não são uma utopia. Contamos ver os nossos labores de hoje rememorados no futuro com ufania e com gloria, quando se fizer o inventario do passado.

\* \* \*

Acompanhando de perto, com verdadeiro carinho e com verdadeiro amor, as cousas de nossa terra, temos para ella voltado a nossa attenção de ha muito tempo e procuramos sempre ver si lobrigamos um meio de se encontrar a chave por onde se abram as nossas portas para melhores dias.

Observando e comparando, temos agora chegado ao ponto de formular os nossos estudos sobre o valioso assumpto que serviu de thema a este trabalho e que agora vae ser passado em ligeira revista.

Servindo-nos das observações feitas, guiando-nos pelos melhores criterios que se nos depararam no momento, no deduzir das lições da pratica e dos mestres, tentemos, pois, estudar a crise da industria pastoril entre nós, e depois indicar os meios para salva-la do seu completo anniquilamento.

\* \* \*

A nosso ver, tres são as causas da decadencia pastoril entre nós. Uma, e das mais importantes, é o completo desleixo em que têm deixado tão util ramo da nossa industria os governos e os particulares, ambos colligados num verdadeiro jogo de empurra.

A outra causa é a má qualidade do nosso gado, a completa degeneração das raças bovinas, que enchem inutilmente os nossos campos, para vergonha do Brasil.

Emfim, a terceira e ultima causa é o má preparo das pastagens, compostas de más forragens e tudo sem methodo e sem

arte, de maneira a não serem aproveitados immensos recursos que encontramos na natureza.

\* \* \*

As raças bovinas que enchem os nossos campos, criadas á lei da natureza, em completo systema de pabulação, não offerecem um só typo seleccionado, que dê a nota de um engenho aperfeiçoador.

Ellas formam antes uma triste promiscuidade, todas degeneradas e imprestaveis!

Basta dizer sómente que na balança dos matadouros as nossas rezes não alcançam quasi nunca mais de 200 kilos, e a média da producção do leite nunca vae além de tres litros diarios.

Isto é sufficiente para dar a medida da nossa indolencia no tocante ao aperfeiçoamento e selecção de nossas raças.

Os inglezes com os seus *Hereford*, *Shorthorns* e *Durham*, os argentinos com os *Normandos*, *Devons*, *Herefords* e *Flamengos* e os americanos com os *Shorthorns*, *Jersey* e *Swyt* assombram-nos, entretanto, com os seus bois do gigantesco peso de 1.000 a 1.400 kilos e com as suas vaccas que produzem diariamente 10, 15, 20 e 25 litros de bom leite!

E é bem certo que a natureza nos dotou com tantos ou maiores dons do que áquelles paizes.

Nós, porém, temos a desgraça da inercia que os que nos educaram não souberam combater.

Falta-nos só uma cousa para nos reerguermos do nosso abatimento — *Vontade*.

Temos ahi o vasto dominio da natureza, apontando-nos todas as riquezas em gráo tentador. Nossas campinas verdejantes, nossas selvas luxuriantes, os prados naturaes, as abundantes aguadas e clima alternados desafiam um futuro de verdadeira riqueza pastoril.

\* \* \*

A primeira medida a tomar é o cruzamento e a selecção. Já, sem perda de tempo, é preciso fazer larga introducção de raças apuradas para melhorar as que possuímos, entre as quaes a *Caracú*, que tanto se presta ao cruzamento. E' urgente injectar novo

sangue na população bovina nacional, para dos seus destroços, como a Phenix que renascia das cinzas, renascer a nossa grandeza pastoril.

\* \* \*

As pastagens pelo methodo por que dellas nos aproveitamos concorrem fortemente para o desprestigio da industria.

Pela doutrina antiquada, é uso não cultivar pastagens, esperando-as da propria natureza.

Ora, a Providencia dá-nos o que queremos e o que é justo, mas é preciso o esforço de nossa parte e neste sentido é que tudo nos falta.

Os campos rasteiros são pobres e imprestaveis e por isso não constituem um elemento de riqueza, — provam-no os seus preços baixos. As terras boas, as mattas, são aproveitadas quasi que com um só capim — o gordura.

Devastam-se os capoeirões, reduzem-se a cinzas as nossas bellissimas florestas e transformam-se em grandes pastos.

Embora seja o *Gordura* um capim apreciado pelo gado, elle não offerece, como hoje está provado, um elemento seguro e completo de riquezas. Por dois motivos: 1º, não é absolutamente constante; 2º, não contém todas as substancias nutritivas, ou, pelo menos, não as tem em quantidade sufficiente para a completa nutrição.

Não é constante porque no outomno elle sécca e desaparece sob as patas do gado, obrigando os proprietarios de terrenos a ter sempre pastos supplementares, para acudir a esta necessidade.

Em consequencia disto é que os nossos criadores, e mesmo os invernistas, são obrigados a adquirir grandes fazendas, mais do que o necessario, encarecendo e onerando a propriedade, cuja consequencia é o menor coefficiente nos lucros e a formação de latifundios.

Quanto á nutrição, não é completo pela sua escassez de azoto, que é indispensavel á vida. Neste sentido as analyses chimicas têm sido muito desfavoraveis ao capim *Gordura*. Reconheceu-se afinal que elle occupa o ultimo logar entre as nossas forragens. Acima delle temos o *Lanceta* e o *Jaguaré de Campos*, o *Guinéa*, o *Mimoso do Ceará*, não fallando nas forragens exoticas.

Mas acima de todos esses temos a forragem por excellencia,

a rainha das gramineas, a mais rica e completa para a nutrição. Temol-a, sobretudo, bem indigena, bem nossa, regio presente da natureza, a apontar-nos o caminho seguro de nossa emancipação; temol-a por toda a parte, vivaz e luxuriosa, a cubiçar a mais sympathica ambição — o *Jaraguá*, conhecido tambem pelo nome de *provisorio*.

Largos proventos nos guarda esta preciosa graminea indigena. Ella ha de nos tirar da mediocridade e vingar o nosso opprobrio, quando, espalhada por toda a parte, nella pascer o Durham, o Shorthorn e sobretudo o admiravel Hereford, attestando uma rara grandeza dos nossos futuros dominios pastoris.

E' elle, esse util capim, nos affirma a sciencia, o mais rico que cobre o sólo brasileiro, o mais poderoso para a nutrição e engorda; o mais rustico e selvagem para supportar o clima e as patas dos animaes.

Convem deter-nos um pouco aqui.

Vamos frisar bem estes encomios que tão justamente tecemos ao *Jaraguá*. Convem divulgá-lo e fazer bem conhecidas as suas reaes utilidades, firmes, como estamos, do logar culminante que elle vae assumir na nossa reconstituição pastoril.

Em nosso planalto central, onde tanto se dorme, começa já a cultura desta forragem. Centenas de hectares já estão plantados d'elle, e, digamos com orgulho, os resultados têm coroado com exito os sacrificios. Por isso fallamos com experiencia, de observação e de outiva.

Plantado nos logares mais seccos, nas fraldas dos montes, nos cerrados, no campo ou nas varzeas, em todos os terrenos elle tem vingado e está gramado. Isto mesmo podem affirmar os agricultores do Curvello, Itaúna e do sul do Estado de Minas, onde o *Jaraguá* já é bastante conhecido.

Para reforçar as nossas asserções, vamos transcrever aqui uma carta do Sr. Senador Caiado, natural da comarca de Jaguará, em Goyaz, donde, como se sabe, é oriundo o capim de que tratamos. Consultado acerca do famoso *Jaraguá*, eis o que elle diz:

“ O capim *Jaraguá* é, a meu ver, o principal pasto que existe hoje em Goyaz, e provavelmente será mais tarde o capim da totalidade de seus campos, pois elle tem invadido os pastos de outras variedades.

Qualquer que seja a qualidade da terra, serve para esse capim, que uma vez plantado em uma certa porção de terreno, por si

mesmo, com a acção dos ventos e dos animaes, espalha as suas sementes aos terrenos proximos e os invade com rapidez.

Nas proximidades da Capital, onde tenho uma fazenda, recordo-me que em 1835 não existia essa especie de capim, e sim o *Gordura*; porém pouco e pouco foi apparecendo o *Jaraguá*, que matou totalmente o *Gordura*, e hoje só existe elle.

Quando maduro, é bastante aspero, mas esse inconveniente é facilmente removido, queimando-se os campos duas ou tres vezes por anno, de modo a tornal-o sempre baixo e verde.

Devido a suas raizes muito profundas, esse capim não soffre com as constantes queimadas e em qualquer época que ellas sejam feitas, dias depois voltam os filhos com todo o vigor.»

Quanto ao tornar-se aspero quando maduro, ha melhor meio para aproveitall-o todo, sem queimal-o tão amiudadas vezes, o que hoje é assas condemnado pela agronomia.

O *Jaraguá*, formando logo espessas touças muito abundantes, será desperdicio queimal-as. Ha uma raça de gado, da qual fallaremos adeante, que gosta de preferencia dos pastos duros.

Este gado, o afamado *Hereford*, é uma das melhores raças do mundo.

Esta raça bovina parece ter sido fadada para o nosso *Jaraguá*. A união dos dois será o elemento de uma verdadeira grandeza pastoril.

Pela analyse chimica feita em diversos capins indigenas, e que abaixo mencionamos, ficou difinitivamente firmada a superioridade do *Jaraguá*, pois nestes assumptos devemos ouvir a sciencia.

Porcentagem em azoto segundo a analyse chimica:

O Jaraguá . . . . .	2,24
O Guinéa. . . . .	1,09
O Jaguaré de Campos . . . . .	1,08
O Lanceta de Campos . . . . .	1,02
O Mimoso do Ceará . . . . .	1,00
O Capim Gordura . . . . .	0,03

Porcentagem em substancias livres de azoto:

O Jaraguá . . . . .	51,112
O Lanceta . . . . .	45,250
O Mimoso . . . . .	42,04
O Capim Gordura. . . . .	35,24
O Jaguaré . . . . .	34,95
O Guinéa. . . . .	31,95

Resumindo as analyses pelo seu valor em azoto, temos em primeiro logar o *Jaraguá* e em ultimo logar o *Gordura*.

Resumindo-as pelos seus valores em substancias livres de azoto onde estão os hydro-carburetos, temos ainda em primeiro logar o *Jaraguá* e em quarto logar o *Gordura*.

Ora, como a sciencia o tem demonstrado, o azoto concorre para o desenvolvimento da musculatura, produzindo a energia physica, a força, a intelligencia, emfim é o agente da vida.

E os hydro-carburetados, onde estão as feculas, os assucares, os oleosos, os amidos, as glucoses e tantos outros principios nutritivos, constituem a armazenagem que fica retida no organismo produzindo a engorda.

Sabia será, pois, a escolha que tiver por fim a qualidade sobre a quantidade. E' deste principio que se formam as raças superiores.

Pois bem. Dos dados que vimos de enunciar, fica perfeitamente demonstrado que toda a superioridade está ao lado do capim *Jaraguá*, e que com elle poderemos manter aos milhões as raças de bom gado, formando dellas individuos de musculatura superior, compleição vigorosa, energia physica, força para o trabalho e de grandes pesos para o talho.

Devemos em tempo declarar que o nosso entusiasmo pelo capim *Jaraguá* não é temerario; antes podemos citar muitas opiniões que corroboram a nossa.

Basta citar uma, e esta é valiosissima, pois é a do Dr. Carlos Travassos, que o qualificou, em uma de suas ultimas conferencias: «*A rainha das gramineas, a salvadora da nossa futura industria pastoril!*»

Chegamos agora a uma questão palpitante. Quaes as raças bovinas que devemos escolher, entre tantas, que o engenho humano tem aperfeiçoado, para pascer os nossos futuros prados de *Jaraguá*?

Se a natureza nos apparelhou com tão solidos alicerces, decorre-nos o dever de sobre elles erigir monumentos condignos. Ella nos offerece ahi largamente o pasto azotado e amplamente substancial para obtermos uma população bovina musculosa, sadia, vigorosa, intelligente e nédia, que servindo de auxiliar do homem na faina do trabalho, vá depois desdobrar nas balanças dos mata-



idouros seus pesos assombrosos, enriquecendo assim o grande Estado mineiro.

Temos o Durham, o Shorthorn, o Normando, o Hollandez e tantos outros, que além de boas carnes são notaveis pela producção do leite. Mas queremos encarar neste trabalho o boi para o córte, primeira fonte de exportação e que encerra maiores cabedaes.

Somos francamente pela raça Hereford. Em nossa humilde opinião ella encerra todas as grandes vantagens para sua exploração no nosso Estado. Estamos certos de que todos que acompanham os progressos da industria pastoril universal não desconhecirão os assombros que essa privilegiada raça tem operado em todos os paizes onde é acclimada.

Sobre todas as suas vantagens, a que devemos encarar mais de perto é a facilidade com que ella se tem adaptado a todos os climas, através de todos os paizes; a segunda é a sua preferencia pelos pastos duros, vindo de molde para utilizar radicalmente os futuros pastos de Jaraguá.

Da Inglaterra, donde é originaria, ella veio para a America do Norte, onde conquistou a palma; espalhou-se por toda a Europa; veio para a Republica Argentina, onde seus dias são contados por triumphos. Depois, com o effeito dos seus prodigios, veio vindo para o Uruguay e já penetrou no Brasil, iniciando-se no Rio Grande, Paraná e Santa Catharina, Estados estes que, mais videntes que o nosso, já tratam de tirar dessa raça todo o partido. Daremos abaixo uma rapida descripção da raça Hereford, com o intuito de sobre ella se poder estabelecer o termo de comparação.

Escreve o Sr. Antonio de Medeiros:

« A precocidade, a rusticidade, a mansidão, a aptidão para a engorda em qualquer pastagem e em qualquer clima, qualidades extraordinarias e difficeis de serem encontradas reunidas em uma mesma raça, e que são os attributos da raça Hereford, tudo isso se conservou e se conserva, transmittindo-se de geração em geração, quaesquer que sejam os factores mesologicos, de modo que em quasi um seculo e meio ella tem conquistado todos os grandes criadores do mundo. »

Transcrevemos agora um documento valioso, publicado na *American Live Stock Company*, de New York:

« A raça Hereford nutre-se de preferencia com as pastagens

mais grosseiras, portanto *melhor adaptada aos paizes onde ha abundancia de gramineas.*

Os animaes Hereford alcançam facilmente o tamanho e o peso dos *Shorthorns* e são ao mesmo tempo mais robustos.

Bem engordados, produzem uma carne excellente e até pôde dizer-se — sem igual.

A raça *Hereford* tem o corpo liso, massiço e engorda rapidamente. A carne é de textura fina e sabor delicado, com a gordura bem distribuida, e sempre encontra boa procura nos açougues, vendendo-se pelos maiores preços nos mercados. Os animaes, engordando rapidamente, e chegando em breve tempo á maturidade, encontram sempre comprador para o matadouro.

Relativamente ao consumo de alimentos, o *Hereford* engorda mais rapidamente do que qualquer outro, sem excepção mesmo do *Shortorn*. Para o trabalho o boi *Hereford* é um animal excelente, de tamanho grande, de força superior, de temperamento manso e docil. E' intelligente e bastante activo.

O cruzamento do touro desta raça com a vacca commum produz boas crias. Passado o periodo de sua utilidade para o trabalho, podem ser com rapidez engordados para o mercado, sendo sua carne de excellente qualidade, ainda mesmo em idade avançada. O seu peso eguala e ás vezes excede ao de todas as outras raças.

Os touros pesam normalmente de 1.100 a 1.400 kilos, e as vaccas de 650 a 920 kilos. Seu rendimento liquido de carne não tem rival em outra qualquer raça."

Seu couro, muito grosso, diz o Sr. Minsen, é muito disputado pelos curtidores, que lhe pagam sempre maior preço. Foram apresentados em diversas exposições ultimamente novilhos de pouca idade, por cujo peso se verificou que tinham augmentado diariamente um kilo e 32 grammas desde o nascimento.

A 16 de setembro do anno passado foi arrematado em Indianapolis um touro Hereford por 2.000 libras, ou 40:000\$ da nossa moeda, e uma novilha por 28:000\$000. E' o maior preço alcançado por vaccuns.

Quanto aos preços, affirma-nos o Sr. Antonio de Medeiros que a *American Live Stock Company*, de New York, vende os puros exemplares da raça Hereford de 125 a 275 dollars, ou de 500\$ a 1:000\$ da nossa moeda.

\* \* \*

Tudo isto são factos tirados da pratica e da experiencia.

Devemos declarar que quasi todos os zootechnicos brasileiros, entre os quaes salientaremos o Dr. Carlos Travassos, Dr. Germano Vert, Dr. Ricardo de Carvalho, Dr. G. Minsen e o incansavel Sr. Antonio de Medeiros, são accórdes na opinião que externámos sobre a raça Hereford.

\* \* \*

Agora queremos a intervenção do Governo; é d'elle que depende a sorte da industria pastoril. A introdução de reproductores é muito onerosa e arriscada; e os nossos criadores, timidos e cautelosos, não se abalançarão a estas emprezas arriscadas. Só a acção do Thesouro do Estado poderá amparar a iniciativa.

Por isso vamos formular o plano, com o qual respondemos aos quesitos da commissão:

1.º O Governo de Minas tomará a si o encargo da introdução dos casaes puro sangue, de preferencia Hereford, e irá fornecendo aos criadores do Estado em condições proveitosas.

2.º O Governo adquirirá uma « Estancia » nas proximidades da Capital, plantando-a de Jaraguá, o qual em tres annos estará apto para ser occupado. Contractará um veterinario para zelar e conservar na referida estancia os casaes reproductores.

3.º Mandará um homem de altos conhecimentos e de confiança aos Estados Unidos ou á Republica Argentina adquirir os casaes reproductores, fazendo-os sujeitar á prova da tuberculina de Kock.

4.º Uma vez adquiridos os reproductores, elles serão conservados na estancia da Capital e ahi vendidos aos criadores pelo custo.

5.º Feito isto, o Governo encetará uma propaganda methodica junto aos criadores, mandando instruil-os quanto aos modernos processos zootechnicos e facilitando-lhes a acquisição de casaes reproductores.

6.º Para tal fim, o Governo manterá diversos inspectores ambulantes, conhecedores da zootechnia, e bem remunerados, que deverão incessantemente percorrer e visitar as zonas pastoris do Estado, realizando conferencias publicas, visitando os estabelecimentos de criação e engorda, ministrando instrucções aos pro-

prietarios e ao mesmo tempo promovendo a venda dos reprodutores, servindo, emfim, de intermediarios entre o Governo e os agricultores, e de meio de estimulo a estes.

7.º O Governo creará junto á imprensa official do Estado uma revista agricola, em que se dará circumstanciada noticia do movimento pastoril, assim como tambem servirá para toda publicação agricola, industrial e commercial do Estado; relação dos reprodutores á venda, das aquisições que forem sendo feitas e seus resultados praticos; transcripção das conferencias que os inspectores forem realizando; uma publicação que sirva como fonte de incentivos e ensinamentos ás nossas classes productivas. Sua distribuição será em larga escala e gratuita, remetida ás camaras municipaes para chegarem por seu intermedio ás mãos dos agricultores.

8.º O Governo intervirá junto aos poderes da União para que seja supprimido o imposto de consumo sobre o sal, imposto este injusto num paiz que precisa dar vida á sua industria pastoril. Como complemento, é necessario o abaixamento das suas tarifas nas estradas de ferro.

9.º E ainda para maior expansão da riqueza das pastagens, o Governo distribuirá sementes de bons capins ás camaras, para serem dadas á lavoura, de preferencia o Jaraguá, para que, quanto antes, elle se propague no Estado.

10. Será concedido pelo Governo um premio valioso a quem apresentar vaccuns de 500 kilos para cima e da producção lactea de 10 litros para cima.

*Nota* — Esta memoria, escripta em 1903, e cujas conclusões foram acceitas pelo Congresso, teve grande repercussão no Estado de Minas, tendo o autor recebido centenas de cartas de agricultores que lhe pediam informações sobre onde deviam adquirir o Hereford, assim como as sementes do Jaraguá. Varias foram as iniciativas que dahi nasceram, tendo essa raça se introduzido no Estado com rapidez e o seu successo em todo o Brasil se accentuado continuamente. Depois, vimos a confirmação das nossas previsões em todas as exposições que se fizeram. Sempre os primeiros premios couberam aos Hereford, e as figuras mais garbosas de bovideos que vêm disputar a palma são justamente esses bellos animaes, tão robustos, tão sadios e reluzentes, com suas vistosas listras brancas e olhar vivaz, contentes do nosso pasto e da nossa terra.

Cumpre accrescentar que todas aquellas medidas aventadas nas conclusões acima foram postas em pratica pelo governo de Minas e hoje estão vigentes em todo o Brasil. Fundado mais tarde o Ministerio da Agricultura, executou elle e está executando esse complexo de medidas que não inventamos, mas representam o bom senso vulgar. — L. X.

---

---

# 1º CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAPHIA

SESSÃO SOLEMNE EM 7 DE SETEMBRO DE 1909, REALIZADA  
NO PALACIO MONRÖE

A Commissão organizadora do Congresso introduzio o Sr. Presidente da Republica e as pessoas que o acompanhavam no recinto do salão, destinando-lhes logares, e á mesa enfeitada, com lindos *bouquets* de flores naturaes, tomaram assento os Srs. general Taumaturgo de Azevedo, presidente, ladeado pelos Srs. conselheiro Barros Barreto e Dr. Viveiros de Castro, á direita e Drs. Carlos de Novaes e José A. Boiteux á esquerda.

O Sr. general Taumaturgo, abrindo a sessão, proferiu este discurso :

Exmo. Sr. Presidente da Republica — Exmo. Sr. Cardeal — Srs. ministros representantes de nações amigas — Srs. Senadores e Deputados federaes — Srs. ministros de Estado — Sr. representante do Prefeito do Districto — Srs. delegados dos Governadores dos Estados e de Institutos Scientificos — Srs. Congressistas — Exmas. Senhoras — Senhores.

Em sessão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, de 27 de agosto de 1908, por indicação do illustre 2º secretario, de accôrdo com o disposto no n. 1 do art. 2º dos Estatutos da Sociedade, foi por unanimidade approvada a convocação de um Congresso Brasileiro de Geographia, a reunir-se nesta Capital em 7 de setembro de 1909, sendo nomeada, na sessão seguinte, de 10 de setembro, a commissão organizadora incumbida de dirigir os trabalhos preliminares e congregar os elementos necessarios a tal fim.

Na mesma occasião foram considerados presidentes honorarios do Congresso o Exmo. Sr. Presidente da Republica, os Srs. ministros de Estado e o prefeito do Districto Federal.

A commissão organizadora, composta de nove socios, em sua 1ª reunião de 20 de outubro, resolveu tambem considerar presidentes honorarios os Sr. Presidentes do Senado e da Camara Federal, o Sr. barão do Rio Branco, como presidente do Instituto Historico, e o Sr. marquez de Paranaguá como presidente da Sociedade de Geographia.

Sendo distribuidos por aclamação os cargos da directoria, me coube, por gentileza dos que me elegeram, o de presidente da Commissão organizadora, em cujas funcções me mantive e neste character tenho a honra de dirigir-vos a palavra, no dia prescripto para a realização do memoravel acontecimento que em breves momentos se tornará em realidade.

\*

\* \*

Senhores :

Não se poderia, de certo, escolher data mais gloriosa aos nossos sentimentos patrioticos para a reunião desta notavel e douta assembléa, do que a data da Independencia do Brasil, que hoje conta 88 annos de liberdade e de progresso.

Nem outra solemnidade illustraria melhor este dia festival, que recorda tradições vivas de energia e civismo de nossos antepassados e rememora a fama do intemerato genovez, descobridor do Novo-Mundo, e a do arrojado navegador luzitano, que nos legou a posse das terras que formam a nossa patria, do que a installação de um Congresso de Geographia.

E por ser o primeiro que se effectua na America do Sul, posto que outros mais importantes possam se constituir, conquista a primazia de enaltecer a obra meritoria da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, que, durante o largo periodo de 26 annos, se tem devotado ao estudo da geographia do nosso paiz, contando só com o auxilio dos seus socios contra o indifferentismo dos que ignoram a utilidade da sua existencia para o desenvolvimento do Brasil, em suas multiplas relações sociaes, politicas, industriaes e economicas.

E' sabido que, desde a mais alta antiguidade, o homem vem se dedicando ao conhecimento da terra, e logo surgiram duas concepções differentes da geographia : — a concepção grega, de molde scientifico, consistindo no estudo philosophico do mundo e no encadeamento dos phenomenos, uns em funcção dos outros ; e a concepção romana, de resultado meramente pratico.

Os romanos, mais preocupados com os interesses commerciaes e ambiciosos de conquistas, deram grande incremento á geographia, e foram os primeiros povos que descreveram itinerarios de viagem e publicaram dictionarios topographicos, mantendo o seu predomínio em terra e no mar até o seculo V. No seculo XVIII começam os extraordinarios progressos na construcção dos instrumentos de precisão e das cartas geographicas.

Mas, no seculo seguinte, resurge na Europa o renascimento da concepção grega, em consequencia das viagens de circumnavegação realizadas no anterior, cabendo a Humboldt, principalmente, a gloria do triumpho scientifico da geographia nos paizes da lingua allemã.

Em França, graças a Elisée Réclus, o estudo da geographia toma notavel desenvolvimento sob o duplo aspecto de explicar os effeitos directos das forças impulsoras e os effeitos complexos dessas mesmas forças conjugadas.

Com o movimento progressivo do telegrapho e da viação, eliminando os obstaculos que estorvavam a idéa mais aperfeçoada do mundo, passou a geographia a ser considerada uma sciencia, que estuda a terra no seu estado actual, á luz do passado, em opposição á geologia, que a estuda no passado, á luz do presente, sem se confundir com a *Geomorphogenia*, que explica a origem dos phenomenos antigos em face dos modernos.

Assim, a formação e composição do solo não indicam por si sós a distribuição das riquezas sobre a terra, como não devem ser olvidadas as condições climatericas, botanicas, zoologicas e outras, que o geographo tem de estudar, conservando a acção do homem e o laço de união que o prende ao solo, como as condições que alteram esta união e originam a multiplicidade de seus trabalhos e das suas emprezas.

A concatenação desses elementos varios e complexos e a sua modificação reciproca são os attributos que indicam a caracte-

ristica de uma região e a importancia dos phenomenos vitaes de um povo.

Em synthese, pois a geographia descreve a constituição physica da terra, ensina os meios scientificos de medil-a e represental-a, comparando-a com os corpos celestes, explica os estados da estructura do solo, nas differentes épocas da sua formação, e faz conhecer os diversos aspectos da vida na sua superficie, facilitando as relações de povo a povo, em todos os ramos da sua actividade.

São estas bases fundamentaes que modernamente constituem o objecto da geographia, hoje sub-dividida em :

*Geographia Mathematica* ou *Astronomica*, que descreve a terra como planeta, determinando as suas dimensões, fórmias e relações com os corpos celestes, e marcando as posições e distancias relativas dos logares e a representação da sua superficie sobre cartas ou mappas geographicos ;

*Geographia Physica*, que explica as formações do solo, a configuração dos valles, o clima, as proporções dos mares e rios, a orientação e altitude das montanhas e as dimensões dos continentes ;

*Geographia Historica*, que faz conhecer as alterações sobre as linhas de limites das nações, os nomes das localidades, os povos que as habitam e os acontecimentos celebres ;

*Geographia Politica*, que estuda as organizações sociaes e politicas dos Estados, sua população, lingua, religião, gráo de civilização e riquezas ;

*Geographia Zoologica e Botanica*, que ensinam a divisão dos animaes e da fauna, a distribuição das plantas e da flora dos differentes paizes ;

*Geographia Agricola*, que compara as producções e culturas dos diversos climas ;

*Geographia Economica*, que discrimina os recursos naturaes, as industrias, as artes e as relações commerciaes dos povos ;

*Geographia Medica*, que especifica a divisão das molestias sobre a terra.

\*

\* \*

Como se vê, a geographia é uma verdadeira sciencia, que progride diariamente e se aperfeiçôa, encerrando cada um dos



seus ramos magnos problemas que exigem estudo aprofundado e investigações custosas e prolongadas.

Se nos paizes de vetusta civilização e territorio pouco extenso muito ha ainda que descobrir e conhecer, que diremos do Brasil, paiz novo, de vastidão não demarcada, mas avaliada em cerca de nove milhões de kilometros quadrados, limitado por um grande oceano, por cordilheiras inaccessiveis e montanhas alterosas, sulcado de rios gigantescos, de um dedalo de correntes caudaes com numerosos tributarios e lagos dilatados, cheio de montes e planicies de maravilhosa uberidade, coberto de florestas frondosas e seculares, guardando depositos sagrados de riquezas incommensuraveis, de fauna e flora que não existem em nenhuma outra parte do universo, mais pujante e de maior numero de especies e variedades, de climas diversos e sadios, de firmamento bellissimo formado de iriado crystal matizado de infinitos sóes scintillantes, tendo engastado o symbolo da Redempção, da Paz e do Amor !

Terra da Promissão, Eden biblico, esse paiz, mais do que outro, requer, sem duvida, maiores e permanentes investigações.

E, se a sciencia moderna impõe a cada um applicar-se ao estudo do seu paiz, é dever de todos os Governos contribuirem para a sciencia universal que une os povos e os continentes.

E', por isso, motivo de jubilo, e sempre feliz incitamento, a existencia de centros scientificos ; e nenhum assumpto merece mais cuidado ou desperta maior sympathia por estabelecer relações mutuas entre as nações, com o fim de conhecel-as e approximal-as do que o conhecimento da terra, por intermedio das Sociedades e dos Congressos de Geographia, a que todos devem trazer as suas observações pessoaes e os seus trabalhos.

\*

\* \*

Não deixam de ser reaes os beneficios que se têm colhido dessas associações, pelas exposições que se organizam e pelos Congressos que convocam.

A Allemanha, a Belgica, os Estados Unidos, a França, a Inglaterra e a Italia já realizaram congressos ; e, quando o Brasil comparecer aparelhado para pôr em evidencia as nossas investigações scientificas o resultado dos nossos esforços utilitarios e a

estatística das suas inexgotáveis riquezas, o brilho desse empreendimento será tão intenso que assombrará os povos, e elevará a nossa Patria ao maior expoente da civilização humana.

Data de 1688, a fundação, em Veneza, de uma sociedade de cosmographia, denominada dos Argonautas, e mais outra, em Nuremberg, com o fim propriamente commercial.

Na França, em 1785, creou-se uma de character mais amplo, seguindo-se em 1821, a installação da Sociedade de Geographia de Pariz.

Mais tarde, outras se succederam, como a de Berlim, em 1828, de Londres, em 1830, de Bombaim, em 1831, de Francfort, em 1836, do Mexico, em 1839, de S. Petersburgo, em 1845, de Lisboa, em 1875, de Nova York, de Vienna, de Florença, de Genova, de Turim e outras, em annos subsequentes.

Congressos e exposições tambem se contam diversos, como o de Amiens, em 1871, o Internacional de Pariz, em 1875, muito notavel, o de Veneza, em 1881, tambem importante e o de Genova, em 1892.

No Brasil, fundou-se, no Rio de Janeiro, em 21 de outubro de 1838, o primeiro Instituto Historico e Geographico, que proveitosamente tem contribuido para o estudo dos assumptos relativos á nossa historia e geographia.

Sendo, porém, seu fim primordial publicação e elucidação de factos historicos, deliberou-se que a uma associação especial fosse entregue o estudo especialmente geographico, e com este intuito fundou-se, em 25 de fevereiro de 1883, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, sendo installada em 16 de setembro do mesmo anno, dia em que vai ser encerrado este congresso, tendo como objecto, na fórma dos arts. 1º e 2º dos seus estatutos: “o estudo, discussão, investigações e explorações scientificas de geographia nos seus differentes ramos, principios, relações, descobertas, progressos e applicações e especialmente o estudo e conhecimento dos factos e documentos concernentes á *Geographia do Brasil*.”

Para execução deste vasto plano tem por deveres: “emprender explorações e viagens, organizar conferencias, exposições cartographicas e congressos, fazer publicações, fundar bibliothecas, museus e archivos, e communicar-se com as numerosas associações congeneres dos paizes civilizados.”

Todo este programma a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro tem procurado cumprir, dando-lhe a maior amplitude, de accôrdo com os seus recursos ; como por exemplo : a publicação da sua revista trimensal, desde 1885 até 1901, suspensa no XIV tomo, por falta de meios ; a exploração scientifica do Rio Paratinga até o Tapajoz ; o transporte para esta Capital do grande meteorolito encontrado no sertão da Bahia ; as importantes conferencias feitas em sua séde por notaveis scientists estrangeiros, como Elisée Reclus, Henri Coudreau, Orville Derby, Dom Juan Vellarde, Carlos von den Steinen, general Raphael Uribe y Uribe, Vincenzo Grossi, Miguel de Pino e outros, e tambem por illustres brasileiros, como o saudoso mestre Paula Freitas, Barão Homem de Mello, Conselheiro Pereira da Silva, Pimenta Bueno, Barão de Teffé, Aristides Spinola, Eloy da Camara, Tarquinio de Souza Filho, e muitos outros ; a notavel Exposição de Geographia Sul Americana, realizada pela primeira vez em 23 de fevereiro de 1889, para a qual concorreram as Republicas Argentina, da Bolivia, do Chile, do Perú e de Venezuela, sendo apresentados importantes trabalhos relativos á Geographia, Geologia, Paleontologia, Geodesia, Meteorologia, Magnetismo Terrestre, Hydrographia, Botanica, Physiologia e Minas, cujo catalogo, organizado pelo Sr. Barão Homem de Mello e outros socios, mereceu os mais calorosos applausos, pois só na parte referente á Geologia do Brasil foram classificadas 148 obras do eminente geologo e professor Orville Derby, sendo tambem muito notavel a collecção historica e geographica do padre Diogo Soares, com 18 roteiros de bandeirantes e sertanejos ; por ultimo, este 1º congresso, que se realiza, sob os melhores auspicios para a gloria da Sociedade e em pról da sciencia e da nossa Patria.

\*

\* \*

Ao prestigio do seu nobre presidente, o eminente e venerando marquez de Paranaguá, representante do passado, incansavel batalhador, que ao serviço da Patria tem dedicado os seus melhores dias, muito deve a Sociedade de Geographia.

No regimen extincto, tendo o apoio do benemerito e inolvidavel ex-Imperador D. Pedro II, que sempre mostrou interesse pelas associações uteis, como cultor das sciencias, das letras e das artes,

a elle deve a sala para os seu trabalhos e grande estimulo por sua presença e seus conselhos, como procedia com o Instituto Historico, do qual era presidente honorario e nesta qualidade presidia as suas sessões.

Na Republica, posto que os poderes publicos tenham mantido o local para sua séde e concedido ha pouco tempo franquia postal para sua correspondencia, isto não corresponde aos serviços que a sociedade tem prestado e quer prestar ao paiz ; e por isso, o Governo actual e o Congresso Nacional, pela illustre Commissão de Finanças da Camara dos Srs. Deputados, no empenho patriotico de soccorrel-a vão auxiliar a este congresso e pretendem dar á Sociedade uma dotação annual, por considerarem-n'a de utilidade publica.

Essa dotação, e tudo que o Governo fizer pelo seu progresso, não será sacrificio em vão, porque este se transformará, como capital reproductivo, em vantagens inestimaveis ao Brasil, que assim será melhor conhecido entre as nações.

\*

\* \*

Senhores. Antes de concluir, apraz-me agradecer em nome da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, e particularmente da Commissão Organizadora do 1º Congresso Brasileiro de Geographia, a presença do illustre e honrado Chefe da Nação, pelo testemunho de apreço á sciencia e de interesse que revela pelos esforçados serviços de seus concidadãos.

Aos Srs. representantes das nações amigas e ao Eminente Sr. Cardeal, pela sua honrosa assistencia a esta solemnidade, muito grata a todos os Brasileiros.

Ao Congresso Nacional e aos Srs. ministros de Estado, pelo apoio que já têm demonstrado em favor da Sociedade, secundando o nobre intuito do Sr. Presidente da Republica.

Aos Srs. delegados dos Estados e institutos scientificos, pela gentileza com que os Srs. Governadores e presidentes corresponderam ao nosso convite ; prova do sentir unanime que prende os Estados á Federação Brasileira.

Aos Srs. congressistas e expositores pela adhesão espontanea com que acceitaram a idéa, vindo com sua presença e seus impor-

tantes trabalhos realçar o brilho do Congresso, por cujo successo fazemos os mais sinceros votos.

A's Exmas. Sras., pela captivante benevolencia com que nos encorajam no desempenho e na continuação da nossa tarefa :

Aos demais senhores pela sua coparticipação neste acto, que bem mostra o attractivo que os faz desejar o bem da sciencia.

\* \*

Está terminada a missão da Commissão Organizadora.

Na fórma do art. 10 do regulamento do Congresso, convido o Exmo. Sr. marquez de Paranaguá, presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, a vir assumir a presidencia do 1º Congresso Brasileiro de Geographia.

---

---

## INDICE GERAL

DAS

Materias publicadas nos Boletins da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, até o anno de 1893, organizado por J. Arthur Montenegro

1885 — 1893

Publicamos neste tomo o Indice Geral, organizado pelo socio J. Arthur Montenegro, abrangendo os volumes de 1885 a 1893.

As materias são publicadas pelas subdivisões geographicas de assumptos a que se reférem.

Por iniciativa do nosso consocio e collega de redacção Sr. Noronha Santos será opportunamente inserido num dos tomos o Indice alphabetico e remissivo de todos os assumptos — e bem assim o dos autores e conferencistas — cujos trabalhos figuram na *Revista*. Esse Indice, que está a confeccionar o nosso confrade, será o guia completo da nossa publicação, desde os seus primordios.

### HISTORIA

	Anno	Fasciculo	Pagina
Christovão Colombo e o descobrimento da America — <i>João Manoel Pereira da Silva</i> . . .	1891	I	22
Christovão Colombo e o descobrimento da America — <i>João Manoel Pereira da Silva</i> . . .	1891	II	92
Caramurú na historia e na legenda — <i>João Manoel Pereira da Silva</i> . . . . .	1891	IV	241
O descobrimento da America e os suppostos precursores de Colombo — <i>Vicenzo Grossi</i> . . . . .	1891	IV	270
Fernão de Magalhães — <i>João Manoel Pereira da Silva</i> . . . . .	1892	III	161

	Anno	Fasciculo	Pagina
Descobrimto do Brasil — <i>Augusto de Carvalho</i> . . . . .	1893	I	56
Os primitivos navegadores do Amazonas — trecho da memoria «Eldorado» — <i>Barão de Teffé</i> . . . . .	1885	I	43
Fundação da aldeia de S. João de Queluz em 1802	1890	I	11
Os primitivos navegadores do Amazonas — Exploração de Pedro Teixeira — <i>Barão de Teffé</i> . . . . .	1885	IV	285

## GEOGRAPHIA POLITICA

As novas provincias do Chile. . . . .	1888	I	68
O Canadá. . . . .	1890	II	79
A Republica de Cunany — no terreno litigioso das Guyanas . . . . .	1886	IV	315
A Republica de Cunany — no terreno litigioso das Guyanas . . . . .	1888	II	159
A Republica de Cunany — no terreno litigioso das Guyanas . . . . .	1890	II	80
A Republica de Cunany — no terreno litigioso das Guyanas . . . . .	1890	III	169
A pseudo Republica de Cunany. . . . .	1891	III	224
America Central (pacto de união) Guatemala, Costa Rica, Honduras, Nicaragua e S. Salvador . . . . .	1890	II	82
America Central (pacto de união) Guatemala, Costa Rica, Honduras, Nicaragua e S. Salvador. . . . .	1890	III	169
A Republica da Bolivia — seu commercio, industrias, viação, etc. — <i>Alexandre Haag</i> . . . . .	1886	III	191
O Estado do Rio de Janeiro — divisão administrativa, superficie, etc. — <i>Favilla Nunes</i> . . . . .	1892	III	183
Os municipios do Estado do Rio de Janeiro — áreas em kilometros quadrados . . . . .	1890	II	71

## GEOGRAPHIA PHYSICA

O valle do Rio Grande — <i>Orville A. Derby</i> . . . . .	1885	IV	291
O valle do Rio Doce — <i>Willian John Steans</i> . . . . .	1888	III	213
O valle do Amazonas — <i>Miguel Ribeiro Lisbóa</i> . . . . .	1889	IV	236
Os picos altos do Brasil — <i>Orville A. Derby</i> . . . . .	1889	III	129
Os picos altos do Brasil — <i>Orville A. Derby</i> (continuação). . . . .	1890	II	69
A cordilheira dos Andes . . . . .	1888	I	69

	Anno	Fasciculo	Pagina
Morro de Anhumas (Minas Geraes) — pheno- menos geologicos . . . . .	1887	II	134
A cachoeira do Urubú — Rio Ipojuca (Pernam- buco) . . . . .	1889	III	165
A ilha de Fernando de Noronha. . . . .	1889	II	121
Nova ilha na Oceania . . . . .	1886	IV	317
Altura média dos continentes — <i>A. Tills</i> . . . . .	1890	II	83
Provincia de S. Paulo — Synopse geographica. . . . .	1889	II	81
Provincia do Rio Grande do Sul — <i>Alfredo No- gueira</i> . . . . .	1887	IV	241
Provincia do Espirito Santo — <i>Francisco Manoel da Cunha</i> . . . . .	1890	I	16
Amazonas — <i>Torquato Tapajós</i> . . . . .	1889	IV	221
Venezuela — Noticia geographica. . . . .	1890	I	25
As regiões polares da terra. . . . .	1890	VI	87
Estrada do Pikiri — Matto-Grosso — Roteiro <i>João do Espirito Santo Barbosa</i> . . . . .	1891	I	9
A Lapa do Brejo-Grande (Bahia) — Noticia sobre essa caverna explorada por <i>Joseph Mawson</i> . . . . .	1886	II	102

## HYDROGRAPHIA

O rio Sucuriú — Exploração — <i>Pimenta Bueno</i> . . . . .	1885	I	9
O rio Piratininga — Memoria de uma viagem do Pará a Cuyabá em 1819 — <i>Antonio Peixoto de Azevedo</i> . . . . .	1885	I	25
O rio Xingú — Homenagem tributada aos seus exploradores . . . . .	1885	I	57
O rio Xingú — exploração — <i>Pimenta Bueno</i> . . . . .	1885	III	235
O rio Xingú — exploração — <i>Carlos von den Steinen</i> . . . . .	1887	I	95
O rio Xingú — exploração . . . . .	1888	II	136
O rio Xingú — exploração — <i>Carlos von den Steinen</i> . . . . .	1888	III	189
O rio Lourenço de Albuquerque — <i>João José Corrêa de Moraes</i> . . . . .	1890	II	73
O rio Manso — exploração — 1803 — <i>José Paes Falcão das Neves</i> . . . . .	1885	II	125
O rio Trombetas — exploração — <i>A. M. Gonçal- ves Tocantins</i> . . . . .	1891	I	3
O rio Branco — exploração — <i>Gustavo Suckow</i> . . . . .	1891	IV	276
O rio das Mortes — exploração — <i>José Feliciano Rodrigues de Moraes</i> . . . . .	1889	III	150
O rio das Mortes — confluente do Araguaya. . . . .	1886	I	47
O rio Ituxy — conf. do coronel <i>A. R. Pereira Labre</i> . . . . .	1888	II	117



	Anno	Fasciculo	Pagina
Os rios Parnahyba e Tocantins — documentos.	1886	I	31
O rio Jutahy — exploração — 1875 — <i>C. Barrington Brown</i> .	1886	II	81
O rio Madeira e seus afluentes — <i>Juan Francisco Velarde</i> .	1886	III	165
O alto Madeira e a sua ligação ao Mamoré — <i>João Pinkas</i> .	1885	III	259
O alto Madeira e a sua ligação ao Mamoré — <i>João Pinkas</i> (continuação).	1885	IV	343
O alto Madeira — <i>João Pinkas</i> .	1887	IV	269
O rio Doce — descrição — <i>Luiz d'Alincourt</i> .	1890	II	62
Os rios Madre de Dios e Acre (Bolivia) — <i>A. R. Pereira Labre</i> .	1888	II	102
O rio Parnahyba — <i>Benjamin Franklin de Albuquerque Lima</i> .	1887	I	32
O rio S. Francisco — <i>Antonio Placido Peixoto do Amarante</i> .	1887	III	161
O rio S. Francisco — melhoramentos.	1888	I	61
Navegação do Araguaya e Tocantins — <i>José Negreiros A. Sarinho</i> .	1887	II	124
A bacia do Amazonas.	1887	I	67
Comunicação do Amazonas com o rio da Prata pelo Tocantins, Mortes e Araguaya — <i>Corrêa de Moraes</i> .	1886	IV	298
A bahia de Paranaguá — <i>José Carlos de Carvalho</i> .	1886	IV	293
O porto de Antonina — <i>Barão de Teffé</i> .	1886	II	107
O Bertioga — Porto de Santos — <i>Barão de Teffé</i> .	1886	I	23
O rio dos Pátos (Paraná) — O salto — Visconde do Rio Branco.	1886	II	104
O banco de coral no canal dos Abrolhos — <i>Barão de Teffé</i> .	1887	IV	261
As correntes do Amazonas e o phenomeno da pororoca — <i>Torquato Tapajós</i> .	1891	III	161
As correntes do Atlantico.	1886	II	122
Os maiores rios do globo.	1886	III	260
Sondagens no Oceano Atlantico.	1887	I	76
O desvio das aguas do Danubio para o Rheno.	1887	I	78
A profundidade dos lagos na Suissa.	1887	III	219
O Mediterraneo — sua maior profundidade.	1890	I	35
A profundidade média dos oceanos.	1890	II	87

## COORDENADAS

Posições geographicas da provincia de Matto Grosso.	1885	I	51
Posições geographicas da provincia de S. Paulo.	1889	II	96

## ALTITUDES — DISTANCIAS

	Anno	Fasciculo	Pagina
Determinação da altura de diversas localidades na parte NO do Rio Grande do Sul — <i>Maximiliano Beschoren</i> . . . . .	1889	II	113
Distancias comparadas pelo canal de Paranaguá	1886	III	259
Territorio das Missões — distancias. . . . .	1892	I	79
Cabo de Santa Maria ao Oyapock — distancias — <i>Oliveira Catramby</i> . . . . .	1885	I	53
Portos do Amazonas (Pará-Perú) — distancias — <i>Oliveira Catramby</i> . . . . .	1885	I	54

## LIMITES

As fronteiras de Matto Grosso, Goyaz e Pará com as possessões hespanholas — Informações officiaes — 1785 — <i>Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres</i> . . . . .	1885	II	97
Os limites de S. Paulo . . . . .	1885	II	199
A fronteira occidental de S. Paulo . . . . .	1885	III	219
O territorio contestado entre a França e o Brasil	1886	I	44
O territorio contestado entre a França e o Brasil	1886	II	186
As fronteiras contestadas entre a França e o Brasil. . . . .	1887	I	73
Limites do Brasil com Venezuela — <i>Barão de Parima</i> . . . . .	1887	II	81
As fronteiras do Paraguay e Republica Argentina . . . . .	1888	I	68
Limites entre o Ceará e Rio Grande do Norte — <i>José Leão</i> . . . . .	1888	IV	286
Limites das Guyanas francezas. . . . .	1890	II	79
O territorio contestado no norte do Brasil. . . . .	1891	I	76
Limites do Brasil com a Guyana franceza — Refutação a Henri Coudreau — <i>Paula Freitas</i> . . . . .	1891	III	180
O terreno contestado entre a França e o Brasil e a Missão Coudreau — <i>Sant'Anna Nery</i> . . . . .	1891	III	193
O Amazonas e a França — <i>Torquato Tapajós</i> . . . . .	1891	IV	255

## VIAGENS — EXPLORAÇÕES

Descoberta dos Martyrios (Matto Grosso) — <i>José Manoel de Siqueira</i> . . . . .	1886	I	3
Exploradores brasileiros — região desconhecida de Matto Grosso. . . . .	1888	II	121

	Anno	Fasciculo	Pagina
Exploradores brasileiros — região desconhecida de Matto Grosso. . . . .	1888	IV	332
Exploradores brasileiros — região desconhecida de Matto Grosso. . . . .	1889	II	100
Exploradores brasileiros — região desconhecida de Matto Grosso. . . . .	1889	III	170
Exploradores brasileiros — região desconhecida de Matto Grosso. . . . .	1890	II	77
Exploradores brasileiros — Resultado geral da comissão Pires Ferreira. . . . .	1890	III	98
Exploração em Matto-Grosso e Amazonas . . . .	1899	III	152
Commissão de exploração em Matto Grosso. . .	1888	II	154
Commissão de exploração em Matto Grosso. . .	1889	III	117
Exploração scientifica na America do Sul. . . .	1887	II	138
Explorações scientificas na Islandia e Oceano glacial arctico. . . . .	1891	III	221
As regiões de terra e agua — <i>Oscar Leal</i> . . . .	1893	I	3
O planalto Central — Commissão exploradora. . .	1892	III	196
A Guayana Central e o seu futuro <i>Henri Cou-dreau</i> . . . . .	1892	I	68
Viagens e explorações na America do Sul. . . .	1887	III	217
Viagem ao rio Iguassú (Paraná) <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	1888	I	7
Viagem a America do Sul . . . . .	1888	I	65
Viagens na America do Sul . . . . .	1888	II	156
Viagem através do Gran-Chaco — Republica Argentina — <i>A. Thoar</i> . . . . .	1889	II	126
Viagem de exploração ás nascentes do Javary — Episodios — <i>Barão de Teffé</i> . . . . .	1888	III	169
Um explorador brasileiro — prefacio de uma brochura sobre a viagem acima — <i>Jurien de la Gravière</i> . . . . .	1892	I	56
Viagem ao Amazonas — Tabatinga, Cucuhy, São Joaquim e Macapá — <i>Torquato Tapajós</i> . . . .	1892	II	118
A cidade abandonada no interior da Bahia — <i>Aristides de Souza Espindola</i> . . . . .	1892	IV	250

## MINAS

As minas do Assuruá . . . . .	1886	IV	310
Fonte de aguas gazozas na Parahyba do Sul. . .	1887	III	215
O petroleo do Bakú . . . . .	1887	III	221
Mineração no Brasil. . . . .	1887	III	215
Ouro nas Guyanas . . . . .	1888	I	67
Riquezas mineraes do Brasil . . . . .	1887	II	133
Riquezas mineraes e florestas do Brasil. . . .	1892	I	74
Producção aurifera em Venezuela . . . . .	1888	II	160

## PHARÓES

	Anno	Fasciculo	Pagina
O pharol de S. Francisco — <i>João Justino de Proença</i> . . . . .	1887	I	22
O pharol da barra de S. Francisco do Sul — <i>José Carlos de Carvalho</i> . . . . .	1886	III	251

## CAMINHOS DE FERRO

Estradas de ferro no Brasil em 1885. . . . .	1886	II	118
Estrada de ferro do Madeira a Mamoré — <i>Julio Pinkas</i> . . . . .	1886	III	211
Estradas de ferro do Pacifico . . . . .	1886	III	261
Estradas de ferro no Brasil . . . . .	1888	III	242
Estrada de Ferro Brasil — Central — Interoceânica . . . . .	1888	IV	294
Estradas de ferro do norte do Brasil — <i>José Leão</i> . . . . .	1891	II	49
Viação ferrea no Brasil em 1888. . . . .	1889	II	123
Alagôas Railway — Relatorio do engenheiro — <i>Francisco José Gomes Callaça</i> . . . . .	1888	IV	273
Tramvias do Municipio Neutro . . . . .	1888	III	244
Tramvias da Capital do Imperio . . . . .	1889	II	122
Tramvias nos Estados Unidos. . . . .	1892	I	75

## TELEGRAPHOS

Telegraphos e vias-ferreas no Brasil em 1892. . . . .	1893	I	70
A rêde telegraphica no Brasil . . . . .	1886	II	117
A rêde telegraphica no Brasil . . . . .	1887	I	71
Os cabos telegraphicos na America . . . . .	1886	III	258
Os cabos telegraphicos submarinos . . . . .	1887	I	110
As linhas telegraphicas no Brasil. . . . .	1888	II	161
A rêde telegraphica no Brasil . . . . .	1889	II	124
Linha telegraphica entre Pará e Amazonas. . . . .	1890	II	81

## INDUSTRIAS

A cultura das vinhas. . . . .	1887	II	133
A industria do trigo. . . . .	1887	II	134
A cultura da ramie . . . . .	1887	II	134
O café brasileiro . . . . .	1887	III	212
As arvores de leite no Brasil. . . . .	1887	III	213
Novas industrias no Ceará . . . . .	1887	III	213
Aguardente de café . . . . .	1887	III	213
Gramma de Pernambuco . . . . .	1887	III	214
Productos das provincias do Brasil . . . . .	1888	III	240

	Anno	Fasciculo	Pagina
Engenhos centraes no Brasil . . . . .	1888	III	241
Engenhos centraes do Brasil . . . . .	1889	II	125
Fructos oleosos do Brasil . . . . .	1889	II	126
Industria do papel em Itú — S. Paulo. . . . .	1889	III	117
As plantações de café na Guatemala. . . . .	1892	III	195
Industria nacional no Amazonas . . . . .	1887	I	69
Industria Saccharina — Engenho Central de Quis- samã . . . . .	1886	IV	307
A pesca na Bahia — <i>Antonio Alves Camara</i> . . . . .	1889	I	17

## DEMOGRAPHIA

A população do Municipio Neutro — <i>Favilha Nunes</i> . . . . .	1889	I	27
A população do Ceará. . . . .	1888	IV	336
A população da Viçosa — Ceará . . . . .	1888	IV	337
A população de S. Paulo. . . . .	1887	II	143
A população do Districto Federal em 1890 . . . . .	1893	I	76
A população da Capital Federal em 1890 . . . . .	1893	I	72
A população da França e Allemanha . . . . .	1886	III	262
A população da Belgica . . . . .	1888	IV	337
A população da Bosnia e Herzegovina. . . . .	1887	I	77
A população das Indias britannicas. . . . .	1887	I	77
A população do Chile . . . . .	1887	I	78
A população de Nova Galles do Sul. . . . .	1887	I	78
A população da Allemanha. . . . .	1887	I	78
A população do Japão. . . . .	1889	II	52
A população de Londres . . . . .	1891	III	220
A população da França em 1891 . . . . .	1891	III	220
A população de Chicago. . . . .	1890	III	168
A população das grandes cidades . . . . .	1887	II	143
A população das grandes cidades — 1880-1890 . . . . .	1891	III	221
Os nascimentos em França . . . . .	1886	II	121
As 53 tribus da Guyana franceza. . . . .	1891	I	73
Extensão e população comparadas dos principaes Estados. . . . .	1887	III	220
A mortalidade de algumas cidades da Europa. . . . .	1887	II	142
A immigração nos Estados Unidos, Republica Argentina e Brasil. . . . .	1886	II	118
A immigração allemã em 1885 . . . . .	1886	II	119
Geographia Medica — Causas dos fallecimentos no Rio de Janeiro em 1886 — <i>João Pires Farinha</i> . . . . .	1887	I	65
Geographia Medica — Causas dos fallecimentos no Rio de Janeiro no 1º trimestre de 1887 — <i>João Pires Farinha</i> . . . . .	1887	II	130

	Anno	Fasciculo	Pagina
Geographia Medica — Causas dos fallecimentos no Rio de Janeiro no 2º trimestre de 1887 — <i>João Pires Farinha</i> . . . . .	1887	III	210
Geographia Medica — Causas dos fallecimentos no Rio de Janeiro no 3º trimestre de 1887 — <i>João Pires Farinha</i> . . . . .	1887	IV	312
Geographia Medica — Causas dos fallecimentos no Rio de Janeiro no anno de 1887 — <i>João Pires Farinha</i> . . . . .	1888	I	53
Geographia Medica — Causas dos fallecimentos no Rio de Janeiro do 1º trimestre de 1888 — <i>João Pires Farinha</i> . . . . .	1888	II	147
Geographia Medica — Causas dos fallecimentos no Rio de Janeiro no 2º trimestre de 1888 — <i>João Pires Farinha</i> . . . . .	1888	III	229
Geographia Medica — Causas dos fallecimentos no Rio de Janeiro no 3º trimestre de 1888 — <i>João Pires Farinha</i> . . . . .	1888	IV	320
Geographia Medica — Causas dos fallecimentos no Rio de Janeiro no 4º trimestre de 1888 — <i>João Pires Farinha</i> . . . . .	1889	I	44
Movimento de immigrants no Brasil no 2º trimestre de 1887 . . . . .	1887	III	208
Movimento de immigrants no Brasil no 3º trimestre de 1887 . . . . .	1887	IV	314
Movimento de immigrants no Brasil no anno de 1887. . . . .	1888	I	50
Movimento de immigrants no Brasil no 1º trimestre de 1888 . . . . .	1888	II	145
Movimento de immigrants no Brasil no 2º trimestre de 1888 . . . . .	1888	III	227
Movimento de immigrants no Brasil no 3º trimestre de 1888 . . . . .	1888	IV	322
Movimento de immigrants no Brasil durante o anno de 1888 . . . . .	1889	II	111
Movimento de immigrants no Brasil de 1885 a 1889. . . . .	1890	IV	30
Movimento de immigrants no Brasil em 1891. . . . .	1892	I	71

## ETHNOLOGIA

O desenvolvimento da raça européa no seculo XIX	1886	II	90
Os indios Coroados em Matto Grosso. Catechese — <i>Antonio José Duarte</i> . . . . .	1887	I	48

	Anno	Fasciculo	Pagina
Os Cherentes — Informações sobre as tribus existentes no Piauhy em 1827 — <i>João da Cunha Lustosa</i> . . . . .	1886	I	36
A linguagem dos Coroados Bororós — <i>Ximeno Villeroy</i> . . . . .	1891	II	81
Divisão e distribuição das tribus indigenas do Brasil — <i>Paulo Ehreirreich</i> . . . . .	1892	I	3
Os indios da America — <i>Oscar Lima</i> . . . . .	1892	III	180

## CLIMATOLOGIA

O clima da cidade do Rio de Janeiro — <i>João Evangelista da Lima</i> . . . . .	1886	IV	277
Climatologia no Brasil — <i>F. M. Draenert</i> . . . . .	1888	I	3
O resfriamento do clima na Europa . . . . .	1891	I	73
A meteorologia no Brasil — <i>João Evangelista de Lima</i> . . . . .	1887	I	3
Média das observações no Rio de Janeiro no 2º trimestre de 1888. . . . .	1888	III	231
Média das observações no Rio de Janeiro no 3º trimestre de 1888. . . . .	1888	IV	324
Média das observações no Rio de Janeiro no 4º trimestre de 1888. . . . .	1889	IV	46
Média das observações no Rio de Janeiro no 1º trimestre de 1889. . . . .	1889	II	115
Observações feitas no Ladario — Matto Grosso. . . . .	1888	IV	326
Observações feitas em Cuyabá — Matto Grosso. . . . .	1888	IV	328
A velocidade do vento no alto da torre Eiffel. . . . .	1889	IV	261
Velocidade das tempestades na Russia. . . . .	1891	III	221
Os temporaes — <i>Lencaster</i> . . . . .	1892	III	194

## ASTRONOMIA

O planeta Libussa. . . . .	1887	II	139
Os torbilhões aereos . . . . .	1887	II	141
Phenomenos sismicos em 1886 . . . . .	1887	III	221
A passagem de Venus . . . . .	1888	I	64
Novos planetas . . . . .	1888	II	161
Os Cometas de 1887 . . . . .	1887	II	139
Novos planetas e Cometas . . . . .	1887	III	182
O Meteorolito de Bendegó — <i>José Carlos de Carvalho</i> . . . . .	1888	II	150
O Meteorolito de Bendegó — <i>José Carlos de Carvalho</i> . . . . .	1888	IV	333

	Anno	Fasciculo	Pagina
O Meteorolito de Bendegó — <i>José Carlos de Carvalho</i> . . . . .	1888	I	59
O Meteorolito de Bendegó — <i>José Carlos de Carvalho</i> . . . . .	1888	III	233
O Meteorolito de Bendegó — <i>José Carlos de Carvalho</i> . . . . .	1887	II	120
O Meteorolito de Otusupa ou Tocumari. . . . .	1888	III	237

#### INSTITUIÇÕES

O Instituto geographico de Gotha . . . . .	1886	III	263
Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco. . . . .	1886	II	115
Sociedade de Geographia do Amazonas . . . . .	1888	III	237
Sociedade de Geographia-economica de Minas Geraes . . . . .	1890	I	32
Sociedade de Geographia de Christiania. . . . .	1890	I	33
Società Americana d'Italia (Napoles). . . . .	1891	I	75
Sociedade de legislação comparada de Paris. . . . .	1889	III	180
Sociedade astronomica internacional. . . . .	1889	IV	262
Reunion Coloniale — Paris. . . . .	1890	I	35
Repartição Central de Meteorologia (Rio de Janeiro). . . . .	1888	II	130
Repartição hydrographica do Brasil. . . . .	1888	II	128
Estações agronomicas — <i>Tarquino de Souza Filho</i> . . . . .	1888	IV	259
Observatorios de montanhas — Altitudes. . . . .	1892	III	192
Observatorios astronomicos — Altitudes . . . . .	1886	II	123
Observatorio astronomico e meteorologico de Goyaz . . . . .	1889	I	47
Observatorio meteorologico de S. Luiz em Itú (S. Paulo) . . . . .	1890	II	78
Observatorio astronomico de Camaldulis (Italia)	1887	III	221
Congresso nacional de geographia em 1890 . . . . .	1889	III	181
Congresso internacional de sciencias geographicas em 1889 . . . . .	1889	II	102
Congresso internacional de sciencias geographicas em 1889 . . . . .	1889	III	178
Congresso geologico internacional de Salzburgo	1888	IV	297
Congresso de Americanistas . . . . .	1888	IV	316
Congresso de Washington . . . . .	1886	II	125
Congresso de Paris em 1889 . . . . .	1889	III	179
Congresso internacional de americanistas de Berlim em 1889 . . . . .	1890	III	158
Congresso geographico de Rochefort. . . . .	1891	III	222
Congresso geographico de Berna . . . . .	1891	III	223



	Anno	Fasciculo	Pagina
Congresso geographico de Madrid. . . . .	1892	III	194
Congresso de Marselha . . . . .	1891	III	224
Exposição de geographia Sul-Americana . . . . .	1889	III	175
Exposição de geographia Sul-Americana . . . . .	1888	I	56
Exposição de geographia Sul-Americana — <i>Paula Freitas</i> . . . . .	1889	I	3
Exposição de geographia de Nantes. . . . .	1886	II	119
Exposição Sul-Americana — promovida pela Sociedade de Geographia de Berlim. . . . .	1886	II	127
Exposição dos productos das possessões inglezas	1886	II	124
Exposição nos Estados Unidos em 1892 . . . . .	1890	I	37

## GENERALIDADES

Rio de Janeiro — Movimento do porto em 1886.	1889	I	72
Amazonas — Noticia sobre as cartas commerciaes desta região. . . . .	1889	II	137
Amazonas — O povoamento da Amazonia — <i>Sant'Anna Nery</i> . . . . .	1887	III	193
Pará e Amazonas em 1888 . . . . .	1890	I	38
Bahia — Ossadas fosseis . . . . .	1890	I	40
S. Paulo — O Mogy-guassú e a Companhia Paulista de Navegação . . . . .	1890	II	85
Espirito Santo — O convento da Penha . . . . .	1892	II	81
Ceará — Noticia sobre esta provincia. . . . .	1887	III	193
Minas Geraes — O aldeamento de Nossa Senhora dos Anjos de Itambacury . . . . .	1889	II	127
Rio de Janeiro — Variações da agulha magnetica — <i>Paula Freitas</i> . . . . .	1885	IV	319
Um abatimento da crosta terrestre . . . . .	1887	II	140
O peso da terra. . . . .	1886	II	124
Neologia e neographia geographica do Brasil — <i>Tristão de Alencar Araripe</i> . . . . .	1885	II	129
O meridiano inicial — <i>Paula Freitas</i> . . . . .	1885	II	161
Tabella comparativa das horas em differentes pontos do globo — <i>Oliveira Catramby</i> . . . . .	1885	I	55
Regulamentação das horas nos Estados Unidos.	1890	III	169
Phenomenos plutonicos na America . . . . .	1886	IV	317
Tremores de terra na America do Sul. . . . .	1887	III	215
Erupção volcanica no Kentucky . . . . .	1887	III	219
Relação entre os terremotos e as culminações lunares . . . . .	1890	I	36
Novo systema de figurar o relevo das terras.	1891	I	77
O Brasil — Suas condições presentes . . . . .	1888	I	65
O Brasil — Conferencia de James Wells na praça do Commercio de Londres . . . . .	1887	III	183
O Brasil na Europa . . . . .	1889	I	53

	Anno	Fasciculo	Pagina
Origem do nome — America . . . . .	1889	I	51
Origem do nome — Brasil — <i>Jules Marcou</i> . . . . .	1889	II	121
Criminalidade na Europa. . . . .	1889	I	52
Necessidades de reformas economicas. . . . .	1888	IV	302
O Volapück — Lingua universal — <i>J. Pinkas</i> . . . . .	1887	III	187
A imprensa periodica . . . . .	1887	II	142
Les moments de géographie . . . . .	1889	IV	258
Des Andes au Pará — Livro de Marcel Monnier. . . . .	1890	II	83
Memoria de Pinheiro Chagas sobre Christovão Colombo . . . . .	1892	I	62
Estatistica do Brasil — Livro de Favilla Nunes. . . . .	1888	IV	335
O Consulado de Cayena . . . . .	1891	III	317
O Idolo amazonico — <i>Manoel Francisco Machado</i> . . . . .	1891	IV	281
O explorador Henrique Duveyrier . . . . .	1892	III	190
O almirante Mouchez . . . . .	1892	III	191
Elisée Réclus — Sessão extraordinaria para a sua recepção . . . . .	1893	I	32
O viajante africano John Augustus Otomba Payne . . . . .	1886	III	230
Altura dos monumentos . . . . .	1887	II	135
O naufragio do <i>Rio Apa</i> e a previsão do tempo — <i>Fred. Mauricio Draenert</i> . . . . .	1888	I	26
Os cyclones e a tempestade — paquete <i>Rio Apa</i> — <i>Frederico Corrêa da Camara</i> . . . . .	1888	IV	309
O emprego do oleo para applacar as ondas — <i>Frederico Corrêa da Camara</i> . . . . .	1888	I	34
O emprego do oleo para applacar as ondas — (continuação) — <i>Frederico Corrêa da Camara</i> . . . . .	1888	II	83
O isthmo e o canal de Panamá. . . . .	1886	II	120
Carta itineraria e geologica de S. Paulo. . . . .	1886	II	112
A extincção da escravidão no Brasil. . . . .	1888	II	149
Situação financeira dos Estados Unidos. . . . .	1887	II	136
O Brasil e a Republica Argentina — Carta de <i>Gustave Pichard</i> . . . . .	1886	I	44
O Stimagrápho de Lamarche e Tourier. . . . .	1887	I	105
O Stimagrápho de Lamarche e Tounier — <i>Paula Freitas</i> . . . . .	1888	II	97
Questionario do Congresso de Geographia de Nantes . . . . .	1886	I	41
Progresso da geographia. . . . .	1886	I	42
Premios conferidos a exploradores modernos. . . . .	1886	I	46
O Theonivel — de <i>Tristão Franklin de Almeida Lima</i> . . . . .	1887	IV	310
O electro-maregrapho — do 1° tenente <i>Indio do Brasil</i> . . . . .	1888	III	240





4







MCD 2013